12

H. G. Wells

HISTORIA DO FUTURO

Tradução de Monteiro Lobato

Companhia Editora Nacional
São Paulo

Um livro da Atualidade!

HISTORIA DO FUTURO

POR

H. G. WELLS

De livros "de cara voltada para o futuro", e não de livros "de cara voltada para o passado", é que precisamos. E o leitor brasileiro confirma-nos isto, todos os dias, com a extraordinaria aceitação que vai tendo, entre nós, esses autores de amanhã que são os Wells, os Durant, os Russell, os Robinson...

Depois da "Historia Universal", damos a "*Historia do Futuro*" de Wells. É a continuação da "Historia Universal". Até 1930 chegou Wells na sua historia do passado. E depois de 30? Todo grande historiador é tambem profeta. E quando o grande historiador é um perito dos destinos humanos como Wells, como não ser vidente? E sendo vidente e considerando quanto poderá ser evitado pelo homem na sua rota do futuro, como não oferecer aos homens essa sua visão, a fim de lhes dar ensejo de correção e de emenda?

É isto que faz Wells. Este São João moderno escreve o seu Apocalipse. Não deseja tanto afirmar que a sua profecia vai realizar-se, quanto avisar os homens de que tal sucederá se não quiser arrepiar caminho e corrigir-se de uma serie desnorteante de destemperos e equivocos.

Nenhuma obra de Wells dá melhor a sua medida do que este livro. No ano de 2030 da nossa era, muita cousa de hoje estará esquecida, muitas obras e muitos autores serão apenas conhecidos de eruditos em sabias bibliotecas, mas Wells e este livro serão, provavelmente, leituras correntes, sobretudo nas escolas e entre os moços.

Por que, dirão os homens de 2030, havendo escritores como Wells, havendo professores como ele do *obvio*, do *absolutamente claro*, a humanidade de sua contemporanea insistia, com tamanha veemencia, em errar pelas velhas sendas tortuosas da ignorancia e da superstição... Talvez, nesse distante futuro, tenha já o homem conhecimento de tão singular segredo da natureza humana. Para nós, só nos resta lêr Wells e cismar, indagadoramente, sobre o tremendo enigma. Acabamos de entrar na *Era da Frustração*... Quereis saber o que vai ser este terrivel periodo da liquidação temporaria da obra da Civilização? Quereis concorrer, talvez, para que este periodo seja mais breve e menos horrivel, senão para nós, para os nossos filhos e os nossos netos? Lêde Wells. Lêde esta *Historia do Futuro*... É uma profecia atordoante, mas é, tambem, uma grande e alta inspiração...

*

EDIÇÃO DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO

HISTORIA DO FUTURO

Livraria Bazar Paris
Teleph. 6781
SANTOS
R. 15 de Novembro, 69

BIBLIOTECA DO ESPIRITO MODERNO
Série 3.ª HISTORIA *Vol. 5*

H. G. WELLS

HISTORIA do FUTURO

Tradução de
MONTEIRO LOBATO

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto-Alegre
1940

Do original inglês:

THE SHAPE OF THINGS TO COME

Do mesmo autor, nesta serie:

HISTORIA UNIVERSAL — em 3 tomos

1.º Tomo: Dos Começos da Vida na Terra até o Fim do Imperio de Alexandre o Grande ..... Vol. 4

2.º Tomo: Da Ascensão e Queda do Imperio Romano até o Renascimento da Civilização Ocidental .. Vol. 4-A

3.º Tomo: A Era das Grandes Potencias ..... Vol. 4-B
Tradução de Anisio Teixeira
Edição ilustrada

No Prelo:

A CONSTRUÇÃO DO MUNDO (O Trabalho, A Riqueza e a Felicidade da Humanidade)
Tradução de Anisio Teixeira

Direitos para a lingua portuguesa adquiridos pela COMPANHIA EDITORA NACIONAL — São Paulo que se reserva a propriedade literaria desta tradução.

INDICE

Introdução ..... VII e VIII

LIVRO PRIMEIRO

HOJE E AMANHÃ: PRENUNCIOS DO DESAPONTAMENTO

§ 1. Nota Cronologica 3
§ 2. Como a ideia e a Esperança do Estado Moderno apareceram 5
§ 3. As crescentes desproporções da Ordem Velha .. 13
§ 4. Primeiras Tentativas para Compreender e Enfrentar essas desproporções. A Critica de Marx e Henry George 17
§ 5. Como a competição e a deficiencia monetaria forçaram a Ordem Velha 22
§ 6. O paradoxo da Superprodução e suas Relações com a Guerra 25
§ 7. A Guerra Mundial de 1914-1918 31
§ 8. O impulso para abolir a Guerra; o Episodio Henry Ford 47
§ 9. A industria de armas na manutenção da Guerra 53
§ 10. Versalhes: Canteiro de Desastres 59
§ 11. O impulso para abolir a guerra: porque a Liga das Nações não conseguiu pacificar o Mundo .. 69
§ 12. A debacle da "Finança" e a Moral Social depois de Versalhes 71
§ 13. 1933: O "Progresso" interrompe-se 77

LIVRO SEGUNDO

DEPOIS DE AMANHÃ: A ÉRA DO DESAPONTAMENTO

§ 1. A Conferencia de Londres: Culminação da Falencia dos Velhos Governos. 85
§ 2. O Marasmo da Velha Educação 100
§ 3. Desintegração e Cristalização do Magma Social. O Gangster e as Organizações Politicas 105
§ 4. Mudanças na Pratica da Guerra, depois da Guerra Mundial 116
§ 5. Crepusculo da Paz: o Japão entra na Guerra .. 131
§ 6. O Punho Ocidental afrouxa na Asia 139

§ 7. O Estado Moderno e a Alemanha 140
§ 8. Odio e Crueldade 146
§ 9. O Ultimo Ciclone da Guerra 1940-1950 153
§ 10. O Raid dos Germens 168
§ 11. A Europa em 1960 171
§ 12. Liquidação da America 186

LIVRO TERCEIRO

RESSURREIÇÃO DO MUNDO: NASCIMENTO DO ESTADO MODERNO

§ 1. Elabora-se o Plano do Estado Moderno 199
§ 2. Pensamento e Ação: o Novo Modelo de Revolução 211
§ 3. A Tecnica Revolucionaria 214
§ 4. Profetas, Pioneiros, Fanaticos e Assassinos ... 217
§ 5. Primeira Conferencia de Basra 226
§ 6. Resistencia do Ar e Mar 235
§ 7. Antagonismo Intelectual 245
§ 8. A Segunda Conferencia de Basra 252
§ 9. "Tres Cursos de Ação" 256
§ 10. O Plano Vitalicio 265
§ 11. Principia a Verdadeira Luta pelo Governo 268

LIVRO QUARTO

O ESTADO MODERNO MILITANTE

§ 1. Lapso no Texto 275
§ 2. Interludio dramatico 278
§ 3. A Insurreição Inutil 284
§ 4. A Educação da Humanidade 286
§ 5. Resumo do Texto: a Tirania do Segundo Conselho 296
§ 6. Desapontamento Estetico: Caderno de notas de Ariston Theotocopulos 305
§ 7. A Declaração de Mégève 312

LIVRO QUINTO

O ESTADO MODERNO NO CONTROLE DA VIDA

§ 1. A Manhã Universal 319
§ 2. Afinação do Planeta 325
§ 3. Manejamento Geogonico 332
§ 4. Mudanças no Controle da Conduta 333
§ 5. Organisação da Abundancia 337
§ 6. Melhora a Media Humana 343
§ 7. Lingua e Desenvolvimento Mental 348
§ 8. Sublimação do Interesse 352
§ 9. Nova Fase na Historia da Vida 357

INTRODUÇÃO

O livro de sonhos do Dr. Raven

A inesperada morte do Dr. Philip Raven em Genebra, novembro de 1930, foi uma grave perda para a Liga das Nações. O secretariado de Genebra perdeu uma figura familiar; e o mundo, um espirito de progresso. Seus incessantes trabalhos e seu extraordinario vigor mental foram, como rezam as folhas, reconhecidos pelo mundo inteiro através do largo circulo dos seus admiradores. O publico ficou sabendo que Raven existira.

Não é comum, fora da zona publicitaria, que alguem agite tanto o mundo com a sua morte; não houve folha de importancia, de Oslo a Nova Zelandia ou de Buenos Aires ao Japão, que não noticiasse o acontecimento, e o estudo de Raven por Sir Geofrey Cliffe deu-nos um otimo retrato seu.

Incansavelmente laborioso como era, mesmo assim fazia tempo para interessar-se e colaborar em todos os problemas em mãos dos colegas, que agora se extravasavam em demonstrações de gratidão. Todos se apressavam em testemunhar o valor de Raven, mostrando-se ressentidos de que o publico lhe ignorasse os trabalhos. Tres volumes estavam sendo dispostos para a publicação.

Tambem eu tive de contribuir para a obra, e é em consequencia de tal cooperação que me apresento com este livro. O conhecimento minucioso de Raven induz-me a faze-lo.

Durante algum tempo tive comigo um manuscrito seu, intitulado Breve Historia do Mundo, que alcançava seculo e meio para além desta epoca em que vivemos. Estou a ver o leitor esfregar os olhos, tonto. Entretanto, é isso mesmo. Trata-se de Historia do Futuro — um livro sibilino. Mas somente agora que os sucessos dos tres ultimos anos mais que justificaram parte dos manuscritos de Raven, é que me animo a dá-lo a publico.

Vou resumir a historia do meu contacto com o autor. Travei conhecimento com o Dr. Raven no ultimo ano da Guerra Mundial, antes que ele deixasse o Whitehall e partisse para Genebra. Como amador de ideais que sempre fôra, sentiu-se atraido por algumas sugestões minhas a proposito do dinheiro, que dei num livrinho de previsões, em 1916, com o titulo Que está para vir? *Nessa*

obra dizia eu que a destruição de recursos na guerra combinada com o acumulo de dividas, fatalmente arrastaria o mundo á bancarrota, isto é, deixaria o credor em posição de estrangular a humanidade; e que o unico meio de evitar o desastre e recomeçar em bases mais sãs, seria cortar as dividas imparcialmente por meio da quebra do peso-ouro da libra; e, na mesma proporção, do dolar e mais moedas-ouro existentes. Parecia-me isso de clara necessidade. Tratava-se, entretanto, como eu o reconheço agora, duma ideia muito crua, de quem ainda não se libertara da admissão do valor intrinseco do dinheiro; mas ninguem naquele tempo adivinhava as convulsões do sistema monetario que iriam decorrer do Tratado de Versalhes. Estavamos sem experiencia, não era moda pensar a respeito de moeda, ou pensavamos com ideias de criança. Dezessete anos mais tarde a minha apreciação do ouro tornou-se a ideia de grande numero de cerebros. O livrinho foi, na epoca, recebido como obra dum amador ignorante das misteriosas manipulações financeiras da moeda. Mas atraiu a atenção de Raven, o qual veio debate-lo comigo — e assim nos conhecemos.

Era Raven tão liberto de pomposidade mental como William James; pensava e ouvia candidamente. Não poderia falar sobre o assunto com um jornalista ou um artista; mas falaria a um menino da rua, se tivesse esperança de obter ali um raio de luz. "Obvio" era a palavra de maior frequencia em sua boca. "A coisa, meu caro, é tão obvia que é dificil de ser apanhada. Parece-me impossivel persuadir a alguem de responsabilidade da tremenda convulsão economica e financeira que virá depois desta guerra. Os vencedores vão arrancar compensações vingativas, e os vencidos procurarão paga-las — mas nem uns nem outros desconfiam das peças que o dinheiro lhes vai pregar. O que vão fazer uns para outros é uma coisa; o que o dinheiro vai fazer a todos eles é outra".

Recordo-me muito bem da sua voz aguda e confesso que na primeira hora, antes que me acostumasse ao timbre, antipatizei-me. Muito seguro de si, muito rapido e vivo para a minha lenta formação anglo-saxonica. Não se sentava; movia-se pelo aposento espiando livros, correndo os olhos pelos quadros, e a falar, a fazer gestos. Comparei-o mentalmente ao Svengali do Trilby, *de Du Maurier. Um Svengali barbeado. Senti que era* estrangeiro, *e meus instintos a respeito de estrangeiros são tão acanhados como os meus principios são cosmopolitas.*

No fundo, imagino que muita da nossa retração inglesa não passa de excessiva defesa. Suspeitamos sempre. Fechamo-nos até ao ponto da insinceridade. Sinto-me um homem temerario, se estou com a pena na mão; mas quando em sociedade, torno-me tão circunspecto e evasivo como todos os ingleses. Pareceu-me indelicado o ataque de Raven ás minhas ideias.

Ele insistia em falar das minhas ideias talvez como pretexto para expor as suas. Chamou-me um "Vendedor do Obvio" e insistiu nisso em varias ocasiões. "O senhor tem defeitos que quasi chegam a dons", disse-me ele; "uma memoria pronta para os fatos, mas inexata; uma boa percepção das proporções — e nenhuma paciencia com os detalhes. Corre para os "todos". Como os homens de negocios o detestariam — se o conhecessem! A vida desses homens não passa de complicações, e o senhor procura afastar do caminho todas as complicações. O senhor é um destripador, um feroz e impaciente destripador. Eu tambem o seria, se não fosse o cargo que ocupo. Mas são realmente refrescantes estas horas que passo em sua companhia, destripando os acontecimentos."

Eu era, de fato, uma valvula para a exuberancia de Raven, até ali represa. Em minha presença ele abria-se. Podia mostrar-se o homem universal que era, por natureza e descendencia. E tornei-me um seu imaginario companheiro, como o Watson de Sherlock Holmes. Acabei gostando daquilo, acostumado á sua voz e aos seus gestos. E simpatizei-me mais e mais com a sua irritação, á medida que a Conferencia de Versalhes se definia. Minha desconfiança racial foi desaparecendo diante do perpetuo brilho de Raven. Completavamos um ao outro. Eu tinha imaginação; ele, conhecimento. Podiamos especular juntos.

Entre outros inteligentes amigos que ás vezes me honravam com visitas, estava Mr. J. W. Dunne, que anos antes tinha inventado um novo tipo de aeroplano e depois passara a meditar sobre as relações da conciencia com o tempo e o espaço. Dunne defendia a ideia de que, de certo modo, podemos antecipar o futuro, e para sustentar esse ponto aduziu uma notavel serie de observações na sua obra Experiencias com o Tempo, *publicada em 1927. Tão atraente me pareceu o livro, que escrevi a respeito dois ou tres artigos muito divulgados na epoca. Era excitante a ideia.*

Entre os que leram minhas apreciações sobre Dunne estava Raven. Sua correspondencia comigo se resumia em breves notas sobre coisinhas da vida diaria — mas uma dessas notas degenerou em extensa carta. As experiencias de Dunne, dizia-me nela, não

constituiam novidade para ele, e até poderia acrescentar muita coisa ao livro — extender a experiencia. O que se dava entre o sono e o despertar podia não limitar-se á previsão de coisinhas do dia de amanhã ou da semana entrante; era suscetivel de muito maior alcance — para quem tem o habito de pensar com perspectivas. Mas naquela epoca reinava o maior cepticismo para com tudo que parecesse superstição, e todos eramos forçados a evitar esse campo de sutis sugestões, dificeis de serem distinguidas do simples devaneio — todos, exceto um homem.

Raven vagueou num mar de sabias generalizações e de subito interrompeu a carta.

Algum tempo depois veio ele a Londres e apareceu-me de improviso no escritorio.

—"Esse caso do Dunne..." começou já de entrada.

—"Que tem?" exclamei.

—"Dunne possue um metodo de apanhar o sonho fugidio do entre-vigilia-sono..."

—"Sim."

—"Conserva papel e lapis á cabeceira e anota as impressões logo que desperta."

—"Isso mesmo."

—"E verifica que uma certa porcentagem desses sonhos antecipam coisas a virem dentro de dias, semanas, meses e até anos."

—"Exatamente."

—"Mas isso é nada!"

—"Como, nada?"

—"Nada, comparado ao que venho fazendo ha muito tempo."

—"?..."

Raven examinava dorsos de livros. Era interessante vê-lo pela primeira vez á cata de palavras.

—"E então?" murmurei.

Ele voltou-se e olhou-me com uma expressão reprimida, que afinal se abriu em sorriso. Voltava á candura de sempre.

—"Não sei como explicar-me — e nem devia falar nisto. Por alguns anos, intermitentemente — e entre o sono e a vigilia — andei, com efeito, lendo um livro. Um livro que não existe. Um livro de sonhos, se você quiser. Mas sempre o mesmo, sempre. Um livro de historia."

—"Do passado?"

—"*Ha uma parte sobre o passado, com muita coisa que eu não sabia e toda sorte de lacunas. Coisas extraordinarias sobre a India e a China Central, por exemplo. E tambem sobre o diante, o diante, sempre o diante.*"

—"*Diante?*"

—"*Sim, coisas muito adiante dos tempos em que vivemos.*"

—"*Sobre o futuro...*"

—"*Isso.*"

—""*Mas... era um livro de* papel?"

—"*Não; papel, não. Coisa como aquele jornal do seu amigo Brownlow. Não lembra a impressão que temos hoje. Mapas muito vívidos. E facilimos de ler, a despeito da estranha forma das palavras.*

Raven calou-se uns instantes. "Sei que isto é loucura."

E acrescentou: "Mas tremendamente real."

—"*Era preciso voltar as paginas?*"

Raven refletiu. "Não, eu não virava as paginas. Isso me faria despertar."

—"*Viravam-se elas por si mesmas...*"

—"*Sim.*"

—"*E compreendia você o que estava fazendo?*"

—"*Suponho que sim — ou, sim.*"

—"*E afinal despertava...*"

—"*Exatamente — e não havia livro nenhum.*"

—"*E* lê *sempre?*"

—"*Geralmente.*"

—"*E ás vezes?*"

—"*Oh, ás vezes do mesmo modo como leio quando acordado. Se a materia é muito vívida, pareço* ver *os acontecimentos. Como se se desdobrasse um film de cinema em cada pagina.*"

—"*E o livro ainda aparece?*"

—"*Sempre. Creio que está sempre lá.*"

—"*Tomou notas?*"

—"*No começo, não. Agora, sim.*"

—"*Toma-as imediatamente?*"

—"*Sim, na minha estenografia... Tenho dessas notas aos montes.*"

Raven encostou-se á lareira; encarou-me.

—"Mas ilegiveis, meu caro, exceto para mim. Você não conhece a minha estenografia. A mim mesmo custa-me interpreta-las uma semana depois. Mas ultimamente alguem me vai ditando."

—"Você vê", disse ele, medindo passos pelo aposento, "se isso é a realidade, trata-se da coisa mais importante do mundo. Mas não tenho nem um só atomo de prova — nem um atomo. Acha que seja possivel tal coisa?"

"Possivel?" *repeti. "Estou inclinado a dizer que sim. Mas o que possa ser, não faço ideia."*

—"Só mesmo a você poderia eu falar nisto. A quem mais? Iriam julgar-me de miolo mole — um impostor. Veja o Oliver Lodge. Veja o Richet. Se soubessem, adeus meu trabalho, adeus minha posição. E, no entanto, você sabe que ha muita coisa nisso... Eu, de mim, confesso — creio."

—"Se eu pudesse ver essas notas..."

—"Verá, sim, por que não?"

Raven parecia estar apalpando a minha opinião. "O peor é que sempre acreditei no que me foi dito. Estranho, hein?"

Não me mandou ele as notas; mas quando nos encontramos em Berna deu-me um maço. Em seguida, mais dois. Folhas de papel rabiscadas a lapis, mas muitas evidentemente escritas em sua secretaria, a tinta; e umas cincoenta datilografadas. Raven recomendou-me cuidado; que lesse atentamente, tirasse copia e as devolvesse. E tudo ficaria em segredo entre nós. Consideramos a hipotese de publica-la anonimamente. Estavam nisso quando, de subito, Raven morreu.

Morreu de modo inesperado, após uma operação. Mal da espinha.

Assim que soube de sua morte, corri a Genebra e contei a historia do livro de sonhos ao seu herdeiro, Mr. Montefiore Renaud, ao qual muito agradeço a rapida compreensão do caso e a solicitude em reunir toda a papelada de Raven e pô-la á minha disposição. Além dos tres maços que ele me mostrara em vida, encontrei mais um em letra corrente, e toda uma gaveta de material estenografado. O quarto pacote continha o texto do Livro V desta Historia; as notas estenografadas, cujas paginas nem numeradas estavam, forneceram-me base para o Livro IV, que é portanto uma compilação. Raven costumava tomar notas dos seus sonhos assim que despertava, com a intenção de, depois, ele mesmo, datilografa-las para exclusivo uso proprio. Aquele material da gaveta estava ainda por ser lidado. Uma mistura de sinais taquigraficos e pa-

lavras em ortografia corrente, com pontuação indicada por espaços em branco, e ás vezes uma palavra valendo frase inteira. Traduzi como pude, interpretei e liguei as partes de modo a dar uma narração compreensiva dos acontecimentos do mundo entre os anos que vão de 1980 a 2059, data em que a chamada Ditadura do Ar evoluiu para o Estado Moderno Mundial que vigorava ao ser escrita a historia.

E sobre o valor dessa historia?

Certas considerações contraindicam a hipotese de que tudo não passa dum brilhante devaneio de publicista. Já as apresentei ao leitor e não insisto, mas devo dizer que algo da historia já recebeu confirmação. A ultima parte do manuscrito data de 20 de setembro de 1930 e no entanto alude muito explicitamente á morte de Ivar Kreuger ocorrida um ano mais tarde; e alude ainda ao rapto do filho de Lindbergh, acontecido na primavera de 1932, ao vôo de Mollison em redor do mundo no mesmo ano, ás discussões sobre as dividas americanas em dezembro de 1932, ao regime nazista na Alemanha, á invasão da China pelos japoneses em 1933, á eleição do presidente Roosevelt II e á Conferencia Mundial Economica de Londres. Como explicar essas antecipações, senão pela clarividencia?

Outro fato que não terá importancia para o leitor, mas tem, e grande, para mim, é que não havia motivo para que Raven tentasse mistificar-se.

Se não fossem os antecedentes já mencionados, eu estaria a pensar a respeito disto como vai pensar toda gente — que tudo não passa dum trabalho de ficção em que Raven expõe as suas ideias sociais. O estilo em que está vasada a historia é o estilo de Raven, e não ha diferenças de lingua entre a nossa e a desse futuro, a 170 anos de hoje. Por outro lado, a atitude mental que o manuscrito revela não coincide com a atitude mental de Raven em suas manifestações publicas. O clima do pensamento não é o mesmo.

Devo dizer que em certo momento, quando estive sob a impressão de que o trabalho não passava duma fantasia, senti-me tentado a anotar o texto com alguma extensão. Era o meio de colaborar no jogo. E assim fiz durante alguns meses, até que vi que as notas se avantajavam ao texto, e pouco adiantariam ao leitor bem informado. Rejeitei-as como impertinentes e inuteis.

Tive tambem de dar ordem ás partes — e ficou nisso a minha colaboração. Talvez um dia publique uma edição especial com a reprodução exata das notas, no estado em que as encontrei.

A historia começa com uma revista dos ultimos acontecimentos mundiais, a meu ver muito persuasiva. Os principais fatores da Grande Guerra são analisados dum ponto de vista novo. E com esta analise inicia-se a Éra do Desapontamento, na qual estamos hoje. Surgem depois os fatos ocorridos de 1929 a 2105. A ultima referencia é ao dia de Ano Bom de 2106, no qual temos uma rapida visão da derrocada dos "esqueletos" dos famosos arranha-ceus ainda restantes na Nova York daquele tempo. A impressão da Historia do Futuro devia ter ocorrido no começo do novo ano. Devia ter ocorrido — ou "ocorrerá?"

H. G. W.

LIVRO PRIMEIRO

Hoje e Amanhã: Prenuncios do Desapontamento

§ 1. Nota Cronologica.
§ 2. Ideia e Esperança do Estado.
§ 3. Desproporções da Ordem Velha.
§ 4. A Critica de Marx e Henry George.
§ 5. Competição e Ineficiencia Monetaria.
§ 6. O Paradoxo da Superprodução.
§ 7. A Guerra Mundial de 1914-1918.
§ 8. O Impulso para Abolir a Guerra.
§ 9. A Industria de Armas.
§ 10. Versalhes: Canteiro de Desastres.
§ 11. O Impulso para Abolir a Guerra.
§ 12. A Moral Social depois de Versalhes.
§ 13. 1933: o Progresso interrompe-se.

§ 1. *Nota Cronologica*

A historia da humanidade sofre nos seculos 19 e 20 uma mudança de fase. Alarga-se. Cessa de ser um emaranhado de historias desligadas para concientemente tornar-se Historia. Confluem os destinos raciais, sociais e politicos, abrindo para a imaginação humana uma visão de possibilidades novas. E esta visão traz consigo um imenso reajuste de ideias.

A primeira fase desse reajustamento é necessariamente destrutiva. As concepções da vida, e dos deveres que serviam e satisfaziam até ás mais vigorosas personalidades — concepções naturalmente parciais, sectarias e limitadas — começam, de ano em ano, a perder a força. Atenuam-se, esmaecem. E a era se torna de recrescente inquietude mental, de fés forçadas, hipocrisia, cinismo, de abandono e impaciencia. Degenera em esfarrapada cortina o que fora um fundo solido de confiança na retidão dos metodos caracteristicos da cultura local ou nacional de cada individuo. Atrás dessa cortina aparece, a principio confuso, depois refratado pela lenta dissolução do tradicional, o esboço do tipo de conduta necessario a este mundo em que vivemos hoje.

Até que o Instituto Cronologico haja completado a sua revisão das datas da evolução humana, temos de usar nesta historia a velha cronologia que divide o tempo em anos anteriores ou posteriores a Cristo. E' a cronologia ainda corrente. Como já explicamos em livro anterior [*Nada disto foi encontrado nas notas de Raven. Ed.*], herdamos do Cristianismo este sistema de compartimentos historicos — taboleiro de xadrez imposto ás literaturas do Mediterraneo e Atlantico ha dois mil anos e que ainda nos perturba a visualização da historia. O estudante deve manter-se sempre em guarda contra a falsidade dessa divisão. Como Peter Lightfoot notou, nós falamos do "seculo 18" e pensamos de modas

e costumes e atitudes caracteristicos dum periodo que vai do Tratado da Westfalia, em 1642, ao colapso de Napoleão, em 1815; falamos do "seculo 19" e as coisas evocadas são as da éra do gás e da maquina a vapor, desde os anos de desgraça logo depois de Napoleão até a guerra de 1914. A fase "seculo 20" tambem nos relembra o aeroplano, a eletricidade, etc; mas um aeroplano era coisa muito rara até 1914 (o primeiro apareceu em 1905), e a substituição do ultimo trem ou navio a vapor só se deu na decada de 1900 e "quarentas".

Vale por desperdicio de energia obrigar cada geração de moços a aprender essa cronologia absurda e depois corrigi-la. Isto faz que a revisão em estudos seja ansiosamente esperada por todos os professores. Graças a ela, o estudante poderá, desde o começo, visualizar a historia nas suas massas de maior significação.

O Instituto Cronologico está realizando a tarefa com muita publicidade, e provocando a discussão sob todos os angulos. Um dos pontos do programa consiste em dividir a historia numa serie de éras de desigual extensão. Naturalmente que a escolha das éras dá lugar a debates, porque muitos de nós temos ideias proprias sobre o valor dos acontecimentos humanos; e para os periodos mais remotos ha muita incerteza. Nossa cronologia está hoje muito segura quanto á epoca exata dos mais importantes acontecimentos dos ultimos 4.000 anos, e graças ao paciente trabalho da *Comissão Selwyn-Cornford para a Pesquisa Aluvial*, está tambem segura das decadas de outro milhar de anos. Quanto aos ultimos trinta seculos, pouca duvida existe sobre as principais divisões adotadas: *primeiro*, a epoca de Alexandre e das conquistas gregas, que dão começo ao periodo do grande imperialismo monetario do Ocidente, a *éra Greco-Latina*. Começa com a travessia do Helesponto por Alexandre e termina ou com a batalha de Yarmuk (636 E. C.) ou com a rendição de Jerusalem ao califa Omar (638 E. C.). Em *segundo* virá a epoca da pressão dos mussulmanos e mongois sobre o Ocidente, que abre a fase do cristianismo feudal vis-à-vis com o islamismo feudal: *Éra do Predominio Asiatico*, que termina com a batalha de Lepanto (1571 E. C.). Em *terceiro* virá a éra da Reforma Protestante e da contra-reforma catolica, que inaugura a fase dos estados soberanos e rivais, com exercitos permanentes: *Éra da Soberania Nacional*. E finalmente vem a catastrofe da Guerra Mundial, quando o impulso cen-

tripeto dos novos metodos economicos que a civilização atlantica gerou cederam sob a pressão interna do nacionalismo europeu. Essa guerra, com suas arrastadas sequencias, mostrou ao homem as potencialidades e perigos dum mundo imperfeitamente europeizado — um mundo que inconcientemente se havia tornado um sistema uno, embora ainda obcecado pelo Tratado de Westfalia e pela ideia de estados soberanos em competição. Esse choque mental e a reação consequente marcam a *Éra do Estado Moderno.* A fase de abertura dessa éra constitue a *Éra do Desapontamento* de que vamos tratar; em seguida teremos a fase começada com a Declaração de Mégève, que foi aceita pelo consenso geral da humanidade ha 47 anos atrás, e com isto fecha-se a Éra do Desapontamento, com a duração de pouco mais de seculo e meio.

A data da primeira edição desta Historia é de 2106 da Éra Cristã. Posteriores edições trarão a data de 192 E. M., 189 E. M. ou 187 E. M., conforme os nossos cronologistas decidirem pelo ano de 1914, data da Guerra Mundial, ou 1917, data do começo da Revolução Russa, ou 1919, data da assinatura do Tratado de Versalhes, como o marco inicial da Éra do Desapontamento e do conflito para a unidade do mundo.

Em 1914 o conceito de uma ordem mundial não parecia dentro das possibilidades humanas, mas em 1919 já constituia uma força em ação. Surgira a ideia do Estado Moderno. Um dos sistemas concebidos, o dos soviets russos, pretendia tornar-se mundial. Para a maior parte dos homens que sofreram as imediatas consequencias da Grande Guerra essa catastrofe apresentava-se como coisa inutil; mas para nós que de longe olhamos esses anos horriveis e sabemos da estupidez e baixeza geradoras do conflito, já não é assim. Vemo-la como um grosseiro e involuntario esforço dos homens para se libertarem de velhos principios reduzindo-os a tragico absurdo — e como passo inevitavel na logica dos destinos humanos.

§ 2. *Como a Ideia e a Esperança do Estado Moderno apareceram*

A diferença essencial entre o mundo anterior e o posterior á Guerra Mundial está em que antes da catastrofe a admissão duma ordem feliz generalizada a todo o globo só era aceita

por alguns espiritos excepcionais, ao passo que depois da catastrofe a ideia espalhou-se a ponto de tornar-se uma grande esperança.

Mas ainda os que por ela propugnavam faziam-no com inexplicavel timidez. Ha um tom de irrealidade em todas as asserções sobre a possivel ordem mundial, emitidas antes da catastrofe. Em muitas transparece o pavor da "extravagancia", caracteristico da éra vitoriana, e o escritor sorri de sua propria ideia, como a desculpar-se. Dificilmente um desses profetas ousaria acreditar em seu proprio raciocinio. Recentemente Maxwell Brown desenterrou um panfleto, *A Grande Analise*, datado de 1912, em que uma habil previsão da estrutura do *Estado Moderno*, maravilhosa para a época, foi lançada com a maior timidez. Era um plano para revolucionar o mundo, que o autor não assinou para não cair no ridiculo, como confessa.

Os Profetas do Estado Moderno Anteriores á Guerra, de Maxwell Brown, constituem um exaustivo estudo dos processos psicologicos por meio dos quais essa ideia, hoje a base da nossa vida, gradualmente dominou o patriotismo combativo e firmou-se como a forma de ação para os homens de boa vontade de seculo e meio atrás. Brown retraça-a quasi a partir do germen; mostra que suas primeiras manifestações, longe de serem pacificas, visavam a dominação universal. Conta a penosa luta da ideia com o bom senso do dia. No primeiro volume suplementar de sua obra apresenta milhares de citações, que alcançam até os começos da Éra Cristã. Todas as religiões monoteistas eram, em espirito, religiões de estado. Brown examina o mito da torre de Babel como esforço de algum cosmopolita da epoca para explicar as divisões da humanidade.

Maxwell mostra como o sincretico desenvolvimento religioso devido ao crescimento dos primeiros imperios e á fusão dos deuses, evoluiu necessariamente para o monoteismo. Pelo menos do tempo de Buda em diante, o sentimento, senão a fé na fraternidade humana, sempre existiu nesta ou naquela parte do mundo. Mas a passagem desse sentimento á ação foi processo recente. As condições necessarias ainda não existiam naquele tempo.

Nos seus estudos sobre as inovações humanas Maxwell mostrou que, num passado de pelo menos dez mil anos, desde que os homens do Cro-Magnon estamparam desenhos em suas

vestes de couro e em suas tendas, a arte da impressão apareceu e desapareceu varias vezes, nunca chegando ao livro antes do seculo 15; e sobre os repetidos ensaios humanos para voar tambem encontrou provas na quarta dinastia dos deslisadores recentemente descoberta em Bedrasshen — destroços do aparelho Yu-chow e ornamentos e restos humanos descobertos na baía Mirabela. (Estes restos, denunciados pelas fotografias do fundo do mar feitas pelo aeroplano *Crawford* depois do terremoto de 2104, foram posteriormente procurados e achados pelos mergulhadores do submarino *Salvemini*, da Estação Biologica de Napoles. O professor Giulio Marinetti os identificou como remanescentes do lendario deslisador de Dedalo e Icaro). Maxwell tambem retraçou a continua descoberta e redescoberta da America, desde os dias das tabletas de Aalesund e das primitivas inscrições chinesas nas cavernas proximas á baía Coqui até o final estabelecimento de ininterruptas comunicações através do Atlantico pelos europeus do seculo 15. Encontrou ao todo dezesseis diferentes "descobertas da America", ocidentais e orientais — e muitas mais devem ter existido, de que não resta nenhum traço.

Estes remotos casos de empreendimento humano e insucesso habilitam-nos a compreender a longa luta da Éra do Desapontamento e a dificuldade dos nossos avós em conseguirem o equilibrio hoje assegurado como o unico arranjo sadio das coisas humanas no planeta.

O insucesso de todas essas invenções prematuras é facilmente explicavel. O caso da travessia do Atlantico, por exemplo: ou os navegadores não regressavam, ou se regressavam não conseguiam recursos para a repetição da proeza, ou desistiam de tenta-la de novo á vista das dificuldades, ou tentavam-na e pereciam. A historia dessas façanhas perde-se no fantastico das lendas. Era na realidade a mais inutil das aventuras, alcançar a America antes que a ciencia da navegação, o aperfeiçoamento das naus e a bussola viessem juntar-se aos recursos humanos.

O caso da imprensa: unicamente quando os chineses desenvolveram a manufatura barata de folhas de papel é que o livro se tornou possivel — e, consequentemente, a sua influencia na expansão do conhecimento. E quanto á arte de voar, a demora da sua realização era inevitavel, porque es-

tava na dependencia do desenvolvimento da metalurgia e com esta do surto do motor de explosão. Antes de construir um aparelhamento bastante leve e forte para resistir ás correntes de ar o vôo era impossivel.

Do mesmo modo, a concepção duma só comunidade humana tinha de esperar até que a evolução dos meios de comunicação contrabalançasse a influencia desintegrativa da separação geografica. Essa evolução acentuou-se com rapidez no seculo 19 e vai descrita em outra parte deste livro. O vapor, o motor a oleo, a energia eletrica, o trem, o transatlantico, o avião e as transmissões aereas por meio de fios ou ondas foram invenções que se seguiram umas ás outras precipitadamente. Ligaram a humanidade de modo nunca feito antes. Insensivelmente, em menos de um seculo, o impraticavel tornou-se não só possivel como urgentemente necessario para que a civilização pudesse seguir o seu curso.

A importancia da Guerra Mundial na historia está nisso — no demonstrar a necessidade dum novo reajustamento do mundo, coisa que antes nunca fôra tida como necessaria. Nenhum dos profetas do Estado Mundial revela a premencia disso. Era polida e timidamente que faziam a propaganda da ideia, como algo bastante desejavel mas de nenhum modo imperativo. O mais nitido apelo para a cooperação mundial antes da guerra veio da Segunda Internacional. E ainda depois da guerra e do vago clarão dum superestado federal prenunciado na Liga das Nações, a mór parte dos escritores viviam na impressão de que para o reclamado reajustamento bastaria uns reparos no sistema vigente, que viessem prevenir ou mitigar a guerra e atender ás impetuosas reclamações dos desherdados da vida.

O proprio movimento comunista, que graças a um concurso de circunstancias favoraveis conseguira invadir a Russia e demonstrar o valor de suas teorias, refugiu, em vez de aproximar-se, do socialismo cosmopolita. Suas ideias, como vimos, eram completamente inadequaveis á pratica. O desenvolvimento da ideologia foi grandemente embaraçado pelo dogmatismo conservador imposto pelo incuravel egotismo de Marx. A intolerancia deste homem, sua vã insistencia de ter produzido uma teoria acabada, digna de ser posta ao lado do darwinismo, lançou longa sombra de impaciencia e teimosia nos posteriores desenvolvimentos do co-

munismo. Marx não sorria ao socialismo utopico, e por essa razão, até que Lenine subisse ao poder, os marxistas "ortodoxos" mostravam um orgulho idiota pelo não planejamento. "Destruido que seja o capitalismo, dizia ele, temos diante de nós um milenio de felicidade". O comunismo insistia na socialização economica, mas sem refletir nas dificuldades tecnicas. O demorado e desproporcionado Plano Quinquenal só veio em 1928, onze anos depois da revolução russa. Até então não existia nenhum programa operativo para a reforma social. Infeliz nas experiencias, o comunismo viu-se forçado a manobras desesperadas, a improvisações e mudanças de frente, sempre "propagandizado" com tais exageros que perdeu de vista o movimento geral do mundo.

O leitor desta historia já sabe como a força moral e intelectual do Partido Comunista se revelou deficiente, depois da morte de Lenine, no resistir á ditadura desse energico, digno, devotado, mas limitado filho da Georgia, Stalin. A morte prematura do espirito criador e adaptavel de Lenine e a impaciente supressão que Stalin fez de colaboradores irrequietos, mas necessarios, como Trotsky — homem que a não ser pela falta de tacto e de dignidade poderia ser o sucessor de Lenine — veio matar todas as esperanças de que o Estado Moderno emergisse primeiramente na Russia. Nada mais perigoso que os fieis discipulos dum homem criador. Lenine havia afrouxado e modificado os dogmas de Marx; Stalin transformou o que ele julgava ser leninismo num dogma ferrenho. Daí por diante o doutrinario politico dominou e paralizou o tecnico, numa luta que a altos brados clamava por competencia. Do mesmo modo que as disputas teologicas devastaram e empobreceram a Europa durante os longos seculos de cristianismo, reduzindo a zero os beneficios da sua influencia unificadora, assim tambem na Russia a eficiencia da organização foi prejudicada pela pedanteria dos teoristas politicos. A nova geração era treinada na presunção e na xenofobia, atitude equiparavel, nos efeitos praticos, ao brutal patriotismo de paises como a França, a Alemanha, a Italia e a Escocia.

Em virtude desta subordinação do desenvolvimento mental á politica, passou a Russia por uma fase comparavel, como Rostovtzeff o assinalou em sua *Historia Social e Economica do Imperio Romano*, á bem intencionada, mas deprimente,

autocracia do imperador Deocleciano. Desde o começo a revolução russa fracassou em suas ambições de liderar o mundo. O cosmopolitismo do programa durou pouco mais que o da Revolução Francesa.

Este inevitavel recuo fôra previsto pela penetrante inteligencia de Lenine, ainda durante a sua chefia (ver N.º 3090 na 13.ª serie dos documentos historicos, *A Esquerda Comunista*). Mas sua observação encontrou muito pequeno, ou nenhum eco, no incuravelmente iliberal pensamento da tradição marxista.

Foi sobretudo na Europa Ocidental que a ideia do Mundo-Estado, erguida a ideal revolucionario, tomou vulto. A principio, obscuramente; em 1933 qualquer observador seria enganado pela aparente vitoria do regime fascista na Italia, pelo tumulto nazista na Alemanha e por iguais movimentos nacionais-socialistas em outros países; e tambem pelo agravamento das barreiras alfandegarias e outras restrições ao comercio, aparecidas por toda parte; esses movimentos faziam crer na retração geral da ideia cosmopolita diante dos avanços do racismo e do nacionalismo. Não obstante, os germens do Estado Moderno desenvolviam-se universalmente; os adeptos da ideia aperfeiçoavam-na e congregavam forças.

Foi necessario que sobreviesse a tempestade financeira de 1929, com o progressivo colapso da economia mundial, para que os profetas do Estado Moderno adquirissem a coragem das suas convicções. Só então começaram a falar alto. Em vez de acanhadas, parciais e inconclusivas criticas dos negocios publicos, com que até então se contentavam, insistiam agora claramente na necessidade duma ampla reconstrução do mundo, isto é, na revolução mundial — embora "revolução" fosse ainda palavra que evitavam. O modo como a ideia tomou corpo é caracteristico da epoca. Não foi pelo aparecimento de um ou dois grandes lideres que soubessem fazer-se ouvidos. Não houve lideres. O que se deu foi uma espraiada expansão do pensamento humano.

As conclusões dos homens inteligentes podem ser relatadas em poucas palavras. Eles já haviam chegado á compreensão de que a sociedade humana se tornara um sistema economico indivisivel, dotado de enormes potencialidades beneficas. Em 1931 esta concepção se tornou aparente ainda entre os obstinados intelectuais da França — como, por

exemplo, ao partir para a America numa missão qualquer, no discurso dum ignaro transparece Primeiro Ministro de nome Laval; e suas palavras tiveram imediato eco na boca de proeminentes "speakers", como o presidente Hoover, na America, e o Ministro Mac Donald, na Inglaterra.

A ideia já se havia tornado bastante popular para que os politicos lhe dessem atenção. Mas só as minorias inteligentes alcançaram-lhes as consequencias logicas — isto é, a necessidade de repudiar a soberania dos governos existentes, de estabelecer um controle central acima desses governos e colocar a produção de armamentos e principais produtos economicos, bem como a proteção dos trabalhadores contra o salario insuficiente, fora do alcance das manipulações negocistas que só visam lucros.

Lá pelos anos 1932 e 1933 estas minorias inteligentes já se manifestavam ás claras. As grandes mudanças não eram apresentadas apenas como coisas desejaveis, sim como urgentemente necessarias afim de salvar-se da catastrofe a civilização. E não só salva-la, como em vez da desordem e da destruição dar á humanidade "uma abundancia de riquezas e oportunidades como a historia não conheceria outra" (palavras dum jornal escocês de 1929). A gente esclarecida de 1932 estava tão segura da possibilidade da ordem mundial, da eficiencia universal e duma recrescente vitalidade humana, como hoje estamos nós seguros das nossas vidas.

A clareza de visão não contribue para a felicidade dos que a possuem. Atormentavam-se os homens de espirito claro não só com as miserias contemporaneas, como por ver tanta obstinação contra uma reforma de cujos beneficos efeitos eles não duvidavam. Viam centenas de milhões de vidas amarfanhadas, mal alimentadas, sacrificadas prematuramente, sem que nenhuma necessidade houvesse disso. Viam milhões de jovens impelidos para a violencia, a mutilação, as mortes mais horriveis, quando tão perto deles estava a paz, a segurança, a liberdade...

Maxwell Brown, no capitulo "Tantalo 1932", cita quarenta exemplos desta compreensão. Mas o mitologico Tantalo só aparentemente estava proximo da agua salvadora — e não se dá assim com a humanidade. O Estado Moderno, abrangendo o mundo inteiro, apresentou-se á ima-

ginação humana, alguns anos depois da guerra, absurdamente perto e fantasticamente fora do nosso alcance. E durante todo um seculo de confusão e desordem não conseguiu saltar do terreno da mera possibilidade para o da realização. Mas venceu, afinal.

É para o romance dessas gerações batalhadoras e sofredoras — "gerações da meia luz" — que vamos nos voltar.

Quando olhamos para trás e consideramos os homens que deram expressão a esta ideia do Mundo-Estado, temos, antes de lhes fazer justiça, de medir as ignorancias, os preconceitos e outras formas de inercia, os habitos de concessão e associação, os sentimentos de rebanho com que tiveram de lutar, não só na sociedade de que faziam parte como dentro de si mesmos. Não é uma luta entre a luz e a treva que vamos descrever, sim luta de miopes entre cegos. Temos de compreender que por mais tomados que fossem pela visão do mundo futuro, ainda pertenciam eles ao mundo antigo e não ao nosso. As coisas que imaginavam não eram exatamente as que temos hoje. Maxwell Brown devotou diversos capitulos, e um terceiro volume, suplementar, á enumeração dos profetas do Estado Moderno que seguiram carreiras publicas. Mostrou conclusivamente que nas decadas terceira e quarta do seculo 20 cresceu rapidamente o numero de criaturas com ideias claras sobre as possibilidades de reajustamento do mundo. Citou as palavras desses videntes, ás vezes prodigiosamente certas. E por fim falou da vida que levavam. A discrepancia entre a fé e o esforço é uma curiosa caracteristica da natureza humana.

Diz ele: "Na segurança e serenidade de seus gabinetes esses homens podiam ver com clareza. Nessas horas de retiro a fragil substancia cerebral escapa ao imediatismo, apreende a causalidade em quatro dimensões, entrevê os valores permanentes dos fatos sociais na linha espaço-tempo. Mas em seus proprios gabinetes penetrava o tumulto exterior. Mal abriam a porta, o caos da existencia contemporanea, o carnaval, o tumulto, a guerra, os negocios, ressoavam triunfantes. A horrivel questão do que fazer naquele dia anulava o alto pensamento dos nossos destinos comuns".

Maxwell acrescenta uma viva ilustração a esta passagem — o fac-simile do primeiro borrão de Peter Raut, o lider americano, do Manifesto Revolucionario de 1937. Foi

sem duvida um instrumento de alta inspiração para a epoca, e Raut deu prova da honestidade de suas convicções vindo a padecer o martirio. Á margem desse borrão vemos garatujas de contas — soma e multiplicação, que o espirito investigativo de Maxwell pôde interpretar. Mesmo quando concentrado, no grau maximo possivel, no planejamento do nosso mundo de hoje, não conseguia Raut fixar o espirito só naquilo. Seu pensamento esvoaçava. Por uns instantes abandonou o manifesto, enquanto fazia aquelas contas. Ele andava a especular em titulos da Bolsa, e boa parte da sua atividade mental se concentrava em calculos sobre a oportunidade de vender as ações que possuia.

§ 3. *As Crescentes Desproporções da Ordem Velha*

Consideremos algumas das principais causas que predispuseram muitos espiritos a esperar a realização da comunidade mundial no começo do seculo 20.

Em primeiro, uma consideravel unidade financeira já se operara. O credito da City de Londres tinha curso no mundo todo, com os "soberanos" tornados a moeda mundial, permutavel em toda parte pelas moedas locais, com muito leves oscilações de cambio. A vida economica estava se generalizando. Sobre grandes areas o comercio funcionava sem embaraços, e os ingleses ainda esperavam que a sua cosmopolita concepção do Livre Cambio fosse aceita pelo mundo todo. O Instituto Internacional de Agricultura, de Roma, vinha mantendo um censo anual dos produtos basicos e dos transportes. Serios movimentos reajustadores de populações se operavam sem nenhuma interferencia dos governos. Enxames de polacos e russos invadiam a Alemanha ao tempo das colheitas e retornavam depois de concluidas; centenas de milhares de italianos iam trabalhar por alguns anos nos Estados Unidos e em seguida voltavam de bolso cheio para as suas terrinhas natais. Um homem podia viajar pela terra inteira sem que lhe exigissem passaportes, a não ser quando tinha de provar a identidade.

Certo numero de serviços federais menos importantes, mas bem significativos, foram estabelecidos para funciona-

mento generalizado, como, por exemplo, a União Postal. Antes de 1914 um documento era entregue ao seu endereço em qualquer ponto do planeta quasi com tanta segurança como hoje, embora menos rapidamente. Essa cooperação mundial parecia — sobretudo para os povos de lingua inglesa — presagiar uma direta e suave passagem da colcha de retalhos politica do seculo 19 para uma estavel confederação da humanidade. A ideia do Mundo-Estado era familiar a todos naquela epoca — como podemos ver no *Locksley Hall* de Lord Tennyson, publicado em 1842; mas não havia esforços para realiza-lo, nem parecia que fossem necessarios esforços para isso. O Mundo-Estado tinha de vir automaticamente, pela força natural das coisas.

Esta crença na benevola força das coisas foi um erro comum a todos; podemos mesmo dizer que foi o erro da epoca. Erro a que não escapou nenhuma corrente de pensamento. De igual modo os seguidores de Marx (antes da vinda de Lenine e da reconstrução bolchevista do comunismo) consideravam como inevitavel o seu sonho do comunismo mundial, e os discipulos de Spencer viam uma benevola Providencia na "livre competição". "Confiem na Evolução", era o conselho tanto do socialista extremado como do individualista — e a fé de ambos era a mesma que os cristãos punham em Deus. Foi o movimento bolchevista do seculo 20 que inoculou vontade no Comunismo. O pensamento do seculo 19, revolucionario e reacionario, saturava-se dessa confiança na marcha das coisas. Como o professor K. Chandra Sen notou, a esperança no periodo vitoriano não foi um estimulante, sim um opio.

Os que vivem numa ordem disciplinada, os suados vencedores duma batalha muito renhida, compreendem quão superficiais ou despidas de substancia eram aquelas doces aparencias. Os grandes processos da invenção mecanica iam acrescendo o impeto e o raio de alcance de cada força natural, mas sem dar tento ás conveniencias ou inconveniencias dessas invenções relativas ás novas oportunidades humanas. Com igual imparcialidade as invenções promoviam a compreensão e a chacina mundiais — pondo-as ambas no numero das possibilidades humanas.

Não era por culpa dos inventores e investigadores que as novas oportunidades por elas creadas tinham mau empre-

go. Fugia-lhes ao alcance o controle da aplicação, e esses homens não tinham uma cultura comum. E como trabalhavam cada qual num campo, não eram responsaveis pela fragmentaria irregularidade de suas descobertas. As invenções biologicas e sociais atrazaram-se na corrida, ficaram muito aquem das invenções das ciencias exatas, mais simples. As aplicações biologicas eram mais dificeis; a materia sobre que recaiam mostrava-se muito mais adstrita á rotina; as novidades não podiam ser introduzidas com a mesma liberdade. Foi facil suplantar a diligencia e os cavalos nas estradas macadamizadas, entronizando a maquina a vapor, porque não era preciso fazer nada contra a diligencia e os cavalos. Foram deixados sobre si mesmo, apenas submetidos á concurrencia dos veiculos novos. Mas não podemos estabelecer novas instituições sociais, novas relações politicas lado a lado das velhas. A substituição torna-se trabalho mais penoso e lento. Não se trata mais de ladear, sim de reconstruir. O velho tem de ser convertido no novo. A suplantação do biologicamente velho pelo mecanicamente novo tornou-se, entretanto, inevitavel, e atingiu o maximo no seculo 20.

Podemos fazer aqui uma comparação patologica. Antigamente, antes que a correlação de desenvolvimento dos organismos vivos começasse a ser estudada, os homens sofriam, sem esperança, de toda a sorte de irregularidade de crescimento. Os serviços medicos da epoca não tinham meios de controle. Uma dessas irregularidades era o excessivo desenvolvimento dos ossos, local ou geral. Gradualmente ia a vitima sofrendo distorsão ossea, e acabava transformada numa caricatura grotesca; as feições tornavam-se grosseiras e macissas, os ossos do cranio expandiam-se monstruosamente, as proporções dos membros alteravam-se, destruia-se o equilibrio dos musculos. Surgia o aleijão. Coisa absolutamente paralela aconteceu com a sociedade humana 300 anos antes da Guerra Mundial. Graças ao estimulo das invenções mecanicas e investigações cientificas foi a sociedade humana atingida duma hipertrofia dos ossos, dos musculos e do estomago, sem nenhum desenvolvimento paralelo do controle nervoso.

Muito antes da guerra a progressiva desproporção já fôra notada por muitos observadores. A formula favorita era declarar que o avanço" espiritual" não guardava com-

passo com o "material" (naquele tempo ainda se aceitava a ingenua oposição entre espirito e materia). E isto era proclamado ao mundo inteiro em tom de alta superioridade moral. E o remedio era o uso mais moderado das invenções, ou frequentar mais assiduamente a igreja, ou casar mais cedo, ou ler de preferencia o tipo de literatura chamada "espiritual", ou evitar a mistura dos dois sexos nos banhos publicos, ou trabalhar mais rijamente com menores salarios, ou ser mais obediente e respeitoso diante das autoridades constituidas... Ninguem teve a plena percepção das crescentes desharmonias do corpo social senão depois da Grande Guerra.

Os jovens leitores perguntarão: "Mas que fazia o Bureau de Observação Central? Onde andava o corpo tecnico encarregado de anotar essas irregularidades e propor as correções?"

Não havia nenhum Bureau de Observação. Esse orgão mundial só apareceria um seculo mais tarde — essa complexa organização do debate, da critica e da previsão. Ninguem ainda sonhava com isso. Tais focos de pensamento e serenas atividades só entraram a existir depois da organização da Rede de Bibliotecas, surgida durante a Ditadura do Ar, entre 2010 e 2030. A propria instituição mater, a Enciclopedia Mundial, ainda não existia em 2012. Na primeira parte do seculo 20 os homens não dispunham de adequadas estimativas das forças economicas e de suas reações sociais. Apenas uns tantos professores e amadores apresentavam sugestões. Mas não possuiam recursos para a empresa — nem estatisticas perfeitas, nem prestigio, nem sistema — e pouca gente lhes dava atenção.

E talvez merecessem tal descredito, porque lutavam entre si e mutuamente se desmoralizavam, ou ignoravam-se e não se compreendiam. Impossivel examinarmos a literatura social e economica da epoca sem espantar-nos com o extraordinario atrazo do mundo intelectual nesse ponto. Dificil crermos que os autores dessas publicações fossem contemporaneos do alertissimo grupo de investigadores experimentais que dia a dia apresentavam descobertas novas e remodelavam a ciencia. De 1812 (ano da iluminação publica por meio do gás) até o rompimento da Guerra, enquanto o mundo se remodelava por meio do vapor, do petroleo e da ener-

gia eletrica, enquanto as ultimas *terrae incognitae* eram exploradas e reduzidas a mapas, enquanto uma multidão de nunca sonhados elementos quimicos eram postos em uso, enquanto as epidemias eram eliminadas e o indice de mortandade reduzido a metade, com a duração media da vida humana aumentada de vinte anos, as ciencias sociais e politicas permaneciam praticamente em estagnação e inuteis. Durante todo esse seculo de realizações materiais não vemos um só caso de bem sucedida aplicação duma generalização social, educacional ou economica.

Em virtude do atrazo das ciencias sociais, o progressivo deslocamento da refinada e precaria civilização dos mais adiantados paises do seculo 19 foi se operando sem que ninguem percebesse o que a minava. Os europeus e americanos do começo do seculo 20 apreendiam os males envenenadores de suas vidas pouco mais claramente que os cidadãos romanos durante o colapso do Imperio. A aparencia de segurança *veio;* depois a debacle *veio*... Não havia analise das causas operantes. Por anos e anos, ainda os mais intrepidos e adiantados pensadores se viam obscurecidos pelos acontecimentos. Não conseguiam apreender a medula dos fatos e portanto não previam. E não havendo previsão não podia haver controle.

§ 4. *Primeiras Tentativas para Compreender e Enfrentar essas Desproporções. A Critica de Marx e Henry George*

Apareceram, entretanto, algumas exceções nessa geral ausencia de diagnostico caracteristica dos seculos 19 e 20 da Era Cristã; os estudantes de historia geral não podem ignora-las. Destaca-se logo a analise do desenvolvimento economico feita por Karl Marx e seus confrades.

Em qualquer hipotese o marxismo reclamaria a nossa atenção como uma curiosa compreensão dos elementos em choque nos negocios e metodos do seculo 19; mas a acidental adoção do marxismo como o credo revolucionario da Russia depois da queda do tsarismo dá-lhe uma importancia primacial na historia das ideias-força.

Karl Marx (1818-1883) era filho dum judeu cristianizado de Treves, jurisconsulto de consideraveis pretenções sociais; fez em Bonn e Berlim excelente curso universitario, assimilou o pensamento radical da epoca e tornou-se por toda a vida amigo de Friedrich Engels, homem mais modesto e mais bem dotado (1820-1895), negociante de tecidos no Lancashire. Sob a inspiração de Engels e dos socialistas ingleses chefiados por Owen, Marx elaborou a teoria do desenvolvimento economico que constitue a ossatura do marxismo. Essa teoria está compendiada num grande e inconcluso trabalho, *Das Kapital*, e resumido no *Manifesto Comunista* de 1848, obra do proprio Engels. O principal merito de Marx jaz na clara admissão da intima dependencia entre as formas e reações politico-sociais e as necessidades fisicas; e seu maior defeito é o furioso odio á classe media ou burguesia, devido á sua situação de aristocrata arruinado, e talvez amargado pela dependencia em que estava de Engels, material e intelectual. As tentativas de Marx para a aplicação dessas teorias por meio da ação politica ou de conspirações, foram ineptas e futeis, e afinal morreu ele em Londres, envenenado pelo desapontamento, sem nem por sombras imaginar a influencia postuma de suas doutrinas. Foram a organização dos seus seguidores em partido — o Partido Comunista — e a modernização de suas doutrinas pelo genio de Lenine, o que elevou o nome de Marx á alta situação que ocupa na Historia.

É curioso considerar as suas proposições gerais á luz dos acontecimentos já passados, e anotar os acertos e erros dessas heroicas especulações — heroicas á vista da coragem que representavam no tempo em que apareceram.

Na nossa atualidade nenhum escolar ignora que o eterno conflito da vida humana não passa do choque entre o passado e o esforço para a frente. Todos os estudantes apreendem esse conflito no curso biologico primario, no qual vêem e compreendem o continuo esforço da coisa acabada para manter em escravização o individuo recem-nascido, a ideia recem-nascida, ou as novas necessidades da especie. A Historia é o relato desse conflito. Na velha mitologia Saturno, o deus conservador, devora todos os filhos menos um, que escapa, e se torna Jove. E o modo pelo qual a seu turno Jove subjugou Prometeu, é quadro que os leitores de Shelley têm na memoria. Cumpre recordar aos estudantes na his-

toria da Roma republicana e na Judeia as lutas entre o devedor e o credor; as lutas da plebe entre os romanos, e entre os judeus no ano do Jubileu; a lenda de José no Egito; o Estatuto Inglês da Amortização; o lucido estudo de Austen Livewrigt sobre a *Bancarrota Através das Idades* — bastará isso para tornar patente a eterna luta entre o credor e a "mão morta". Mas Karl Marx, bem como a maioria dos seus coevos, era profundamente ignorante da ciencia historica, e inebriou-se demais com a estranha "dialetica" do pseudo-filosofo Hegel; seu espirito mal apetrechado apreendeu o eterno antagonismo unicamente sob os aspectos da finança e da produção industrial como as via em redor de si; o empreiteiro, o capitalista, tornou-se o vilão da peça — o vilão que usava das vantagens do capital para apoderar-se do "aumento de valor" da produção, de maneira que sua parte de poder aquisitivo se tornasse cada vez maior.

Marx parece nunca ter distinguido com clareza entre posses restr tivas e produtivas, distinção á qual damos hoje a maior importancia. Exploração com fins de lucro e estrangulação para efeito de dominio — o filho radical e o pai conservador — para ele era tudo um. E sua proposta para a expropriação do "capitalismo" que visava lucros era das mais vagas; Marx não denunciava nenhuma percepção da psicologia das atividades economicas, nem senso da intrincada organização de motivos necessitados, caso o grosseiro incentivo do lucro fosse vencido. Não era dotado de capacidade pratica e não nos surpreenderemos de saber que jamais conseguiu ganhar a vida. Proclamava os seus privilegios de profeta e genio e nem sequer concluiu o seu grande livro.

Foi Lenine, muito mais habil e fino de espirito (elevado ao poder na Russia em 1917), quem deu organização pratica ás forças revolucionarias do Comunismo, e transformou o Partido Comunista (até que Stalin o empolgasse) na maior força vital do mundo. As diferenças essenciais entre Marx e Lenine foram claramente explicadas por Marx Eastman (1895-1980), em sua obra *Marx e Lenine*, ainda perfeitamente legivel hoje. Em seu tempo tinha Lenine de apresentar-se como discipulo e expositor das ideias de Marx; só depois é que revelou a brilhante dutilidade do seu espirito, no esforço para reduzir a bom senso as teorias do velho profeta.

Outro escritor do seculo 19, com uma compreensão mais clara do efeito estrangulador da propriedade privada, foi Henry George (1839-1897), um impressor americano grandemente popularizado como estudioso de questões economicas. George viu a vida dos homens limitada e torturada pela continua subida dos alugueis. O ingenuo remedio que propôs foi taxar os proprietarios, como o ingenuo remedio de Marx foi expropriar o capitalista; e como Marx nunca deu aos discipulos a sombra duma ideia para a boa administração das propriedades desapropriadas, assim tambem George nunca estabeleceu que emprego a autoridade recolhedora das taxas daria ás receitas sempre avultantes.

Hoje sorrimos diante das limitações destes dois pioneiros, mas unicamente sorrimos porque nascemos depois deles e temos a nosso favor mais dois seculos de experiencia. Em verdade devemos-lhes enorme gratidão pelo corajoso desinteresse de seus trabalhos na vida.

Nossa divida para com eles não é pelo que fizeram, mas pelo de que nos libertaram. As linhas gerais da vida economica do mundo são muito claras hoje, mas esses homens viviam numa éra de usos vedados á critica, éra de fetichismos, de velhas concepções muito respeitadas, de ficções na ativa e de frenetica supressão do pensamento. Os termos que eram obrigados a usar não passavam de petições de principio; as habituais suposições do mundo para o qual se dirigiam eram alcijadas e só apreendidas obliquamente. Tinham de forçar o espirito para a expressão da realidade através dum intrincado emaranhamento mental e moral. Eles destruiam a ideia da permanencia das instituições e usos vigentes, e embora hoje isto nos pareça coisa minima, era da maior importancia naquele tempo. O infantil habito de admitir a Fixidez das Coisas estava completamente generalizado.

As doutrinas marxistas tiveram pelo menos o merito de indicar que estava no fim a economia que só visava lucros por meio da concentração do controle proprietario, pelo progressivo empobrecimento de seções cada vez mais amplas da população do mundo e pela consequente queda dos mercados. A rapida coagulação das atividades humanas depois de 1938 foi admitida como confirmação das previsões de Marx e, por um desses saltos mentais caracteristicos da epoca,

como um completo endosso da pretenção comunista de solver o problema social.

Desembaraçados como estamos hoje das peias que enleavam nossos antepassados, os processos fundamentais em ação durante a terceira e quarta decadas do seculo nos aparecem muito simples. Sabemos que é condição constante para o bem estar humano a estabilidade dos preços, e temos no Conselho da Moeda um meio seguro para mundialmente assegurarmos semelhante equilibrio. O dolar, como o temos hoje, significa praticamente a mesma quantidade em artigos e satisfações, do fim dum ano para outro. Suas diminuições de valor são infinitesimais, e nenhum aumento pode, ou é permitido, ocorrer. Para o possuidor de um dolar não existe possibilidade de acrescimo ou perda de valor. Como a energia produtora da especie humana cresce, o valor em dolares da riqueza total é estabelecido de modo a crescer firmemente em proporção, e nem o credor é enriquecido ou roubado no que espera, nem o devedor corre perigo de pagamentos acima de suas forças.

Não ha meios hoje de um homem ficar rico sem fazer nada. O jogo de bolsa foi impiedosamente suprimido pela Ditadura do Ar e nunca mais reapareceu. A usura está equiparada á falsificação da moeda. O dinheiro é fornecido ao povo para que todos adquiram o que precisam, e não como base para futuras aquisições; e temos assente que o espirito de jogo é problema a ser resolvido apenas pela educação. Esse espirito implica uma fundamental incompreensão da vida. Não ha mais hoje especuladores, nem portadores de ações, nem usurarios, nem proprietarios que vivam de rendas. Todos esses tipos humanos "independentes" desapareceram da terra. O solo e seus recursos naturais são possuidos e administrados, diretamente ou por delegação, por uma hierarquia de conselhos gestores que representa todos os homens; ha agricultores arrendatarios e corporações agricolas, mas sem o direito de sublocar; não existe mais aquela propriedade privada dos recursos naturais da terra que criava uma automatica fonte de lucros graças ao aumento das rendas. E como notamos um continuo aumento na eficiencia individual, de que toda a comunidade se beneficia, daí advem um progressivo aumento do lazer e do padrão da vida individual, para compensar o que de outro modo seria uma progressiva diminuição de cerebros e braços necessa-

rios á condução dos trabalhos do mundo. A sociedade humana, enquanto a eficiencia produtora aumenta, é *obrigada* a elevar o seu padrão de consumo e recrescer de atividade, sob pena de colapso. E se não houver este avanço virá a queda na rotina, no tedio, no vicio, na decadencia. A quantidade e variedade das coisas precisam crescer com segura firmeza.

Estas condições imperativas, que constituem hoje o A, B, C da ordem vigente, parecem-nos tão obvias que nos é dificil colocar-nos no ponto de vista dos nossos avós. Eles ainda não estavam humanizados *em massa;* ainda se achavam presos á mentalidade da "luta pela vida". Somente graças a um consideravel esforço e depois de cuidadoso estudo da evolução da mentalidade civilizada, saida dos caoticos impulsos competitivos dum animal originariamente anti-social, é que podemos ver as coisas com os olhos da gente de seculo e meio atrás.

§ 5. *Como a Competição e a Ineficiencia Monetaria forçaram a Ordem Velha*

No seculo 20 ainda não havia moeda comum ao mundo inteiro; e por causa disso as transações comerciais não eram compreendidas de modo exato; eram falseadas, não parecendo possivel que pudessem sujeitar-se a uma real simplificação. É verdade que durante o periodo que conhecemos como a Prosperidade Geral de 1850 a 1914, havia um sistema generalizado de moeda e credito centralizado em Londres e com base na libra ouro; mas isto fôra desenvolvimento meramente acidental, tornado viavel pelas sucessivas descobertas de minas de ouro, o que evitou a queda dos preços á proporção que a eficiencia produtora crescia, e pelas circunstancias que deram ao inglês a chefia dos transportes a vapor por terra e mar e o incentivo para a propaganda pratica do livre cambio.

Este primeiro raio de luz cosmopolita, porém, apagou-se, sem que os contemporaneos percebessem as forças atuantes, e sem que nenhuma tentativa fosse feita para lhe assegurar a permanencia. A ascendencia, a iniciativa financeira de

Londres caiu depois da guerra sem que nada lhe viesse ocupar o posto. Este quasi cosmopolita sistema baseado na libra esterlina, mantido pelo constante suprimento de ouro novo, teria em qualquer hipotese esmorecido á proporção que esses suprimentos decrescessem, se a estrangulação da industria mundial depois da guerra não fosse grandemente acelerada pelo entesouramento do ouro feito pelos americanos e franceses.

Durante toda essa fase de boa oportunidade não apareceu nenhum serio esforço para mobilizar todos os recursos naturais do planeta e reduzi-los do estado de exploração fragmentaria, caotica e desperdiçada a uma inteligente sistematização. Existiam sessenta e tantos governos "soberanos", cada qual exercendo o supremo controle dos recursos naturais de seus territorios; e sob tais governos, empresas e pessoas tinham o direito de realizar a exploração fragmentaria, com maior ou menor liberdade. Por toda parte o principio diretor na exploração dos minerais e mais recursos do globo cabia a essas empresas e pessoas, e os governos só intervinham para defender os exploradores nacionais contra os de fora. Entretanto, por cerca de cem anos, graças ao benefico influxo do ouro e das invenções, este sistema de exploração para lucros bastou para sustentar uma grande expansão da vida humana, tornando-se dificil convencer as massas, bem como aos ricos industriais, comerciantes, mineiros, agricultores e financistas que dominavam os governos, de que o sistema não era permanente e o mundo estava a pedir com urgencia modificações muito serias nos metodos economicos. Para que abrissem os olhos foi preciso que sobreviessem graves desastres.

O seculo 19 teve como senha a formula "iniciativa individual e livre concurrencia". Mas o fim natural de toda competição é a vitoria de um competidor. Foi na America que o fenomeno do Alto Negocio apareceu em primeiro lugar e demonstrou a força desse truismo; surgiram organizações capazes de esmagar todos os novos competidores. Na Europa houve pouca resistencia do estado contra as alianças e concentrações industriais, o que lhes permitiu rapido desenvolvimento e salto sobre as fronteiras; mas nos Estados Unidos deu-se o contrario. Surgiu a luta do estado contra o monopolio dos trusts. O chefe principal desse movimento foi

o primeiro presidente Roosevelt (1858-1919) — a lei Sherman contra os trusts tornou-se uma verdadeira mina para os advogados.

Esses grandes trusts, que puseram fim á fase da livre concorrencia, mostraram-se de tal modo efetivos no controlar o comercio e no impedir novos desenvolvimentos, que Hilary Hooker, em seus *Estudos sobre a Coagulação Comercial Durante o Primeiro Periodo da Prosperidade Geral*, pôde citar mais de dois mil casos em que numerosos produtos, que iam desde o radium e novas frutas e cereais até fonografos, automoveis, casas reconstruidas, luar artificial para as estradas, e estradas de ferro mais confortaveis e economicas, foram conservados fora do mercado, com grave dano para o progresso, afim de não prejudicarem os negocios estabelecidos. Depois de 1900 ocorreu no mundo inteiro uma depressão na iniciativa dos jornais e uma consequente sistole na livre manifestação do pensamento. A distribuição dos jornais, do papel e dos serviços telegraficos caiu nas mãos de grupos bastante poderosos para impedir o aparecimento de folhas novas ou focos de sugestão publica contrarios aos seus interesses. Esses grupos estereotipavam a opinião publica.

A ganancia sistematizada tambem representou papel importante na asfixia da concorrencia de paises ainda fora do seu controle, por meio da manutenção de tarifas protecionistas, assegurada pelo suborno dos politicos. Muito antes da derrocada do mundo o consumidor estava tão certo de que a livre concorrencia significava progresso indefinido, que ainda vivia em casas, usava roupas, viajava em carros e alimentava-se com ideias e frases já (calcula Hooker) atrazados de quasi meio seculo relativamente ás invenções do tempo. Existia muita mão de obra desocupada e muito material encostado, suficientes para remediar isto, mas nada se fazia em consequencia da oposição da ganancia dominadora.

Esse atrazo da modernização somava-se aos efeitos da crescente eficiencia industrial para retardar a solução do problema do desemprego, problema que, como morbida secreção dum corpo doente, começou a surgir em toda parte, quando o seculo 20 entrou em sua terceira decada.

§ 6. *O Paradoxo da Superprodução e Suas Relações com a Guerra*

Este chamado "paradoxo da superprodução", que aparece tão frequentemente nas discussões do periodo anterior á catastrofe, era na essencia coisa muito simples. Assim como o inevitavel fim da livre concorrencia consistia na consolidação dos trusts e no colapso da iniciativa, assim tambem o inevitavel fim da ganancia na produção era a redução do custo pelo aumento da eficiencia — o que significava um firme decrescimo na proporção entre emprego e produção. Coisas estas tão claras que hoje nos parece incrivel nossos antepassados não as percebessem. Era igualmente inevitavel que essa contração do emprego levasse a um aumento na proporção dos desempregados. A expansão geografica e a elevação do padrão da vida tanto entre os empregados como os empregadores, juntamente com os efeitos estimulantes dum forte influxo do ouro, mascararam por meio seculo este esmagamento economico duma fração cada vez maior da humanidade. Havia flutuações, ou "ciclos economicos", como se dizia, quando a pletora de maquinaria ameaçava colapso; mas depois, aliviada, prosseguia na marcha. No começo do seculo 20, entretanto, o sistema dos negocios com base na ganancia já estava no fim; isso dava na vista mesmo dos que mais se beneficiavam com a situação, e que nada sabiam na analise marxista.

Hoje não ignoramos que a principal tarefa da administração no mundo inteiro é evitar esse esmagamento de criaturas por meio duma continua expansão de novas empresas coletivas; esta ideia, porém, ainda não desabrochara naqueles tempos. O povo comum, mais alerta em seus instintos do que os economistas em seu intelectualismo, mostrava-se disposto a aprovar o desperdicio e a extravagancia porque faziam o dinheiro "circular" e os operarios encontravam emprego. E o leitor não poderá compreender a generalizada tolerancia pelo armamentismo e mais preparações para a guerra durante esse periodo, a não ser que perceba a imediata necessidade de despesas publicas improdutivas inerente ao sistema. A energia economizada tinha de dirigir-se para alguma coisa. Ao mundo dos financeiros não convinha a re-

construção urbana, nem a reconstrução educativa, por parte dos governos fracos então existentes. Tudo tinha de ser reservado para os acumuladores de lucros. E, desse modo, a produtividade do homem sempre em progresso só encontrava saida na direção do tradicional preparo para a guerra, na retirada á pletora do desemprego, por um ano ou mais, de grande numero de moços que faziam o serviço militar, e no acumulo de fortalezas, navios de guerra, canhões, submarinos, explosivos, e toda a sorte de equipamentos em quantidades que hoje nos assombram. Sem esse crescimento canceroso dos exercitos e marinhas de guerra, o paradoxo da superprodução, latente no regime industrial da livre competição, ter-se-ia agravado com o surto de muito maiores massas de desempregados, mesmo no fim do seculo 19. E uma revolução social poderia ter ocorrido.

O militarismo, entretanto, aliviou essa pressão revolucionaria abrindo para a ganancia privada vastos canais de dissipação. E tambem apurou as forças da repressão social. Os meios de destruição acumularam-se em escala quasi suficiente para acompanhar o aumento da riqueza potencial da humanidade. A progressiva escravização do homem á tirania militar foi portanto um inevitavel aspecto da livre concorrencia com base na ganancia. Uma coisa determinou a outra. A fase militarista do começo do seculo 20 e o paradoxo da superprodução correspondem a facetas da mesma realidade — a realidade da hipertrofia do corpo social entregue a si mesmo.

É interessante notar como este morbido acumulo de energia beligerante e a incapacidade para descobrir outras saidas que não essa, tornou-se mais e mais evidente á proporção que o seculo 20 avançava. Pelo mundo inteiro só se viam uniformes. Os admiraveis albuns de gravuras a cores — *Cenas Historicas em Cem Volumes* — que hoje vemos em todas as escolas e casas, mostram, muito elucidativamente, o advento, a predominancia e por fim o termo das preocupações militares na vida dos nossos avós. Essas gravuras são ou reproduções de quadros, desenhos e fotografias da epoca, ou reconstituições. As operações militares sempre atrairam os editores de gravuras e temos nessa obra abundantes quadros de batalhas de todos os tempos, desde os torneios da Idade Media até ás lutas da Grande Guerra, extendidas numa frente

de cento e muitos quilometros; mas nosso interesse aqui não é pelas batalhas, sim pela lição social. Mesmo no atormentado seculo 17 a corrente geral da vida fluiu sem nenhum excesso de soldadismo. A guerra era então um serviço especializado. As batalhas da Guerra Civil Inglesa (1649-1660) se travavam sem que o tiro dos canhões perturbasse o curso das caçadas com cães ou falcões. Os romances de Jane Austen (1775-1817) desdobram-se sem que neles apareça o menor eco das campanhas de terra e mar em andamento. Em Weimar, Goethe (o "grande homem" da literatura alemã, no periodo dos "grandes homens" da literatura da Europa, 1749-1832) não podia ser incomodado com requisições de viveres para as tropas alemãs antes da batalha de Iena, e teve muito gosto em encontrar-se com o "seu inimigo extrangeiro", Napoleão, durante essa campanha.

Raramente os monarcas do seculo 18 andavam fardados; a moda era a dos mantos, de mais majestade que esporas e penas á moda dos guerreiros da Africa. Foi a veemencia da aventura de Napoleão que encheu a Europa de uniformes e infeccionou de militarismo até a moda das mulheres, criando gordas princesas coronelas que marchavam de sabre ao ombro á testa de regimentos. Depois disso houve um breve retorno ás modas civis, com a subida de "monarcas domesticados", como Luiz Felipe em França e Vitoria na Inglaterra, os quais marcaram uma passageira reação contra o estilo napoleonico; mas na segunda metade do seculo 19 o prestigio do soldado renasceu e os uniformes militares tudo invadiram. Bandeiras por toda a parte, e por toda parte "dias da bandeira". Nunca mais, depois de 1870, apareceu uma fotografia de multidão na Europa sem que nela figurassem uniformes.

A Grande Guerra intensificou notavelmente o elemento militar nas ruas, não só na Europa como na America. Corpos de auxiliares femininos formaram-se e desfilavam em apetitosos uniformes soldadescos. Nos Estados Unidos, exceto em Washington ou quando se tratava de parada de veteranos, o aparecimento dum militar fardado era a maior das novidades. Como que ofendia as suscetibilidades dum povo concientemente livre. Mas a Grande Guerra mudou tudo. Quando, no fim, a Alemanha foi desarmada, o movimento nazista e a Reichsbanner vieram suprir a lacuna, até que com a total liberação germanica reaparecessem as librés milita-

res. A moda das organizações que adotavam uniformes semi-militares semi-civis começou a espalhar-se pelo mundo entre a Guerra Sul Africana (1899-1901) e a Grande Guerra: o surto dos escoteiros.

Dos movimentos nazista na Alemanha, fascista na Italia e da Irmandade Polonesa na Polonia, falaremos adiante. Menciono aqui as camisas pardas e negras apenas como exemplos da visivel ruptura das fronteiras entre a vida militar e a civil, advinda durante e depois da Guerra Mundial.

Até então a guerra havia sido algo á margem da vida humana; travava-se nos "fronts", com as populações civis conservadas ao longe; mas a aviação de bombardeio com obuses ou gases, e por ultimo o torpedo aereo de longo alcance, transformou isto. A extensão do uso da propaganda como arma, bem como o crescente perigo da revolução social durante a luta, tambem contribuiram para transformar todo o territorio dos paises beligerantes em area de guerra, com abolição de todos os vestigios de liberdade civil — a principio por causa da luta, e depois por causa da probabilidade da luta. A ansia de colocar todas as criaturas sob ordens, sob juramento, e sujeitas a violentas medidas disciplinares, tornou-se obcessiva em todos os governos.

E assim, num seculo, o aspecto das multidões humanas mudou muito, passando a revelar a predominancia dos uniformes. O vestuario de toda gente indicava uma função, uma obrigação ou um preparo. A militarização da Europa chegou ao maximo durante a guerra polonesa, em 1842.

Por esse tempo a mascara contra gases era comumente usada, ou trazida de reserva ás costas, como tambem todos traziam punhais á cinta para a matança dos aviadores que caiam vivos. Capacetes e ombreiras de aço eram de uso comunissimo, para a defesa da cabeça e do corpo contra a chuva de agulhas envenenadas. Muitos civis mostravam aspecto mais terrificante que o dos soldados.

As autoridades militares viam-se perplexas com o problema de dar a toda a população aparelhos protetores e armas ligeiras, de efeito contra o inimigo mas que não servissem em caso de rebelião intestina. Porque a despeito da mais energica repressão, caracteristica desses atormentados tempos, a possivel revolta da humanidade contra a guerra e

a possibilidade de completa "perda do moral" eram admitidas pelos profissionais da guerra como permanente ameaça.

Ao longo das ruas das grandes metropoles viam-se os postos de socorro contra os raides aereos, com o "Quebre o Vidro" de socorro, para uso sempre que soassem os sinais de alarma — e lá dentro havia todo o aparelhamento de emergencia para acudir ás vitimas dos gases. Nesse mesmo periodo começou o sistema de abundantes assinalamentos em todas as esquinas, indicando o caminho para os postos de socorro e hospitais. Foi um periodo "gas-minded", esse das decadas dos "quarentas". A pratica supressão de outros sinais luminosos nas ruas, alem dos indicativos dos postos de socorro, foi outro corolario logico das preocupações do tempo.

Na primeira metade do seculo 20 as cidades afogueavam-se de letreiros luminosos. O anuncio chegara ao apogeu. As fotografias da Great White Way, de New York, do Picadilly Circus, em Londres e dos grandes "boulevards" em Paris, com a sua intensa policromia luminosa, ainda nos impressionam com o pitoresco. Houve muito derrame de luz depois de 1928. Mas tudo começou progressivamente a apagar-se e aquela apoteose morreu. Com as ameaças aereas o "feche as luzes" tornou-se imperativo, exceto para o assinalamento a que já me referi acima, feito de luzinhas intermitentes ou mortiças.

O medo da guerra cresceu com rapidez depois de 1930. A escuridão das cidades voltou a ser o que fôra no passado. A "vida noturna" tornou-se clandestina e trevosa, com aumento da criminalidade. Todos os hospitais civis e medicos particulares desapareceram do mundo lá para 1945; só depois do ano 2010 é que os serviços de saude foram de novo se desmilitarizando. A amalgama do hospital civil com o militar começou em França em 1933. Em 1945 cada medico era, pelo menos teoricamente, um militar; usava uniforme proprio e estava sujeito á disciplina, e seu consultorio, bem como os hospitais, traziam marca militar. As enfermeiras, o mesmo. Por fim o publico passou a ser alistado nos hospitais sob juramento. Em 1948, nas cidades onde a desmoralização não era tanta que não permitisse o cumprimento desses regulamentos, era impossivel ter-se um resfriado ou torcer-se um pé sem imediatamente cair na categoria de paciente e ser numerado, vestido em uniforme preto-amarelo e

marchar, ou ser levado, para o tratamento. Teoricamente, este sistema era universal. Na pratica nunca se encontravam á mão os uniformes e os medicos. Porque contra a regulamentação e a militarização erguia-se nesse periodo um imenso impulso de desintegração social.

Antes da guerra polonesa a arquitetura urbana fôra muito pouco influida pelas necessidades belicas. A militarização dos costumes veio antes da militarização do cenario. Os proprios quarteis e mais construções para fins de guerra não passavam de ampliações do tipo comum de casas. Para espanto nosso ainda sobrevivem fotografias de construções no estilo militar Vitoriano-Gotico e Vitoriano-Tudor, erguidas sob a orientação do Ministerio da Guerra inglês. Não passavam de ampliações de casas comuns, adequadas a sargentos instrutores. Mas o espirito militar fôra espicaçado pelas experiencias do conflito polonês no sentido duma profunda modificação na estrutura das cidades. Antes dessas experiencias as fortificações não afetavam de nenhum modo o cenario urbano, mesmo tratando-se duma cidade fortificada. Uma cidade fortificada pouco mais era do que uma cidade comum, cercada á distancia de tres a cincoenta milhas por fortalezas, trincheiras, etc. Mais tarde, primeiro em Berlim e depois em Varsovia, Dantzig, Paris, Turim e o resto do mundo, foi admitido que a guerra aerea reclamava não só fortificações *em torno* das cidades como tambem *sobre* as cidades. O mundo, que começara a ver a solução da crise economica na reconstrução e modernização urbana, foi colhido pelo panico de 1942 e iniciou essa reconstrução atendendo sobretudo aos perigos da guerra aerea. O que não fez por amor á prosperidade, tentou fazer, tardiamente, sob a pressão do medo.

O empreendimento mais notorio foi a construção dum imenso sistema de cavernas de concreto cujos remanescentes ainda são visitados hoje pelos turistas em Paris e Berlim (as de Londres desmoronaram totalmente) ; depois veio a supressão dos edificios altos, substituidos por construções chatas, derramadas, defendidas por tetos couraçados, sobre gigantescas pilastras de suporte. Unicamente a pobreza cada vez maior do mundo, a crescente desorganização industrial e a relativa brevidade da ultima fase da guerra, salvaram as cidades do mundo todo de desaparecerem por completo sob essas atarracadas construções defensivas.

Tão forte foi a influencia desse periodo de panico que ainda em 2020 a tendencia da arquitetura era para o atarracado. De 1945 ao fim do seculo, raramente uma construção erguia a cabeça e olhava de frente para a vida. Este periodo foi chamado, e não desacertadamente, o Segundo Periodo Egipcio. E foi assim apesar das novas e imensas possibilidades dum material já descoberto — o néo-concreto flexivel. Quão timidamente o usavam! Hoje já não andamos de rastos, como naquele tempo, porque deixamos de nos temer uns aos outros. Os altos e maravilhosos edificios em que vivemos fariam nossos antepassados se esgueirarem para as adegas, tontos de terror.

§ 7. *A Guerra Mundial de* 1914-1918

Possuimos uma monstruosa e tediosa massa de documentos sobre a Guerra Mundial. O catalogo do Material Historico, reunido em Atacama, dá a lista de 2,362,705 livros e pastas, dos quais 182,000 dizendo respeito exclusivamente ás causas dessa luta. Nada revela melhor a diferença mental entre os homens de hoje e os daquele tempo do que um passeio pelas silenciosas galerias dessa biblioteca dormente. Mas raro aparece por lá algum visitante; só se vêem os guardas ás voltas com o pó, ou um ou outro estudioso a conferir um ponto qualquer — ou um gato preto. Nada mais. Silencio e pó — e papeis em eterna paz.

Numa das secções da biblioteca o estudioso encontrará os documentos relativos á controversia sobre os autores da conflagração, debate que por dezenas de anos dividiu o mundo depois do Tratado de Versalhes. Quem abre ao acaso uma daquelas inumeraveis pastas, poderá ler o que se escreveu em todas as linguas (porque está tudo vertido para o Inglês Basico) e terá a impressão duma literatura de dementes — tão distanciados estamos hoje da mentalidade que produzia aquilo.

Foi a "Alemanha" que planejou a guerra? Foi a "França"? Foi a "Inglaterra"? Com dificuldade o consulente se

familiarizará com essas extintas personificações, tão monstruosas e incriveis como os deuses da India e tratadas como se fossem individuos moralmente responsaveis, merecedores de odio ou confiança, medo ou amor. Na realidade foi a guerra uma carnificina sem objetivo e sem frutos diante dos altares dessas monstruosas deidades; foi o estraçalhamento ou a mutilação de cerca de vinte milhões de criaturas humanas e uma inominavel queima de riqueza material. E na louca imaginação dos nossos antepassados era aquilo uma nobre luta de alta significação! Felizmente para nós nada subsiste dessa loucura. A questão da culpabilidade da guerra nunca foi resolvida, e deixou de ser tratada; foi esquecida, lançada ao monturo do absurdo, só restando dela aquele montão de livros e pastas de documentos que já não nos interessam em coisa nenhuma.

A causa da luta foi muito simples. A guerra veio natural e necessariamente do irregular e desproporcionado crescimento da instrumentalidade humana, comparado com a extensão da inteligencia social e politica, já mencionada.

Os novos meios de comunicação e transportes, e a nova vida economica exigidora de produtos de todas as terras, estavam impondo a reorganização do mundo como um estado só; mas como o globo estivesse dividido em sessenta e tantos governos soberanos, só restavam dois caminhos: ou reunir esses governos sob um tratado racionalmente concebido, que atendesse ás novas necessidades, ou deixar que as mais fortes pressões se desenvolvessem até que uma dominasse todas as mais e culminasse na conquista do mundo. Nas decadas anteriores á catastrofe os sistemas inglês, francês, alemão, russo, japonês e americano eram, como se dizia então, "imperialistas" — isto é, todos visavam tornar-se Estados-Mundiais num planeta onde só cabia um. Mas isso não começou com o começo do estatismo europeu; só mais tarde o sonho se foi delineando. Os seculos 18 e 19 foram seculos de lutas restritas á obtenção de pequenas vantagens. Mas no seculo 20 a escala da guerra cresceu alem de todos os limites, e as vantagens a serem obtidas por esse meio desapareceram. Os politicos e diplomatas, entretanto, continuaram no velho jogo, uns contra os outros, como se não lhes cumprisse outra coisa. Sentiam-se arrastados; não controlavam coisa nenhu-

ma, ou pelo menos nenhum deles parecia ter a necessaria força de imaginação para tentar um controle. Eram arrastados pelas pressões economicas que expusemos em capitulo anterior. Tinham de armar seus paises absurdamente. Tinham de ameaçar os outros. Tinham de romper para a frente.

Essas forças explicam o advento e a universalidade da Grande Guerra, mas não explicam o seu horror. Para ter a explicação deste horror é necessario compreender que embora os governos se expandissem, nenhum limite era oposto á hipertrofia das empresas financeiras e industriais. Estas empresas viviam num regime de alargamento indefinido; cresciam, inventavam, incitavam os povos e vendiam os seus produtos; criavam armas de estranho e terrivel poder para uso na solução de pequeninas e antiquadas disputas. Temos de voltar a esta hipertrofia do produtor de armas porque na realidade a Guerra Mundial foi a primeira grande amostra da desproporção entre a economia e a politica, e o mal continuou a desenvolver-se exageradamente depois do Tratado de Versalhes. Mas antes disso vejamos o que vale a pena dizer sobre a Grande Guerra.

Como tudo nos parece insignificante hoje! Existe uma vasta literatura de ficção ou de memorias a respeito da luta, algumas admiravelmente escritas; todas essas obras podem ser lidas no interesse da boa compreensão, mas nenhuma vale nada do ponto de vista da precisão. O quadro do rompimento da guerra ainda nos impressiona. Havia uma curiosa e generalizada inconciencia sobre as proporções do perigo iminente, ainda por parte das criaturas condenadas a morrer dali a meses. Muitas das historias contadas começam com um piquenique no campo — porque o tempo em agosto de 1914 mostrou-se excepcionalmente lindo.

Os detalhes da luta foram tão horriveis e dolorosos como inconsequentes, e só os especialistas terão interesse em esmiuça-los. A historia á moda classica, com suas listas de nomes, datas, batalhas, etc. parecia mais propria para exames escolares do que para dar-nos o senso do processo historico. Mas os exames escolares já não existem na educação de hoje; foram para o lixo com os "globos", os abacus, os quadros negros e a vara do professor; a unica lembrança que dele resta é o brinquedo popular do "exame", em que cada um es-

creve num papel, com a maior rapidez possivel. o que podem escrever sobre um tema escolhido no momento.

Poucos dos homens de hoje poderão compor uma curta noticia sobre a Guerra Mundial. O nome de generais como Haig, Kitchener, French, Foch, Joffre e Ludendorff. que tomo ao acaso, e batalhas como as de Tannenberg, Marne, Somme, Paschendaele, ilhas Falkland, Jutlandia, etc., nada significam para nós. Ninguem hoje sabe se French foi realmente French ou não, nem se Foch foi francês ou alemão. Inclina-se até a pensar que foi alemão. O homem de agora não sabe quem perdeu ou ganhou essas lutas, e nem procura saber. Não sente nenhum interesse nisso. Não eram lutas vitais. Quasi todos os chefes militares não passaram de personalidades broncas e pouco atraentes, com uma tarefa muito pesada sobre os ombros. A maior parte das manobras que ordenaram foram profundamente estupidas, tontas no plano e na execução. Quem as acompanha tem a impressão de ouvir crianças a recitarem uma fieira infinita de truques dum jogo de cartas que jogaram, ou imaginam que jogaram; as memorias escritas por esses homens só refletem exculpações, ressentimento e malicia. Mas tudo já se apagou no esquecimento e no desinteresse dos homens, e salvo para um ou outro especialista a Guerra Mundial parece-nos hoje tão remota como a guerra do Peloponeso ou as conquistas de Tamerlão. As batalhas de 1914-1918 nada tinham da importancia historica e do esplendor estrategico das gigantescas concepções militares de Gengis Kahn.

Quem for curioso pelos aspectos fanfarrões da Guerra Mundial encontrará materia para estudo na *World Cris s*, de Winston Churchill. Os estereotipados floreios do heroismo do seculo 19, do ponto de vista inglês, estão todos lá; o "drama historico" regira em torno duma das mais vivas personalidades que nele tomaram parte. Churchill revela uma puerilidade tão ingenua e vigorosa que a sua narrativa até hoje nos encanta. Sua insensibilidade é a dum menino de treze anos. Seus soldados são soldadinhos de chumbo que ele gosta de derrubar aos regimentos. Churchill regala-se com a guerra, e toma-se a serio a si mesmo e a todos aqueles esquecidos generais e estadistas, como o faria uma criança. Emite julgamentos severos quanto a uns e distribue entre outros aplausos ou censuras, sempre de modo gentil, sempre muito aten-

to aos juizos da posteridade. Os posteros iriam lê-lo e admira-lo, sim, como ele se lia a si mesmo e se admirava. Churchill não só nos revela o abismo que ha entre a mentalidade de então e a de hoje, como nos habilita a suprimir esse abismo com sorridente e benevola simpatia.

Espiritos menos interessantes surgem nas memorias de Ludendorff, Bulow, Clemenceau, Fisher, Foch e outros lideres do tempo. A guerra foi o acontecimento maximo de suas vidas, e, pois, nunca puderam pensar em outra coisa. Não tinham a inocencia de Churchill, nem o seu interesse por tudo, interesse de cachorro furão. Puseram-se a escrever nos anos de velhice, com furor. Eram todos adultos, mas mentalmente sub-desenvolvidos; eram adultos como o são os velhos chimpanzés; não ha a favor deles a infantilidade de Churchill; ao contrario, revelam sempre a mesquinharia, a inveja, o odio, o entusiasmo grosseiro e a sede de sangue. Muitas das recriminações que fazem uns aos outros são hoje incompreensiveis e de nenhum interesse para nós; despeito e disparate continuam sendo despeito e disparate ainda quando ensopados de sangue. Desse rosario de obras, a mais accessivel ao leitor de hoje é *A Vida e Diarios do Marechal Sir Henry Wilson*, um homenzinho de infinita energia, impeto e vaidade, que representou um papel proeminente no decorrer do cataclisma. Essa obra figura como a ultima reimpressão das Series de Documentos Historicos, e aparece ricamente ilustrada e anotada, seguida da brilhante e mordaz critica dum contemporaneo de Wilson, Sir Andrew Macphail e duma cientifica analise de Stephen Freudheim sobre Wilson como o tipo supremo da "mentalidade militar" — ou do "soldado".

Para os aspectos horrorosos da luta temos uma vasta e sombria literatura, que foi ultimamente sumariada pelo Bureau Historico na obra *Quadros da Guerra para Uso dos Posteros, a Pena, Lapis e Camara Fotografica.* Todos hoje podemos folhear essa estranha, essa incrivel coleção de documentos da resistencia, da insensibilidade, da devoção e da coragem louca, com muito proveito para a nossa compreensão dos extremos a que podem ser impelidos homens e mulheres como nós, quando empolgados pela sinistra força da compulsão social.

Os primeiros volumes dizem respeito á psicologia dos mais que semi-civilizados cidadãos dos paises europeus subi-

tamente precipitados no turbilhão da guerra. Neles vemos o povo das cidades aplaudindo com delirio as ondas de moços que deixavam o trabalho para "irem servir"; esses quadros nos revelam a ferocidade heroica da primeira fase. Temos depois os primeiros contactos dos exercitos, as aldeias incendiadas, o barbaro fuzilamento de curiosos como sendo espiões, as guerrilhas, as cenas de horror e panico das populações em fuga — inumeraveis multidões com sacos ás costas e carretas, obstruindo as estradas, em marcha... para não sabiam onde. O pipocar das carabinas e metralhadoras, o trom dos canhões, o entusiastico impeto dos exercitos que avançam transformado em aturdido choque quando se encontram... Aquela guerra não se assemelhava a nenhuma outra. Inicialmente os franceses avançaram com tremendo elance, em seus uniformes brilhantes, ao som da Marselheza — mas foram massacrados. Trezentos mil homens perdidos em tres semanas! Os alemães derramaram-se na Belgica em numero superior a um milhão, avançaram pelo territorio francês a dentro para, afinal, serem detidos quando Paris já lhes estava ao alcance. As fotografias mostram a risonha paisagem da Belgica, da França e da Prussia em julho de 1914, e as mesmas paisagens dois meses depois — estraçalhadas, rasgadas de trincheiras, infeccionadas de montões de lixo sangrento — cadaveres de milhares e milhares de moços que pouco antes agoniavam, sujos, famintos, exhaustos, cruelmente esmagados pelo horror.

Essas zonas de contacto, essas repugnantes regiões de dor e tumulto foram se alargando. Eram as "zonas de guerra" que iam do Mar do Norte aos Alpes e atravessavam a Europa oriental — estranhas regiões em que cada casa era uma ruina e cada arvore um espetro doloroso, e onde milhões de homens agachados se esgueiravam pelas trincheiras, furtivos, como ratos, sem conseguirem enterrar os mortos. Dia e noite explosões de minas e bombardeios para a continua destruição de vidas humanas: era a solução que o regime industrial vigente encontrara para os seus problemas, com todo o apoio das tradições historicas dominantes.

Sem demora armas ineditas, nunca experimentadas antes, vieram intensificar a luta. O avião e o primitivo Zeppelin levaram a guerra para alem dos "fronts" e atacaram a popu-

lação civil das cidades. Vemos bombas incendiarias explodindo nas sujas cidadesinhas daqueles tempos, estraçalhando na cama as avós entrevadas e os bebês nos berços; vemos o povo em panico correndo á procura de abrigo nas adegas e tuneis dos trens subterraneos. No começo da guerra aerea só substancias explosivas e inflamatorias foram usadas, mas com o progredir da luta a arte da matança por meio de gases muito se aperfeiçoou — e uma horrivel sufocação foi acrescida ao estraçalhamento de tudo, causado pelos explosivos de emprego contra os não-combatentes. Tambem o submarino foi uma novidade dessa luta, primeiramente usado contra os navios de guerra e depois contra todas as embarcações que sulcassem os mares. Temos pungentes descrições do afundamento do *Luzitania*, procedido sem aviso preliminar e causador da morte de 1.198 homens, mulheres e crianças. Era um dos maiores e mais luxuosos navios da época, e os escritores contemporaneos viram simbolismo naquela subita passagem da luz, das dansas, do conforto e da confiança reinantes a bordo para uma desesperada luta com as ondas, dentro da escuridão da noite. Todas as realizações civilizadas do seculo 19 pareciam estar afundando com o *Luzitania*.

O trabalho nos primeiros submarinos impunha prodigios aos seus tripulantes. Eram essencialmente maquinas de guerra, com todos os defeitos das invenções ainda em primeira fase; não apresentavam a segurança e a comodidade dos grandes submarinos que usamos hoje para as explorações do fundo do mar. Isto, mais o perfeito sistema de ajustar as pressões, e o ilimitado alcance de descida dos nossos submarinos, impedem-nos de bem apreender a eficiencia dos primeiros barcos desse tipo usados na Guerra Mundial. Não desciam a mais de cem metros; daí para baixo a pressão era demasiado forte para a sua resistencia e as chapas cediam, deixando entrar agua. E essa agua salgada ia afetar os acumuladores, dando origem á formação da clorina, com sufocação dos tripulantes. Abaixo de 150 metros os frageis submarinos antigos eram amassados e completamente destruidos. E como se não fosse bastante, o ar ia-se corrompendo á medida que mergulhavam, apesar das reservas de oxigenio comprimido, e a condensação do vapor dagua exalado pelos corpos humanos criava uma atmosfera humida excessivamente

desagradavel. Esses barcos podiam conservar-se dentro dagua apenas por dois ou tres dias, graças ás baterias eletricas; tinham em seguida de subir á tona e acionar os motores a oleo para recarrega-las. Armados com canhões e sortidos de torpedos, bombas e minas, eram soltos no mar para perseguir e destruir os navios de superficie.

Tarefa dura e fantasticamente perigosa. Submersos, tornavam-se invisiveis, mas tambem cegos; e quasi á superficie apenas conseguiam a limitada visão que dá o periscopio. Só totalmente emergidos é que tinham campo de visão igual ao do todos os navios, mas emergir era arcar com todos os riscos. E assim, nessas condições de extrema incomodidade e parcial asfixia dos tripulantes, os extranhamente formidaveis, e extranhamente frageis submarinos de outrora, lá se iam ás apalpadelas em procura de vitimas. Para enfrentar a presa tinham que emergir e expor-se ás balas; e caso a debil carapaça de aço fosse varada por uma só, estavam perdidos. Quando submergiam, frequentemente se revelavam por meio das bolhas de gás e manchas de oleo aparecidas na superficie das ondas.

A despeito de suas limitações os submarinos revelaram-se no começo da guerra uma arma terrivel, sobretudo nas mãos das Potencias Centrais da Europa. Destruiram enorme quantidade de navios, com afogamento de dezenas de milhares de homens. Mas lentamente os metodos de defesa contra a nova arma foram se desenvolvendo. Os submarinos passaram a ser caçados por uma flotilha especial, e sobretudo pelos barcos "Q" — ou navios de guerra disfarçados em inofensivos navios mercantes. Esses barcos atraiam-n'os á superficie e subitamente desmascaravam-se, bombardeando-os. Por fim os submarinos já não ousavam vir á tona desafiar o mais pacifico navio mercante. Outro meio de combate-los foi o emprego de minas submersas, ou de "espicheis" de minas atravessados á entrada de portos e canais. Tambem passaram a ser localizados pelos aviões, que os assinalavam aos "destroyers" de caça. Engenhosos aparelhos captadores de sons foram inventados para a localização desses tubarões de ferro. Eram atirados quando vinham á tona, ou perseguidos com "bombas de profundidade". E essas bombas os afetavam ainda quando explodiam a dezenas de metros de distancia.

Eis em breve resumo as condições da guerra submarina nos anos de 1917-1918; apesar de horriveis, até no fim da guerra ainda se apresentavam homens para tripula-los — para prosseguirem na obra de destruição e serem por sua vez destruidos. A construção de submarinos nunca cessou. Seus tripulantes encontravam neles uma incomoda reclusão, a perpetua ameaça das minas e dos choques, o abalo mortal das explosões de profundidade e por fim a morte horrivel, fora de qualquer socorro humano. Poucos voltaram dez vezes ás bases; muitos sairam pela primeira vez e jamais voltaram. Só os alemães perderam desse modo duzentos — e cada um correspondeu a uma tragedia no fundo das aguas que os homens jamais saberão. Por fim (diziam os seus antagonistas) as tripulações começaram a perder o moral. Uma ou duas vezes, ao serem perseguidos, os submarinos renderam-se, e os novos comandantes mostravam uma crescente tendencia para voltar ás bases ao mais leve pretexto. Mas no conjunto — tal é a heroica submissão do homem! — o serviço com essa arma continuou até o fim da guerra. Foram os alemães o povo que deu mais carne ao novo Moloch; sempre disciplinados e de boa vontade, os moços louros faziam a saudação militar e, de mochila ás costas, penetravam no bojo dos facinorosos monstros destinados a servir-lhes de ataudes.

A obediencia desses homens leva-nos a uma das principais lições da Grande Guerra: a extrema lentidão humana em compreender as condições novas, ainda as mais claras. Milhões de criaturas caminhavam de olhos abertos para a servidão, para a brutalidade, para a privação de tudo, para o sofrimento, para uma chacina de matadouro sem um murmurio, sem um protesto — com uma especie de resignado orgulho. Em obediencia aos ditames dos mais cegos preconceitos e das mais tolas lealdades, faziam prodigios para matar os homens que viam pela frente, homens de quem não tinham a menor queixa, e por sua vez eram por eles massacrados na mais feroz das lutas. Os volumes dos *Documentos da Guerra* arrepiam-nos a imaginação com os seus quadros de carnificina em massa, em proporções jamais vistas no mundo. Depois da grande matança de franceses no começo da guerra, e de igual massacre de russos nas batalhas de Tannenberg e dos Lagos Masurianos, ocorreu um periodo de empate, ou de guerra de trincheiras, com diminuição de perdas no front ocidental. As hostilidades se reduziram a uma feroz luta de

canhões, assassinatos a fuzil e avanços a granadas de mão e baionetas. No "front" oriental, os russos, sem munições, mantinham-se nas trincheiras graças unicamente ao martirio de seus homens; perderam mais de um milhão de soldados antes do fim de 1914, e ainda continuavam a obedecer. Uma serie de campanhas menores rebentou em regiões afastadas dos "fronts" principais. Nos *Documentos* ha uma horrivel narração dos padecimentos de milhares de soldados ingleses aprisionados em Kut, na Mesopotamia. (Seus generais, e outros oficiais que haviam assinado a capitulação, foram honrosa e confortavelmente tratados pelos turcos). Mas não sabemos de queixas dessas tropas da Inglaterra.

Em 1916 e 1917 houve um espasmodico reinicio de hostilidades em forte escala, pelos ingleses e franceses no "front" ocidental. Novos exercitos britanicos, recem-treinados, foram conduzidos á luta por generais que, se não eram completos imbecis, não podiam ter duvidas sobre a sorte que teriam seus homens. Ou eram imbecis ou criminosos ou totalmente desalmados — a inutil chacina dessas levas humanas força-os a se classificarem num dos tres quadros. A mentalidade desses generais ainda constitue materia de discussão. Os pobres rapazes por eles comandados eram remetidos em formações compactas, e em ondas sucessivas contra os alemães, e caiam ceifados pelas metralhadoras. Dum batalhão de seis ou setecentos homens, cem apenas chegavam ás trincheiras adversas, para a luta a granadas e baioneta. Grupos isolados, dentro da buraqueira aberta pelas explosões, ou das trincheiras tomadas, lá permaneciam dias e dias. E assim pereceu a flor duma geração inteira, tirada de centenas de milhares de familias, moços amados dos seus, moços educados... Eram alistados, treinados, e com enorme dispendio mandados para o campo da luta — para as desoladas regiões intercalares entre os dois exercitos, onde apodreciam em vida devorados pelos ratos. Meses depois, como as fotografias nos mostram, milhares deles ainda eram vistos em formação regular, no posto, na atitude de quem espera ordem de avançar. Mas se o observador se aproximava, via-os mortos e podres. Mãos descarnadas, olhos sem orbitas, rostos verdes de putrefacção. No posto...

Em seus comunicados o comando superior dos ingleses não cessava de exaltar a coragem dos batalhões perdidos e de dar aquelas monstruosas façanhas como vitorias. Um ou

dois quilometros de terreno haviam sido ganhos na ofensiva de julho, e cerca de 12.000 prisioneiros. Mas os comunicados nada diziam dos ingleses aprisionados pelos alemães, no dobro disso.

A apavorante natureza de tais desastres só muito lentamente foi se tornando conhecida. A censura inglesa mostrou-se na altura, e os generais, se não tinham outros meritos, sabiam mentir maravilhosamente bem. O canal da Mancha, separando a Inglaterra do campo da luta, tornava simples a tarefa de esconder ao publico inglês o que realmente se passava. E a travessia do canal ainda dava aos soldados ingleses o sentimento de estarem num mundo diverso do nativo — no qual as coisas mais fantasticamente crueis pareciam perfeitamente naturais. Aquele monstruoso massacre era, na realidade, concebido e conduzido não só sem revolta, como sem nenhum protesto, tanto dos soldados como dos pais, parentes e camaradas que sobreviviam á hecatombe.

Na Austria e Armenia os chefes dos exercitos russos igualmente anunciavam triunfos, embora os alemães e austriacos contrariassem suas afirmações. Tambem os alemães e austriacos perdiam gente dum modo horrivel, mas em menor proporção. Em 1917 os ingleses, heroicos e doceis como sempre, e apenas com um pouco mais de tatica, lançaram-se de novo a grandes ofensivas.

Por essa epoca os soldados franceses começaram a manifestar inteligencia. Estavam operando num meio familiar, mais perto dos lares e mais sujeitos que os soldados britanicos a certas influencias subversivas da disciplina. Um certo general Nivelle, ao tempo comandante superior dos franceses, fez o que Churchill chama uma "experiencia", da qual resultou a perda de quasi 200 mil homens. Consistia no avanço da infantaria em massa cerrada, sob o fogo inimigo. Em uma hora, diz o tenente Ybarnegaray (num debate no parlamento francês em junho de 1917), as tropas de ataque estavam reduzidas a um tumulto sem nada de formação militar — "massa humana que corria enlouquecida". Haviam sido feitas provisões para o socorro de 15 mil feridos — e o numero subiu a sete vezes 15 mil. A maior parte não pôde receber o menor tratamento durante tres dias; resultado: gangrena e morte de milhares. Sobreveio então a primeira revolta, a primeira ideia de que a obediencia humana tem limites. Uma divisão francesa mandada para o ho-

locausto recusou-se a marchar. Churchill diz que isto foi "profundamente inquietante" para as autoridades — e sem duvida essa revolta penalizou a todos os amantes da guerra. Mas essa divisão foi catequizada e afinal mudou de ideias, novamente tomando parte na luta "sem desacreditar-se", diz Churchill — mas o espirito de resistencia aos comandos havia nascido.

O segundo sinal de compreensão naquela horrivel tortura mundial foi o colapso da grotesca autocracia russa. No nosso estudo sobre as monarquias já nos referimos á decadencia mental e moral do tzarismo. Subito, aquele governo profundamente corrupto desabou, reduziu-se a nada; seus vastos dominios foram empolgados pela desordem; e por algumas semanas fantasiosas imitações dos revolucionarios franceses e lendas sobre a sabedoria parlamentar dos ingleses empolgaram a capital russa. O fato mais frisante na situação foi a decisão dos russos de parar com a guerra. Mas o primeiro governo republicano, do eloquente Kerensky, não revelou capacidade de direção; não conseguiu prosseguir na guerra, nem pôr-lhe termo. Um abafado, mas generalizado clamor pela "negociação da paz" surgiu em todos os paises combatentes, voz que a censura da imprensa não conseguia abafar. Houve a tentativa de reunir uma especie de conferencia da paz em Estocolmo, e por fim explodiu a segunda revolução russa — a que levou ao poder uma resoluta facção comunista. Subiu esse partido simplesmente por que não restava outra alternativa, e porque prometia paz — paz a todo o transe. Imediatamente os exercitos russos começaram a dissolver-se. Os soldados recolhiam-se ás suas aldeias. Os oficiais alemães do "front" oriental encontravam as trincheiras vazias, e cortesmente, cortezia de soldado para soldado, saudavam os oficiais russos do regime decaido, queixosos da deserção das suas forças.

Em 1917 a humanidade parecia já a caminho de sair do pesadelo da guerra. Explodiram motins em 16 corpos de exercito da França, em que se envolveram 115 regimentos; divisões elegeram comités de soldados, e regimentos inteiros foram a Paris reclamar um fim á hecatombe. A ultima esperança dos soldados em desespero fôra a conferencia de Estocolmo, disse Pierre Laval. O fracasso dessa reunião tornou a vida intoleravel. Mas o temporal que se ia formando serenou com a entrada dos Estados Unidos na guerra;

apesar disso as Potencias Centrais ainda puderam manter-se em sua mortal obcessão por um ano.

Todo um volume dos *Documentos da Guerra* é dedicado á tragedia dum corpo da infantaria russa que operou na França. Eram 15 mil homens, incorporados em 1916 aos exercitos de França. Muitos daqueles pobres moços dificilmente distinguiam entre franceses e alemães, e as razões da guerra estavam completamente fora do seu alcance. Mas ouviram falar duma revolução na Russia e resolveram aderir. Elegeram representantes; puseram a votos se deviam prosseguir na luta, isto é, servirem de carne á "experiencia" que Nivelle estava preparando. O comando francês usou esses rapazes da maneira mais impiedosa; seis mil foram mortos ou feridos. Os restantes se amotinaram. Não lutariam mais. As tropas francesas rodearam-n'os e massacraram-n'os a bala. Horriveis fotografias da matança, ocultas pelas autoridades daquele tempo, vieram á luz mais tarde e hoje figuram nesse volume dos *Documentos.*

Por quasi um ano os franceses perderam a confiança no moral das tropas e não mais ousaram grandes ofensivas; mas seus aliados entraram com mais 400 mil homens na batalha de Paschendaele, contra 300 mil alemães. Na primavera os alemães promoveram um tremendo ataque no "front" ocidental, que foi a principio bem sucedido, fracassando afinal. Em seguida os aliados, com os reforços da America, lançaram-se numa onda de sangue á vitoria. Os ultimos meses da luta foram os mais calamitosos. De 2 de março a 11 de novembro de 1918 os ingleses tiveram 830 mil perdas; os franceses e belgas, 964 mil e os alemães, 1 milhão e 470 mil. A America mandara 2 milhões de homens, dos quais mais de metade entrou em ação, com perda de 350 mil. Contingentes de portugueses e de outros pequenos países tambem contribuiram para aumentar o numero dos chacinados, mas não temos elementos para calcular com exatidão a contribuição dessas forças menores.

Damos aqui por alto alguns algarismos da guerra, mas os *Documentos* consagram tres volumes, talvez os mais horriveis de todos, á apresentação dos varios detalhes da luta em que tão enorme massa de seres humanos sofreu e pereceu. Esses tres volumes são como uma delgada secção anatomica que nos dá a amostra dum tecido. Vemos ali o caso

de homens deixados por dias e dias entre as duas trincheiras adversarias, torturados pela sede e asfixiados pelas exalações dos corpos putrefactos, e que no entanto sobreviveram e puderam contar a tragedia. Vemos ali o caso dos que caiam sob montes de mortos, ou eram atingidos pelos gases. As torturas dos gases já eram naquele tempo muitas, gases que quando não matavam inutilizavam os homens pelo resto da vida. Temos descrições da brutal cirurgia em vigor, e das desordens mentais ocorridas. E tambem terriveis documentos sobre os homens mutilados das maneiras mais hediondas, uns sem faces, outros retorcidos grotescamente, outros imersos na cegueira. (*Outstaying My Welcome*, de Fritz Schiff, 1923). Dezenas de milhares de desgraçados destroços humanos tiveram de ser escondidos em instituições especiais até que morressem, tão horriveis eram de aparencia. O mundo breve os esqueceu ainda em vida.

As distorções das almas ainda se mostraram mais hediondas. Um dos luridos documentos a respeito é uma lição sobre o uso da baioneta, que mais tarde foi impressa pelos pacifistas militantes e dessa maneira chegou até nós. Lição dada por um certo sargento Franklin a alguns cadetes em Londres. A nós hoje parece-nos incrivel tanta ferocidade; e seriamos levados a crer que o sargento estava louco ou bebedo, se os "risos" que pontuavam a sua lição, os cumprimentos do oficial comandante e os aplausos que obteve ao rematar o discurso não nos fizessem ver que aquilo expressava apenas o "espirito belico" da epoca.

"Se encontrar um alemão ferido", diz o sargento, "liquide com ele e não pense mais no caso."

O sargento não queria saber de aprisionar inimigos; era pelo massacre assim que se rendessem. Contou, com simpatia e aprovação, como um caporal sob o seu comando havia chacinado um grupo de rapazes louros. "Posso liquidar estes gajos?" perguntara o caporal apontando para o grupo de inimigos desarmados.

— "Á vontade!" respondera o sargento...

Depois de "concluido o serviço", o honesto caporal — ex-condenado da prisão de Dartmoor — veio ter com o sargento, muito satisfeito da vida, e discutiu o melhor modo de manejar rapidamente a baioneta na passagem duma carne para outra.

Aqui está o espirito a que a guerra conduz um ser humano. O sargento Franklin não era um, era legião — e em todos os exercitos. Nós ingleses podemos publicar livremente tais documentos; em outros paises já não ha a mesma liberdade. No conjunto o inglês era de bondade natural, como todos os outros soldados. Mas o medo e a sede de sangue, claro que varrem todo o acumulo de tolerancia e bons sentimentos em qualquer das raças humanas. A historia não deve ser escrita em côr de rosa e ouro. Os prisioneiros e feridos não eram somente maltratados e abandonados, como ainda "liquidados". Muitos recebiam tortura até á morte, ou como represalia, ou por crueldade exibicionista. Uma serie de fotografias revelam corpos horrivelmente mutilados e indecentemente expostos ainda moribundos. Aqueles milhões de criaturas fugiam á civilização, afundavam em algo peor que a simples bestialidade, quando se viam nas zonas de luta.

Depois do verão de 1918, quando se convenceu da impossibilidade de vencer, a energia combativa da Alemanha evaporou-se. Por todo o país reinava a miseria e a fome, trazidas pelo bloqueio. A disciplina relaxou-se; o país encheu-se de desertores; o Alto Comando alemão viu-se, assim como os seus antagonistas, incapaz de manter os homens na luta — já sem confiança na resistencia deles em face dum avanço inimigo. Todos se mostravam pressurosos em render-se — a despeito das teorias do sargento Franklin.

Mas onde quer que restasse alguma lealdade e obediencia, os homens eram ainda friamente sacrificados. Os *Documentos* mostram os artilheiros alemães em seus "ninhos", aguardando o avanço das tropas inglesas e americanas; esses homens deixavam-se "drogar" com estupefacientes ou atar com cadeias aos canhões, para que assim continuassem a atirar e matar até ao ultimo momento. Quando o inimigo chegava, para eles não havia perdão. Eram varados pelas baionetas ou esmoidos no cranio. Pagavam com a vida as invenções de seus senhores; eram vitimas do odio aos alemães causado pela introdução dos gases na guerra. Mas esses ultimos residuos do mais louco devotamento nada puderam contra a pressão crescente dos aliados. Em novembro o "Senhor da Guerra", o Kaiser, fugia. Um humilhante armisticio foi assinado — e os exercitos alemães refluiram em desordem, incoerentemente revolucionarios.

E com esta expressão "incoerentemente revolucionarios" nosso resumo do principal da guerra chega ao fim. Só aludiremos ainda á derrota e desmoralização dos exercitos italianos na batalha do Caporetto, quando 800 mil homens foram ou mortos, feridos, aprisionados ou "voltaram para casa". Não descreveremos as batalhas navais, em que figura como a principal e ultima a da Jutlandia. Foi a ultima porque depois dela os almirantes alemães se viram ameaçados de levante, caso persistissem no proposito de lutar. Se equivaleu ou não a uma vitoria para os ingleses, é coisa que nunca ficou perfeitamente assentada. A controversia prolongou-se até o começo das guerras polonesas.

Os *Documentos* trazem muitas fotografias e descrições destes recontros no mar. Temos, por exemplo, uma serie de instantaneos dum cruzador inglês na Jutlandia, o *Defense*, a avançar a todo vapor contra o já ferido cruzador alemão *Wiesbaden*. O aspecto da tremenda maquina de guerra é apavorante. Parece algo invencivel — um esplendor. Subito, uma serie de clarões mostra que o *Defense* fôra atingido por torpedo de algum outro navio alemão, e a fortaleza britanica explode e afunda; já não passa duma coluna de fumaça negra e dos destroços de 800 marinheiros despedaçados. Depois, um remoinho de residuos na agua oceanica...

Ha inumeras fotografias assim.

Mas voltemos á nossa expressão "incoerentemente revolucionarios". Nela está a chave da situação naquele momento de todos os homens do planeta. O horror pela guerra se fez enorme, se não no começo, pelo menos depois do segundo ano de luta. A guerra cansou, repugnou. Seus lances nada tinham que exaltassem a imaginação. A propria batalha da Jutlandia foi, do ponto de vista espetacular, um completo desastre. Apesar disso, e por uma razão muito simples, uma pequena minoria de dirigentes belicosos pôde prosseguir na vasta miseria. Dum lado a luta coincidia com as ideias dominantes no tempo, e por outro lado a humanidade em panico não via outra alternativa.

O grito de "Acabe-se com a guerra!" não acabava coisa nenhuma, porque não sugeria algo que viesse substituir os governos beligerantes no controle dos negocios humanos. A paz que as massas reclamavam era uma coisa negativa. Mas

a paz tem de ser uma coisa positiva, planejada e bem apoiada, porque a paz é menos da natureza do que a guerra. Os que afinal conseguiram a *Pax Mundi* sabem quão fortes e resolutos, quão poderosamente equipados e vigilantes precisam ser os conservadores da paz.

§ 8. *O Impulso para Abolir a Guerra; o Episodio Henry Ford*

Uma grotesca expedição, bem infantil, mas significativa duma grande coisa futura, aparece, como incidente, durante os horriveis anos da guerra. É a viagem dum navio de passageiros de Nova York á Noruega. As cortinas do esquecimento já desceram sobre o troar da artilharia e os clarões da batalha da Jutlandia; os nomes dos vasos de guerra apagaram-se em novelos de fumo; só um especialista pode hoje dizer-nos se o *Lutzov*, ou o *Friedrich der Grosse*, o *Lion*, ou o *Iron Duke*, o *Vanguarda* ou o *Colossus* pereceram com as suas tripulações ou escaparam da luta. O tempo os transformou em monstruosas in-significações. Nada ha neles, alem do tamanho e da morte de centenares de marinheiros, que os torne para nós de mais significação do que o estalar de carteiras de bichas. Mas tem alta significação o navio de passageiros *Oscar II* que pouco antes da batalha da Jutlandia atravessou o Atlantico, porque, da maneira mais simples e desartificiosa, trazia a bordo um novo conceito da vida, muito debil ainda, a vagir, mas de futuro imenso. O *Oscar II* é mais conhecido como o *Navio da Paz*, de Henry Ford. Equivale a um clarão tragi-comico no meio do horror universal.

Esse Henry Ford era um mecanico de genio, sem grande educação ou refinamento social, amigo e espirito afim daquele Edison cuja carreira foi traçada no capitulo das invenções, na ultima parte do seculo 19 e começos do 20. Nascido e crescido numa fase de expansão economica, Ford tomou esse fenomeno como de necessidade, e só começou a duvidar da continuidade do progresso aos setenta anos. Essa convicção fez Henry Ford. Trouxe-lhe a ideia dum carro automovel tão bom e barato como podia ser conseguido naquele tempo, e de organizar a produção em massa desse modelo, sem nunca admitir a possibilidade dum limite de compradores. Ford

fabricou e vendeu o seu "flivver", ou "lata", como carinhosamente ele dizia, em enormes quantidades, e desse modo revolucionou o sistema das estradas americanas. Mudou a forma das cidades, com habilitar seus habitantes a viverem longe das fabricas em que trabalhavam. Fez mais do que nenhum outro homem para eliminar os cavalos não só das estradas como dos campos — com o seu trator. Criou fabricas em Dearborn que até hoje nos parecem enormes. Tornou-se fabulosamente rico e um grande "nome" no mundo, sobretudo na America. E a vitoria não mudou em nada as suas maneiras, nem as suas ideias sobre a vida.

O primeiro efeito que sobre ele exerceu a Grande Guerra foi de espanto. Sabia da existencia de exercitos e de nações soberanas pelo mundo, mas nunca supôs que viessem a lutar entre si. Percebeu, ou sentiu, que havia um erro naquilo. Trocou ideias com outros americanos, igualmente espantados. No começo de 1915 Ford e seus amigos já tinham bastante provas de que tambem nos paises beligerantes grandes massas humanas estavam tão ansiosas de ver o fim da sangueira como os espectadores neutros. O presidente Wilson, então sincronizado com as ideias da nação, recebeu deputações de pacifistas, das quais surgiu a ideia dos Estados Unidos se oferecerem como arbitros da contenda, permanecendo nessa atitude até que seus serviços fossem aceitos. Por fim surgiu o plano duma deputação á Europa para fomentar essa ideia — e Henry Ford forneceu o navio.

E sua imaginação começou a trabalhar. Daria espetaculosidade á expedição. O navio seria o "Navio da Paz". E faria tal publicidade que a guerra pararia para ver chegar o mensageiro. A simples aparição do "Navio da Paz" já faria a dementada Europa voltar ao raciocinio. "Quero tirar aqueles moços das trincheiras", disse Ford. "Eles não desejam brigar, e terão muito prazer em apertar as mãos dos adversarios". Talvez no fundo de sua mente houvesse a ideia de provocar uma greve geral nos exercitos. "Todos fora das trincheiras pelo Natal, e para nunca mais voltarem!" foi o seu breve discurso num meeting em Washington, em novembro. Numerosas personalidades receberam convite para a missão. Ford procurou obter o consentimento publico do presidente, mas Wilson era muito politico para desperdiçar a sua publicidade com um "gesto" alheio. Estava planejando para mais tarde um gesto só seu.

A vida americana tinha naquele tempo as suas estrelas populares, corporificadoras dos ideais de grandeza e bondade. Algumas ainda são, por varios motivos, relembradas pelos historiadores, como, por exemplo, Jane Adams e Thomas Edison, William Jennungs Bryan (O "Ultimo Creacionista") e Burbank. Estes nomes ainda figuram em nossas enciclopedias escolares. Ford procurou organizar um carregamento meteorico. Tambem convidou a todos os governadores dos estados americanos, as universidades, etc. A Coleção Historica de Atacama reuniu todos os convites originais de Henry Ford e as respostas dos que se escusavam ou hesitavam. Muitos no ultimo momento alegaram doença, para não partir. Era grande o numero de jornalistas, datilografos, tradutores, interpretes, agentes de publicidade, etc. Mme. Rosika Schwimmer, uma dama hungara, fulgura e desaparece, como o espirito organizador da escolha. Grande numero de aventureiros e doidos ofereceram-se para ajudar Henry Ford, e com muita dificuldade foram impedidos de embarcar.

Postos de lado os detalhes, a grande ideia que ha aqui foi a dum *apelo contra a guerra e a favor da volta ao bom senso*, ideia que flamejou e morreu.

A primeira coisa a dizer é que essa ideia provocou larga repercussão. Homens ilustres dos dois continentes, tendo nomes a zelar, deram-lhe apoio moral, senão material. O proprio presidente Wilson se mostrou simpatico, embora permanecesse nisso. As ventoinhas se voltavam na direção de Ford. Temos todas as indicações dum verdadeiro impulso para a paz nesse momento. Mas logo depois as ventoinhas se voltaram para outras direções.

Que as fez mudar? Primeiro, a tenaz e maligna oposição ao projeto, que ia crescendo de vigor. A imprensa americana, e na sua cola a européia, pôs-se a ressaltar todos os pontos fracos da expedição, todos os pequenos absurdos, e a inventar coisas hostis. Começou a campanha do ridiculo, tão habil e insistente que a expedição principiou a desfalcar-se ora de uma, ora de outra celebridade, com enfraquecimento do projeto. Enquanto Ford e os missionarios sobreviventes discutiam e discursavam a bordo, os jornalistas cosiam mentiras e absurdas calunias sobre todos os componentes da missão — como se estivessem executando ordens.

Hoje sabemos que esses homens seguiam as instruções recebidas. Os *Documentos Historicos* puseram tudo a limpo.

A' proporção que os nossos estudiosos desembaraçam as meadas, vamos percebendo a tortuosa deshonestidade, a confusa duplicidade daqueles tempos. O comercio de exportação dos Estados Unidos entrou a florescer com a Grande Guerra em proporções jamais sonhadas. Munições de todos os tipos eram vendidas aos beligerantes por altos preços. Grandes casas bancarias, como Morgan & Cia., facilitavam a subjugação financeira da Europa á America, com a concessão de creditos para as compras. A finança americana, bem como o Alto Negocio americano, não havia previsto esta hipotese. Nunca foram de grande descortino. Mas de subito encontraram-se em posição altamente vantajosa, e evidentemente que tinham de tirar partido. E Ford, na sua infinita simplicidade, "metia-se em coisas que não eram da sua conta" — estava a dar passos que poderiam prejudicar o vantajoso da excepcional situação.

Era preciso, portanto, apresenta-lo como perigoso, porque Ford, graças á sua publicidade, poderia dar nos olhos do mundo. Era preciso desmoraliza-lo, cobri-lo de ridiculo, e com uma oficiosidade digna de melhor causa a imprensa americana lançou-se contra Ford. O reporter comum era na epoca um invertido moral desses que sentem orgulho na sua degradação. Nenhum expediente lhe parecia improprio, nenhuma mentira era posta de lado, se se prestava para humilhar e amargurar Henry Ford.

E a campanha venceu; Ford desiludiu-se; perdeu a confiança no projeto. Abandonado pelos amigos, esse genio mal assado passou a desconfiar de suas alianças e a crer nos inimigos.

Temos provas de tudo, mas mesmo diante das provas certos detalhes da campanha da imprensa nos parecem incriveis. Ha cem pastas em Atacama com recortes de jornais, e os mais significativos figuram na serie dos Documentos Historicos. Os reporteres embarcados no Oscar II inventavam e expediam pelo radio noticias absurdas sobre brigas entre os membros da missão, desacordo entre os chefes, motins e muita coisa grotesca, como a invenção de Ford amarrado á cama pelo seu secretario. Ford fôra avisado disso e podia obstar á sabotagem, porque o navio era seu: mas o fanatismo pela liberdade de opinião, mesmo que fosse liberdade para a mentira, inhibia-o. "Deixemo-los com suas intrigas; nossa obra falará por si mesma", era a sua resposta.

Mas de subito é colhido pela influenza, molestia aparentemente extinta mas que a guerra despertara, e foi já entregue aos cuidados da grosseira medicina da epoca que Ford chegou á Europa, cansado, fisica e moralmente arrazado, preparado para admitir a loucura do seu projeto. Fôra atolado no ridiculo mais do que o permitia o seu poder de resistencia, e estava cedendo. Cedeu por fim — desanimou.

"Acho que o melhor é voltar", disse ele em Cristiania, no leito, e não saiu do quarto, embora toda a Noruega ansiasse por aplaudi-lo.

O movimento, porém, prosseguiu levado pelo impulso inicial. A delegação foi recebida na Noruega com grande entusiasmo, e depois na Suecia, na Suissa, na Dinamarca e na Holanda, pequenos paises soberanos que souberam conservar-se fora da luta. O povo desses paises mostrava-se ansioso em crer nas possibilidades da missão para pôr têrmo á guerra. Se Ford desanimara, muitos dos seus assistentes não desanimavam. Realizaram-se grandes meetings publicos na Suecia, na Holanda e na Suissa, e a repercussão dessas atividades sem duvida encorajou o movimento pró-paz da Inglaterra e da Alemanha. Numerosos politicos e estadistas manifestaram-se a favor, mas as autoridades belicas da Alemanha e da Grã-Bretanha irritaram-se, porque os chefes militares de ambos os paises consideravam a missão Ford como desmoralizante — *desmoralizava o moral da guerra.* Surgiu logo a Conferencia Neutra para a Continua Mediação, em Estocolmo — de vida muito precaria. Mas consta que essa conferencia abortou um movimento na Suecia para a entrada deste país na luta, ao lado da Alemanha.

E, então, gradativamente, a Organização Ford para a Paz foi perdendo o folego. Começaram a fazer-lhe sombra outros grandes movimentos em prol da negociação de paz, e sobretudo os gestos do presidente Wilson, o qual, reeleito como "o homem que mantivera os Estados Unidos fora da luta", levou seu povo da fase de pacifismo hipocrita de até então á belicosidade de 1917. Mas antes do ingresso dos Estados Unidos na luta já o Navio da Paz andava desarvorado. Os datilografos e fotografos foram despedidos e Ford começou a fazer o possivel para esquecer a inesquecivel aventura.

Não quis conduzir as forças expedicionarias á França. Conservou-se num hotel da Noruega, evitando os seus mais

entusiastas associados, cortou despesas, e por fim embarcou para a America. Desertou. Saiu do hotel furtivamente, ás 5 horas da manhã, a despeito dos protestos dos associados, que só souberam daquilo no ultimo instante. E antes do fim do ano cortou até o custeio da expedição; homens e mulheres que haviam abandonado carreiras e posições para tomar parte na aventura, na qual se expuseram ao ridiculo e ao odio, viram-se abandonados a si mesmos.

Mas que foi que realmente aconteceu? Que se operou no cerebro daquele cruzado da paz, para desse modo mudar de ideias? Terrivel problema para o investigador.

A principio, quando o "Oscar II" ainda estava singrando o Atlantico, algo de muito significativo começou a passar-se em Washington. A industria de armamentos percebeu o otimo negocio que seria a abertura dum novo mercado aos seus produtos — o mercado interno. A America, argumentavam eles, deve conservar-se fora da luta, muito bem; mas a despeito disso deve estar "preparada". Os Estados Unidos precisam armar-se. O presidente pesou essas ideias, com um olho na eleição proxima e outro na imprensa; ponderou tudo politicamente e depois de alguma resistencia concordou que a America se "preparasse". Era preciso fabricar munições e treinar homens. As bandeiras começaram a flamular — e a bandeira americana sempre foi das mais embriagadoras. Toques de tambores e cornetas. A excitação militar tomou conta do país.

Henry Ford era dono dum grande parque industrial, até ali dedicado á produção de automoveis e tratores agricolas mas suscetivel de rapidamente adaptar-se á produção de material belico. Aquele parque era uma criação sua. Era o que o tornava notavel no mundo. Sua familia e seus amigos certamente que se preocuparam ao vê-lo abandonar os negocios para dedicar-se á politica da paz. Parecia-lhes claro, como depois tambem pareceu claro ao proprio Henry Ford, que se ele ficasse fora desse movimento de "preparação belica", outras fabricas se ergueriam ao lado das suas para a produção de armas no começo, e depois, finda a luta, para fazer-lhe concurrencia na industria dos automoveis. Na França essa passagem da industria de munições para a de autos foi prevista e realizada pela organização Citroen. Era impossivel que esta perspectiva houvesse escapado á argucia de Henry Ford.

Mas no primeiro impeto declarou-se ele contra a "preparação belica". E ameaçou de arvorar o "pavilhão internacional" em suas fabricas, em vez do pavilhão americano...

E' claro que aquele cerebro de escol estava em plena atividade. Ford havia apoiado generosamente o impulso própaz. Lochner (*D. Quixote Americano*, 1924) reproduz este dialogo, ocorrido antes do "Oscar II" safar do porto de New York:

— "Tem mais alguma coisa a dizer?" interpela um jornalista.

— "Sim", responde Ford, "E' preciso que o povo reclame paz e guerreie a "preparação belica".

— "E se a missão vier a falhar?" perguntou outro.

— "Se esta expedição falhar, organizaremos segunda", replicou Ford sem hesitação.

— "O povo não crê na sua sinceridade", comentou um terceiro.

— "Nós começamos a pregação da paz e havemos de levala até o fim".

Mas depois veio a mudança de ideia. Quando em 1917 os Estados Unidos entraram na luta, o "Navio da Paz" era uma anedota esquecida e as imensas usinas Ford já estavam prontas para o fabrico de armamentos.

Henry Ford foi um epitome da epoca, e porisso lhe damos tanta proeminencia nesta obra. O homem comum do seculo 20 não era nem pacifista, nem armamentista. Era ambas as coisas — e Ford não passava dum homem comum, tornado grande graças ás circunstancias e á sua extraordinaria energia.

O segredo da historia do seculo 20 ressalta, em sua essencia, no drama da indecisão ocorrido no cerebro de Henry Ford a bordo do "Navio da Paz". Essa expedição vale por um solo assobiado, á guisa de ouverture, na complexa orquestração dos motivos humanos para a luta pela unidade dos povos.

§ 9. *A Industria de Armas na Manutenção da Guerra*

Precisamos agora dizer algo a respeito das atividades diretas das gigantescas usinas de armamentos em prol da conti-

nuação do massacre na Grande Guerra. Torna-se-nos indispensavel a perfeita compreensão desta influencia para igual compreensão do martirio do seculo 20.

Essas "usinas de armamentos" eram a floração final da industria metalurgica que decadas antes, entre 1700 e 1850, crescera, sem objeção nenhuma, do modesto plano das pequenas oficinas mecanicas ao nivel da produção gigantesca. A alta industria metalurgica recobriu a terra duma rede de estradas de ferro, e com os seus navios de aço varreu dos oceanos os antigos de madeira. Mais tarde (como foi minuciosamente estabelecido por Luke Zimmers no *Entwickelung und Geschichte von Kruppismus*, 1913) voltou a atenção para as armas.

Os constantes progressos no alcance dos canhões e a larga expansão das esquadras, graças aos quais os navios de guerra eram continuamente desmantelados para construção de tipos novos, trouxe á metalurgia uma inexgotavel fonte de lucros. Os governos viram-se tomados de surpresa, e em pouco tempo essa industria, com metodos de propaganda universalmente aceitos, foi impondo as suas novidades a essas instituições revelhas, encrostadas de tradição e sempre divididas por ferozes antagonismos. E ficou desde o começo assente que qualquer fraqueza no patriotismo ou na lealdade aos governos seria hostil a esse grande sistema de lucros; as secções de venda da industria do ferro passaram a manter ou a controlar a imprensa, e a exercer a maior vigilancia nas escolas, para que não faltasse aos meninos uma continua inoculação de beligerancia. Seguindo as regras usuais dos negocios, e sem nenhuma preocupação alem da de produzir lucros, seus diretores criaram a guerra moderna, cuja primeira prova foi a luta de 1914-1918 — e deram o ultimo arranco nas guerras polonesas de 1940 e dos anos que se seguiram.

Mas mesmo na luta de 1914-1918 a nova guerra se mostrou extraordinariamente antipatica á humanidade. Nem sequer satisfez os normais instintos belicosos do homem. O que um homem enfurecido quer é brigar com outro, não ser bombardeado a vinte quilometros de distancia, ou envenenado com gases no fundo duma trincheira. Em vez de regalar-se com a bebedeira da luta corpo a corpo, os soldados sofriam todos os horrores dos terremotos. A literatura de guerra amontoada em Atacama está cheia de protestos contra o horror, contra a deslealdade humana, oriundos da nova tactica.

Mas esses protestos foram inuteis, porque não punham o dedo nas verdadeiras forças que provocavam e desnaturavam a guerra. A criança chora e grita mas não tenta ver o que a tortura.

Para nós, hoje, parece inconcebivel que individuos, ou empresas que só visavam lucros, pudessem livremente manufaturar armas e vende-las a quem as quisesse. Para aquela gente, entretanto, isso parecia a coisa mais natural do mundo. Coisa que nasceu e cresceu natural e logicamente, sem restrição de especie nenhuma. Um comercio como outro qualquer. Mesmo depois da catastrofe de 1914-1918, demonstradora da completa inutilidade da guerra, os homens ainda permitiam que os governos os juntassem, como gado, nos quarteis, afim de os treinar na arte de matar e ser mortos por meio das novas armas que a industria belica inventava, produzia e vendia. E o acumulo de uma ainda maior massa de armamentos e munições foi se operando.

Existe um pequeno ensaio pseudo-cientifico dum satirista indiano (Prof. K. Chondra Sen), na secção de documentos sobre a India, que é um estudo sobre a estupidez dos animais de maior inteligencia, inclusive o homem. Refere-se á inocencia com que naquele periodo as massas humanas assistiam ao preparo da sua propria destruição. Chondra recorda o fato da destruição de varias especies de penguins e prevê um igual destino para os homens. Chondra começa com a matança dos penguins; dá fotografias dessas criaturas reunidas aos milhões nas ilhas Oceanicas, á espera da chegada dos matadores. E na descrição o leitor as vê espalhadas pela praia, de pé, tontas, rebolando-se ou agitando os tocos de asa, enquanto o massacre segue o seu curso. Os penguins parecem vagamente interessados na matança dos companheiros, mas não denotam nenhuma intenção de fuga ou resistencia. (Não havia na epoca estudos sobre a mentalidade dos penguins, de modo que hoje só podemos fazer conjecturas sobre o que se passava em suas cabecinhas, durante as matanças. Parece que tinham curiosidade, bondade, simpatia e humor; eram eminentemente domesticaveis, com posto elevado na escala da inteligencia das aves. E no entanto deixaram-se destruir totalmente). Meio a serio, meio ironicamente, Chondra afirma que os penguins não eram a-mentais, sim defectivos e errados. Capazes de muitas ideias, mas incapazes da ideia da preservação social. E, diz ele, isso se dava tambem com o

elefante marinho, especie tambem destruida de modo completo. (O ultimo foi abatido por um lunatico japonês, sequioso de conquistar "nome imortal", quando a patrulha protetora dos elefantes marinhos foi retirada, durante a "revolta dos piratas", em 1985). Mas depois de pesar todos esses casos, o prof. Chondra ainda atribue ao homem a palma da estupidez social.

Parodiando os metodos de investigação da epoca, ele apresenta varias fotografias do que chama "penguins humanos", amontoados aos milhares nos caes, para assistirem ao lançamento de novos navios de guerra, ou aglomerados nas ruas para ver paradas militares ou evoluções de aeroplanos de bombardeio. E põe ao lado fotografias de penguins reunidos em bandos, a fazerem coisas comicamente similares. Dá um rol de acionistas de fabricas de armas em que figuram o bispo de Hereford, o presidente do Conselho da Igreja Livre, grande numero de sacerdotes, artistas, juizes e toda a especie de criaturas pacatas. Cita curiosos debates na Camara dos Comuns da Inglaterra (um deles, sobre o orçamento naval, em 1914, em que aparece Philip Snowden, o socialista radical que depois se tornou o visconde Snowden, é bastante instrutivo), mostrando que a natureza do perigo fôra aclarada da maneira mais publica. Mas não fôra *sentida*. E' sobre esta pequena diferença entre o *saber* dos fatos e o *senti-los* que o nosso interesse se concentra nesta historia.

Por que a humanidade abre a boca diante de canhões e nada diz? E por que, depois da Grande Guerra, na qual 20 milhões de moços foram destruidos, a situação permaneceu a mesma? A mesma? Peor!... O armamentismo cresceu em proporções jamais previstas — e cresceu aos olhos de todos. A Bethlehem Steel Co. foi denunciada em 1929 como em franca oposição á Conferencia de Desarmamento reunida em Genebra em 1927. Essa organização estava unida a, pelo menos, tres estaleiros navais processados por um Mr. Shearer para recebimento de comissões. O caso girou em torno da verificação dos serviços desse homem e do total das comissões — e nada fizeram os penguins contra as companhias implicadas, nem contra Mr. Shearer. Alguns manifestaram indignação — e só. Exatamente como no caso dos penguins, quando um ou outro batia o coto das asas, como protesto contra o massacre dos companheiros. Para maiores detalhes, ver *The Navy: Defense or Portent*, por C. A. Beard, 1930.

Tudo vinha de não haver nenhuma educação filosofica no mundo daquele tempo, nem inteligente critica das ideias gerais. Não existia a ciencia dos processos sociais. Ninguem era treinado em observar a correlação das coisas, e na maior parte nem se admitia que houvesse tal correlação; supunham que este lado da vida podia mudar, mas que aquele outro tinha de permanecer inalterado. Os industriais e banqueiros produziram imensas massas de armamentos e impuseram-n'os aos governos da epoca, com uma desatenção ás consequencias que hoje nos parece imbecil. Muitos desses propagandistas do armamentismo eram homens admiraveis na vida caseira — excelentes esposos, extremosos amantes, amigos das crianças e dos animais, de boa indole, cortezes com os inferiores, etc. Sir Basil Zaharoff, por exemplo, o maior vendedor de munições; vemo-lo hoje num quadro atribuido a Orpen, recem-descoberto em Paris, com o seu tricornio na cabeça, bigodinhos e barbicha, uma comenda qualquer ao peito — um gentlemanzinho. Os bispos e sacerdotes portadores de ações das fabricas de armas eram amabilissimas personalidades. Mas todos queriam dividendos. E para que viessem dividendos, o medo á guerra e a ideia da necessidade da guerra eram mantidos bem acesos na alma do publico.

E isso se fazia sobretudo por meio da imprensa. Comprava-se naquele tempo um grande jornal por cinco ou dez milhões de dolares, e os lucros na construção dum só navio de guerra subiam a muito mais que isso. Naturalmente, pois, e de acordo com as velhas tradições do comercio, os jornais alugavam-se, ou vendiam-se, aos empreiteiros da guerra. Que mal ha nisso? Publicar noticias era então um simples negocio, não um dever civico. O jornal que se propusesse a denunciar o perigo, via-se logo com a sua distribuição prejudicada, e suplantado por outros, mais ricos, mais capazes de oferecer aos leitores todas as atrações.

Não que os jornais e os vendedores de armas quisessem prejudicar a ninguem. Apenas queriam vender produtos e vê-los usados. Os jornais nunca desejaram a matança em massa de seres humanos. Queriam apenas anuncios e publicidade paga. A chacina não era levada em conta, não passava do aspecto desastroso dum negocio legitimo. A curteza de vistas não é coisa diabolica, mas produz resultados diabolicos.

E os soldados? Freuheim, em sua analise do "espirito soldadesco", mostra uma fotografia daquele general Wilson de que já falamos, em mangas de camisa, modestamente a cavar em seu jardim depois da reforma; e ao lado apresenta outra fotografia do mesmo Wilson em toda a sua gloria fardada, com botões reluzentes, fitas, dragonas, "decorações" — diretor de operações militares. A diferença é enorme. Na paz esse Wilson, como se vê do seu diario, não passava dum enfadonho ninguem, um sujeito que fazia bocejar aos outros; na guerra ficava acima da critica, tornava-se um deus. Facil compreender que coisa tremendamente importante eram para ele as promoções. Seu interesse não consistia em matar, sim *como* matar. Se lhe dessem sangue a beber, certo que isso lhe repugnaria, e não obstante morava em lagos de sangue.

Esses soldados profissionais refletiam o menos possivel na matança. Seria absurdo dizer que as desejassem, e muito menos que com elas se regosijassem. E tudo seria diferente se eles refletissem um pouco mais nas matanças. Tinham uma velha devoção sentimental pelo país, um solenissimo senso do valor pessoal dos serviços proprios, um orgiaco deleite de batalhas. E não viam, nem queriam ver, nada que estivesse alem das suas obrigações. Seus assistentes religiosos estavam sempre prontos para conforta-los e assegurar a correção de tudo quanto eles faziam.

As senis religiões cristãs desse tempo tinham um interesse direto na guerra. Contra a tendencia geral para meter a riso as praticas religiosas, nada melhor do que a guerra; a guerra fazia o povo voltar-se para a igreja. Isto se torna patente através dos romances da epoca. O pobre e risivel cura dos chás á noite e das partidas de croquet, torna-se implicitamente o heroico "padre" das historias sentimentais da guerra.

Um problema defrontou a maioria dos que tinham inteligencia: Como abrir os olhos do povo? Como faze-lo ver com clareza a crua realidade? Como organizar o gigantesco esforço para eliminar a intermitente febre da guerra, e deter a pauperização que ameaçava o mundo?

Não havia um antagonista central, um demonio visivel no comando, a quem esses homens pudessem atacar. Isso simplificaria a tarefa, tornaria a campanha compreensivel ao povo. Alem do mais, a imprensa, com todas as suas piedosas intenções, estava contra eles. As velhas tradições politicas e

sociais, tambem contra. E tambem contra eles estava a Historia, já que em seus anais mostra a guerra como algo permanente. Todas as igrejas, apesar da exaltação do Principe da Paz, opunham-se ao controle secular do mundo, unico em condições de permitir a paz.

E a ideia da inevitabilidade da guerra, dominante no mundo inteiro, não deixava entrada para os homens de visão que queriam combate-la. A complexidade do problema era enorme.

§ 10. *Versalhes: Canteiro de Desastres*

A guerra contra as Potencias Centrais terminou a 11 de novembro de 1918 com a vitoria dos aliados. Reuniu-se em Versalhes uma conferencia, no mesmo palacio em que os alemães triunfantes haviam em 1871 ditado a paz á França vencida. Reversão de papeis. Eram a França e seus aliados os ditadores de agora, e muito naturalmente as ideias duma restauração romantica e dum severo julgamento dominaram os homens. As Potencias reunidas resolveram castigar os erros de seus antepassados. Estudando o procedimento desses homens sentimos já bem claro o conflito entre a tradição historica e a aspiração para a unidade humana. Se o Estado-Mundo não esteve ali presente, sua voz foi "ouvida de fora".

Por essa epoca (1919) havia um consideravel numero de pessoas inteligentes já convencidas da necessidade dum governo mundial, e numero maior ainda, como o grupo de Henry Ford, que o sonhavam por instinto; mas não apareceu ninguem com o necessario vigor para atacar a serio o problema de substituir todos os governos existentes por um só. O coração dos homens tremia a essa ideia — e, no entanto, como o sabemos hoje, era a *unica* coisa certa a fazer. Era a unica alternativa para evitar o alargamento do desastre. Mas a novidade e a amplitude da ideia abafavam-na.

Os homens daquele tempo pareciam naufragos a se debaterem nas ondas, e a procurarem todos os meios de salvar-se, menos o certo: sair da agua duma vez por todas. Dificilmente encontrariamos um que em suas ideias dum sistema mundial ousasse ir alem do acordo politico para evitar a guerra. Cinco decadas de desgraças ainda seriam precisas para

que os homens percebessem que a beligerancia era apenas um sintoma, e nem sequer o mais grave de todos, da desunião humana.

Entre todos os delegados da Conferencia de Versalhes, o presidente Wilson era o mais inclinado a ver o futuro, mas os defeitos e limitações da sua achega nos fornecem a medida da imaginação politica da epoca. Wilson lançou na mesa, para solução do problema mundial, o que restava do liberalismo politico das republicas americanas. Nenhum dos seus colegas — Clemenceau (França), Lloyd George (Inglaterra), Sonnino (Italia), Saionji (Japão), Hymans (Belgica), Paderewski (Polonia), Bratianu (Rumania), Benes (Boemia), Venizelos (Grecia), Feisal (Egito), e tantos outros já apagados, parecia convencido de que, postas de lado as considerações nacionalisticas, a humanidade como um todo estava interessada na Conferencia. Eram todos eles excelentes advogados das respectivas patrias. E por algum tempo ficou Wilson o unico paladino da Humanidade. Sem demora, do mundo inteiro afluiu para Versalhes uma onda de aplausos á sua atitude. A humanidade, ansiosa, pendia dos labios de Wilson. Tornou-se ele um simbolo. Transfigurou-se aos olhos do mundo. Deixou de ser um estadista — era o novo Messias, Milhões o supuseram capaz de encher o mundo de bençãos. Milhares morreriam por ele. Esta reação foi a maior luz aparecida no seculo 20. O Estado Mundial fôra, enfim, concebido e agitava-se no utero da especie humana. Vivo!

Mas nas decadas que se seguiram o feto não mais se moveu.

Sob formas diferentes, e em diferente cenario, a historia de Wilson repete a de Henry Ford. E' a historia dum homem levantado por uma ideia grande demais para as suas forças, ideia que brilha por um momento e cae como a folha que o vento ergue ás nuvens e abandona. Como o mundo veio a saber depois, era Wilson um homem teatral e vão, sem profundidade de pensamento, nem grande generosidade. Pretendendo ser o paladino do genero humano, de fato não passava do paladino do Partido Democratico Americano — e de si proprio. Sacrificou a considerações partidarias o apoio do seu povo, e sacrificou o seu prestigio á sêde de aplausos. Foi por algum tempo o maior homem vivo. Tornou-se depois o mais evidente. Visitou todos os governos da Euro-

pa, festejadissimo em todas as capitais. Mas a futilidade desse passeio não nos deve preocupar aqui. Só nos interessa a ideia.

Manifestamente Wilson desejava a paz mundial, mas é duvidoso haja compreendido que essa paz só poderia sobrevir com a unificação de todos os interesses vitais do mundo. Jamais, talvez, houvesse ele dado o seu pensamento á tarefa a que com tanta confiança naqueles dias se lançou. Por não haver pensado nisso, ou por não haver ousado, não reclamou a creação do controle mundial centralizado como o temos hoje. Talvez até fosse isso coisa acima do alcance da sua cultura e compreensão. O seu projeto não passou dum simples projeto politico.

O modelo por ele imaginado foi uma ingenua união dos governos parlamentares da Europa e da America. Sua Liga das Nações, como brotou da Conferencia de Versalhes, era um governo tipico do seculo 19, alargado em duas dimensões e grandemente atenuado no processo; havia uma camara alta, o Conselho, a Assembléia; mas, em deferencia ás suscetibilidades nacionais, não havia poder executivo, nem rendas certas, nem exercito, nem policia — nenhuma autoridade. E mesmo como instituto politico era coisa sem eficiencia — não representava os povos da terra, apenas os governos. Praticamente nada se fez para levar o povo do mundo a sentir que a Liga era uma coisa dele. Os delegados recebiam nomeação dos Ministerios do Exterior dos varios paises e apenas os representavam; em regra eram politicos que iam com instruções para liquidar simples casos nacionais. A Liga tornou-se por fim uma solene farça, muito longe do pensamento da unidade do mundo.

Que mais era possivel fazer naquela epoca? Embora Wilson parecesse corporificar as vagas aspirações humanas, para os seus colegas de Conferencia não passava dum visionario insincero. E trataram-no como tal. O meio de obter-se algo mais positivo que a inutil Liga das Nações teria sido um apelo revolucionario aos povos fartos de guerra, conclamando-os á instituição do Estado-Mundial. Isso ecoaria por todos os recantos da terra. Mas Wilson não era homem para tanto. Não tinha imaginação, nem tinha coragem de agir contra os governos. Era um tipo comum de politico, dos que consideram as grandes causas á luz de pequeninos fins. Se houvesse ousado, poderia fracassar, poderia perecer, mas teria

plantado no mundo a grande ideia, e desse modo diminuido de muitas decadas a Éra do Desapontamento. Não o fez — e apesar disso fracassou e pereceu.

O que realmente fez foi uma grande coleta de aplausos populares; foi apresentar á esperança humana um rosto de homem contente consigo mesmo; foi saudar as massas da sua carruagem, em prestitos procissionais; foi fechar-se misteriosamente com politicos da ordem velha e emergir por fim com uma Liga que nada produziu e rapidamente escorregou da Historia.

Era uma Liga para preservar a soberania dos estados, não para suprimi-la. Estipulava que os novos limites ineptamente estabelecidos no Tratado de Versalhes seriam mantidos *para sempre*. E entre outros arranjos amigaveis, havia as clausulas penais contra a Alemanha e seus aliados, duras como as de Roma contra Cartago depois da vitoria de Zama. Penalidades que visavam o perpetuo esmagamento desses paises. Ficavam os alemães na situação de eternos ilotas dos conquistadores; gerações e gerações futuras viriam ao mundo já sobrecarregadas de dividas, e para assegurar o cumprimento da pena a Alemanha seria mantida integralmente inerme.

Delenda est Germania era o unico pensamento dos franceses (ver Morris Henbene, em *Study of Pertinax*, 1939); e os representantes dos outros aliados, reunidos em Paris e influidos pela atmosfera de vingança, apressaram-se em fazer côro. Caminho mais simples, pois punha de lado mil dificuldades. Aos homens pobres de imaginação é mais simples adiar as coisas do que resolve-las. Se os franceses receavam a ressurreição da Alemanha belicosa, os ingleses temiam uma nova esquadra alemã e um novo surto da industria alemã. O Japão e a Italia, de olho em diversas compensações, mostravam-se satisfeitos de ver os povos germanicos — a espinha dorsal do continente — divididos e reduzidos á vassalagem.

As antiquadas ideias de Wilson trouxeram ainda outras consequencias más, como a de aumentar o numero de governos soberanos no já congestionado territorio europeu. Iludido por vagas sugestões, de boa mente prestou-se Wilson a remodelar o mapa da Europa em linhas estritamente nacionalistas. A nação polonesa foi restaurada. Já estudamos as sucessivas divisões deste país no seculo 18. Trata-se duma grande região da Planura Central cuja existencia autonoma

se foi tornando mais e mais inconveniente, á medida que o comercio europeu se alargava. A Polonia sempre teve contra si a Geografia. Nunca passou da frouxa associação duma nobreza equestre a dominar a massa camponia. Mas a sua repartição entre a Russia, a Prussia e a Austria foi realizada com a maior brutalidade, de modo que depois das guerras napoleonicas um romance sobre o perdido reino da Polonia se formou no coração da França, da Inglaterra e da America. Aqueles rudes aristocratas e seus servos, tão brutalmente anexados pelas potencias vizinhas, transfiguraram-se num maravilhoso povo de alma apisoada pela bota dos conquistadores. E a restauração da Polonia tornou-se logo a maior ambição de Wilson.

E a Polonia foi restaurada. Mas em vez de emergir um povo que justificasse tantas simpatias, o que o mundo viu foi o surto dum governo ditatorial estreitamente patriotico, agressivo, vingativo, impiedoso, que imediatamente se entregou á perseguição das minorias raciais (um terço da população). Já a antiga Polonia havia sido uma nação agressora, que chegara até ás portas de Moscou. A nova Polonia não iria mudar de genio. A cidade de Vilna, na Lituania, foi tomada de assalto; e os limites ao sul foram dilatados até á Galicia. No tratamento dos lituanos e rutenos, os poloneses mostraram-se tão crueis como haviam sido crueis os seus dominadores. Em 1932, um terço do orçamento polonês ia para armamentos.

E não foi só a Polonia que reapareceu no mapa da Europa. Com base no sentimentalismo nacionalista, vieram a Tchecoslovaquia, a Iugoslavia, a Finlandia, a Estonia, a Latvia, a Lituania, uma Hungria diminuida e uma Rumania ampliada; uns tantos governos soberanos a mais, para complicarem a vida da humanidade com as suas ambições, alianças, hostilidades, incompreensões, tratados secretos, tarifas, guerras comerciais e o resto. A Russia foi excluida da Liga por haver repudiado as dividas de guerra — materia de muita importancia para os credores europeus; e o mais estranho de tudo surgiu no fim: os Estados Unidos, o país creador da Liga, o Arbitro e o Restaurador das Nações, tambem ficaram de lado — porque Wilson se obstinara em monopolizar para si e seu partido a gloria da Salvação do Mundo, perdendo assim o apoio do senado americano.

O Senado, depois de varias tentativas de entendimento, rejeitou o acordo, lavou as mãos quanto á interferencia americana nos negocios do mundo; e o presidente Wilson, em vez de tornar-se o Principe da Paz Eterna e a Maravilha dos Seculos, murchou ás suas verdadeiras proporções e morreu de desapontamento. Como Ford havia feito, os Estados Unidos retornaram á vida normal dos Lucros e Perdas, com o nome de Wilson estampado em ruas, praças, avenidas, estações e parques de todos os países da Europa.

Se a Russia e a Alemanha, por serem "povos maus", foram excluidos da Liga, nela entraram povos afastadissimos, como os chineses e japoneses. Ficou assente que eles eram "bons companheiros" no novo tratado universal, tipo Westfalia. O mundo europeu praticamente nada sabia dos processos mentais dessas velhas aglomerações humanas — e parece que os estadistas daquele tempo nem sequer sonhavam que os processos politicos decorrem dos processos mentais. Depois de muitas dificuldades e anos de demora, a Liga produziu um Comité de Cooperação Intelectual; mas ao que sabemos não passou de puro diletantismo; não ha menor indicação de que a Liga realmente se embebesse dessa ideia.

Bem considerados os fatos, seria melhor que a Liga se suicidasse á moda do hara-kiri japonês, logo que a America a repudiou; como tambem seria melhor que as nações europeias, diante do insucesso duma creação mundial, a transformassem em liga só para efeito na Europa. A completa incapacidade da Liga das Nações para influenciar a politica exterior do Japão (modelada pela da Europa), foi o golpe que a transformou em mera mesa de comentarios sobre os negocios correntes.

A' proporção que a autoridade da Liga declinava, a coragem dos seus relatorios crescia. Alguns se tornaram admiraveis documentos historicos. Por fim foram mingoando as subvenções dos governos e o seu secretariado escorregou para zero. Como o Tribunal de Haia, a Liga das Nações desapareceu da cena durante os Anos de Fome (decada 1950-60). Já está ausente da historia depois da primeira guerra polonesa; mas o palacio em que funcionou ainda subsistia em 1965; anos depois foi usado para escritorios da Seção Ocidental da União dos Transportes.

A imposição á Alemanha de monstruosos pagamentos monetarios, foi a unica parte do Tratado de Versalhes que afetou a vida financeira e economica da humanidade. Espantosamente absurda se nos afigura hoje, mas aos estadistas da epoca nada pareceu mais natural. A vida politica era ainda a tradicional, baseada em fronteiras e vantagens estrategicas — absolutamente ingenua diante das realidades economicas. As poderosas forças que pediam a unificação economica do mundo eram as verdadeiras causas da guerra, mas Versalhes jamais suspeitou disso. Daí o ter agido como se essas forças não existissem.

Só uma voz se ergueu contra a absurda deslocação do credito e do comercio que o pagamento das reparações implicava: a do economista inglês J. M. Keynes (*Consequencias Economicas da Paz*, 1919). Não havia arranjo possivel para a liquidação das dividas que os aliados empilharam *uns contra os outros* (!), nem havia uma contraparte economica para a Liga das Nações. Nenhum controle da guerra economica foi sugerido. Os americanos, e entre eles Wilson, ainda estavam na fase do individualismo financeiro; admitiam que o "ganhar dinheiro" era um negocio meramente individual, dependente apenas da habilidade de cada um, dentro das limitações da lei; e a concepção americana da lei era a de alguma coisa que apresenta interessantes obstaculos aos audaciosos, mas não intransponiveis. E como o jogo habitual dos americanos era o poker, esse grande povo achou muito natural, depois da guerra, jogar poker com os ingleses e franceses, seus principais adversarios em materia financeira.

Somente uma decada depois da guerra começou a inteligencia humana a compreender que o Tratado de Versalhes não havia de modo nenhum posto fim ás lutas armadas. Apenas estabelecera treguas á chacina — treguas que iriam permitir o preparo de luta muito peor, na fase final dos estados soberanos. O simples fato da *existencia* de estados independentes e soberanos queria dizer *guerra*, branca ou vermelha; e só a viciosa educação dada aos homens impedia-os de o perceberem. Os povos derrotados sofreram com a injustiça dum Tratado que não puderam discutir, e muito naturalmente deliberaram lá no intimo infringi-lo na primeira oportunidade. Os vencedores, a seu turno, estavam concios de haverem humilhado e colocado os inimi-

gos numa permanente situação de desvantagem. O pensamento da *revanche*, pois, tambem dominava os vencedores, e em vez de se desarmarem, como a Alemanha foi obrigada a fazer, romperam em breve as obrigações do tratado e continuaram a armar-se.

As fabricas de armas e sua imprensa naturalmente fizeram o que puderam para intensificar a ideia da "segurança armada". Qualquer disposição do publico francês para oporse ao armamentismo era imediatamente abafada com noticias sobre arsenais secretos e serviço militar disfarçado, que a Alemanha estava conduzindo. E o estreito patriotismo da França não só a conservou excessivamente armada contra o inimigo vencido, como aderiu ao jogo americano de inutilizar todos os esforços da Alemanha para reerguer-se social e economicamente.

Entrementes, depois de liquidados os vencidos, os vencedores começaram a disputar entre si, de acordo com o velho sistema dos estados soberanos. Cada qual queria o maior pedaço. A "aliança" não trouxera nenhum senso de comunidade. No primeiro ano depois da assinatura do Tratado, feroz luta se travou na Asia Menor entre turcos e gregos. Os gregos tinham atrás de si os ingleses; os franceses e italianos sustentavam os turcos. Foi uma guerra de "pata de gato", que culminou na desastrosa derrota dos gregos e no incendio de Smirna. Drama hediondo; multidões de mulheres e crianças ultrajadas, homens e rapazes emasculados, massacrados. Smirna inteira, com exceção do bairro turco, saqueada e incendiada. O caes fronteiro á cidade em chamas estava apinhado de gente em panico, á espera de algum milagroso navio que a salvasse — mas os turcos chegam, e é o massacre, o roubo, a violencia — e todas aquelas creaturas arremessadas ao mar.

Pouco depois destas façanhas os turcos expulsaram os franceses da antiga provincia da Cilicia, e completaram o exterminio dos armenios. Com ou sem guerra, a situação era a mesma para esse povo condenado á morte. Mais de dois milhões pereceram — na maioria de morte violenta.

Tambem irrompeu a luta no norte e no sul da Russia e na Siberia ocidental. A China tornou-se presa de exercitos de salteadores. A Polonia conquistou Vilna, invadiu a Galicia e lutou com a Russia na Ukrania. Um "raid" patrio-

tico dos italianos expeliu de Fiume a guarnição de forças aliadas.

Sobreveio depois a tremenda fome a sudoeste da Russia, que o resto do mundo não pôde socorrer. Antes da Grande Guerra, qualquer fome no mundo mobilizava a filantropia dos povos anglo-saxonicos. Mas essa filantropia perdeu o coração depois da paz. Na America ainda bruxoleou, mas na Inglaterra não deu o menor sinal de si.

Tal foi a paz e a união que o Tratado de Versalhes deu ao mundo. Certo numero de remendos foram feitos para corrigir as mais clamorosas omissões do acordo. Constantinopla, tomada aos turcos e conservada sob o governo duma força aliada, voltou á Turquia em 1923, depois do massacre de Smirna e da troca de gestos belicosos entre turcos e ingleses.

No traçar os limites da nova colcha de retalhos europeia os homens de Versalhes não demonstraram o menor bom senso economico; camponeses viram-se desligados das pastagens com que contavam para o inverno, ou dos mercados naturais dos seus produtos. Grandes usinas quimicas foram separadas dos depositos de minerios que as abasteciam. Viena, o centro financeiro e comercial do sul da Europa Central, foi decapitada. E, mais fantastico e desastroso do que tudo, a creação da cidade livre de Dantzig e do Corredor Polonês.

Demoremo-nos um bocado aqui para demonstração da inopia mental de Versalhes. Mais que em qualquer outro caso, predominou neste a ideia de que o alemão é "Mau", e qualquer povo que se oponha aos alemães é "Bom". Os poloneses eram "Bons" e tornaram-se o povo eleito dos aliados, os *enfants gatés* do sentimental presidente da America. Wilson erguera-se ao trono para derrubar os poderosos e exaltar os humildes. Os famintos tinham de ser refartados; e os opulentos de outrora, mantidos de estomago vazio. A Alemanha, como o rico da parabola, ganharia o inferno, para de lá ver Lazaro no colo de Woodrow Wilson. Não somente aos "bons poloneses" caberia dominio sobre os rutenos, ukranianos, judeus (estes particularmente detestados), lituanos, russos brancos e alemães, como ainda teriam um presente de grande valor economico — "acesso ao mar".

Nesse ponto muito insistiu Wilson. A Suiça nunca precisou de acesso ao mar para ser feliz, mas isso é outra historia. A dificuldade estava em que a Polonia não tinha terras abrindo para o mar. Uma faixa de pomeranios e alemães barrava-lhe o acesso, e o unico meio seria um acordo de passagem com os donos desse territorio, coisa de facil realização. Na boca do Vistula ficava a cidade alemã de Dantzig, com função de porto de saida para a Polonia e a viver disso. Não havia motivo para supor que Dantzig viesse a embaraçar as exportações e importações da Polonia. Dantzig era uma antiga, honesta, asseada e prospera cidade alemã. Noventa e seis por cento da sua população eram alemães.

Eis a situação que se apresentava á Conferencia de Versalhes quando surgiu a ideia do "acesso ao mar". Mesmo a profunda convicção dos Vencedores de que não havia Alemanha e sim "maus alemães" não podia justificar a entrega de Dantzig á Polonia. Mas os aliados destacaram Dantzig da Alemanha, transformaram-na em "cidade livre" e realizaram a ideia de Wilson com o complemento dum Corredor, anexando á Polonia uma larga banda de terra cortada no territorio pomeranio. Como não houvesse nessa faixa nenhum porto que se comparasse a Dantzig, os poloneses crearam a cidade em Gdynia, destinada a ficar a porta unica do comercio polonês e desse modo matar a vida de Dantzig.

E para conservar as aguas do Vistula tão meigas para a Polonia como a existencia de Dantzig, os obreiros da paz traçaram as fronteiras não pelo meio do rio, como é uso, mas na margem prussiana; as aguas do rio ficavam exclusivamente polonesas. Desse modo, a população do lado alemão, os pescadores, os agricultores, os pastores, era mantida sem acesso ao rio. Podia ver-lhe as aguas, não bebe-la. Alem disso essa região alemã era plana e baixa, tendo de ser protegida contra as inundações por uma linha de diques. As novas fronteiras cortavam cinco vezes essa linha de diques, e como os poloneses não tivessem interesse na conservação dos trechos em seu territorio, deixaram-n'os em ruinas, inutilizando assim o resto. Em certo ponto as novas fronteiras deceparam as cidades de Garnsee e Bischofswerd das suas estações de estrada de ferro.

Mas não podemos perder-nos nos detalhes desta exasperante divisão de territorios. O caso do Corredor levou

a irritação ao apogeu. O trafego entre éste e oéste tinha de sofrer baldeação; o trafego de norte a sul, rumo a Dantzig, passou a fazer-se ao longo do rio. Mas os poloneses puseram-se a obstruir essas correntes comerciais afim de isolar Dantzig. Cada alemão em viagem de éste para oéste via-se sujeito a vexames fronteiriços, pagamentos de taxas, demoras e mesquinharias, como a obrigação de fecharem todas as janelas quando os trens atravessavam o corredor. Dantzig foi ficando sem função, enquanto Gdynia crescia, intensamente fomentada pelo ouro francês.

O caso de Dantzig queimou a alma dos alemães. A existencia do corredor irritou-os mais que tudo. Por fim alçou-se a posição de ponto de honra.

O mesmo se deu com a Alta Silesia; o mesmo, com o vale do Sarre; o mesmo, com a Austria. Outras feridas ficaram abertas, mas nenhuma doia tanto como as mencionadas. Tornaram-se obcessões para a vida alemã.

Doze anos depois da assinatura do Tratado de Versalhes o Corredor Polonês já se fizera o ponto mais sensivel na situação europeia. Esse simples Corredor embaraçava todos os projetos de desarmamento. Era um germe de guerra. E a fatalistica atitude para com a guerra, a ideia de ser a guerra uma coisa realmente terrivel, mas inevitavel, tornou-se evidente na Europa.

A Historia repete-se. Parecia proxima de repetir-se. Ninguem ousava tocar nesses pontos dolorosos, nessas chagas em aberto, embora não existisse politico ou estadista que não declamasse contra a guerra. Mas sempre evitando tocar no que era especifico, no que vinha mexer com o pontilhoso patriotismo das nações imediatamente implicadas.

§ 11. *O Impulso para abolir a Guerra: porque a Liga das Nações não Conseguiu Pacificar o Mundo*

Antes de abandonarmos o inutil idealista americano, vamos acentuar as razões do seu fracasso. Os defeitos da personalidade de Wilson não nos devem cegar quanto á impossibilidade da sua ambição. Seu estreito egotismo, o tratamento punitivo dado ás Potencias Centrais, etc., apenas realçam uma desvantagem que iria ser fatal ao lançamento

da Liga das Nações naquela epoca. O mundo não estava preparado para o advento dum sistema mundial. Nenhuma ideologia o sustinha. O Estado-Mundial, ou o Estado Moderno, era ainda muito vagamente apreendido; não fôra meditado. A Liga não passou duma apressada improvisação.

Para o advento do Estado Mundial tornou-se necessario o planejamento de de Windt e seus associados, como iremos ver; a ideia impôs uma grande aplicação de psicologia social; sem isso o Estado Moderno ficaria sempre como mera possibilidade. Auxiliado por homens que pensavam como ele, Wilson imaginou poder prescrever uma receita para a unidade do mundo. Não teve a menor ideia das gigantescas proporções, da complexidade, da profundidade do empreendimento. Tentou remendar o sistema em voga, já desgastado pelo Tempo, e impingi-lo como novo. Não refletiu na reconstrução monetaria, nem na necessidade dum eficiente socialismo mundial, nem na completa reforma da educação, indispensaveis para que um sistema de paz pudesse ser estabelecido. Apesar disso, estreito como era, Wilson parece ter-se adiantado de muito aos seus contemporaneos.

Mas a prematura e inutil creação da Liga constituiu um embaraço, antes que um auxilio, á realização da paz mundial. Obstruiu o caminho. Impediu que os homens pensassem livremente. Organizações de pessoas de boa vontade, como, por exemplo, a British League of Nations Union, surgiram para apoiar a Liga, e impedirem, em vez de fomentar, a critica aos seus trabalhos. Alegavam eles que a Liga era melhor que nada; mas muitas vezes uma partida falsa causa mal maior do que não mover passo. Na decada imediatamente posterior á guerra, a soma de bom pensamento construtivo a respeito da politica mundial era extraordinariamente pequena. Somente depois que a insuficiencia da Liga ficou demonstrada é que os homens voltaram a pensar na unificação do mundo.

Doze anos depois o movimento pró Estado Moderno estava ainda tacteante. Os pacifistas, comunistas e socialistas de todas as cores, que deram uma parcial e confusa expressão ao descontentamento humano, ainda não haviam sido levados á cooperação e ao mutuo entendimento. A maior parte de suas energias despenderam-na em guerrilhas. A ideia só tomou corpo na segunda metade do seculo.

§ 12. *A Debacle da "Finança" e a Moral Social depois de Versalhes*

A amplitude sem precedentes da destruição na Guerra Mundial foi em boa parte, como já observamos, consequencia da hipertrofia metalurgica em face dos conceitos politicos e sociais dominantes. Mas depois da guerra outra hipertrofia começou a revelar-se. A guerra, do ponto de vista economico, fôra um uso convulsivo do excesso de produção industrial. As necessidades da luta, entretanto, e a sua interferencia no trafico internacional, dando origem á creação de industrias em zonas até então só produtoras de materias primas, aumentaram muito o total da produção do mundo inteiro. Ora, assim que a fornalha da guerra cessou de queimar os excessos e de manter fora das fabricas os milhões de homens empregados na matança, esse fato se tornou clarissimo. O aumento armamentista que se seguiu á guerra, a despeito do abundante palavreado desarmamentista, não devorava homens, nem material, em quantidades suficientes para alivio da situação.

Alem disso, a expansão industrial era acompanhada duma positiva contração do consumo. Quanto maior a eficiencia da produção, tanto menos operarios em serviço. Mais artigos produzidos, menos consumidores. Menos consumidores, menores lucros; menores lucros, menos aplicação de capitais. A diminuição das compras fazia sofrer os dois extremos — o operario e o capitalista. E temos aqui o "Paradoxo da Superprodução" que tanto perturbou os escritores da terceira decada do seculo 20.

É facil a nós hoje perguntarmos: "Por que não faziam um ajustamento?" Mas meditemos no que a expressão ajustar significava naquele tempo. A nossa moderna superestrutura de ciencia economica aplicada, o David Lublin Bureau e o Conselho de Diretores Gerais, com a sua vasta organização, seus milheiros de estações e observadores, que dirigem, observam, ajustam, racionam e distribuem, não era coisa nem sequer sonhada naquele tempo. O ajustamento tinha de fazer-se por si mesmo, ás cegas. O interesse geral dos homens estava na prosperidade, mas ninguem se interessava em conservar os negocios em condições de prosperidade. Tornara-

se manifesta a urgencia duma dramatica revisão da liberdade industrial e comercial, mas os homens que controlavam a politica, no quanto a politica é controlavel, eram os ultimos a pensar em tal coisa.

Com a hipertrofia da produção ocorreu uma paralela hipertrofia bancario-financeira, mais como o resultado do alargamento da produção do que como desenvolvimento de compensação e controle.

Hoje nos é muito dificil compreender a atitude do seculo 20 nesse caso, porque a distribuição ou rateio dos produtos do mundo entre as industrias e o consumo é um departamento social, que age aberto a todas as criticas e debates. Não deixamos o controle efetivo dos produtos do mundo nas mãos gananciosas do particular que só quer lucros, do mesmo modo que não entregamos nossas escolas e tribunais a quem mais dá. Mas em 1935 nada disto ainda era sonhado. Os homens ainda tinham muito que aprender.

Tão incrivel nos parece a historia do dinheiro e dos bancos na primeira parte do seculo 20, que se tornou um dos assuntos mais atraentes para os nossos estudantes. O sistema monetario foi emergindo da pratica. Evoluiu, não foi planejado. Nunca houve a menor tentativa para medir a justiça de qualquer pratica monetaria; os homens experimentavam isto e aquilo, faziam isto e aquilo — mas ocultavam a opinião sobre os resultados. A reserva fazia-se essencial ao sistema. As mais importantes decisões eram mantidas em segredo, por mais que afetassem o poder aquisitivo do homem comum; a restrição ou estimulo do comercio e do trabalho se processavam na mais profunda escuridão. Nas escolas e universidades os cursos economicos não davam tento a estes fatos. O sigilo das empresas particulares era respeitado tanto na pratica como nos tribunais. Os homens viam-se empregados ou desempregados, aumentados ou diminuidos das suas economias, sem que soubessem como nem por que. Em vez do claro conhecimento das pressões e movimentos economicos que temos hoje, Homens Misteriosos eram vagamente visiveis no meio enganoso da nevoa dos despistamentos, da manipulação dos preços e do cambio.

De alto destaque entre esses Homens Misteriosos foi um tal Mr. Montagu Norman, diretor do Banco da Inglaterra de 1920 a 1935, o mais inacreditavel personagem da histo-

ria, com um grande acumulo de lendas em redor de si. Na verdade o unico misterio a seu respeito é que era misterioso. Os retratos mostram-nos um homem esguio, barbado, vestido mais como um artista de nota do que como o banqueiro tipico da epoca. Tinha fama de reservado e de "encantador"; a imaginação popular excitava-se com o seu habito de viajar sob nomes supostos, e de aparecer inopinadamente nos pontos menos esperados. Por que motivo procedia assim, ninguem sabia. Talvez o fizesse sem outra razão alem dessa — impressionar o publico. Num inquerito financeiro em 1930 (feito pelo Macmillan Comité) e em duas ou tres falações em publico, esse homem deu provas do que hoje consideramos inadequada educação para as misteriosas atividades em que se envolvia. Não revelou nenhum conhecimento da ecologia humana, nem boas ideias gerais sobre os processos economicos, hoje comuns a todos os cidadãos. Sua grande qualificação para o posto de "homem dos misterios" não passava de algum traquejo do sistema bancario, adquirido antes de entrar para o Banco de Londres — experiencia feita na fase que hoje chamamos de "expansão acidental e transitoria da riqueza humana". Nem sequer entrou para a nova tarefa com um cerebro limpo de preconceitos — levou consigo todos os preconceitos do banqueirismo da epoca. Não obstante, foi por muito tempo considerado um maravilhoso "expert", e durante as convulsões posteriores á guerra esteve em posição de ditar arranjos que enriqueceram ou empobreceram milhões de criaturas em todos os países da Europa.

Outra grande e oculta força financeira durante e depois da guerra foi a complicada rede de casas bancarias de que Morgan & Cia. eram a cabeça. Esta firma particular conduzia os seus negocios em escala superior á de muitos governos. Os emprestimos que fazia ou recusava consolidavam ou abalavam regimes. J. P. Morgan, seu fundador, curiosa combinação do "gentleman" yankee e "junker" alemão, cujo espirito de aquisição se expandiu no acumulo de grandes coleções de "arte", morreu depois de rebentar a guerra; uma frase sua dirigida ao primeiro presidente Roosevelt foi posteriormente utilizada contra o banqueirismo particular do mundo inteiro: "Roosevelt", protestara ele, "quer que tenhamos bolsos de vidro transparente."

Um segundo presidente Roosevelt iria meditar bastante sobre esta observação.

Nada trae melhor o habito das manobras secretas com mira no lucro. Morgan não era deshonesto, mas dissimulado. A regra do seu jogo era essa. Exigia bolsos opacos, mas tambem exato cumprimento das obrigações contraidas. Seu sistema criou tradição. A firma Morgan & Cia. fez-se um polvo do credito. Enleou de teias de aranha a vida europeia. O trabalho de estrangulação não vinha de nenhuma especie de maldade; era uma coisa natural, como é natural á aranha o desdobramento de suas teias. Nenhum dos contemporaneos compreendia aquelas manobras. Os detalhes dum desses enredamentos só poderiam ser percebidos por quem se entregasse a um longo trabalho de investigação.

Ligados a tais misteriosos sistemas do banqueirismo existiam nebulosas figuras ou grupos no controle de vastas atividades industriais, que num sentido ou noutro influenciavam o jogo do dinheiro. Havia, por exemplo, o Misterioso n.º 1, o tal Sir Basil Zaharof, o homem dos armamentos; como havia um Ivar Kreuger, creador do monopolio mundial do "fosforo", que depois de emprestar grandes somas a varios governos foi por fim apanhado em falsificação de titulos. Para escapar á justiça Kreuger suicidou-se em Paris. (Os fosforos a que me refiro usavam-se naquele tempo aos bilhões. Não havia outra fonte de fogo, de modo que a industria que os fabricava era imensa. Hoje só os vemos nos museus).

Ao contrario de Morgan, Kreuger não era do tipo aquisitivo comum; não entesourava, nem colecionava quadros; não conservava nada, só gastava — construia palacios e fazia doações para laboratorios cientificos. Morgan, com o olho no futuro, acumulava; Kreuger roubava e distribuia. Quando Morgan queria aliviar-se dos lucros, comprava telas dos "Grandes Mestres", manuscritos raros, etc.; já Kreuger fundia as enormes somas a ele confiadas na realização de prodigiosas experiencias de arte, iluminações artisticas, construções fantasticas. Mas tanto um como outro, ambos operavam sem fiscalização nenhuma.

Tão obscuro era o funcionamento da maquina financeira daquela epoca, que Kreuger pôde obter de respeitaveis emprestadores fortes adiantamentos de dinheiro com garan-

tia de um pacote de titulos italianos falsificados. Um passe dessa ordem, hoje, seria imediatamente desmascarado pelo sistema de controle do Bureau de Transações. Naquele tempo ninguem via motivos para tentar uma coisa assim. A historia desses Homens do Misterio e dos varios grupos especuladores em cambio (como a gang balcanica, por exemplo), encontra-se narrada na *Vida dos Malfeitores*, seção financeira, inclusa no *Dicionario de Biografias*. Na maior parte eram homens tão desatentos ás consequencias de suas atividades como a toupeira que perfura os alicerces dum dique.

Nos arquivos dos jornais financeiros dessa epoca, em que o movimento do ouro era de significação vital para o preço das mercadorias e o credito de toda gente no mundo, encontramos titulos assim: "Comprador Desconhecido Adquire Dois Milhões em Ouro", ou, menos exatamente: "Ouro Adquirido por Comprador Desconhecido". E todos os pequenos manipuladores da moeda ficavam a sondar, a imaginar e a calcular sobre a significação daquilo na tendencia dos negocios.

Homens Misteriosos *ex-officio* tambem eram os varios Ministerios de Finanças, entre os quais figurava o mais tipico de todos — o Chancellor of the Exchequer, ou Ministro da Fazenda da Inglaterra. Anualmente reproduzia-se, em certa epoca, a maré de murmuração, disquedisque, boatos e palpites sobre o Orçamento Nacional e o reajustamento dos impostos para o ano seguinte. A misteriosa arimetica do "equilibrar o orçamento" surgia á cena. Os negocios ficavam em suspenso, á espera das proximas revelações; as operações de jogo e de seguro se multiplicavam. A mulher, a familia, os intimos e os secretarios do Homem do Destino tornavam-se selados, lacrados, enigmaticos, oraculares, profundamente importantes com a importancia refletida do Ministro. Por fim chegava o grande momento. A legislatura reunia-se, excitada e curiosa. O Magico, com suas pastas do Obi, tomava assento na Camara dos Comuns, erguia-se solene e começava a ler o projeto do "Orçamento".

Essa leitura trazia sempre "surpresas" — e que mais do que esse fato nos dá a medida da situação caotica do seculo 20? Tudo podia ser taxado ou aliviado de taxas; todos podiam ser atingidos. E para a mentalidade reinante, nada mais natural. Mas o espantoso é tal regime haver durado tanto.

Que coisa extraordinaria, fantastica, era uma situação economica assim! Exatamente como se num grande transatlantico tudo fossem luzes e vida em cima, e lá no fundo, na casa das maquinas, não houvesse luz nenhuma e os homens (alguns mascarados) trabalhassem sem nenhuma orientação geral dada por bons mestres, á luz de fosforos riscados no momento, ou de alguma lanterna velha, quando não na mais absoluta obscuridade.

Depois de finda a guerra, em 1918, ficou patente que o maquinismo do transatlantico estava seriamente desarranjado. A historia economica desse periodo é uma historia de vacilações e flutuações profundamente alarmantes, cada qual mais desastrosa. Nas decadas anteriores á catastrofe, embora houvesse oscilação das diferentes moedas, eram variações pequenas, e tanto a alta como a baixa duma moeda se processavam em periodos longos. Depois da guerra, porém, as variações se amiudaram, e passaram a processar-se rapidamente. Certas moedas subiam acima das outras e rebentavam como vagalhões — e o publico, em meses, via-se com papel sem nenhum valor nas mãos. O comercio internacional foi se tornando cada vez mais dificil, em virtude da incerteza dos pagamentos; e como não havia industria que não recebesse de outra parte a materia prima, a perturbação do comercio internacional estrangulava a produção de muitos países. O comercio e a industria sofriam cada vez mais dessa desastrosa incerteza; era como num terremoto, em que ninguem sabe o que seja melhor, se ficar de pé, deitar-se ou correr — e a multidão dos desempregados crescia continuamente. As nações entrincheiravam-se atrás das tarifas, lutavam umas contra as outras por meio de emprestimos, repudios de dividas, subitas inflações e deflações — e nenhum poder no mundo parecia capaz de po-las de acordo para uma ação comum que detivesse a degringolada.

Esses anos viram o *Homo sapiens* no mais estranho embaraço. Estava o planeta com uma população mais abundante e sadia do que em nenhuma outra éra da historia, e nada lhe faltava, em recursos materiais, para permitir vida razoavel a todos. Mas dentro da abundancia o homem extendia as mãos e nada alcançava. O exame da literatura da epoca mostra como recresciam as apreensões. Os anos de guerra foram cheios de sofrimentos, mas tambem ricos de excitação; mesmo os que tombavam na luta criam estar mor-

rendo em prol da asseguração dum longo periodo de paz. Os sobreviventes prometiam-se a si mesmos um "mundo proprio para herois". Mas a Depressão começada em 1930 caracterizou-se pela falta de elasticidade; foi um periodo de inominavel desapontamento e de inuteis protestos. Vivia-se, como na expressão dum escritor da epoca, num "mundo enfeitiçado".

As consequencias economicas dessa desorganização monetaria foram duras, mas os efeitos na destruição da moral social não apareceram imediatamente. Até então viera o mundo se sustentando graças á boa conduta do homem comum, á honestidade e pontualidade dos empregados e trabalhadores de toda a sorte, comerciantes e profissionais. A segurança geral sempre dependeu do comportamento decente dos homens nas cidades e nos campos. Mas o homem comum comportava-se desse modo porque tinha certeza de que os seus salarios, embora reduzidos, lhe garantiam a subsistencia e alguma dignidade de vida. O homem comum pressupunha um implicito contrato entre ele e a sociedade, qual o de receber trabalho e segurança em troca de subordinação ás leis. Confiava nas garantias dos governos, na estabilidade das moedas emitidas. Não era de graça que se comportava bem. Ninguem se comporta bem em troca de rezas. Mas depois do grande abalo, milhões de homens e mulheres pelo mundo todo começaram a perguntar a si proprios se valia a pena serem bem comportados, trabalhadores e respeitadores da lei. A partir de 1918 o cimento da confiança social entrou a desagregar-se. A porcentagem dos crimes, que caira durante o longo periodo de paz e prosperidade, elevou-se novamente.

§ 13. 1933: *O "Progresso" interrompe-se*

Estamos, pois, no periodo da historia da humanidade em que a expansão social se detem. O ano de 1933 encerra-se num ambiente de profunda apreensão. Era esse estado de "tudo em suspenso" que ás vezes precede a tempestade. As rodas da vida economica giravam com relutancia e incerteza; milhões e milhões de desempregados acumulavam-se ameaçadoramente. Por todo o mundo o povo atolava na miseria e na fome, embora não protestasse ou reagisse co-

letivamente. O socialismo revolucionario ia fermentando. Mas a simples revolução, sem uma base de ideias construtoras que a escore, nada consegue remediar, e as ideias socialistas ainda se mostravam muito debeis e vacilantes. As forças repressivas, apesar de frouxas diante da criminalidade recrescente, bastavam para impedir a insurreição popular. Ainda conseguiam manter na inação a miseria reinante.

Por toda parte e em tudo acentuava-se a vasante da vitalidade. O declinio da saude publica já era perceptivel. As estatisticas de 1933 em diante mostram o aumento da mortandade infantil e a queda da resistencia ás infecções.

A guerra já bruxoleava no Oriente e na Europa; emergia a cabeça, avançava, recuava — e força nenhuma aparecia capaz de deter o seu intermitente e manhoso avanço.

A imensa inercia da velha ordem social, como um rio morto, ia levando o mundo. Sob os ceus negros de nuvens, a maioria dos homens continuava resignadamente no seu viver do costume. As industrias, murchas, iam vivotando, com o corpo de operarios gradualmente reduzido; as lojas conservavam-se abertas para uma freguesia decrescente; por força do habito os sem-emprego afluiam ás Agencias, e só um ou outro encontrava serviço; os senhorios procuravam obter a prestações o pagamento dos alugueis atrazados; crianças mal nutridas tiritavam nas escolas, diante de professores em desalento com a má paga, mas mesmo assim as escolas se mantinham abertas; a bancarrota das estradas de ferro e empresas de navegação fizera-as diminuir os serviços; os hoteis se conservavam abertos menos para ganhar dinheiro do que minorar prejuizos; o trafego das estradas perdera a alegria do impeto anterior, embora ainda intenso; as multidões moviam-se menos nas ruas, mas as aglomerações eram mais numerosas; a policia, apesar de menos vigilante, mantinha a ordem.

Houve na industria das construções um surto intenso depois do Tratado de Versalhes, mas a partir de 1930 arreou, e foi decaindo. Alguns construtores ainda encontravam serviço, sobretudo em reparos ou reconstrução de predios destruidos. Em 1935 e 1937 o mundo foi empolgado por uma epidemia de influenza de excepcional virulencia. A queda da defesa natural dos organismos, já visivel nas estatisticas, acentuou-se com o retorno dessa peste medieval; os medicos e

enfermeiras, entretanto, mantiveram-se firmes em seus postos, e as farmacias e empresas funerarias, que já andavam reorganizadas como Grandes Negocios, prosperaram.

Não são abundantes as fotografias da vida penumbrosa dessa fase de desvitalização, nem nos fazem ver com bastante clareza a miseria em que toda uma geração vivia e morria. Temo-las, porém, de fieiras de casas delapidadas, com os miseraveis interiores á mostra e os mal trajados moradores por ali. Nas fotografias parece sempre estarem por ali, atôa. A reportagem das folhas nos aproxima mais da realidade dessa vida sem espaço, sem cor, sem movimento, sem esperanças e oportunidades. Temos certo numero de "inqueritos" feitos sobretudo pelos jornais ingleses, franceses e americanos, e o que contam é sempre a historia das engrenagens que vão parando, das fabricas que se fecham, das chaminés sem fumo e dos trilhos em ferrugem. Dou aqui um quadro caracteristico da vida de milhões durante essa dolorosa epoca; pinta-o H. M. Tomlinson (1873-1969), um dos melhores escritores ingleses.

Estive numa cidadezinha perto de Cardiff, a semana passada. Fui lá por acaso, pois nunca tinha ouvido falar dessa terra. Como é tipica daqueles vales, escuso-me de dar o seu nome. Pode ter muitos nomes. População dumas 6.000 almas. Vinte anos atrás uma explosão nas minas causara 300 mortes — grande calamidade local. Foi uma terrivel derrota da cidade na sua luta contra a Natureza, mas os sobreviventes retornaram á faina e não se falou mais naquilo.

Quando pela primeira vez vi essa cidadezinha á distancia, rodeada de colinas desnudas e estereis, lembrei-me dos burgos proximos ás linhas de trincheiras na França. Estava um belo dia de sol, mas aquele centro carvoeiro jazia mudo, como congelado por um encantamento.

Sim, está adormecido; mais: está morta a cidade, embora ainda com vida a gente que a occupa. Que podem fazer senão isso?

Á primeira vista parece-nos que é impossivel a alguem morar ali. Casas em ruinas. Construções em ruinas. Maquinas como que paradas ha um seculo. Os buracos nas paredes negras da usina de força sugerem uma casa de morcegos e corujas.

O primeiro homem com quem me encontrei na rua principal, rua de lojas não só fechadas como abandonadas, estava de pé numa esquina, de roupa no fio, olhos parados.

— Que aconteceu a esta cidade? perguntei.

— Está no "dole" (regimen de escassa subvenção oficial).

— Você tambem sem trabalho?
— Claro.
— Ha quanto tempo?
O homem mostrou-me cinco dedos.
— Cinco meses?
— Anos.
— Todos aqui, assim?
— Quasi todos — e não sairão disso.

O homem levou-me a um monte de lixo onde uma cabra comia papel, e de lá pude ver bem a mina. "Esta a razão de não podermos voltar ao trabalho", explicou-me ele. "Como, se tudo está nesse estado?"

Referia-se a uma ponte metalica que passava por cima do leito da estrada de ferro e ia ter á mina; ponte destruida propositadamente ou por ação do enferrujamento. Uma aguazinha corria por entre a ferragem, empantanando o chão e reverdecendo a relva. Ruinas, amontoado de ruinarias. Parecia um lugar mal assombrado. "Alguns homens", continuou o meu informante, "ainda trabalham lá dentro. Estão lá ha dezenove anos. Acha que eles sejam felizes?"

Dois mil e quinhentos homens haviam abandonado a mina cinco anos antes. Era essa a razão das lojas estarem fechadas, com as janelas perras e poentas. A madeira de muitas casas fôra tirada para lenha. Até a Cooperativa estava fechada, bem como a casinha de penhores. Economizar ou não economizar significavam a mesma coisa naquela cidade onde até as igrejinhas, de vidraças sem vidros, viraram ninhos de ratos e passaros.

Peor que o quadro das lojas abandonadas e das casas em ruinas eram os magotes de gente, limpa e discretamente arrumada, que se deixava estar pelas esquinas, esperando, esperando.

Esperando que coisa? Nada. Não têem nada pela frente... Essa geração está condenada a ver uma nova geração crescer raquitica de ossos e sombria. Seus filhos só terão em redor de si os sinais da morte lenta como quadro de seus brinquedos — crianças que não terão infancia. Os lares em que vivem são tumulos da esperança...

A imprensa e a literatura desse periodo fornecem-nos uma curiosa leitura. Oscilavam entre um insincero otimismo e o desespero. Um tom cruel de vicio e sarcasmo invadira a arte e a literatura popular, "forte" no estilo e na cor, mas inhabil no apreender as verdadeiras realidades da vida. Havia tambem uma abundante produção de livros "alegres", de par com movimentos de religiosidade mistica e espiritualista, alem de acentuada tendencia para o puritanismo repressivo. O excesso de "libertinismo" provoca o surto de su-

perstições e censura; os dois extremos coexistem nos periodos de declinio da dignidade humana. Diante das perplexidades politicas e financeiras, os homens tornam-se neurastenicos.

Toda neurastenia tem causas aparentemente inexplicaveis. Para nós, hoje, parece absurdo que a verdadeira razão de tanta calamidade não fosse percebida com clareza e atacada. Havia uma generalizada cegueira e um senso da inutilidade de todos os esforços que ainda atrapalham a visão dos nossos psicologos sociais. O caminho da cura era tão evidente que centenas de observadores já o apontavam na primeira metade do seculo 20. Maxwell Brown, em seu estudo sobre a ideia do Estado Moderno, enche dois volumes com citações demonstrativas. Frases como, por exemplo, "Cosmopolis, Inflação e Emprego Publico" estavam a sugerir, nos lineamentos gerais, o caminho da salvação. Termos crus ainda, indefinidos, mas que prenunciavam a reconstrução. A palavra "Cosmopolis" antecipava o atual sistema do mundo controlado; "Inflação" indicava o nosso completo recuo no caminho da agravação das dividas e o nosso controle da flutuação dos preços; "Emprego Publico" era a ideia que esses nossos antepassados tinham do socialismo.

Mas antes que a marcha rumo á paz e á liberdade se iniciasse, essas faiscas de compreensão teriam de fazer-se fachos de luz. A concepção duma revolucionaria reconstrução do mundo iria espalhar-se de uns poucos cerebros para o de muitos — e espalhar-se não como simples ideia ou sugestão, sim como força capaz de crear mentalidade e estabelecer diretrizes de vida. E só então os homens puderam pensar na realização duma efetiva reorganização do mundo.

A luta pela ordem nova, pela saude mental, operou-se primeiro no cerebro da raça, e foi um grande desmonte de ideias falsas, de convenções injustificaveis, de maximas nunca sujeitas á critica, de "direitos" absurdos; uma grande limpeza nas ideias correntes sobre as relações biologicas, materiais e morais — luta que se prolongou pelo decurso de tres gerações.

De oito a dez mil milhões de criaturas humanas viviam durante a Éra do Desapontamento. Comparadas com as de hoje, tinham a vida mais curta e eram muito menos sadias; quasi todas passavam por fases de infecções, maljustamentos

e enfraquecimentos desconhecidos para nós. A grande maioria morava em ambientes de miseria, em cabanas, telheiros, cortiços e porões quasi tão tristes e anti-higienicos como as cavernas ancestrais. A minoria que dispunha de "criados" levava vida de relativo conforto, e mesmo de certo luxo, mas era uma sobrecarga tremenda para os restantes. Esta minoria prospera diminuiu muito depois de 1931 — e na Russia desapareceu depois de 1917.

Generalizou-se pelo mundo a sensação da insegurança, da enervante incerteza do dia de amanhã — e foi crescendo. Custa-nos hoje a compreender a soma de desconfiança, de irritação e atritos que aquela humanidade suportou. Só uma pequena parte do mundo vivia pacifica e agradavelmente. A doença e a morte violenta tornaram-se comuns. Um dos grandes livros da epoca tinha este titulo: *O Martirio do Homem* (Winwood Reade, 1871). Na Éra do Desapontamento esse martirio da especie humana chegou ao apogeu.

Não obstante, a alegria, a simpatia e a coragem não haviam morrido. Aquele viver doloroso entretecia-se de momentos amaveis. Por fim, do caos de calamidades, negrores e agonias, um largo plano de reajustamento emergiu, e com ele o esforço para realiza-lo. Foi desse esforço que saiu, afinal, a idade de beleza e de feliz segurança em que vivemos.

LIVRO SEGUNDO

Depois de Amanhã: a Éra do Desapontamento

§ 1. A Conferencia de Londres: Culminação da Falencia dos Velhos Governos.

§ 2. O Marasmo da Velha Educação.

§ 3. Desintegração e Cristalização do Magma Social. O Gangster e as Organizações Politicas.

§ 4. Mudanças na Pratica da Guerra, depois da Guerra Mundial.

§ 5. Crepusculo da Paz; o Japão entra na Guerra.

§ 6. O Punho Ocidental afrouxa na Asia.

§ 7. O Estado Moderno e a Alemanha.

§ 8. Odio e Crueldade.

§ 9. O Ultimo Ciclone da Guera, 1940-1950.

§ 10. O Raid dos Germens.

§ 11. A Europa em 1960.

§ 12. Liquidação da America.

§ 1. *A Conferencia de Londres: Culminação da Falencia dos Velhos Governos*

Nos capitulos anteriores explicamos como a ordem velha do seculo 19, ou o Sistema Capitalista, como lhe chamavam, desabou na segunda e terceira decadas do seculo 20, em consequencia do desproporcionado desenvolvimento da produção industrial, da doença da moeda e da inadaptação politica, peculiares ao sistema. O regime não possuia em si nenhuma inerente força de reação curativa, e não havia na imaginação dos homens nenhuma ideia duma nova ordem de coisas que pudesse substitui-lo. E assim, necessariamente, o desastre sobreveio.

Os unicos mecanismos existentes para a ação coletiva consistiam nos varios governos soberanos. No começo da guerra esses governos eram monarquias ou republicas parlamentares. Os parlamentos se formavam por eleição, pelo absurdo sistema do sufragio universal. Isso tinha o nome de Democracia. Tal palavra não queria dizer o que diz hoje, isto é, uma igual oportunidade para todos os seres humanos, de acordo com a capacidade de cada um, e a faculdade de servir e ter voz nos negocios publicos. Nem tão pouco significava a igualdade fraternal duma pequena comunidade. Exprimia apenas uma ficção politica de tipo verdadeiramente extraordinario: que todos os cidadãos eram igualmente capazes de fazer o que fosse preciso fazer.

As grandes republicas da antiguidade, Cartago, Atenas ou Roma, eram essencialmente aristocraticas. Republicas democraticas, isto é, republicas em que cada homem comparticipasse igualmente do governo, só apareceram algumas pequeninas, pobres e colocadas em pontos inaccessiveis, como Uri, Unterwalden e Andorra. O mundo sempre as ignorou.

Seus negocios, puramente locais, estavam ao nivel da compreensão de todos os habitantes.

Com a Éra do Predominio da Europa ocorreu uma virada nos negocios humanos; sobreveio a maré dos livros e debates do seculo 15, periodo de grande animação e confusão, consequentes á critica das fés religiosas e ao afrouxamento da lealdade aos governos. O surto de novas forças economicas abalou a ordem feudal. A exploração e o trafico, as novas condições financeiras e o desenvolvimento industrial crearam novos tipos de homens, ainda mal seguros de sua força, mas ansiosos por liberdade de movimentos. Esses homens não sabiam com clareza o que desejavam, nem no que divergiam dos homens da ordem velha, nem tinham nenhuma ideia duma estrutura social como a que Platão concebera dois mil anos antes. A ideia de Platão, de treinar os dirigentes, lhes era ignorada, embora Thomás Moore houvesse procurado revive-la em sua *Utopia*. Apenas reagiam de acordo com os fatos envolventes. A aristocracia hereditaria e o poder absoluto dos reis eram coisas que os incomodavam.

Em sua essencia, o movimento creador da democracia do seculo 19 foi a revolta contra o "nascimento" e o "privilegio", contra o monopolio de cargos e vantagens, que cabia a uma pequena classe hereditaria de acordo com dogmas implacaveis. Pelo fato desta revolta ser a reação duma mistura de homens energicos e ressentidos, mas ainda não organizados definitivamente do ponto de vista mental e social, adveiu no inicio do movimento a aspiração pela igualdade politica de todos os homens.

Isso não queria dizer que esses "vermelhos" do seculo 16 e 17 fossem favoraveis ao governo das massas; queria apenas significar que eles estavam em oposição ás classes até ali dominantes. Formavam uma forte minoria rebelde, que procurava arrastar as maiorias apaticas. Foi sempre essa a essencia dos movimentos democraticos da Éra do Predominio Europeu. Admitia-se que eram as massas que reclamavam medidas e tomavam decisões — mas as massas sempre foram dirigidas pelas minorias. A individualidade dos "lideres" populares desses seculos aparece-nos muito mais forte que a dos reis e sacerdotes seus contemporaneos. Só um ou outro monarca hereditario, como Guilherme de Orange ou Frederico o Grande, pode sofrer comparação com tipos como

Voltaire, Cromwell, Mirabeau, Washington, Gladstone, Robespierre, Bonaparte ou Marx.

Mais tarde (na Inglaterra, America, Escandinavia, Alemanha, Finlandia, etc.) repetiu-se o fenomeno: uma pequena minoria de mulheres agressivas lutou pela admissão do sexo feminino na politica — e todas as mulheres indiferentes ficaram com direito de voto. Mas esse movimento feminino parou aí. Alem dessa reivindicação politica, as mulheres daquele tempo nada mais fizeram para a solução dos problemas do mundo — não contribuiram em nada.

Os novos estudos de psicologia social estão apenas começando a esclarecer o obscuro processo pelo qual a fé na "democracia" se tornou, por quasi um seculo, o tabú da America e da maior parte da Europa. Havia uma profunda má fé, mesmo entre os que naquela idade eram tidos como "pensadores". No fundo, temiam a crueza da realidade; instintivamente experimentaram adaptar até as suas proprias heresias ao que se lhes afigurava ser preconceitos invencivelmente estabelecidos. A concepção de democracia desses homens era a dum grupo ideal de cidadãos cheios de dignidade, todos semelhantes, todos praticamente iguais em fortuna e poder, a dirigirem os negocios publicos em assembleias ultra-livres e abertas a todos. As velhas democracias da antiguidade, inclusive Roma, eram, pelo menos em teoria, governadas desse modo pela assembleia dos cidadãos. O povo observava, falava, ouvia — e deliberava sabiamente; a ideia era essa.

A extensão deste ideal a grandes paises dum mundo que estava a pôr fim á ordem feudal apresentava tantas dificuldades, e mesmo tantos absurdos, que para manter a ideia do "povo soberano" foi necessario recorrer ao misticismo — adotar a mistica do povo soberano. Tamanho era o medo de que esta suposição não fosse mantida, os privilegios aristocraticos e a tirania dos reis voltassem a torturar o mundo, que a interpretação mistica foi intrepidamente adotada. E' forçoso que as velhas iniquidades não voltem, diziam esses homens aventureiros, precursores da Éra Capitalista — e para fugirem a uma subjugação, cairam em outra.

As obras de Rousseau deram á ideia da virtude natural do homem grande brilho e força. O homem do povo, quando não pervertido pelo Padre e pelo Rei, estava sempre certo. O "Povo" tornou-se, pois, uma entidade mistica, simpatica; na essencia, um Deus cujo oraculo era a Urna. Muito lento

e grosseiro era esse Deus; mas se o moinho moia vagarosamente, os homens admitiam que, afinal de contas, moia bem. E os negocios podiam desenvolver-se livremente. "Podeis enganar parte do povo sempre, e enganar todo o povo por algum tempo, mas não podeis enganar todo o povo eternamente", disse Abraão Lincoln. (You could fool some of the people all the time and all the people some of the time, but you could not fool all the people all the time.) Apesar disto, essa dose de enganamento do povo permitia arrasta-lo a guerras ou a terriveis situações economicas.

E da situação emergiu uma Imprensa de prodigiosa capacidade "enganadora".

A tardonha divindade "Povo" demonstrou ser muito curta de inteligencia para solver os enigmas politicos e economicos, mesmo quando se via á beira da tragedia, como sucedeu no seculo 20. O desastroso resultado das Conferencias de Desarmamento ou Economicas de 1932 e 1933, a macissa oposição de todas as assembleias legislativas a tudo que não fosse do mais estreito egoismo em materia de politica exterior, a incapacidade do mundo como um todo para estabelecer uma frente unica contra o colapso economico, revelaram, finalmente, a bancarrota da Democracia Parlamentar.

A incapacidade dos nominais dirigentes do mundo para se desfazerem do velho habito de se dirigirem a uma idealizada massa de eleitores cheios de preconceitos, a repugnancia que sempre mostraram pela clareza das declarações publicas, frustraram todos os esforços do idealismo. Esses dirigentes fugiam de qualquer ação nova, sob a alegação de que suas funções eram meramente representativas. Atrás deles todos viam a incomoda presença da invertebrada divindade das massas, o Eleitor, sempre em panico diante das medidas novas, intrepidas, radicais, eternamente conduzido pelas matracas do patriotismo, facilmente amedrontado e enlouquecido pela guerra, como facilmente levado á desconfiança e á impotencia por meio de delongas, marchas de flanco e ataques a personalidades de valor nas quais sem isso teria confiado. Uma imprensa totalmente irresponsavel, mercenaria ou partidaria, jogava com os mais baixos sentimentos dessa divindade, ostentando o maior desrespeito pela inteligencia e a conciencia.

O Eleitor, a Massa não orientada nem educada, sem nenhuma organização sincera a guia-la: eis a explicação do fra-

casso dessas reuniões. A Conferencia Economica de Londres foi a mais significativa das duas. Armamento e desarmamento não passam de sintomas; o fundamental é a vida economica. Essa reunião em Londres tornou-se objeto de centenares de estudos dos nossos psicologistas sociais, e muitas das contradições nela reveladas ainda nos deixam perplexos. Os homens que ali se reuniram tinham cerebros tão bons quanto os de hoje, e tambem perfeita compreensão das necessidades do mundo; não obstante, sempre que atuavam coletivamente sentiam-se paralizados pela sombra da Imprensa e da Massa — e revelaram-se ainda mais fatuos e errados que os de Versalhes.

Essencialmente, a reunião de Londres era um tardio esforço para reparar as omissões da de Versalhes e completar a colcha de retalhos de Wilson com reajustamentos economicos que ele não previra, ou não tivera força para realizar. Fantasmagoricas concepções de alguma vaga Liga Monetaria das Nações em Bale, e de algum Conselho de Tarifas, apareceram na nevoa da abertura dos trabalhos. E a Historia, com a sua disposição para erradamente repetir-se, transformou outro presidente dos Estados Unidos numa das principais figuras da conferencia — um presidente democratico que, de acordo com as normas do partido, invocava Jefferson, como os Comunistas invocavam Marx e os maometanos invocavam Maomé. Roosevelt II deixou impressão menos forte que Wilson, porque não atuou por tanto tempo no cenario europeu. Mas por alguns meses, antes e depois da sua eleição para a presidencia da reunião de Londres, correu pelo mundo um murmurio de que o "Homem" havia aparecido — o homem de visão clara e simples, que falava lingua ao alcance da humanidade inteira e libertaria o mundo das obcessões e inepcias que o torturavam. Mas a unica coisa que o "homem" fez foi justamente não falar claro.

Tomando lição da falencia pessoal de Wilson, Roosevelt não veio a Londres e fiscalizou muito as suas falas. Preferiria enfrentar as crises da discussão de bordo do seu hiate *Amberjack II*, ancorado no porto de Nantucket, por meio de continuas mensagens ou intermediarios. Esse hiate tornou-se tão significativo na Historia como o *Oscar II* de Ford. Significativo quanto ás intenções — e á insuficiencia.

Enquanto os trabalhos corriam, o mundo inteiro indagava se de fato o novo leader aparecera. "Será o Messias que

procuramos, ou teremos de esperar outro?" Cada livraria na Europa recomendava seu volume de discursos, recentemente publicado, *Olhando á Frente*, para que o mundo visse com que mentalidade tinha de lidar. A leitura desconcertou a ansiedade dos homens. Não havia duvida tratar-se dum homem firme, honesto e amavel, de rosto risonho e franco, mas aquela literatura ainda era literatura politica, saturada, sim, de boa vontade e vaga modernidade, mas sem a necessaria penetração. "O *homem* é bom, mas bastará isso?"

A esperança, entretanto, subsistia. Onde outra personalidade de evidencia, em condições de quebrar o encanto que paralizava a vida economica do mundo? Aquela Conferencia estava destinada a ser a Conferencia de Roosevelt. Espalhava-se que o presidente dispunha dum "Brain Trust", uma verdadeira concentração de cerebros de alta capacidade, como os professores Tugwell, Moley e Dickinson, homens que desempenharam grande papel na reconstrução dos metodos politicos e legais com que a America se aproximou do Estado Moderno. Aquela "ultima esperança da humanidade" — diziam todos — tratava seus auxiliares pelos nomes de batismo e era por eles tratada de "Guv'nor". Tambem se dizia que tinha a grandeza d'alma necessaria para ouvir e seguir as opiniões bem baseadas e amadurecidas desses mestres. Isso valia muito mais, do ponto de vista humano, do que a pratica dos estadistas e chefes de estado europeus, que só ouviam aos banqueiros e homens de negocio.

Mas seria assim? Teria ele apreendido a triplice natureza do problema? Roosevelt compreendera — parece — a necessidade da inflação monetaria para reduzir a carga das dividas e a super-capitalização; aparentemente apoiava a progressiva expansão dos trabalhos publicos, e nisso estava certo. Mas não estamos seguros de que distinguisse entre trabalhos "publicos" e "trabalhos com assistencia publica", que é outra coisa; nem que admitisse que isso, em vez duma necessidade local, era uma necessidade mundial. Roosevelt mudou algumas vezes de atitude nestes pontos, espetacularmente. Volubilidade natural ou manobras taticas ocultando propositos resolutos? Seria admissivel que usasse de taticas dessa ordem quando o mundo exigia linguagem leal e franca e diretrizes simples? Sua conduta era desconcertante. Parecia ouvir os conselheiros tecnicos — mas não estaria tambem ouvindo a

todo mundo? Cumpre notar o seu namoro com o bimetalismo. Nenhum remedio tinha de ser poupado — parecia.

A Conferencia abriu com a firme resolução de vencer; os hoteis se encheram, as ruas se embandeiraram, o programa de festejos era admiravel — e até o tempo quis contribuir com o seu quinhão, dando belos dias de sol. Os discursos de abertura do rei da Inglaterra e do Primeiro Ministro MacDonald constituem hoje um curioso documento. Exprimiam perfeita noção das angustiosas condições dos negocios humanos, e acentuavam que a falencia da reunião precipitaria o desastre geral. Insistiam sobre a cooperação universal para a simplificação monetaria e o retorno ao trabalho; estavam, portanto, certos, de acordo com o nosso ponto de vista atual. Mas não havia a menor indicação do caminho para chegar a isso. Aqueles homens fizeram gestos que hoje não compreendemos — e passaram para outra ordem de assuntos. Esse mixto de resolução e de incapacidade para atacar os problemas é o que mais nos preocupa hoje. Eles viam as linhas essenciais da situação, mas não as viam em seu todo — nada aparecia ali de carater universal.

Cordell Hull, chefe da delegação americana, tambem se revelou homem fino e de boa amplitude mental. As esplendidas palavras que inscreveu nos anais da historia — apiedados tiros contra as melhores tradições americanas — foram as seguintes: "E' necessario banirmos o egoismo. Se algum pais perturbar esta Conferencia com a noção de que seus interesses locais têm que ser atendidos, esse pais fará jus á execração da humanidade".

Tambem Daladier, Primeiro Ministro da França, abriu com admissões extremamente amplas e sadias. Insistiu no ponto que os dois discursos ingleses apenas tocaram de leve: no progressivo desenvolvimento de grandes obras publicas no mundo inteiro, em escala que absorvesse os desempregados e restaurasse a economia geral. Na segunda semana os americanos pareciam acordes nisso. Mas logo em seguida a Conferencia desceu de nivel, passou a tratar de coisas de menor importancia. Não pôde, aparentemente, manter-se nas alturas. A pressão da Massa e da Imprensa atrás de cada delegado começou a fazer-se sentir. Com insistencia progressiva os delegados acentuavam que os interesses nacionais de cada país não deviam ser sacrificados ao bem geral da humanidade. E aos poucos a Conferencia Mundial Economica degenerou

em Conferencia de Conflitos Economicos, do mesmo modo que a Liga das Nações degenerava em mercado de transações.

A largueza do preludio descaiu para a habitual estreiteza dos nacionalismos. A mentalidade do mundo ainda não estava em ponto de enfrentar o problema. A soma de abnegação necessaria era uma barreira psicologica á frente daqueles delegados. Abandonarem os pontos de vista nacionais seria suicidarem-se politicamente. Eleitos como representantes dos interesses nacionais, como poderiam pô-los em jogo? Estavam preparados para revolucionar a situação do mundo e mudar a miseria em esperança, em abundacia e ordem, só no caso de não sofrerem pessoalmente em suas situações. As ideias gerais da Conferencia eram boas e verdadeiras, mas as forças desintegradoras do egoismo pessoal e nacional estavam ainda muito fortes.

Curioso que os representantes da Russia socialista nada fizessem para esclarecer a situação do enigma sovietico. Ainda hoje se diz que o regime bolchevista foi o direto precursor do Estado Moderno, como o temos. Mas não houve tal transição direta. O Estado Moderno emergiu sob a pressão dos mesmos imperativos sociais que produziram o marxismo e o leninismo, mas em consequencia duma concepção revolucionaria independente da dos russos, mais amadurecida, mais sadia. O sistema sovietico não ha duvida que antecipou muitas feições da ordem atual, no que diz respeito ao internacionalismo, á real socialização e sobretudo á creação dum orgão de controle, que foi o Partido Comunista, o qual aparece como o precursor da nossa Sociedade Estatal Moderna. Mas sempre houve na Russia uma larga divergencia entre a teoria e a pratica; e em Londres Litvinoff, o primeiro defensor da grande experiencia do planejamento, mostrou-se muito preocupado com varios atritos entre a Russia e o Ocidente, com embargos comerciais e dificuldades de credito; isso o impediu de aproveitar a ocasião para um largo apelo ao mundo. Litvinoff nada fez para a aplicação dos principios diretores do comunismo á situação mundial. A Conferencia estava com sêde de planos, mas nada disse ele dum Plano Quinquenal para todo o mundo. Fez como os representantes dos capitalistas: esqueceu o mundo como um todo para só atender a uma parte desse mundo. Só pensou na Russia.

As ideias dos outros delegados eram ainda mais acanhadas. Como tivessem para seus discursos tempo marcado, re-

sumiam o mais possivel a profissão de fé humanitarista e entravam em materia nacional — a que interessava ao seu país. Unicamente o senador Connolly, da Irlanda, protestou contra a estreiteza dos colegas e reclamou consideração para com "todas as teorias possiveis, ainda as mais heterodoxas". Mas não apresentou nenhuma ideia construtiva. Tambem ele estava obcecado pelo embargo que a Inglaterra impusera sobre as exportações irlandesas — e foi do que tratou...

A ideia do Estado Mundial, como Moreton Cranby acentua, transparece de modos diferentes nos discursos dos americanos, ingleses, franceses e russos. Nos delegados americanos surge envolta em precauções e frases individualistas; os ingleses impregnam-na de preocupações imperiais; os russos embrecham-na da falsa psicologia e da linguagem tecnica do marxismo. Nos primeiros sente-se a pressão dos homens de negocio da America; nos segundos, a pressão dos administradores do Imperio; e nos terceiros, a pressão doutrinaria dum partido. As afirmações de principios gerais deixam rever o nebuloso sentimento do patriotismo, ou do partidarismo, ou dos interesses pessoais. A despeito de tudo, entretanto, o Estado Mundial Moderno foi definitivamente delineado na Conferencia de Londres de 1933. Como um fantasma do futuro, a sua presença nessa reunião foi sempre sentida dai por diante, embora as ultimas fases da horrivel Éra do Desapontamento ainda tivessem de vir com todo o seu imenso cortejo de dores.

O fantasma, diz Cranby, não conseguiu materializar-se porque não havia elementos materializantes. Cada país do mundo sentia a marcha para o estado futuro, mas nada desse estado futuro ainda estava ao alcance da mão. Cranby acha muito interessante o esforço de Roosevelt II, na undecima hora, para reconstruir os Estados Unidos. O presidente estava convencido da necessidade da inflação no aliviamento das dividas, mas não se sentia habilitado a impedir a dissipação das energias que a inflação soltava. Roosevelt lidava com homens treinados no poker, nos quais a habilidade de manobras se tornara uma segunda natureza, e pedia-lhes (ameaçando-os ás vezes) que mostrassem o jogo e colaborassem com ele. Não dispunha dum adequado serviço para o controle das obras publicas; era-lhe impossivel dum golpe transformar os tecnicos americanos, de quasi-manipuladores financeiros que são, em

candidos funcionarios publicos; e procurava induzir os aproveitadores a renunciarem a lucros e organizarem suas industrias em bases altruisticas, fazendo ameaças de socialização que o seu poder politico não podia efetivar.

Alem disso era Roosevelt tão ignorante da mentalidade europeia e tão incapaz de lidar com ela como Wilson. Veio logo o desacordo, e Roosevelt tornou-se provocante. Começou a deblaterar ainda no decurso da Conferencia. Em 1935 todo mundo achava um certo paralelismo entre os Estados Unidos e a Russia. Ambos os paises lutavam no rumo de um estado mais cientificamente organizado e ambos encontravam a mesma dificuldade em conciliar a eficiencia industrial com o controle do governo. Tecnicos e politicos tinham de fundir-se num homem só, de assimilarem-se mutuamente. Cada grande ditadura abria guerra contra o especulador e o "profiteur"; professavam todas uma vaga esperança de colaboração universal e depois se concentravam nos problemas da prosperidade interna. Mas marchavam para esses objetivos comuns por caminhos opostos — o caminho da eficiencia da produção e o da socialização. Roosevelt partia do individualismo democratico; e Stalin, do comunismo marxista. O sistema inglês e de outros paises procurava um equilibrio conservador em meio da caotica derrocada financeira.

A Conferencia de Londres não chegou aos apices dramaticos da de Versalhes. Nada realizou. Depois de voar pelas alturas, descambou rapidamente. Se a de Versalhes deu á luz um monstro, a de Londres não pariu coisa alguma. Nunca uma entrada de leão degenerou em maior saida de sendeiro.

Os jornais do tempo refletem com abundancia o desastre da Conferencia e acentuam que ainda que se escolhessem os seus representantes ao acaso, o resultado não seria mais negativo. Seus delegados eram homens de experiencia nos negocios publicos, mas gastos. MacDonald, fina flor da politica profissional, corria os olhos pela sala, como á espera de algum incidente favoravel que viesse salva-lo e aos demais do bisturi da historia. Por um momento, no esplendor da abertura, diante de fotografos a apanharem os seus menores gestos, de microfones recolhendo suas sonoridades, de atentos secretarios e da seriedade dos austeros americanos que o apoiavam, MacDonald devia ter admitido que qualquer coisa magica estava ajudando a "grande coisa" a vir ao mundo sob a sua direção. MacDonald acreditava em magica. A magica o fi-

zera. Graças ao uso da voz e dos gestos, subira da mais completa obscuridade á mais alta posição do mundo. Se não acreditasse em magica, em que mais acreditaria? Mas se naquele momento foi esse o seu estado de espirito, que tragico despertar teve depois, quando a critica universal o dissecou! Noites de insonia, certamente, em que perdeu a confiança na sua estrela.

A Conferencia apagou-se ao fim duma semana. A City, com os titulos em alta por uns dias, recaiu no marasmo, e a depressão mundial não esperou que a Conferencia chegasse ao fim para retomar o seu curso. Londres, tão reanimada dias antes, dava ideia das crianças que brincam com balõesinhos elasticos: radiantes enquanto os assopram, e desapontadas quando os vêem murchar.

Habwright, no *Senso da Catastrofe na Decada* 1930-1940, observa que em julho de 1933 as criaturas inteligentes de toda parte só diziam duas coisas. Dos delegados á Conferencia: "Esses homens nada podem fazer por nós. E fazem ainda peor que nada: intensificam o desastre". E ainda: "Por que se calam, neste momento, os historiadores, sociologos e economistas? Ha escusas para a falencia dos politicos democraticos. Mas as universidades? Para que servem elas? Não é lá que se cose a ciencia? A Historia ainda não aprenderia nada sobre as causas? Não saberá analisar o processo que nos está destruindo?"

Mas os professores das universidades, grandemente preocupados com outras coisas, nada respondiam.

Antes do fim dessa decada tornou-se claro a todo mundo que uma catastrofe universal estava em marcha e que o melhor a fazer seria armar uma arca de Noé para recolher tudo quanto prestasse da civilização ameaçada de naufragio — e com esses elementos retomar o progresso depois de findo o cataclisma. Esta ideia fôra até pouco tempo a de alguns videntes, mas estava agora generalizada. E foi o que preparou a via para o movimento em prol do Estado Moderno como o temos hoje. Naquela epoca de geral pessimismo não havia nenhuma esperança de salvação. Um escritor citado por Habwright comparou o homem a um macaco domesticado que "teve a inteligencia de puxar o colchão para perto do fogo, ao sentir frio, mas não sabe como sair-se do incendio que sobreveio". O breve resumo de Habwright sobre as medidas

financeiras tomadas á proporção que o senso da catastrofe recrescia, prova a justeza da imagem.

A ideia de que a Democracia Parlamentar tinha chegado ao fim generalizara-se durante essa decada. Já no periodo entre a vacilação posterior ao Tratado de Versalhes e a guerra de 1940 os homens viviam debatendo, conspirando e planejando novas formas de governo, mais construtivas. Isso degenerou em verdadeira histeria. O mundo inteiro mudou de governos e de homens.

No começo, esta histeria que reclamava "pulso" deu resultados muito crús. Uma onda de espalhafatosas ditaduras espalhou-se pela Europa, da Polonia á Espanha, imediatamente depois da guerra. Em regra tais aventuras seguiam as linhas dos "pronunciamentos" sul-americanas, e eram muito insignificantes para preocupar a historia. Mas seguiu-se logo o surto de grandes associações politicas, prenunciadoras da Sociedade Estatal Moderna sobre que a ordem de hoje se assenta.

A ditadura fascista de Mussolini na Italia revelou mais qualidades de permanencia que outros movimentos de feição similar, substitutos dos metodos parlamentares. O fascismo não emergiu como simples usurpação pessoal, mas como organização baseada num proposito e num corpo de doutrinas. O conteudo intelectual do fascismo era limitado, nacionalista e romantico; seus metodos, sobretudo no começo, primavam pela violencia; mas logo passou a insistir na disciplina e devotamento de seus membros aos serviços publicos. Apareceu como um impulso contra o caotico laborismo comunista, mas o suporte que deu ao trono e á Igreja não o impediu de tomar conta da educação e arrastar a propriedade privada a reverter para o beneficio publico. O fascismo não foi totalmente uma coisa má; foi uma má boa coisa — e Mussolini entrou para a Historia.

Na Russia algo mais amplo e completo entrou em operação depois de 1917: o Partido Comunista, invenção de Lenine, o qual continuou a modificar adaptativamente a organização até que morreu em 1924. Enquanto Lenine viveu, a experiencia russa parecia liderar o mundo rumo á ordem nova, que tinha de suceder ao paralitico regime parlamentar. Parece-nos profundamente interessante recordar hoje a modernidade dos principais aspectos do bolchevismo inicial.

Essa modernidade emergiu sob a pressão de necessidades urgentes, e a liderança de Lenine firmou-se a despeito das serias dificuldades opostas pela tradição marxista. Marx, tipo de homem que os psicologos do seculo 20 consideravam possuidor da "originalidade que não pestaneja", nunca viu claro no sentimento democratico que tinha em redor de si. Ainda na aurora da ideia democratica surgira a tendencia para excluir as classes privilegiadas da Verdadeira Democracia do Homem Comum, e Marx e seus seguidores intensificaram e estereotiparam essa tendencia com a cunhagem dum novo deus — o Proletariado. O Proletariado era a Massa Pura, mistica por excelencia.

Mas no começo a revolução russa ficou debaixo do controle de Lenine, homem de profunda inteligencia pratica, e Lenine tratou de pôr a grande reconstrução fora do alcance da inercia e do panico das massas. Seu regime de "Soviets" era ostensivamente "democratico"; a piramide dos soviets erguia-se num plano hierarquico; a administração suprema só tinha contato com representantes do povo devidamente filtrados através duma ascendente serie de corpos. Alem disso, estabeleceu um completo controle da educação e da imprensa, com o fim de conservar na linha reta o pensamento russo e a nominal soberania das massas. E para animar e dirigir a grande maquina, creou o Partido Comunista.

Este partido, do mesmo modo que o fascismo na Italia, deve sua origem á ideia do Estado Moderno, já delineada na *Republica* de Platão. Por que se alguem pode ser dado como pai do Estado Moderno, é justamente o grande filosofo grego. Os membros do Partido Comunista muito se assemelhavam aos Guardiães de Platão. Já em 1900 os criticos da democracia pensavam na possibilidade de crear um corpo de homens exclusivamente devotados ao serviço social e politico, treinados, disciplinados e pagos para essa função. O movimento socialista inglês debateu a ideia em 1900-1901 (ver *Fabian News*, nos Documentos Historicos desse ano), mas foi necessario que sobreviessem os desastres de após-guerra para que surgissem homens suficientemente devotados, suficientemente desesperados e numerosos, para formar uma solida associação controladora.

Desde os começos o Partido Comunista, embora permanecesse mais politico do que tecnico, relembra a nossa Socie-

dade Estatal Moderna na sua insistencia pelo estudo e treino a todos que, dadas certas condições, queiram servir — e no direito de resignarem os privilegios, caso queiram retornar á comparativa irresponsabilidade dos não agremiados. Mas as condições que crearam o Partido Comunista Russo fizeram-no inevitavelmente marxista, e mesmo depois de profunda leninização o Comunismo, esse produto final do radicalismo do seculo 19, ainda retinha muitas de suas sentimentalidades marxistas, e para elas mais se inclinou quando, depois da morte de Lenine, entrou em cena Stalin, homem devotado — mas desconfiado, despotico e sem originalidade.

Havia uma pesada carga de sentimento democratico e igualitario no bojo do sistema russo, como havia uma carga de sentimentos patrioticos e religiosos no bojo do fascismo. Mas a propria Constituição dos Estados Unidos não estatuiu a igualdade democratica, nem insistiu sobre a inspirada sabedoria dos ignorantes. Embora rarissimos membros do grupo dirigente russo fossem camponeses ou operarios, havia em todos a generalizada pretenção de serem "gente do comum". Escarravam no chão, vinham de barba recrescida e sem colarinhos. Pretendiam ser indiferentes ao conforto burguês. Quando os chefes comunistas disputavam entre si, a palavra "burguês" era o maior insulto — principalmente porque não passavam de burgueses. Muitos anos teriam de correr antes que a direção do Estado Moderno se libertasse dessas heranças do "cant".

Um dos peores aspectos do choque das novas experiencias na Russia com as invejas e odios da ordem velha, foi a inhabilidade para assegurar a cooperação de tecnicos competentes, bons organizadores e educadores. Na tentativa de tudo modernizar, os comunistas repudiavam a assistencia dos elementos mais modernos da nação. Mas como esses elementos possuiam um treino especializado e sabiam coisas geralmente desconhecidas, tornava-se dificil dar-lhes carta de proletario. E, portanto, na Russia, bem como na America, os politicos, com a sua habitual eloquencia e astucia, intervieram e obstruiram — se realmente não barraram de vez — o caminho que levaria a humanidade a uma nova ordem social e economica.

Stalin aprendeu muito com as dificuldades surgidas na execução do Plano Quinquenal, conhecendo o mal que é a

subordinação dos tecnicos aos politicos, e o seu discurso de 1931 sobre a *Velha e a Nova Inteligencia Tecnica* vale pela franca admissão do homem de ciencia fora de partidos, só escravo da sua especialização. Infelizmente, o pulso do partido politico na Russia fôra fortificado pela ação da Cheka, essa estranha protetora da autoridade marxista, depois transformada na G. P. U. E assim, a partir de 1928, data do primeiro Plano Quinquenal, a Russia caiu sob uma pesada ditadura politica, mais de propaganda do que de realizações, desapontando as simpatias estrangeiras e inutilizando internamente as melhores inteligencias.

Outro mau resultado do sistema foi o crescente divorcio entre o processo russo e o esforço creador do Ocidente. Em vez de aliados naturais, tornaram-se oponentes. A' medida que a ameaça de desintegração se tornava mais patente nos paises do Atlantico, tambem se tornava mais claro que a esperança de salvação jazia no coordenamento de esforços dos homens capazes de todas as nações, tipos e classes. Uma revolução era considerada necessaria, mas não do tipo antigo, com barricadas na rua ou guerra de classes. Uma revolução no alto sentido. Porque revolução que destroe não é coisa necessaria num regime que se vai destruindo por si mesmo. A fase da revolução construtora havia chegado, mas de qualquer lado que repontasse um esforço construtor surgia para inutiliza-lo o fanatismo da guerra de classes. (Ver, por exemplo, o *The Way Out*, de Upton Sinclair, 1933).

O desperdicio de forças creadoras foi enorme, não somente na Russia como em toda parte. Multidões de moços e moças, a flor dos paises civilizados, despendiam a sua generosa mocidade em azedos conflitos sobre meros pontos de doutrina. E o veneno do nacionalismo vinha complicar as reações. Muitos se voltavam contra a ideia do progresso e procuravam lançar o mundo numa imaginaria éra de virtude. E faziam-se partidarios da Ku Klux Klan, do Nacionalismo, do Nazismo. Todos revelavam o impulso da mocidade para a ação ampla, veemente, efetiva. Eram todos bem intencionados. Estavam unidos em espirito, mas separados pela confusão das linguas — e se por muito tempo a ideia do Estado Moderno não pôde conquista-los foi sobretudo porque as contradições da Russia lhes atrapalhavam a visão.

A Russia parecia liderar o movimento e não liderava. Enquanto isso, os velhos metodos da Democracia Parlamentar da velha Diplomacia Nacionalista continuavam na posse da maior parte do mundo ocidental — e a marcha para o colapso se ia acentuando.

§ 2. *O Marasmo da Velha Educação*

Faber, em suas interessantes e sugestivas *Analyses Historicas* (2103), mostra como as guerras, crises economicas, epidemias, fases de grande carestia e de verdadeira fome, no lapso de cem anos antes de 2014, foram necessarias, embora pudessem ser evitadas com os recursos de que a humanidade então dispunha. Era, porem, tão grande o obstaculo oposto pelo acumulo de tradições, que esse periodo de martirio não pôde ser evitado. Faber declara que sem o sofrimento dessas gerações a mentalidade não se teria purgado dos seus renitentes lealismos, ciumes, terrores e superstições; e a vontade humana não se teria sublimado ao esforço, á disciplina e aos sacrificios que a instituição do Estado Moderno pedia.

Faber volta a sua critica para a chamada decadencia da educação depois, mais ou menos, de 1930. Até então era corrente considerar-se a diminuição das escolas como sinal de retrocesso do padrão geral da vida e da deterioração da saude publica. Esse autor, porém, apresenta boas razões demonstrativas de que a ruina da velha maquina educativa foi uma preliminar necessaria á reconstrução social do mundo.

A escola comum, diz ele, tinha de nascer de novo, refeita desde os alicerces; e para isso tornava-se necessaria a completa ruina do sistema escolar existente. Faber põe ironicamente de lado a opinião de que o seculo 19 foi um seculo de educação. Andamos iludidos, argumenta ele, com a aparente semelhança entre as escolas e universidades de hoje e as daquele periodo. Ambas tomavam todo o tempo dos discipulos, mas o que os alunos fazem, e o que faziam, são coisas inteiramente diversas. Nossa educação consiste hoje em acompanhar todas as revolucionarias mudanças da vida; consistia outrora em só atender ao passado — era um processo conservador. Tão conservadora foi a escola antiga, que a sua destruição se tornou indispensavel para o surto do mundo novo.

A palavra educação abrange hoje quasi todas as atividades intelectuais através da vida inteira, salvo a investigação tecnica e a creação artistica. Mas não era o que significava outrora. Outrora significava apenas a preparação dos moços para a vida. Raro ia o curso alem dos vinte anos, e na maioria dos casos parava aos quatorze! Nós agora não estabelecemos limites de idade. A perfeita informação do publico, o debate e a analise publica das decisões coletivas estão dentro do nosso sistema de educação — isto é, está dentro da educação tudo o que no seculo 20 estava fora.

O que os homens daquele tempo sabiam lhes vinha da maneira mais desordenada. Os jornais só davam a publico o que os seus leitores e proprietarios queriam; a difusão de fatos e ideias pelo cinema ou radio era objeto de comercialização na America, ou controlada e orientada por interesses politicos na Inglaterra; a publicação de livros, mesmo os de ciencia, constituia uma industria livre como qualquer outra; nada havia equivalente ao Centro dos Conhecimentos de hoje.

E' digno de nota o longo tempo que a humanidade passou sem uma organização dos conhecimentos, de qualquer tipo que fosse. Nenhuma enciclopedia existiu no mundo até o seculo 17, porque a chamada Enciclopedia Chinesa não passava duma miscelanea literaria; e não houve nenhum serviço permanente de enciclopedismo da parte das enciclopedias advindas da iniciativa privada depois do seculo 17. Não havia nem sequer a ideia da necessidade dum sistema permanente que ordenasse os conhecimentos e continuamente revisasse as enciclopedias. Para os homens da Éra do Desapontamento o nosso complexo sistema de investigação, consolidação, discussão, verificação, notificação e informação, com agencias em toda parte, bureaus regionais, sede central em Barcelona, com 17 milhões de cooperadores ativos e 5 milhões de correspondentes, teria parecido coisa incrivelmente vasta. Teria parecido incrivelmente vasta a despeito de que a manutenção dos exercitos naquele tempo de generalizada pobreza exigia organização maior e mais dispendiosa.

Vivemos hoje a alargar esse Cerebro da Humanidade, sempre aumentando o numero de suas celulas, ampliando os seus arquivos, tornando mais rapida e efetiva a ação reciproca entre as partes. Uma caudalosa literatura independente floresce-lhe ao lado. Comparada á de hoje, a humanidade da

Éra do Desapontamento surge como destituida de cerebro: não passava duma coletividade invertebrada, com debeis ganglios cerebrais mal ligados entre si, e com isso letargicamente ignorante.

E os conhecimentos gerais eram não só rudimentares, como casuais, duvidosos ou maus. Faber aponta coisa peor: o conhecimento vivia fora da educação, completamente fora do sistema escolar. A necessidade duma sã ideologia comum a todos os homens é a ideia central do Estado Moderno. Mas Faber mostra que as antigas escolas "elementares" não tinham nem sequer a intenção de conhecimentos. E cita um inquerito da epoca, feito nos Estados Unidos pelo Dr. G. S. Counts (*The American Road to Culture*, 1930) no qual a completa ausencia de ideologia nas escolas americanas parece fora de duvida. Essa ausencia era intencional. A historia ensinada nas escolas publicas resumia-se na perniciosa parolagem patriotica; a biologia era como se não existisse, ou infantil e cheia de pudores; os "fatos do sexo", como eles diziam, eram *ensinados* pelo estudo das flores — e quanto á economia, nada. A "educação" do seculo 19 não foi luz, foi quebra-luz. Organizações de pais, de politicos e de sacerdotes vigiavam ciumentamente as escolas para que assim fosse. Faber cita horarios, publicas discussões desses pontos, e dá exemplos dos livros de texto em uso.

Diz Faber, entretanto, que o declinio da investigação cientifica no seculo 20 vem sendo muito exagerado. Embora realmente houvesse diminuição no numero dos cooperadores, devido á destruição dos institutos mantidos por particulares, e tambem por motivos do que eles chamavam "economia", não houve, de maneira nenhuma, solução de continuidade nos avanços da ciencia, ainda nas peores fases do colapso universal. O espirito de investigação revelou uma adaptabilidade proteica, ou verdadeira indestrutibilidade. Sabia fazer-se passar do patrocinio do milionario para o dum poderoso chefe militar; fugia; refugiava-se ora na Espanha, ora na Russia, ora na America do Sul; chegou a esconder-se em barracões de aviadores, para afinal atingir o apogeu em nosso tempo. Nunca prosperou, como fôra de esperar, sob o regime do capitalismo. Durante toda a Éra do Desapontamento a investigação cientifica viveu da mão para a boca. E se era bem remunerada, imediatamente degenerava — comercializava-se, como mostra Sinclair Lewis no *Martin Arrows-*

mith. Se sobrevinham maus tempos, os parasitas da ciencia desertavam — mas o verdadeiro cientista, acostumado a todas as restrições, apertava o estomago e, onde e como podia, continuava no trabalho.

O que realmente faliu nesse periodo entre 1930 e 1950 foi a sistematica educação escolar do povo, que começara durante o seculo 19. Tudo se resumia em ensinar a ler, escrever e contar. Houve reformas, sobretudo em metodos, e melhoramentos no ensino das crianças (a primeira coisa sacrificada quando sobreveiu o regime das "economias") e algumas escolas excepcionalmente boas apareceram — mas o carater geral das escolas da epoca era o que apontamos. A progressiva multiplicação desse tipo de escolas pelo mundo inteiro operou-se durante todo o seculo, até o rompimento da Guerra Mundial. A proporção dos "alfabetizados" cresceu com rapidez. Mas depois do desastre foi caindo até zero, com excepção da Russia, onde essa educação popular só começou em 1917. Mas o que caiu não foi a verdadeira instrução ou a transmissão de conhecimentos, sim o treino educativo tradicional da sociedade velha.

O que costumavam chamar "conflito entre a religião e a ciencia" ocorreu no seculo 19, e não perderemos tempo em repetir como a estabilidade das religiões cristãs fraqueou diante da mudança de valores trazida pelos estudos geologicos e biologicos da epoca. Antes de 1850, mais de 99% da população europeia e dos Estados Unidos estava plenamente convencida de que o universo fôra creado no ano 4004 antes de Cristo. A vida intelectual da humanidade desse tempo encarangava-se na estreiteza desse pequenino lapso de tempo. Parecia-lhe apavorante sair dali. Verdadeiro caso de agorafobia mental. (1) O estudante de historia já conhece as dificuldades do clero, durante os anos de libertação do pensamento, para explicar, mesmo "simbolicamente", a Queda do Homem e a Expiação, até esse tempo tidas como fatos historicos; a perda de confiança na autoridade sobreveio em consequencia dessa inevitavel impotencia. As controversias que se seguiram morreram numa assuada de murmurios ironicos, mas o efeito das disputas se tornou mais e mais evidente nas gerações sucessivas. A consequencia foi um universal

1. Perturbação morbida de quem se vê subitamente lançado num espaço vazio.

abalo na moral estabelecida. O novo e o velho mutuamente se anulavam.

A explicação cristã do mundo, tanto catolica como protestante, trouxera consigo um rude, porém efetivo codigo moral. O Inferno era a *ultima ratio* da má conduta na terra. As Igrejas, conquanto pobres de argumentos, estavam bem dotadas de recursos e poderosamente entrincheiradas dentro das escolas. Sua pura e simples resistencia contra as ideias novas revelou-se mais efetiva do que a discussão. O povo adquirira o habito de pertencer socialmente a esta ou áquela Igreja e de lhes confiar a educação das crianças. Não havia outros mestres á mão. Não havia escolas de outro genero. E desse modo as ortodoxias tradicionais, a despeito de haverem perdido muito do seu antigo poder de convicção, puderam opor-se com vantagem ao desenvolvimento duma moral moderna, harmonizada com todas as mais realizações do homem.

Gradualmente, durante a Primeira Éra de Prosperidade Geral, o valor relativo da dotação das Igrejas diminuiu e elas perderam completamente o prestigio moral e intelectual. Mas só depois do terremoto economico de após-guerra é que os alicerces materiais das Igrejas se desagregaram. Por algum tempo essas grandes organizações compartilharam do desastre comum; mas quando, sob novos auspicios, a restauração começou a fazer-se, elas já não se ergueram á antiga importancia. Seus recursos em dinheiro e posses se haviam evaporado. Suas propriedades tiveram o destino comum de toda propriedade — foram comunizadas. Em 1965 já não era possivel a um moço fazer carreira como sacerdote de nenhum credo. A profissão tornou-se insustentavel, sendo digna de nota a presteza com que os sacerdotes de todos os tipos abandonaram a indumentaria profissional e desapareceram na multidão, á medida que as rendas lhes iam diminuindo. Historicamente, as Igrejas Cristãs *passaram* quasi tão rapidamente como o sacerdocio de Baal depois da conquista persa. Ha muita plausibilidade no que Faber diz — de que elas não poderiam desaparecer de outro modo.

A opinião corrente é que a destruição da moral social caracteristica desse periodo decorre do interregno entre o naufragio da etica cristã e o estabelecimento da moral moderna. Faber não pensa assim. Admite que a moral do Ocidente foi em larga parte construida pelo cristianismo, mas nega que

as religiões cristãs a sustentassem. Atribue o naufragio da Igreja á destruição da confiança social, que já vimos ser uma natural consequencia da flutuação da segurança economica e dos valores monetarios da epoca. Os homens deixaram de respeitar a sociedade porque perceberam que estavam sendo roubados e traidos por ela.

§ 3. *Desintegração e Cristalização do Magma Social. O Gangster e as Organizações Politicas*

As dissoluções e reagrupamentos humanos processados nesse periodo sempre mereceram a atenção dos sociologos. O homem do povo perdera a confiança num Deus de bondade, e tambem perdera a confiança na justiça social e na educação recebida. Encontrava-se sem emprego e cheio de apetites. A outrora honrosa vida de trabalho e de familia tornava-se sonho para uma maioria cada vez maior.

O que hoje chamamos "nucleação social" ia falindo; o agrupamento de seres humanos em familias e comunidades de trabalho já não funcionava. Os homens tornavam-se inquietos e turbulentos. A confiança e a disciplina social do seculo 19 deterioravam-se com rapidez.

Fases de febre têm ocorrido inumeras vezes na historia, fases de inquietação e desordem, coagulamentos de populações, expulsões, migrações. Os periodos de calma aparecem excepcionalmente. Mas a razão disso, no passado, era sempre a carestia de viveres, a perda de colheitas, a peste ou invasões guerreiras que destruiam toda a textura social duma zona. A desintegração que agora nos ocupa mostrou-se de carater diferente. Foi em primeiro lugar devida ao aumento, não á diminuição, dos bens materiais e da energia social. Foi um processo de expansão que esbarrou nos obstaculos da lei e na inepcia dos governos tradicionais.

As forças desintegrativas, já evidentes no seculo 18, tornaram-se mais ainda na Revolução Francesa e perturbações subsequentes — mas só alcançaram vitoria depois da Guerra Mundial.

No seculo 17, quando a população ainda era escassa e sedentaria, fôra possivel manter a ordem por meio de "dele-

gados" de aldeia e julgar localmente os malfeitores por meio de juizes ou juri que os conheciam de perto. Mas o desenvolvimento economico do seculo 18 aumentou as cidades e o trafico interurbano, sem que houvesse modificação nas forças incumbidas de manter a ordem. Resultado: aumento do crime — salteadores nas estradas, ladrões e vadiagem na cidade. Como podia o "delegado" local atender á mudança?

Depois do colapso dum regime de severidade cruel, depois dos excessos da primeira Revolução Francesa, depois de levantes populares em quasi todas as capitais europeias e de inumeras outras manifestações do "fugir á lei", a maquina governamental procurou adaptar-se ás novas condições. Forças policiais, mais ou menos modernizadas, apareceram no mundo inteiro e inauguraram uma nova fase de ordem e segurança, cujo maximum foi alcançado antes de 1914. Por algum tempo o mundo, ou pelo menos grandes zonas do mundo gosaram duma segurança comparavel á de hoje. Um homem desarmado podia sem receio viajar a maior parte da Europa, da China, da America. Não sofria violencias, não era assaltado. Os policiais dos paises de lingua inglesa nem sequer andavam armados; só traziam o curto bastão simbolico.

Mas a Guerra Mundial suprimiu muitas inhibições que se vieram formando no decurso do seculo 19, inhibições que mantinham sufocados os impetos de violencia e sanguinarismo; e grande numero de homens inteligentes e ativos, encontrando-se desempregados num mundo de automoveis, telefones, vitrinas convidativas, casas de campo indefesas e habitos sociais de confiança, viram-se defrontados por oportunidades de ilegalismo muito mais atraentes que a conduta dentro da lei que lhes era permitida. E depois da Crise Mundial sobreveio aquela furia de economizar que, como uma doença, varreu a historia e impediu o alargamento e a modernização que tudo impunha — nas leis, na educação, na policia. O prestigio e a ação da policia e dos tribunais correcionais vacilaram diante dos problemas novos que a situação creou.

E um palco surgiu para o imperio da violencia. Os criminosos libertaram-se do "paroquialismo" muito antes que a policia fizesse o mesmo — e o crime tomou grande expansão. Cresceu; foi crescendo enquanto a lei, amarrada ás tradições, se via impedida de lhe opor obstaculos.

A historia desse intermezzo criminoso na vida dos nossos antepassados constitue curiosa leitura. Coisas que a eles

pareciam terriveis, parecem-nos grotescamente absurdas. Lemo-las como lemos descrições das torturas medievais ou das festas canibalescas dos indios — com sorridente incredulidade. Rimo-nos agora; tudo tão *impossivel!* E poucos hoje compreendemos a angustia em que homens e mulheres de um seculo atrás viviam.

Os criminosos dos mais afortunados paises europeus, durante a Primeira Idade da Prosperidade Geral, eram do mesmo tipo dos de hoje; formavam uma decrescente minoria de anormais ou homens inferiores. Pela maior parte, crimes passionais ou de grosseira animalidade. Havia tambem uma certa soma de roubos e boa quantidade de pirataria nos negocios, mas insuficiente para perturbar o sossego publico. Tudo mudou quando a velha ordem se dissolveu. Numero cada vez maior de homens inteligentes e de iniciativa encontraram-se em luta contra a sociedade porque, como diziam, a sociedade os lograra. O patriotismo tambem os lograra, diziam eles, só lhes dando pobreza e guerra. Esses homens passavam a vida sem uma só oportunidade favoravel. Iam, pois, cuidar de si — a sociedade que fizesse o mesmo. Desapareceu neles a velha lealdade social, o velho respeito á lei. Lealdade só a teriam para com os companheiros.

O "companheiro" estava-lhe ao lado. Se um caia, outro ajudava. E pequenos nucleos de gangsters começaram a formar-se, compostos de elementos rebeldes que não encontravam emprego para a sua inteligencia e energia.

Em 1900 a sociedade europeia ainda estava "nucleada" pela familia, submetida a um mesmo codigo de conduta. Em 1950 a nucleação já era em gangs, isto é, grupos ou sociedades dissolvidas na multidão, insubmissos a qualquer codigo moral que não o proprio.

O roubo é a primeira grande divisão no catalogo dos delitos contra a sociedade. Cada governo do passado reservou unicamente para si proprio o direito de tomar o alheio, e os governos inteligentes exerciam esse direito com extrema discreção. Durante o regime da propriedade privada sempre houve o furto de objetos e o assalto a bens não defendidos. Na Inglaterra, país em que a ordem social atingiu o mais alto nivel durante a Primeira Idade da Prosperidade Geral, o furto (inclusive varias formas de fraude) constituia a principal ofensa na lista das ofensas anti-sociais

perpetradas. Todas as outras eram excepcionais. Mas sempre que ocorria uma depressão na prosperidade geral, novos metodos de tirar o alheio vinham somar-se ao furto comum. O ladrão começou a agir contra as carteiras, bolsas e relogios. Depois a iniciativa do assaltante cresceu. Surgiu o "hold up", o assalto com ameaça, ou roubo sem violencia fisica. Num mundo de confiança geral, pessoas inermes circulavam por toda parte carregando consigo joias de valor e consideraveis quantias de dinheiro. Com os "hold ups" a confiança se retraiu. Mesmo na Inglaterra da ultima parte do seculo 19 tornaram-se epidemicos os roubos por um homem só ou dois, como os "garrotters" da decada dos "sessentas", que assaltavam por trás e arrancavam o relogio e a carteira, tapando a boca da vitima com massa de pixe. Houve periodos em que certas regiões suburbanas de Londres e Paris se tornaram perigosas — e nas cidades americanas rua nenhuma oferecia segurança. E a coisa cresceu grandemente depois da Guerra Mundial.

Havia limites manifestos a este sistema de assaltos. Iria extinguir-se por si mesmo. Outros tipos de roubo mais rendosos vieram substitui-los. Para que haja roubo é necessario haver pessoas roubaveis. O roubo é uma doença aguda das cidades, não cronica. Assim que o salteador se tornou um perigo, o povo reagiu, não trazendo consigo valores, evitando os sitios suspeitos ou andando armado. A epidemia dos assaltos chegou ao apogeu e caiu.

A criminalidade "desempregada" compreendeu logo o valor da associação, e diante das possiveis vitimas, cada vez mais alertas e fortes, o crime adaptou-se — passaria a ser planejado. Em todos os paises começaram a formar-se gangs disciplinadas para jogar com o terror das vitimas. A guerra alfandegaria entre as nações havia tornado altamente lucrativa a industria do contrabando, e para o exercicio dessa industria os homens breve se firmaram nos pequeninos codigos de lealdade companheiresca que iria dar tantos resultados em façanhas de maior vulto. Na America a lei contra o alcool já havia criado as necessarias condições para o surto dos gangsters, ligados a velhas associações de corrupção politica e terrorismo. Com o advento da Depressão a segurança social diminuiu na America ainda mais do que na Europa. Mas em todos os países a degringolada seguiu o seu curso. Neste ou naquele, estavam sempre se formando nucleos de

homens anti-sociais, prepostos á pilhagem dos cidadãos respeitadores das leis da ordem decadente.

O hold-up cresceu, evoluiu, cada vez mais audacioso e frequente. A Historia repete-se com variações. Para o lugar do salteador de estradas do seculo 17 e 18, veio o bandido de automovel e assaltador de trens. Trens de luxo eram detidos por bandos armados, a principio na Europa, depois na America e em toda parte. Essa operação exigia a ação conjunta duma duzia de homens ou mais, bem seguros da fuga e da colocação da pilhagem. Casas e clubes de campo, focos de gente rica, foram tambem atacados — os telefones eram cortados e a pilhagem feita com sistema. Restaurantes, clubes de jogo e outros centros de gente de carteira gorda, passaram a constituir boas presas. Bancos regionais ou agencias bancarias em cidades do interior tornaram-se inseguros. Até 1930 um banco regional dispunha de escritorios bem abertos, sem sinal de defesa. Dez anos depois tudo estava mudado: os funcionarios ficavam atrás de grades de ferro, com o revolver á mão, e se dirigiam aos fregueses através de minusculas portinholas, prontamente fechaveis.

Esta mudança na escala e no tom do crime de agressão refletia-se na conduta do publico. Foi desaparecendo o uso das joias — correntes de relogio, abotoaduras de brilhantes e mais desafios á pobreza; os homens andavam mais abotoados. As armas de bolso espalharam-se pela Europa e America. As modas femininas, sem perderem o brilho, passaram a adotar materiais de menor valor intrinseco. Por toda parte diminuiu a ostentação em publico. Casas com estreitas janelas exteriores, bons ferrolhos e o mais, começaram a ser preferidas ás que candidamente se expunham, ao modo antigo. As vitrinas em muitas ruas passaram a ser guardadas.

A necessidade de proteção afetou até o desenho dos automoveis. O carro comum de meados do seculo 20 tinha o aspecto grave dum besouro que se defende. E seus ocupantes tambem se defendiam. Antes da Guerra Mundial, um veículo parado na estrada fazia tambem pararem os passantes, para assistencia. Depois da guerra, nada disso; podia ser um estratagema de gangsters. Os carros passavam á toda, embora pelo chão houvesse gente caida a pedir socorro.

As viagens diminuiram grandemente. Não são muito claras as estatisticas, mas entre 1928 e 1938 o numero de viagens de prazer pelas estradas de rodagem e de ferro da

Europa caiu de 80 por cento. Houve, evidentemente, outras causas para tamanho declinio; o progressivo empobrecimento prendia em casa muitas criaturas. A insegurança, entretanto, foi fator de monta.

As estradas foram perdendo a frequencia. Muitas deixaram de ser reparadas, e esses sinais turisticos e bombas de gazolina que vemos em nossos museus aos poucos desapareceram da paisagem.

O aperfeiçoamento do roubo foi um dos aspectos da criminalidade em marcha. Desenvolveu-se muito o terrorismo, no começo organizado contra pessoas e depois contra classes inteiras. Como as vitimas, para evitar os assaltos, não saissem de casa, os ladrões tiveram de agredi-las dentro. E neste pormenor os americanos levaram a palma. Gradativamente os cidadãos prosperos viram suas vidas envoltas numa rede de ameaças. Ainda durante a epoca de prosperidade a vida dos americanos dinheirosos era constantemente ameaçada; não conheciam a segurança em coisa nenhuma. Mas com o agravar-se a situação tiveram de "comprar sossego". A inadequada proteção da policia permitiu o desenvolvimento franco da chantage, do rapto e do terrorismo dos gangsters.

Uma forma particularmente cruel de ataque ás pessoas mal protegidas foi o rapto de criancinhas. Teve sua contraparte comica no furto e resgate de cachorrinhos de estimação. Centenas de crianças foram raptadas, escondidas e só entregues mediante resgate, até que o rapto do filhinho do coronel Lindbergh, um aviador transatlantico muito popular na America, levantou furiosamente a opinião contra esse genero de crime. Nada de efetivo, entretanto, foi realizado para contrabater a nova industria, e nos duros anos posteriores a 1930, o "kidnapping" (rapto) e a ameaça de rapto aumentaram fortemente pelo mundo inteiro. Homens e mulheres eram intimidados com ameaças de torturas ou conservados em sequestro. Se a policia os procurava com muito ardor, desapareciam para sempre. Multiplicaram-se os homicidios. Organizações criminosas surgiram ás claras, Sociedades Protetoras dos Cidadãos, ou Associações de Ordem Civil. As pessoas desejosas de sossego eram forçadas a pagar tributos a essas associações protetoras. Se resistiam, pagavam com a vida a recusa. Mas mesmo que os "protetores" satisfeitos as deixassem em paz, podiam ser atacadas por outras gangs, das quais não houvessem obtido promessa de "sossego".

E não só os abastados eram as vitimas desse regime. Grande numero de operarios e pequenos traficantes tinham de ceder uma porcentagem dos salarios ou lucros para fugirem á perseguição sistematica. A palavra de maior uso na America passou a ser "trouble". "You don't want to have trouble", dizia, amavel mas insistentemente, o chantagista.

A nova geração cresceu num ambiente de compromissos secretos, subterraneos. O homem comum conduzia muito discretamente sua vida num mundo de todas as "troubles" possiveis. Ninguem ousava viver fora duma União qualquer. Era o retorno a condições muito antigas, que prevaleceram na China, na Sicilia e na Italia do Sul. Diminuia aquela liberdade e confiança das ultimas decadas do seculo 19. O homem tornava-se mais infeliz.

O gangsterismo não se confinou ao rapto para fins de resgate. Sempre houve a industria de enganar moças para arrasta-las á prostituição, e essa industria tambem cresceu. Operarios eram raptados e a intimidação do pessoal das fabricas tornou-se mais audaciosa e sem nenhuma aparencia de legalidade. Recresceu a violencia, multiplicaram-se os crimes de vindita. Numa fase de confiança e felicidade decrescentes, os homens mais impetuosos reagiam contra as opressões. Começaram a lutar e matar ilegalmente.

Os ricos, os aventureiros das finanças ainda existentes, os lideres politicos, bem como os transitorios "reis" do "underworld", todos se rodeavam de guarda-costas. Tipos que relembravam os "bravos" de aluguel das cidades italianas do fim da Idade Media ou os "samurais" dos nobres japoneses, reapareceram como capangas dos americanos ricos. Por fim a pratica se tornou universal, para todos que podiam recorrer a essa forma de proteção. Era o sucedaneo da policia.

A transição duma guarda protetora para uma guarda agressiva torna-se inevitavel. Os "bootleggers" americanos deram o exemplo. Maltas de agressores reapareceram, primeiramente na America, depois na Alemanha e na Irlanda, e o mundo viu pequenas batalhas de rua, ou conflitos em reuniões publicas, politicas ou esportivas. Um politico necessitava de muita coragem para comparecer a uma reunião depois de 1938, a não ser que os seus capangas estivessem dispostos em boas posições estrategicas. E quando aparecia, o certo era trazer cota de malhas sob as vestes. Existem centenas dessas couraças em nossos museus.

Depois de 1940 homem nenhum, mulher ou criança, adquiria evidencia sem correr perigo. Na segunda metade do seculo 19 as mulheres haviam feito grandes progressos na direção da liberdade pessoal. Em 1912 uma menina abaixo de vinte anos podia tomar a sua valise e viajar sozinha, na maior segurança, pelos paises do norte da Europa ou pela America sem ser molestada. Esta liberdade desapareceu completamente durante o periodo da insegurança. Nem nas cidades as mulheres já saiam sozinhas. Só a partir de 2014 é que a antiga liberdade dos inermes volveu ao mundo.

Depois de 1945 novos aspectos de insegurança apareceem nos documentos recolhidos. Ha menção de hoteis suburbanos "inseguros", e de ruas e mesmo bairros onde "aconteciam coisas", onde desaparecia gente — e os turistas eram aconselhados a evita-los. Alguns destes redutos do crime não se rehabilitaram por tres quartos de seculo. Os hoteis *perigosos*, com seus elevadores secretos, corredores suspeitos, passagens dissimuladas e quartos sinistros, constituem ainda hoje o deleite dos nossos romancistas populares.

A psicologia do policial do seculo 20 tornou-se assunto de todo um grupo de estudos historicos. Não havia ligação entre o serviço policial e os serviços educativos e medicos. Essa associação, que hoje se nos afigura tão logica, parecia louca aos organizadores das primeiras policias nos seculos 18 e 19. A policia para eles era um serviço capaz de rapida entrada em movimento ao menor sinal de perturbação da ordem. Afora isso, nada mais a esperar dela. Os perturbadores da ordem eram presos. Acima da policia havia, na era anterior á expansão das maquinas, uma organização de funcionarios capazes da função. Esse tipo de policiamento deu bons resultados até o começo do seculo 20; e, exceto nos distritos da prostituição, conservou-se razoavelmente honesto. Por um seculo manteve um alto nivel de liberdade, segurança da propriedade e ordem publica. Só quando havia a intervenção da politica e dos "controladores da moral" é que o sistema fraqueava.

Mas depois, quando os grandes centros do Estado-Mundial começaram a combater penosamente as formas tradicionais, vimos de novo o policiamento ceder, sentir-se inferior á tarefa que lhe incumbia. "Por que", pergunta o estudioso, "não podia essa organização enfrentar a tarefa? Por que se mostravam os dirigentes dessa epoca tão incapazes de en-

frentar as novas situações?" Já indicamos as linhas gerais da resposta. Justamente quando a necessidade duma completa remodelação da policia se fez sentir, sobrevieram, primeiramente, a exacerbação das rivalidades internacionais, com "serviços secretos" e espionagens impossibilitadores de qualquer cooperação policial conjunta; e depois aquele furiosamente louco sacrificio da vida ao credor, que parece ser o inevitavel fim de todos os sistemas sociais baseados na aquisição.

O Sistema Capitalista mostrou-se em absoluto incapaz de prevenir o desemprego que ele mesmo tinha criado, e a beligerancia que ele mesmo havia fomentado. Seus tesouros estagnavam-se. O Capitalismo teve de lutar contra a inflação e a taxação. Morreu fazendo economias. Matou as escolas que sustentava e o faziam perdoar. Serenamente restringiu os empregos e o socorro aos desempregados. E até na policia economizou. Impossivel, dizia o capitalista, planejarmos uma nova policia quando nem sequer podemos pagar a existente.

E desse modo a luta desesperada duma policia velha, mal paga, mal equipada, dividida, controlada por bolorentas autoridades paroquiais e em muitos casos roida pela corrupção, não pôde mais lutar contra a hostilidade das monstruosas forças da desorganização, oriundas das hipertrofias sociais e que vinham somar-se aos outros conflitos dessa infeliz epoca.

A despeito dum notavel indice de corrupção, o moral da maioria das policias não parece ter perdido muito. Da maioria, mas não de todas. Muitas continuaram na luta pela ordem, mesmo depois de franco o processo de dissolução. Persistiram na tradicional guerra contra o crime. Seus metodos, entretanto, sofreram forte degeneração, compartilhada pelas leis criminais da epoca. A policia e a justiça criminal sentiram os ventos contra si; tinham de lutar contra inimigos desleais. A guerra da policia contra o crime evoluiu para animosidade. Nada duma luta serena; cada vez mais, uma guerra de gangs contra gangs. Transcorria numa atmosfera em que as testemunhas eram facilmente intimidadas e as simpatias da opinião publica se voltavam mais para o criminoso do que para a legalidade. Isto levou a policia ao abuso e á maior falta de escrupulo na reunião de provas contra os delinquentes. Em muitos casos (ver Aubrey Wilkinson, *Historia Natural das Armadilhas Policiais*, 1991) a

policia manufaturava as provas contra os suspeitos, e sobre elas jurava sem a menor hesitação. Wilkinson declara que no começo do seculo 20 centenas de milhares de malfeitores foram "justamente condenados graças a provas falsas" — e que de outra maneira não poderiam ser castigados.

Mas a defesa que Wilkinson faz da policia sofre um choque logo em seguida, no decorrer da sua historia. Já lemos com horror a narração das torturas medievais, e nos arrepiamos á evocação das maquinas de produzir dor, polés, torniquetes, borzeguins de ferro. Mas não ha nenhuma duvida de que a policia do seculo 20, quando se viu obrigada a lutar de costas á parede contra tremendos obstaculos, reviveu as velhas torturas contra os que ela cria serem perigos sociais. E' penoso e engulhante reviver hoje essa historia, mas ha suficientes provas de que na geral decadencia da conduta humana, o uso desses metodos não era ocasional, mas sistematico; pessoas caidas nas mãos da policia eram sujeitas a variadas torturas afim de que confessassem o que era necessario fosse confessado.

Não ha distinção entre os processos que levaram á formação de gangs de criminosos e os que levaram as organizações defensivas da ordem a penetrar na ilegalidade; nem tão pouco agiram de outro modo as organizações nacionalistas da Austria, da Irlanda Republicana, ou a Ku-Klux Klan da America, ou as inumeras sociedades secretas da India, China e Japão, ou o Partido Comunista da Russia, ou os Fascistas da Italia, ou os Nazistas da Alemanha; todos recorreram, em escala cada vez maior, aos processos de intimidação para alcançar os seus fins politicos. Todos não passavam, estruturalmente, de grandes sistemas de gangsters. Em vez de pequenas chantages, tinham propositos mais largos — a diferença unica é essa. E mesmo que a organização tivesse um altissimo proposito geral, localmente degenerava em simples opressão dum chefete. Todas estas formas de recristalização dentro da sociedade, grandes ou pequenas, provinham da falta de vigor, de cooperação, de adaptabilidade dos governos e do sistema educativo. Porque não havia a previsão asseguradora da continuidade do crescimento das instituições, irrompiam essas formas morbidas de desenvolvimento, denunciadoras do desconforto e descontentamento reinantes, e da necessidade dum reajuste da associação humana.

E' paradoxal, mas verdade, que a civilização do seculo 19 e das primeiras decadas do seculo 20 fracassou em consequencia da imperiosa necessidade dos seres humanos viverem em combinação ativa. Foi despedaçada pelas novas forças de coesão. Até que surgisse um satisfatorio e vigoroso Estado-Mundial, essas rupturas e reajustes da energia social eram inevitaveis. Lembra a metamorfose da lagarta dentro do casulo, para dar vida a uma nova forma de si mesma.

A propria Sociedade Estatal Moderna foi no começo uma coligação de tecnicos, animados da idéia de que tudo na civilização iria perder-se com o desenvolvimento da desordem social. Constituiram-se em gangs agressivas, mas com o objeto duma cooperação mundial nunca sonhada. A confluencia e unificação dessas gangs deu em resultado o mundo novo.

A desmoralização da vida maritima, graças aos remanescentes do poder naval, foi menos rapida e menos completa do que o derrame de desordem em terra. Só depois da serie de levantes de marinheiros lá pelo fim da ultima guerra na Europa é que a antiga pratica da pirataria recomeçou. Até então os navios ainda eram policiados, e um que recalcitrasse via-se reduzido á ordem muito mais facilmente do que os bairros perigosos duma cidade. Dois outros transatlanticos de recreio foram abordados e assaltados á saida dos portos, em 1900 e trinta e tantos, sem que em nenhum dos casos os piratas pudessem fugir com o produto do roubo. Em 1933 a esquadra chinesa desintegrou-se em magotes aventureiros, que pelo radio ofereciam seus serviços aos diversos governos existentes no país. Mas pouco mal fizeram esses navios, logo comprados, capturados ou afundados pelos japoneses.

O navio canadense, *The King of the Atlantic*, numa das ultimas viagens de recreio que fez, foi capturado em alto mar por uma gang, em 1939, e os passageiros postos a resgate; todos seriam mortos, se houvesse de terra tentativa para salva-los. Mas diante dum ataque das forças aereas e navais americanas, que por esse tempo, apesar do atrazo da paga, ainda eram eficientes, a ousadia dos gangsters fraqueou e eles se renderam vergonhosamente.

Nenhum navio de mais de 9 mil toneladas foi capturado pelos piratas. Esta relativa ordem no mar era devida a certas condições especiais, como, por exemplo, o uso do radio. Prolongou-se depois da pratica cessação das construções navais e da imensa redução do trafego marinho.

Novos tipos de criminosos apareceram — os gangsters do ar, mas só depois do terceiro conflito europeu, e em escala pequena. O ar tambem constituia um campo para a atividade humana, essencialmente simples e controlavel. Por algum tempo o avião foi o meio de transporte mais rapido e seguro dum país a outro. Depois de já cessadas as viagens por terra, os aviadores ainda sulcavam os ceus, passando por cima das cidades perigosas e estradas desertas, ou de ruinas de casas de campo no meio de culturas abandonadas — como uma promessa da ordem futura.

Existiam poucos aviões, como existiam poucos navios, e com o desanimo da iniciativa não mudavam de tipo; não obstante os ceus, bem como os mares, permaneceram fora da debacle geral até á metade do seculo. Violencias no ar, mesmo nos peores periodos, eram raras e espaçadas. E foi do ar que desceu, afinal, a ordem nova.

§ 4. *Mudanças na Pratica da Guerra, depois da Guerra Mundial*

Durante a Éra do Desapontamento, a arte e a ciencia da guerra, livres de qualquer controle, seguiram no seu curso tragico.

Em 1914 a ciencia militar era uma coisa pretenciosa e atrazada. Os Ministerios da Guerra, como então se dizia, haviam permitido que a industria de armamentos lhes pusesse nas mãos monstruosas armas, sem que nenhum ajustamento se désse em condições de suportar aquele aumento de escala. Todos os comandos empenhados na luta, quasi sem exceção, conduziam-na de acordo com os metodos obsoletos do seculo 19. Ainda falavam em ataques de frente ou de flanco, rompimento de linhas, etc. Em capitulo anterior resumimos o mais possivel a colheita de horrores que se seguiu. Os almirantados, prevenidos talvez pelos seus engenheiros, mostraram maior discreção e souberam esconder suas dispendiosissimas naves em portos bem abrigados, donde só as tiraram para duas ou tres batalhas sem resultado evidente. Os submarinos, o lança-minas, o avião, o primitivo "tank", a propaganda contra a guerra, a tentativa do uso de gases e a substituição de muitos dos mais velhos comandantes durante o curso do

conflito, fizeram alguma coisa para a modificação da luta em terra; mas quando o generalizado colapso do "moral" arrastou os beligerantes ao armisticio, os soldados profissionais ainda estavam convencidos de que nada de fundamental acontecera nos metodos da sua antiga e honrosa profissão.

Tudo mudou depois do Tratado de Versalhes. A inquietação invadiu os ministerios da guerra e do exterior do mundo inteiro. Sobreveio a conciencia de grandes mudanças, muito fortes porque vieram atrazadas e acumuladas. Os generais moços, que fizeram a guerra, não podiam varrer da memoria a lembrança dos ataques aereos ou com gases, o assalto dos tanks e, acima de tudo, as observações ironicas dos oficiais comissionados. Esses jovens generais foram envelhecendo e acabaram ocupando altas posições de mando. E continuamente repetiam: "Temos de guardar compasso com os tempos".

Uma fase de extrema inovação sucedeu ao conservantismo das gerações mais velhas. Por toda parte os Ministerios da Guerra agitavam-se com estranhas invenções novas, armas secretas, etc. E por toda parte os relatorios dos espiões e mais informantes, cuidadosamente industriados pelos vendedores de armamentos, estimulavam esse espirito renovador.

Ficou assente que a velha guerra morrera atolada nas trincheiras. A luta havia sido "para acabar com a guerra" — e de fato acabou com a guerra antiga. Uma nova tinha de substitui-la e depressa. Os Ministerios do Exterior o exigiam. O estado antigo era uma organização contra o estrangeiro. Os estadistas não podiam conceber outro sistema. Os anos de 1930 a 1950 fervilharam de hediondas pesquisas secretas para descobrir os metodos da Guerra Nova. Isso porque o unico meio de acabar com as guerras consistia na supressão das soberanias dos estados e o espirito humano não estava preparado para tanto.

A mudança dos metodos de guerra realizada entre 1900 e 1950, foi a maior que o mundo viu. Desde os tempos mais remotos o principal da guerra consistia na "batalha", ou choque de homens a pé ou a cavalo. A infantaria sempre fôra a espinha dorsal dos exercitos (salvo quando os Hunos e Mongois se recusaram a agir de acordo com as regras); a cavalaria, uma arma secundaria; a artilharia, a preparadora do ataque. Assim lutaram os Rameses, Alexandre, Cesar e Napoleão. As "gloriosas" batalhas dos tempos romanticos

não passavam de recontros do mesmo tipo — choques de lanças, baionetas, sabres, maças e mais instrumentos de destruir homens; disso resultava a luta corporal, em meio dum chuveiro de projeteis leves; passada algumas horas, uma das partes debandava, com a cavalaria inimiga a persegui-la. Esta "guerra aberta" alternava-se com sitios longos, menos cavalheirescos, em que as hostes contendoras recusavam a batalha e se quedavam em excavações ou anteparos, cansando o inimigo com ataques subitos; a fome, a peste ou a desagregação da disciplina levava um adversario a ceder. Os não-combatentes sofriam temporariamente todas as molestações, havia rapina e saque, destruição de reservas e depositos de viveres, trabalho forçado e caça a espiões em escala pouco acima da criminalidade normal. Devastações por atacado, como a ruptura dos diques da Mesopotamia pelos mongois, ou o arrazamento da Northumbria por Guilherme o Conquistador, eram, quando ocorriam, mais precauções de politica do que feitos de guerra.

Muito tempo se passou antes que a guerra produzisse desorganizações como as da Asia Menor durante a luta entre o Imperio Bizantino e os persas. As invasões islamicas foram a principio particularmente desagradaveis em virtude da propaganda religiosa, mas rapidamente passou a uma taxação discriminatoria. As distantes campanhas dos romanos, hunos e mongois espalharam doenças que até então viviam localizadas; mas a influencia da guerra antiga sobre os destinos humanos sempre foi enormemente exagerada pelos historiadores nacionalistas da ordem velha. Teve muitissimo menos importancia que as migrações. A vida dos campos continuava a mesma, miseravel e operosa, como sempre fôra desde que o homem deu começo ao cultivo da terra. As varias "Batalhas Decisivas" eram os pontos culminantes nessa fantasia dos historiadores pedantes denominada o "Drama dos Imperios", com a qual mistificaram os homens durante a longa passagem do estagio agricola para um nivel superior.

Mas com as guerras napoleonicas o soldado começou a invadir e a modificar a textura da vida normal como nunca fôra feito antes — por meio da conscrição, da imposição de tributos em dinheiro, de indenizações e taxas perturbadoras dos processos economicos; e, inversamente, como já observamos, o industrialismo em expansão, com apoio da imprensa e outras especies de propaganda, invadiu tanto o campo militar

como a vida comum dos homens. Da superficial charrua que a guerra havia sido, passou a arado de sulco profundo, a escavadeira de penetração cada vez maior, das que perturbam o regimen subterraneo das aguas e determinam serios desmoronamentos.

Os generais da Guerra Mundial sugeriam a idéia de amadores inexperientes encarregados de poderosos mecanismos muito além do seu poder de controle. A guerra, que sempre fôra lutada no plano, ao longo dum "front", subitamente faz-se subterranea e aerea — não mais permitindo a ninguem fugir-lhe aos horrores. A Nova Guerra, como já se previa em 1918, iria ser uma guerra de populações inteiras, sem o minimo respeito aos não-combatentes. Murmurava-se isso, e bem poucos procuravam detalhar a significação de tal horror. E então, nas esferas militares, inumeros homens, muitos deles ainda adornados de esporas, dragonas, divisas, botões metalicos, cordões, fitas, medalhas, etc. — residuos das pequenas glorias do passado — puseram-se valentemente a estudar as novas possibilidades da matança.

A coragem sempre foi o melhor da tradição militar, e nada poderia exceder a coragem com que esses homens mobilizavam as invenções, a engenharia, a quimica e a fisica, os jornalistas, a biologia, a medicina, e até as finanças, afim de manter bem vívida a idéia da guerra — a idéia dos estados soberanos e inimigos. Como já vimos, as escolas os apoiavam lealmente. Tinham alem disso o suporte das industrias de armamentos; e, talvez sem grande vontade, a aprovação das velhas religiões e do velho lealismo aos governos. As atividades desses homens eram profundamente estupidas, mas o grotesco horror de suas realizações, a desgraça que trouxeram para tres gerações da especie humana são coisas ainda muito recentes para que sejam esquecidas.

A literatura militar dessa epoca é bastante copiosa e o melhor relato a respeito temos em Fuller-Metsch, *As Ideias da Nova Guerra em Meados do Seculo 20*. Esse autor indaga tres coisas: "Pelo que supunham eles que iam lutar?" "Como iam lutar?" e "Que pensavam sobre o definitivo fim da luta?"

A resposta é complicada. Nenhum individuo apreendeu a Nova Guerra em sua totalidade. Com solene pedantismo cada "expert" curava do seu departamento e deixava ao Destino a incumbencia de ligar as partes. Mas o que o soldado

de 1935 via, um tanto nebulosamente, era o mundo dividido entre certo numero de governos, ou Potencias — ou estados soberanos como o Tratado da Westfalia os definiu. Essas Potencias eram rivais e passiva ou ativamente hostis. Os intervalos de hostilidade ativa chamavam-se guerra. Os intervalos de recuperação, paz. A guerra não passava da cessação das treguas entre os beligerantes, em consequencia dum choque de interesses; e tornava-se então o objetivo de cada Potencia impor ao inimigo a sua Vontade. Antes do seculo 20 esta imposição da Vontade se fazia mais ou menos profissionalmente, por meio dos governos e exercitos. Uma Potencia tomava a ofensiva, cruzava as fronteiras e marchava para a séde do governo inimigo. Depois de algumas operações e batalhas, a capital do país inimigo era capturada, ou os invasores eram derrotados e expulsos — e seguia-se a paz, num tratado imposto pela Vontade do vencedor. As fronteiras reajustavam-se de acordo com essa Vontade, colonias mudavam de dono, indenisações eram fixadas; a Potencia vencedora expandia-se e a vencida encolhia-se na humilhação. Até o fim do seculo 19 esta formula foi observada.

Mas ao tempo da Guerra Mundial o processo modificou-se; não mais um "front" simples, mas a crescente entrada na luta dos outrora não-combatentes. As Potencias iam perdendo a sua identidade definida. Surgiu a questão do "governo responsavel", capaz de impôr uma Vontade ou ceder a ela. Na Russia, por exemplo: era o novo regime comunista responsavel pelas obrigações do governo do Tsar? Eram todos os alemães responsaveis pelo militarismo Krupp-Kaiser? Era o Sultão em Constantinopla, ou Kemal Pachá em Angora, a autoridade competente para consentir no desmembramento da Turquia? Mais: os Estados Unidos entraram alegremente na guerra e depois declinaram de qualquer participação nos acordos estabelecidos por Wilson, um presidente que não havia agido como simples plenipotenciario. Será assim que devem comportar-se as Potencias?

Outras perplexidades surgiram sobre as leis da guerra. Se o "front" era abolido, se os civis podiam ser bombardeados por aviões, em que ficava o direito dos soldados regulares de fusilar os franco-atiradores e de destruir-lhes as casas? Era como se um campo de futebol fosse invadido pelos espectadores, e quem quisesse chutasse a bola, expulsando o juiz e anulando os pontos feitos antes.

A autoridade militar ladeou esses terriveis enigmas dos tempos novos. Eram problemas que a eles não competia resolver — foi o que decidiram. Sempre houve dois lados na guerra, e assim tinha de continuar a ser. Competia aos politicos definirem esses lados. E o militarismo voltou á sua velha concepção duma Potencia a "impor a sua Vontade" a outra, embora usando agora, alem da velha invasão e marcha sobre a capital, os novos metodos de propaganda, os bloqueios e ataques para além do "front" e todos os recursos da guerra aerea e quimica — afim de "quebrar o moral" da população inimiga e induzir o governo a ceder. No fim, a marcha rumo a capital do lado que perdesse. E o militarismo recusava-se a levar em conta a hipotese dum governo inimigo em colapso, e não deixar sucessor legal. Nada tinham com o caso. Presumivelmente, a guerra deveria prosseguir numa hipotese dessas.

Não era tambem de interesse para o militarismo encarar os aspectos financeiros da luta, fazer o calculo do custo da Nova Guerra e as vantagens a serem obtidas quando o querer do vencedor se impusesse ao vencido. Nesse ponto mostrava-se muito modesto. Absurdo exigirem que ele pensasse em tudo. Sua missão era promover a melhor e mais completa guerra possivel, com todos os melhoramentos possiveis, sem atenção nenhuma ao custo. O governo que descobrisse os meios de custear as despesas. A guerra, só a guerra: a isso se limitava o horizonte do militarismo.

E morbidamente o espirito militar entregou-se ao estudo de "melhoramentos", ou de horriveis descobertas. A perfeita compreensão dos males a serem infligidos aos adversarios chegava a amedrontar a alguns dos promotores. Isso transparece em relatorios e livros. Mas continuaram na tarefa. Em parte, porque a tradição de dureza impedia-os de se comoverem, mas sobretudo pelo mesmo motivo que levava os sacerdotes e bispos cristãos já sem fé a persistirem ligados á Igreja: porque a unica coisa que podiam fazer era aquela. Pelas tres decadas seguintes ao Tratado de Versalhes, inumeros homens inteligentes, soldados especialistas, soldados do ar, soldados engenheiros, quimicos, medicos, etc., mergulharam-se no estudo, com recursos ilimitados e aprovação das futuras vitimas — e trabalharam pacientemente, amorosamente, quasi inconcebivelmente no estudo das horrendas novi-

dades com que iriam surpreender e torturar criaturas humanas.

Não passavam todos eles de homens mediocres; a epoca era de perfeita mediocridade mental e moral; e dentro das limitações que já notei, nenhum alcançava a totalidade do processo da guerra. Grupos de homens a trabalharem em segredo, livres da critica de fora, naturalmente que tramam não só contra o estrangeiro como uns contra os outros, e a maioria dos colocados nos bons postos se revelaram melhores caçadores de promoção do que habeis especialistas. Isso se refletia em suas realizações.

Na Inglaterra um grupo desses peritos entregou-se com furia ao desenvolvimento da chamada guerra mecanica. Os ingleses haviam inventado o tank durante a Guerra Mundial e com ele criado uma grande confusão. O oficialismo adotou-o tardiamente, mas brutalmente. Num tempo de amarga parcimonia o Ministerio da Guerra não poupou gastos nesse campo. Os grotescos encouraçados terrestres que "inventores" militares produziram, desde a metralhadora montada em "caterpillar" até verdadeiros fortins automoveis, figuram ainda no lixo de guerra do museu Aldershot. Fazem parelha aos "dreadnoughts" a oleo do almirante Fischer.

O sonho dos ingleses quanto á Nova Guerra parece ter sido um vagalhão desses mostrengos a varejar triunfantemente a Europa. Dalgum modo magico, as tatoranas encouraçadas escapariam aos fossos de defesa, ás ondas de gás, ás minas e balas de canhão. Havia até tanks de caminhar no fundo da agua, e alguns que flutuavam. Nas *Ultimas Preparações de Guerra* Hansen chega a declarar que encontrou planos (recusados) de tanks prepostos a voar ou penetrar na terra como toupeiras. Muitas dessas concepções nunca foram concretizadas, mas servem de amostra da mentalidade vigente.

Os peritos ingleses e franceses, e depois os alemães, tambem trabalharam com afinco no avião de combate — os ingleses e alemães com grande sucesso: o torpedo aereo, guiado de longe, foi aperfeiçoado simultaneamente pelos italianos e japoneses. O espirito francês, apesar de todo o seu brilho, via-se embaraçado pela relutancia em remodelar as velhas usinas. Foram os alemães, americanos e russos os que exgotaram as possibilidades da guerra quimica. O desarmamento da Alemanha naturalmente que forçou as autoridades militares ao estudo da arma que podia ser estudada, experimentada

e preparada ás ocultas do mundo: e os russos se viram obrigados a entrar pelo mesmo caminho em vista da sua relativa pobreza industrial. Os alemães haviam sido os primeiros a usar gases na Guerra Mundial, e por muito tempo ficaram os pioneiros da arma nova. Depois da guerra, entretanto, a industria quimica dos Estados Unidos tambem se dedicou a tais estudos. E tambem a guerra biologica, isto é, a difusão de doenças infecciosas, foi intensamente estudada, sobretudo na America e na Europa Central.

Mesmo antes da guerra de 1940 a difusão de germens nocivos já deixara de ser teoria. Pequenos receptaculos com aparencia de canetas-tinteiro foram construidos para o lançamento de bacterias nos reservatorios d'agua ou riachos. Bombas de vidro tambem apareceram, que, lançadas de aviões ou das janelas dos trens, explodiam em contacto com a agua. Ha amostras no museu Aldershot. O alistamento de medicos e habeis assistentes para inocular virus nas populações condenadas tomou surto depois de 1932.

Havia, entretanto, uma certa hesitação no uso de bacterias e microbios. E' facil distribui-los, mas dificil limitar-lhes o raio de ação, e se prisioneiros fossem feitos em cidades ou territorios ocupados, a pestilencia podia vir com eles para a zona dos atacantes. Mesmo aos especialistas no assunto a guerra biologica não parecia um bom metodo de luta, exceto em casos extremos. Não obstante, foi estudada, sem ser nunca oficialmente admitida, salvo pelos japoneses em seus esforços de 1936 para tranquilizar a China "sem recorrer a extremos": os japoneses espalharam em Kan-su e Shensi uma onda de influenza maligna.

Outros casos apurados nas investigações do Bureau Historico, parecem devidos ao excesso de zelo e ao fanatismo religioso que prevaleceram durante o periodo de confusão posterior a 1945. A deliberada aclimação do mosquito transmissor dos germens da febre amarela na India, em 1950, dada como causa da quéda da população desse país, ainda é ponto obscuro. A opinião mais aceita é ter sido um fato acidental.

A "guerra dos gases" foi desenvolvida paralelamente com a guerra biologica. Hoje é coisa passada, mas foi sem duvida um caso bem estranho. Chegou a influenciar a indumentaria humana e a arquitetura das cidades dum certo periodo. Em horror, equipara-se á historia das torturas judiciais e aos ritos antropofagicos, mas sua deshumana crueza nos parece maior

por tratar-se de algo mais proximo dos nossos tempos. Como em tantos outros pontos, essa atividade mostra-nos a suprema urgencia de sadias ideias gerais na comunhão humana. A guerra dos gases fez-nos ver como milhares de cerebros indiscutivelmente sãos puderam, graças a um ambiente viciado de falsas concepções do dever patriotico e da honra, cooperar para uma coisa fantasticamente cruel e inutil.

As pessoas que tanto se dedicaram ao desenvolvimento do gás torturante eram, em regra, excepcionalmente graves, industriosas e vivas de inteligencia. Se pudessem ressuscitar, acha-las-iamos individualmente respeitaveis, amaveis, dignas. Mas coletivamente formavam uma perigosa associação de loucos. Graças a elas, cerca de um milhão de vidas humanas foram torturadas da maneira mais hedionda.

A maioria das substancias letais em uso nessa forma de guerra já estão abandonadas. Ou não são mais produzidas nas fabricas, ou o são apenas em certos momentos, e sob controle, para fins de estudos fisiologicos. O velho equipamento para a distribuição dos gases parece-nos hoje grotesca antecipação dos processos que usamos em larga escala na agricultura ou em certas operações higienicas. O combate ás nuvens de gafanhotos por meio de gases, a desinfeção de florestas e culturas, ou do produto das colheitas, constituem a racionalização da horrivel arma inventada na Éra do Desapontamento.

Faber, esse calvinista otimista, com sua doutrina de que o mau é o bom no mais louco dos mundos concebiveis, diz que esses utilissimos metodos foram "enormemente estimulados" pela demencia inventiva do periodo de guerra. E tambem acha que o avião não seria o que é se não fosse o estimulo da guerra. Parece-nos que é levar muito longe a sua doutrina da sabedoria a gerar-se da imbecilidade. Verdadeiro plagio da historia de Charles Lamb sobre a invenção do leitão assado. Tambem lembra o rasputinismo, ou a teoria de que precisamos pecar *a fundo* para podermos ser salvos.

Muito semelhante á guerra dos gases foram as campanhas de 2033 e 2035 lançadas contra os ratos, e as que limparam o mundo do terror das pestes; e tambem o uso dos "gases festivos", permitido em varias regiões em 2060. Houve ainda o vasto emprego dos gases neutralizadores das toxinas derramadas na terra pelo cometa de 2080. A oxigenação de

salões, fabricas, campos de esporte, e o uso do Gás do Lotus, de Padanath Tagore, nos vales do Himalaia, Faber tambem igualmente os aponta como boas consequencias da maldade guerreira.

Algumas substancias manufaturadas para fins de guerra são hoje utilizadas para fins especiais, mas a preparação de outras é considerada crime. São substancias muito variadas, porque todas as possibilidades da quimica foram inquiridas para obte-las. Muitas não eram realmente gases; não passavam de liquidos extremamente volateis ou pós finissimos. O Dr. Gertrud Woker, num ensaio sobre o assunto, apresentado em 1931 á União Interparlamentar, dá-nos um precioso resumo dos conhecimentos relativos aos gases naquela epoca. Por esse estudo podemos fazer ideia das substancias realmente tomadas em consideração pelos peritos militares. A lista contem todos os principais tipos de gases produzidos.

Depois de 1940 as investigações quimicas sofreram parada, em consequencia da crise financeira. Em 1960 as fabricas já estavam fechadas.

Dos gases empregados na Guerra Mundial o principal parece ter sido a clorina e varios compostos de clorina (fosgenio, gás verde, cloropicrina, etc.). Atacavam e destruiam o tecido dos pulmões. A clorina foi usada pelos alemães em Ypres, abril de 1915, causando a morte de 6 mil homens; foi abandonada porque o cheiro a denunciava e permitia que se tomassem precauções. Os outros gases desta classe agiam mais discretamente. Mal o respiravam, as vitimas começavam a tossir; sobrevinha logo a destruição do tecido pulmonar, que era vomitado com o sangue. As vitimas morriam expectorando, com o rosto azulado e a boca apojada de espuma sangrenta. Se por acaso sobrevivia, os pulmões assim lesados contraiam logo a tuberculose. Muitos desses gases traziam complicações caracteristicas. Uns atacavam o sistema nervoso, causando uma horrivel excitação, terror, convulsões, gritos lancinantes e paralisia. Milhares de homens morreram nas torturas do Gás Cruz Verde durante a Guerra Munlial, e os seus empregadores planejaram-lhe a aplicação contra populações inteiras. Esse gás foi usado, em dose não mortal, no bombardeio de Berlim pelos polacos, em 1940 e devolvidos em torpedos aereos para Varsovia em doses mais concentradas. Tambem foi usado em 1935 no assalto a Osaka pelos chineses.

O gás Cruz Amarela, ou gás de mostarda, era muito mais insidiosamente cruel e destrutivo. Não se tratava propriamente dum gás, sim dum liquido volatil. Quando frio, em estado liquido espalhava-se invisivelmente em fina camada sobre o chão, e aderido aos sapatos e ás vestes era levado dum ponto para outro. Lentamente se evaporava e só então a sua presença era sentida. Sobrevinha o mal estar, o medo, a horrivel suspeita, e por fim a tosse e a ansia de vomito. Causava um sofrimento horrivel e sem alivio. Implacavelmente ia destruindo os tecidos organicos com que entrava em contacto: queimava-os, inflamava-os de bolhas, apodrecia-os. Um litro de gás de mostarda em 5 milhões de litros de ar já era o bastante para afetar os pulmões. Inflamava os olhos, ardia na pele, destruia os musculos. Criava no organismo uma doença progressiva, que enfraquecia todas as funções, abafava, sufocava. Ha duvidas se alguma de suas vitimas conseguiu salvar-se. Em dose mais concentrada produzia a tortura rapida e a morte; em doses fracas, a tortura lenta. Os gases usados pelos japoneses contra o Norte da China, em 1934-1937, e tambem os usados pelos chineses nos raides contra o Japão, eram deste tipo. Igualmente, a evacuação de Berlim em 1936 foi devida á ameaça das bombas do Cruz Amarela.

(Essas bombas foram efetivamente lançadas sobre Berlim; mas, por acidente ou sabotagem dos quimicos a serviço dos poloneses, não deram resultado. O fato constitue um dos mais tipicos exemplos da sabotagem pacifista que auxiliou a pôr fim á guerra na Europa Central. Cinco desses quimicos foram fusilados e 17 condenados a longos anos de prisão; infelizmente os processos criminais relativos não chegaram até nós).

O Dr. Woker dá como aliado do Cruz Amarela o grupo dos gases Cruz Azul — substancias pulverulentas que varavam a maioria das mascaras em uso e produziam tal dor, tal nausea, tal desespero, que a vitima expelia de si a mascara e expunha-se á ação do gás Verde ou Amarelo, com os quais o Cruz Azul vinha sempre associado.

Todos esses tormentos foram abundantemente infligidos aos homens na Guerra Mundial, e depois de finda a luta as investigações sobre os gases venenosos prosseguiram secretamente e com a maior energia. Uma substancia muito debatida na epoca foi a "Lewisite", descoberta pelo professor

Lewis, de Chicago, e usada em 1918. Pertencia ao grupo dos compostos arsenicais. Uma parte em dez milhões de partes de ar era o bastante para inutilizar um homem. Não tinha cheiro, nem sabor; a vitima só o percebia pelos efeitos em seu corpo — as mesmas ansias horriveis do gás de mostarda, a mesma inflamação dos tecidos.

Outros venenos se sucederam a estes, ainda mais horrendos: implacaveis venenos que matavam imediata e cruelmente, e venenos insidiosos que penetravam no cerebro e o corrompiam. Alguns provocavam convulsões e torção de musculos cem vezes peores que as do tetano. Ha a descrição duma experiencia feita com cabras, no começo dos estudos: "Todas sucumbiram ao efeito deste gás, exceto tres, que *esmagaram o cranio de encontro aos muros*". E para auxiliar estas substancias no que o Dr. Woker chama "massacre em massa", vieram as investigações laterais sobre substancias incendiarias e explosivas, com que queimar e espedaçar qualquer reduto em que as multidões em panico se escondessem.

A lista do Dr. Woker não incluiu a invenção do Gás da Morte Permanente, feita em 1934 por Kovot. Sua composição está conservada em segredo e sua preparação constitue crime. Não era nem um gás, nem um veneno. Parecia uma polvora grossa. Evaporava-se, como a canfora, e ao evaporar-se combinava-se com o oxigenio, mostrando-se efetivo ainda na diluição de 1 parte por 50 milhões de partes de ar. A ação lembrava a da Lewisite. Foi usado na primeira Guerra Polonesa contra a Prussia Oriental. Uma zona de duas milhas de largo ao longo de toda a fronteira foi evacuada e pulverizada com essa substancia — e a Prussia Oriental se tornou um territorio só accessivel por mar, ou pela Lituania. A despeito do peso dos grãos, os ventos foram alargando a faixa letal até os suburbios de Dantzig.

Essa região envenenada ficou transformada em deserto até depois de 1960; só uns tantos exploradores com mascaras especiais a visitaram, e viram-na atulhada de remanescentes, não só de criaturas humanas, de gado e cães inadvertidamente entrados lá, como de ossos e mais residuos de milhões de ratos, aves e outros animaizinhos. Em certos pontos esses despojos formavam camadas de quasi um metro de espessura. Na *War Pictures* ha duas fotografias desses estranhos depositos. A vegetação não fôra assim completamente destruida; as arvores morreram, mas permaneceram de pé; muitas espe-

cies de ervas secaram; outras resistiram, espalharam-se e tapetaram de pequenas flores grandes areas.

Um curioso sub-produto desse gás foi o que hoje chamamos Inhalação Esterilizante. Apareceu por acaso. Uma Sociedade Vingadora da China havia organizado um raid contra Osaka e Tokio em 1935, depois da ofensiva de Gás Verde contra Nankin. O objetivo era lançar o terror no espirito japonês. O Gás da Morte Permanente ia ser usado, mas a pressa fez que os chineses não o preparassem convenientemente, ou usassem de formula errada. O fato foi que depois do grande raid nada aconteceu alem de febre passageira e vomitos.

Muito se riram os japoneses da inhabilidade dos adversarios, mas meses depois o mundo soube que havia cessado a procreação naqueles centros. Nem cãesinhos e gatinhos novos apareciam, nem bezerros ou potrinhos. Sumiram-se os ratos, todos os piolhos desapareceram. Em todos os casos a esterilização era permanente. Só as aves escaparam, por motivos que Crayford Huxley explica. Os pardais e as galinhas multiplicaram-se enormemente nessas cidades sem creanças ou filhotes de mamiferos.

De algum modo os chineses haviam produzido um desses raros gases sub-radiantes conhecidos como Cinetogenios de Pabst, os quais afetam os genes. Toda uma serie desses gases está hoje no conhecimento dos nossos biologistas, sobretudo em consequencia dos trabalhos de Pabst e seus assistentes; muitas das novas flores e dos estranhos bichos dos nossos jardins experimentais tiveram origem na aplicação desses gases; mas por muito tempo, antes dos estudos de Pabst, só a Inhalação Esterilizante era conhecida. Com eles se fizeram as campanhas contra os ratos — e a eugenia ainda muito espera do seu uso.

Mas a experiencia nos japoneses produziu no mundo sensação maior do que se o efeito do raid fosse apenas mortal. As classes militares do Japão tinham o mesmo sentimentalismo das suas colegas europeias; não podiam admitir que lhes faltasse carne fresca para as chacinas. E até que os patriotas se convencessem de que a reserva desse gás nas mãos dos chineses era limitada, viveram no maior terror. Viram o país no fim, com a população extinta no momento da vitoria. Ergueu-se grande clamor no mundo contra a aplicação extensiva desse gás; houve propostas (*Odio Eugenico*, Documentos

Historicos) para aplica-lo sobre a Palestina, a Arabia, a Irlanda, a toda a China e a todo o continente africano. Mas a humanidade salvou-se desse cataclisma pelo fato da primeira produção do gás esterilizante haver sido meramente acidental. Fôra preparado furtivamente, seus fabricantes não puderam ser localizados e a formula ficou perdida por muito tempo.

Como esses hediondos meios de guerra tinham de articular-se para o definitivo esmagamento duma Potencia, não foi coisa ponderada, ou se o foi os planos secretos desapareceram com os seus ideadores. Depois de milhões de criaturas asfixiadas, e de cidades reduzidas a cemiterios, que fazer?

Talvez que o interesse estetico do negocio impedisse tais cogitações. Tudo que hoje podemos apreender sobre a guerra dos gases, como os peritos a viam, não passa da matança em si, sem um pensamento no depois. Esses homens pareciam imbuidos da mesma furia de destruição dos filhotes de chimpanzés hibridos de Loanda-Mobi.

Não obstante, os planos eram admiravelmente concebidos até o ponto em que surge a pergunta: "Mas para que?" No museu naval de Torcello ha meia duzia de submarinos construidos por conta de quatro diferentes Potencias, todos planejados para a guerra dos gases a grandes distancias. Não traziam canhões ou outras armas antigas. Raio de ação ilimitado, e em seu bojo vinham de cinco a nove aviões apetrechados com enorme sortimento de bombas de gás. Um deles trazia trinta torpedos aereos de longo alcance, com todo o aparelhamento para dirigi-los. Havia bombas de quatro gases diferentes, que pouco variavam quanto á eficiencia. O menor destes aviões conduzia drogas letais suficientes para "limpar" 800 milhas quadradas de territorio. Bem sucedido que fosse, poderia transformar Londres e Nova York num oceano de cadaveres retorcidos. Tais aparelhos punham Londres ao alcance do Japão, Tokio ao alcance de Dublin. Aboliam desse modo os ultimos redutos de segurança no mundo.

Essa meia duzia de sinistros monstros figuram hoje numa galeria de museu, com as venenosas presas arrancadas, fora de serviço, como horrivel demonstração de um dos muitos pesadelos que o Odio criou na desgraçada Éra do Desapontamento. Lá estão eles. Homens os conceberam e construiram — como tambem foram homens os criadores dos instrumentos de tortura medievais. Em meio á segurança de que go-

samos hoje é bom que relembremos o fato de que, dadas diferentes condições, homens tão sãos como nós podem conceber e construir tais monstruosidades.

Estes detalhes revoltam o espirito e, portanto, basta. A Historia não deve ser unicamente uma festa de horrores. Do começo ao fim, a guerra dos gases destruiu dolorosamente mais de um milhão de criaturas que viviam felizes. Esse crime foi praticado. As vitimas sofreram e morreram. O ponto essencial da nossa historia é que, depois da humilhação e aceleração do espirito militar com as inepcias da Grande Guerra, a ciencia de matar não só fez grandes progressos, como se embaraçou na multiplicidade das suas invenções. Desenvolvia um hediondo equipamento atrás de outro, prepostos a atormentar a humanidade, a espalhar a dor e o odio, a desmoralizar e destruir a vida industrial, a tornar regiões inteiras inhabitaveis e a afrouxar todos os laços da sociabilidade humana. Mas não deu um só passo para uma conduta decisiva e compreensiva da guerra. Sem planos para o futuro, sem a visão do mundo qual um todo, esses milhares de especialistas secretos, esses "infernais patriotas de genio", como os denominou Isaac Burtonshaw (1913-2003), prosseguiram acumulando explosivos, repugnantes germens letais e reservas dos seus horrorosos gases.

Nenhum plano ligava esses "focos do mal" num todo compreensivo, como sucedera com a preparação militar do Imperio Hohenzollern, perfeitamente definida em seus fins. Atrás do vulgar palavrorio monarquico do esforço alemão de 1914 havia um plano de remodelação do mundo de acordo com os ideais teutonicos. Podia ser coisa fatua, mas era logico e completo. Mas nunca mais houve planejamento depois de 1914; nunca mais se voltou á logica. Todos os beligerantes perderam a cabeça. Deixavam-se levar pela força que tudo conduzia naqueles tempos — a inercia. Ninguem tinha nenhuma ideia do que podia acontecer.

Não obstante, pelo mundo inteiro essas minas estavam preparadas e podiam ter explodido numa catastrofe que nos arrepia a imaginação. Muito possivelmente dariam cabo do genero humano. O cataclisma esteve á porta.

Esta ameaça dum caos de desastres e crueldades inuteis pendeu sobre a cabeça dum mundo desorganizado e desprotegido durante tres quartos de seculo. Foi o periodo que alguns historiadores chamam da Maxima Insegurança (1935-1965).

Aqui e ali coisas monstruosas ocorriam — em Nankin, em Pekin, Osaka, Berlin, Varsovia, por exemplo; coisas tão terriveis que por fim congregaram os melhores elementos humanos para a promoção da paz. Por felicidade, os dois males fundamentais do tradicionalismo neutralizaram-se mutuamente durante o longo periodo de incubação do Estado Mundial. A cubiça do credor mantinha em cheque a cubiça do vendedor de armamentos. A' proporção que os armamentos se tornavam mais e mais caros, os possiveis compradores se tornavam mais e mais pobres. Se a Economia murchou, impedindo o surto de muita coisa boa no mundo, tambem acabou retirando todo o apoio ao militarismo. A industria da Arma Quimica seguiu as outras instituições tipicas da velha ordem, na falencia geral do Capitalismo Privado.

§ 5. *Crepusculo da Paz; o Japão entra na Guerra*

Já mostramos como a Democracia Parlamentar aboliu o regime dos verdadeiros chefes de governo e os substituiu por um estranho tipo de pseudo-lider, homens que eram essencialmente *resultantes*, que nada faziam, que não creavam forças, que não enfrentavam as emergencias, mas simplesmente manobravam á caça de posições, prestigio e pequeninas fatias de poder. Esses homens rolaram no colapso da ordem decadente sem um só esforço para dete-lo. E por que haviam de realizar esse esforço, se eram simples representantes da vontade popular e já não havia vontade popular?...

Vimos a conduta dessa inutil coleção de homens diante da deslocação financeira que asfixiava a humanidade. E' duvidoso que um só entre eles haja dado um mês de estudo continuo ás realidades da situação. E em face das perturbações advindas do Tratado de Versalhes, essa via-lactea de charlatães a quem a humanidade confiara a direção do mundo — charlatães á força, porque o sistema os impelia a isso, a despeito de suas boas intenções — era igualmente enigmatica e impotente. Para alem das fronteiras da Alemanha e da Italia chagas se abriam e ninguem procurava cura-las. Na Asia o conflito entre o Japão e a China, indiferentes aos protestos europeus, degenerou em guerra franca. Cada acontecimento mundial clamava mais alto pela ação coletiva — e não vinha nenhuma ação coletiva. A Liga das Nações nomeava

comissões, abria inqueritos e produzia ás vezes admiraveis relatorios sobre os incidentes. Só.

Ninguem sabia como deter a lugubre marcha das coisas. Os chefes de estado repetiam os gestos tradicionais, como se isso fosse tudo quanto o mundo deles esperava. Mas os velhos modelos historicos já não lhes prestava. Eles se viam na situação do homem que tenta gesticular mas sente os braços petrificados.

De todas as "Potencias" da epoca a conduta do Japão foi a mais decisiva. Em 1931 uma revolução interna deu o poder a um grupo de patriotas militares, gente diplomaticamente sem escrupulos e grosseiramente sentimental; e essa coterie pôs-se, com extraordinaria falta de visão, a caricaturar o agressivo imperialismo europeu do seculo 19. A mentalidade desse grupo dirigente era ainda romantica, ainda obcedada pela ideia de gloria e dominação nacional — que tanto mal causara á cristandade. Suas iniciativas militares eram quasi-napoleonicas, e suas pretensões e evasões diplomaticas seguiam os melhores modelos europeus. Chegara a "vez do Japão"!

O estudo do que esses imperialistas japoneses imaginavam estar fazendo muito preocupou os nossos historiadores. Mas não passa de mais um exemplo especial do enigma geral: "Que é que as Potencias imaginavam estar fazendo?" Ha apenas um seculo que as colunas japonesas marchavam duma cidade da China para outra, e nossos psicologos confessam-se atrapalhados na compreensão duma empresa manifestamente realizada por homens como os de hoje e que no entanto era uma perfeita loucura. Por que esse povo tão inteligente se comportava assim?

A explicação jaz na facilidade com que a desagradavel realidade pode ser ladeada pelo espirito humano, e na atmosfera de grotescas, mas lisonjeiras, ilusões em que esses povos viviam. Do mesmo modo que no Ocidente os banqueiros, economistas e estadistas não se davam conta do desastre a que seus metodos politicos levavam, assim tambem os militaristas japoneses eram incapazes de antever as inevitaveis consequencias de suas aventuras na China. Não viam atrás de si a miseravel massa camponesa esfervilhando na miseria; não viam o miseravel proletario urbano a decair fisica e moralmente; não percebiam o sussurro da revolta nos centros industriais; não ouviam os protestos da inteligencia.

A propria queda do credito japonês no exterior e o aumento da pressão economica interna não abriam os olhos dessa gente. Na sua apressada copia do Ocidente o Japão estava reproduzindo todas as condições revolucionarias do modelo. Os seus lideres só viam com clareza a desorganização da China, a luta desse povo para achar um novo equilibrio social que substituisse o já rompido equilibrio monarquico — e essa visão lhes sugeriu a ruinosa e dolorosa aventura. Ponderavam que do mesmo modo como a desorganização do Imperio do Grão Mogol deixara a India aberta ás piratarias dos europeus, permitindo o estabelecimento da instavel India Britanica, assim tambem o Destino apresentava ao Japão o ensejo duma dominação semelhante sobre a maior parte da Asia. E quem poderia dizer qual o fim dessa imperial aventura — ou se teria fim? A miragem do poder e da gloria sem limites estava aberta diante deles — como se abrira diante de todos os sonhadores de imperios, desde que o mundo começou.

Esses homens não levavam em conta a Nova Guerra, nem o industrialismo moderno, nem a auto-destrutividade das empresas capitalistas, nem a Russia, nem a America, nem a tradicional unidade e teimosia da população chinesa. Pensavam como os junkers pomeranios ou como um general inglês do Ulster — esse "foco de imperialistas" — pensava antes de 1914. Caso de megalomania arcaica, da qual resultou a morte de tres milhões de combatentes, a extrema desintegração social da China e por fim o colapso da monarquia niponica.

Nas historias especiais dessa luta os interessados encontrarão os pormenores das tentativas japonesas de 1931 em diante, culminadas, afinal, na invasão da China — no assalto a Shangai, na penetração da Mandchuria e no estabelecimento do falso reino do Mandchukuo, no ataque a Shanhaikwan e ás Grandes Muralhas, na entrada no norte da China e na marcha sobre Pekin. Até esse ponto as operações eram ao molde da guerra antiga, como fôra praticada até 1914. Como os chineses não estivessem preparados á moderna, os japoneses julgaram inutil organizar-se dispendiosamente.

O começo da luta fez-se sob os protestos da impotente Liga das Nações. O "Relatorio Lytton", preparado por uma comissão de inquerito, faz parte hoje da nossa Serie de Documentos Historicos. Mas para contrabalançar as adverten-

cias da Liga o mundo viu as dubias manifestações do Ministerio do Exterior britanico, o suporte da industria de armamentos e da imprensa francesa, e o franco apoio dum forte grupo de banqueiros da America. A' vista dessa duplicidade os militaristas japoneses tinham razão de desprezar completamente a critica europeia.

Em 1935 os japoneses ocuparam Pekin e Tientsin, e ergueram uma segunda monarquia de papelão em Pekin; mas tiveram grandes dificuldades em dominar as regiões em redor, sobretudo a sul e oéste. A Manchuria, a Mongolia Interior e o Shansi permaneceram fervilhantes de bandidos e grupos rebeldes, e o vale do Yang-tse-kian lutava unido sob a chefia do Kuomintang. Não havia segurança para um japonês em parte nenhuma da China; o boicott era sistematico; o terrorismo dominava em todas as direções. O Kuomintang era uma associação criada pelo grande revolucionario chinês Sun Yat Sen, que já passara por muitas vicissitudes; tinha semelhança com o Partido Comunista e os varios fascismos europeus e, como eles, mantinha-se em torno dum grupo de ideias centrais. Não possuia nenhum centro vital, nenhum chefe supremo; era um estado de espirito que as operações militares não tinham elementos para reduzir. A invasão tornou esse estado de espirito violentamente patriotico e hostil ao estrangeiro.

Em 1936 o Japão já tinha milhão e meio de homens espalhados entre a Manchuria e Cantão, onde um terceiro desembarque fôra feito sem que o dominio sobre a China se extendesse além do alcance dos canhões. Nankin viu-se bombardeada duas vezes antes de render-se; Pekin, Wihang e Hankow tambem — sempre com bombas de gás Cruz Amarela. Centenas de milhares de chineses foram aniquilados, mas aquele grande organismo sem vertebras sofria essas perdas com uma estoicidade impossivel num povo mais bem organizado. Como represalia, a sociedade Vingadora Chinesa assombrou o mundo som o subito bombardeio de Tokio e Osaka — *esterilizando* a sua população.

Ninguem soube dessa força aerea chinesa antes que ela entrasse em ação. Os aparelhos procediam da Suecia, via Russia; mas quasi todas as nações ocidentais estavam ás ocultas fornecendo material de guerra aos chineses. Inumeraveis aviões hostis vieram cruzar sobre o Mar do Japão. Em 1935 um navio transporte japonês foi bombardeado e afundou

no golfo Pe-chi-li. Em 1936 tres "liners" foram destruidos por minas de origem ignorada, a 50 milhas do porto. Suprimentos belicos de toda sorte entravam pelo norte, vindos da Russia e das possessões francesas e inglesas no sul, e a simpatia dos americanos crescia á medida que se acentuavam as ambições niponicas. O sentimento ocidental estivera no começo dividido entre a desconfiança do Japão e o desejo de ver a China restaurada na ordem velha e salva do comunismo. Mas a cada avanço dos japoneses os europeus mais se aproximavam dos chineses. A Australia e a Nova Zelandia apelaram em 1937 para o governo de Washington pedindo uma ação conjunta com os ingleses. Advogavam uma garantia mutua para todas as regiões europeizadas do Pacifico. Pareceu por algum tempo que os fachos incendiarios do Japão arrastassem o mundo ocidental á unidade. Mas as inesqueciveis humilhações infligidas á Europa Central depois de Versalhes, ainda muito dolorosas, impediram esse entendimento.

Antes mesmo da aventura do Japão na China esse país já estava sob os tormentos duma forte crise economico-social. Os primeiros triunfos, a facil captura de Pekin, e a incapacidade chinesa para a formação dum exercito eficiente, encheram o arquipelago de patriotico entusiasmo e esperanças; a guerra chegou ao fim tres vezes, e tres vezes renasceu. Nenhum invasor jamais dominou a Russia inteira; o mesmo sucederia com a China. Para além de cada provincia subjugada, extendiam-se outras, ardentes de hostilidade. Szechwan e o sul abasteciam inesgotavelmente a resistencia do Kuomintang. Ficou patente a impossibilidade do dominio niponico antes da penetração das armas até ás fronteiras do Tibet.

O cansaço da luta sobreveiu. Os camponios japoneses viam seus filhos partirem para a guerra e nunca mais voltarem; e a escassez de viveres foi trazendo a fome. Já em 1935 rebentaram fortes agitações contra a continuação da luta; greves em Nagoya, com centenas de mortos; por fim, um grande dumping de mercadorias no estrangeiro para a obtenção de recursos — recursos já não só para munições, como para carnes da Australia e trigo canadense e americano. A guerra privava de braços a agricultura japonesa e estava transformando em desertos vastas regiões da China. A estrutura social do Japão mostrou-se muito elementar para reproduzir os milagres de economia realizados pelos alemães durante a Guerra Mundial. A confiança e o credito do país naufra-

garam. Emprestimos externos tornaram-se impossiveis, mesmo ás taxas exorbitantes de 14 a 15 por cento.

O militarismo japonês avançara muito longe, para que pudesse recuar. Atrás dele estava uma população sofredora que podia chegar ao desespero, e longe havia a Russia, a America e a Europa, de olho atento. De acordo com as tradições da sua cultura, os lideres nacionais niponicos resolveram um esforço supremo — a marcha para a provincia de Hupeh, no centro da China. O plano era dar um "golpe no coração".

Foi planejado um avanço convergente de Nankin, Shantung e Cantão. Esta dispersão de bases justificava-se pela necessidade de viver dos recursos locais no quanto fosse possivel. Havia estradas de ferro de Cantão a Shantung, mas inseguras, e alem delas só estradas intransitaveis, de modo que quando os japoneses alcançaram Hupeh, um terço de suas forças se atrazara a abrir caminhos para a passagem da artilharia grossa e bagagem. Os tres grandes exercitos niponicos efetuaram a junção num circulo em redor de Wuchang — circulo que no começo se foi apertando e por fim afrouxou. Seguiu-se o empate — empate por mutua exhaustão. Nem acima nem abaixo do rio era possivel fechar o circulo. Durante o ano de 1938 o Japão esperou ansiosamente noticias agradaveis da avançada em Wuchang, e por fim cansou-se de esperar. A peste veio inutilizar os esforços sanitarios dos invasores. Começou, afinal, em 1939, a retirada para Nankin, com os transportes desorganizados, com o espirito de amotinamento a crescer, com todas as regiões evacuadas a erguer-se atrás do invasor.

Os horrores dessa retirada nunca foram ditos. Os tres exercitos niponicos somavam no começo mais de dois milhões de homens; só metade pôde resistir á retirada... A fome fez mais estragos que as guerrilhas chinesas. Os soldados exhaustos tombavam á beira das estradas e na maior resignação ficavam esperando a morte. Poucos caiam prisioneiros. Os chineses, sem alimentos para si proprios, deixavam que os japoneses morressem "por si mesmos". As forças que conseguiram voltar a Nankin não excediam de cem mil homens, e corpos menores lutavam ao norte e a sul para abrir caminho. O restante dos dois milhões iniciais ficaram no vasto cemiterio de Puki e Ki-chow; parte pereceu afogada nas inundações. Em Nankin os exhaustos e desanimados sobreviventes

vieram a saber que o Japão entrara em luta contra os Estados Unidos — o que Osaka e Nagoya haviam caido nas mãos de comités comunistas.

Por algumas semanas o exercito japonês permaneceu inativo em seus campos ao oéste de Nankin. Depois revoltou-se; fuzilou a oficialidade, declarou-se pela revolução social e confraternizou com o Exercito Vermelho da China, que havia recuperado a cidade de Hangchow.

A entrada dos Estados Unidos na Guerra do Oriente não só trouxe a completa desmoralização do militarismo japonês, como elevou ao apogeu a disputa a proposito do fornecimento de minas e submarinos aos chineses — disputa que se agravara com o afundamento dum transporte japonês em Pe-chi-li.

Só muito recentemente foi esclarecido o misterio. Na epoca todas as informações apareciam falsificadas; tudo camuflado. Ficou patente não só que firmas particulares fabricavam minas e construiram submarinos porta-minas, como que varios países europeus, sob pretexto de economias, negociaram boa quantidade de submarinos desmontados com agentes das republicas sul-americanas. Esses submarinos, intactos ou "desmontados, foram para portos peruvianos e chilenos e de lá passaram para as Filipinas. Estas ilhas eram semi-independentes, mas Roosevelt II extendera a elas, em 1937, a proteção da Doutrina de Monroe — sem que os japoneses tivessem a energia de opor-se. Por fim se tornaram a base de operações contra o Japão.

A situação naval do Pacifico era complicada. A léste das Filipinas fica o arquipelago dos Ladrões, um grupo de ilhotas vulcanicas de que a maior, Guam, foi pelo Tratado de Versalhes entregue, sob mandato, á administração americana e japonesa. (Os donos anteriores haviam sido primeiro a Espanha e depois a Alemanha). Os japoneses se comprometeram a não levantar lá fortificações, mas acabaram transformando-a em bases de submarinos. Por fim a situação das aguas entre as Filipinas e o continente asiatico se tornou perigosa. Houve uma ameaçadora concentração de vasos de guerra americanos entre Guam e Filipinas, para assegurar a neutralidade destas, e os japoneses começaram a patrulhar as costas chinesas, nas quais se desenvolvia uma obscura atividade submarina e de navios ambiguos, que contrabandearam munições para os chineses e atacavam os pontos fracos das comunicações japonesas.

Quando na superficie, um submarino, como qualquer outro navio, pode arvorar um pavilhão e exigir respeito á sua nacionalidade, mas as minas não arvoram pavilhão, e dentro d'agua um submarino não tem meios de distinguir um navio neutro dum inimigo. Erros de fatos e erros propositais são inevitaveis. Dois submarinos americanos desapareceram em 1936. Logo depois varios submarinos japoneses evaporaram-se das ilhas dos Ladrões. Disputas irrompidas em cafés neutros acabavam em catastrofes no fundo do mar. A esquadra americana tomou a si o caso, e em 1937, sem que houvesse declaração, a guerra naval irrompeu no Pacifico.

Nenhuma das Potencias em causa tinha pressa na declaração da guerra. Por causa, ou a despeito da intrepida experiencia de Roosevelt II, os Estados Unidos estavam em plena desordem politica e economica, e o Japão fazia o seu ultimo esforço para dar o golpe no coração da China. Muitos dos homens mais influentes dos Estados Unidos viram na guerra do Pacifico um bom meio de desviar a atenção e ocupar as energias do povo americano. Houve um movimento para a reanexação das Filipinas; e depois do desastre japonês em Wuchang a guerra aberta se tornou inevitavel.

Os pormenores da rapida, destruidora e indecisa luta que se seguiu não nos ocupará aqui. As esquadras adversas chocaram-se no Pacifico e separaram-se depois de dois dias de canhoneio e pesadas perdas. A munição veio a faltar para os japoneses, supomos. Apesar disso, puderam retirar-se ocultos em cortinas de fumaça. Os americanos proclamaram-se vencedores porque podiam ir livremente até Manila, enquanto os japoneses se punham sob a proteção de suas zonas minadas — e por falta de material nunca mais puderam reerguer-se. Os dois países estavam com desordem profunda em casa, e a guerra, no seu sentido tecnico, terminara. Isto é, não houve tratado entre os beligerantes, porque na realidade o colapso fôra reciproco. A revolução social afastou da cena essa luta.

(Esta guerra inconclusiva relembra aos estudantes as continuas e inuteis lutas entre o Imperio Bizantino e o Sassanidio, que devastaram a Asia Menor durante tres seculos e só chegaram a termo quando surgiu a esponja islamica).

A desintegração social do Japão foi rapida. A grande massa camponesa não havia sido afetada pela modernização á europeia e escorregou para modalidades de comunismo seme-

lhantes ás de Kwantung, Chekiang e Fukien, na China. Uma pequena elite europeizada e desunida lutou sem resultados nos grandes centros, para canalizar esse comunismo nos moldes modernos e construtivos de Moscou. Mas a fragmentação foi rapida e completa. O militarismo degenerou em banditismo e feudalismo local. Aqui e ali, algum descendente da antiga nobreza reaparecia como chefe, com os seus Samurais.

No decurso de poucos anos toda a Asia, do Pacifico á Persia, parecia afundada no caos politico e social; o pauperismo generalizou-se e com ele as pestilencias. Na sua maior parte a India tambem se ia voltando ao barbarismo. Tambem lá a fraseologia e a insubordinação do comunismo, se não o seu espirito e metodo, haviam conquistado as vastas multidões que nunca sofreram influencia europeia. Era um comunismo sem planos quinquenais, nem de especie nenhuma. Simples guerra de classes em toda a sua crueza. Gososa matança dos detentores do dinheiro e coletores de taxas. Surto de fanatismos religiosos dos mais estranhos. Abandono da higiene como "boujawai" -- ou coisa maldita. O poder do Imperio Britanico na India não fôra derrubado, mas recuara fortemente. Os principes permaneciam formalisticamente "leais", embora em muitos casos anexassem aos seus dominios os "distritos turbulentos" proximos. Uma ordem social de baixo nivel formou-se em nucleos autonomos, sem a menor atenção para com qualquer autoridade central.

§ 6. *O Punho Ocidental Afrouxa na Asia*

O recuo da influencia dos semi-modernizados imperialismos europeus na Asia continuou a processar-se com firmeza. Já em 1929 a difusão dum comunismo camponês semelhante ao que se derramara na China começou a causar serias preocupações ao governo indiano. A captura e julgamento dum grupo de agitadores em Meerut, e as extravagantes sentenças a que foram condenados em 1933, mostravam a um tempo a gravidade desses temores e a falta de inteligencia com que as autoridades enfrentavam a situação.

O Imperio Britanico não iria ter um declinio e queda como sucedeu ao Imperio Romano. Em vez disso, afrouxou-se, evaporou-se, reduziu-se a nada, como vamos ver.

Infelizmente, antes que afrouxasse na India, o Imperio passou na Irlanda por uma breve e convulsiva fase de "firmeza"...

(*Neste ponto faltam diversas folhas no manuscrito de Raven*).

§ 7. *O Estado Moderno e a Alemanha*

Eis uma questão de primacial importancia para a historia: por que motivo as lições da Guerra Mundial, e das subsequentes desordens sociais e economicas, que hoje sabemos tão importantes, não foram aproveitadas naquele tempo? O pensamento da epoca, seja inglês, francês, americano, alemão, italiano ou russo, parece-nos hoje ter patinhado numa grave sequencia de preconceitos e estupidez. Por que a idéia inicial de Wilson não foi levada avante? Por que, depois de 1932, houve aquele desinteresse pela Liga das Nações, quando o mundo inteiro estava a reclamar uma autoridade central que désse unificação á moeda e á vida economica? Por que durou tanto tempo a Éra do Desapontamento? Já apontamos algumas causas, como a imprensa mercenaria, os vastos interesses privados anti-sociais, o terrivel peso da tradição, o reacionarismo das escolas, a desintegração social consequente á desmoralização economica. Mas nem todas estas causas são bastantes para explicar a cegueira da inteligencia humana quanto aos elementos mais obvios da situação.

Atrás de todos esses motivos de fracasso existia algo mais: a fraqueza das forças de reconstrução. Eis o segredo. *Impossivel ao mundo sair das suas dificuldades porque não havia nenhuma idéia clara sobre o que era preciso fazer.* O mundo tinha idéias, e até demais, porém confusas, e frequentemente contraditorias. Um homem que se afoga só pode salvar-se nadando — mas precisa ter *para onde* nadar. A deficiencia dos tempos não era moral nem material, sim intelectual. Havia a vontade de salvação e havia os elementos materiais para a salvação — o que não havia era plano de salvação. O mundo estava sem objetivo — e tinha de ser informado disso.

A materia se tornará mais clara se atentarmos na mentalidade e nos sentimentos duma comunidade culta de grande importancia na epoca, os povos germanicos. E o mesmo poderemos dizer das comunidades de lingua francesa, inglesa, espanhola e russa. A feição comum a todas se resumia na in-

capacidade de compreender que era impossivel a salvação a não ser que sobreviesse uma salvação geral. Todas agiam parceladamente, num espirito de rivalidade hostil á ação comum. E essa falta de unidade significava para todos os povos a paralisia da ameaça de guerra, a extrema instabilidade economica, a incapacidade para enfrentar crises financeiras e um consequente estado mental de "irritação", prejudicial a todos os movimentos.

Só depois de apreendermos o trabalho de sapa desta energia agressiva no mundo inteiro, antes da Guerra Mundial, é que podemos compreender por que durou tanto a Éra do Desapontamento. Certos fatos de importancia precisam ser relembrados. A Europa não podia conduzir o mundo á unidade, naquele momento em que o mundo implorava unidade, porque se via ela propria tão desunida. A Guerra Mundial foi uma explosão de tensões que se processaram por baixo da superficie durante o Primeiro Periodo da Prosperidade Geral. Antes que os povos europeus pudessem retomar o papel civilizador e explorador que desempenharam por dois seculos, era necessario que se purgassem da doença cronica: — o Odio.

A decada dos "trintas" viu a tensão internacional subir num crescendo; e a explosão sobreveio afinal em 1940. Durante os dez anos anteriores a Europa foi profundamente "minada", mas a conciencia da gravidade desse fato só veio depois que a guerra estalou. Aquele engenhoso arranjo do presidente Wilson — o Corredor Polaco — foi a primeira mina que explodiu — *uma*, na serie de sucessivas explosões destinadas a reduzir a pó o que ainda existia da Liga das Nações e do desastroso Tratado de Versalhes.

As fases mentais dos povos de lingua alemã dão o resumo da situação do mundo. A historia europeia de 1900 a 1950 pode caber num estudo exclusivo do cerebro alemão, seus tormentos e as reações que teve sobre os povos vizinhos. Era um cerebro de excepcional vigor e crueza. Despertava admiração, inveja e medo. Suas realizações nas ciencias materiais foram magnificas; sua organização industrial não tinha paralelo. As inepcias matematicas e filosoficas germanicas eram redimidas pelas inteligencias judaicas envoltas em suas dobras. Comparado com o inglês, o cerebro alemão mostrava-se politicamente rigido; e não tinha a lucidez do francês, nem a audacia do italiano, nem a força poetica dos da Espanha e

Russia. Revelava notaveis limitações. Sua teimosa associação com a arrogante estupidez monarquica e racial impedia-o de colaboração simpatica com outros sistemas de cultura. Não conseguia assimilar as populações não-germanicas do seu sistema politico. Intensificou o nacionalismo defensivo da França. Com o desafio no mar a Alemanha atemorizou e irritou a Inglaterra. Tambem soube irritar a America e faze-la afinal aderir aos seus adversarios. Não venceu a Russia, nem na enorme carcassa da Russia pre-revolucionaria havia o que vencer. (Não existia, na realidade, conciencia nacional na Russia antes do regime sovietico; só havia lá duas coisas — Dostoievsky e o Tsar). O dogmatismo agressivo foi a principal causa do isolamento da Alemanha e da sua derrota na Guerra Mundial.

Entretanto, apesar da derrota, a torturada mentalidade alemã permaneceu a realidade e a perplexidade central do sistema politico europeu. O desastre da guerra não podia impedir que a espinha dorsal da Europa — as gentes mais habeis, mais industriosas, mais suscetiveis á instrução — fosse o bloco de lingua alemã. O destino, a vida desse bloco, devia ser a principal preocupação de todos os estadistas. Porque se na Alemanha as coisas estivessem direitas, tudo mais no mundo entraria na linha. Mas não houve estadista bastante lucido para pensar assim. A Alemanha passara por uma fase de orgulho e megalomania, que desfechou em desilusão imensa. Desembaraçou-se então da dourada farragem imperialista e aceitou a derrota militar. Teve o seu periodo de humildade, e a principio o odio baixou a cabeça. Em meio a grandes dificuldades a nova republica revelou animo creador, moderação, perfeita compreensão da politica mundial.

Os espiritos creadores e de larga visão voltaram-se cheios de esperança para a nova Alemanha. "Vamos agora ver o de que a Alemanha é capaz", diziam eles. "Tende paciencia com a Alemanha". Todo mundo censurava a renitente desconfiança dos franceses. Contando com a generosidade de fora, aquela grande massa de cerebro teutonico poderia tomar a si a grande empresa do Estado Moderno e cooperar com o resto do mundo, tão desiludido, mas renascente. Poderia até chefiar a obra de reconstrução, de modo a tornar o ano de 1918 a data de abertura da Éra Nova.

Mas não foi assim. O mundo ainda teria de colher durante tragicos sessenta anos os frutos da desunião. Stresemann

aprendeu muito demoradamente a sua lição e morreu muito cedo. Bruning foi traido pela decadencia mental de Hindenburg —e fora os alemães pareciam só ver odio e vingança. Procuravam amigos e esbarravam com Ministerios do Exterior. Já vimos como Versalhes atribuiu á Alemanha o papel de pecador unico numa comunhão de santos ultrajados. A Alemanha tinha de ser conservada eternamente enfraquecida, embaraçada, humilhada. As crianças alemãs ainda não nascidas tinham de pagar o pecado dos pais. O mundo não as perdoava.

Constitue uma longa historia o relato da inutilização dos esforços sinceros da Alemanha para arredar de si aquela teia de suspeitas. O desespero, por fim, tornou os derrotados tão freneticos e violentos como as creaturas a quem se corta o ar. Só por um esforço de imaginação podemos hoje colocar-nos na posição dos alemães. Tinham de viver perpetuamente num ambiente de carcere, em trabalhos forçados, pagando taxas pesadissimas, e considerados fora da lei da civilização até o fim dos seus dias. Era considerado crime deixa-los rehaver a prosperidade ou fazer grandes coisas.

Muito naturalmente, uma vida assim constrita havia que amargar, e rolar para o vicio, para a apatia ou a revolta cega. Existe nas Series de Documentos Historicos um notavel romance (*Fabian*, por Erich Kastner. 1932), que mostra com muita vivacidade o aspecto individual desta fase da vida alemã. Outra novela da mesma categoria é o iluminante *Kleiner Mann, was nun?* de Hans Fallada, (1932).

Esse estado de espirito não era exclusivamente dos alemães. A mocidade da India, do Egito, ou das raças negras, os moços inteligentes e ambiciosos de todos os países ou as classes oprimidas (talvez dois terços da mocidade da epoca), participavam do mesmo amargor dessa inferioridade á força. Mas os alemães tinham muito mais proximo o seu passado de orgulho e grandeza, e um maior fundo de ressentimento — e possuiam maior força agressiva. Não havia entre eles nenhuma tradição de inferioridade ou subserviencia.

Infelizmente, não apareceram professores ou lideres para apontar ou guiar os alemães rumo ao grande objetivo do Estado Moderno. O regime dos Hohenzollern e as desgraças da guerra impedia-os de entrar pelo menos na senda do cosmopolitismo dos ingleses e americanos. O novo republicanismo alemão era superficial; as escolas e universidades ainda

se viam dirigidas por elementos do velho militarismo, ativos e malignos. A imprensa e todas as organizações informadoras conservavam-se fora da evolução e mostravam-se ansiosas pelo restabelecimento da ferocidade anterior á guerra. A futilidade da nova Alemanha era a tecla favorita. "Isto não é alemão. Voltemos ao velho imperialismo, e experimentemos de novo". O espirito feminino, tanto das mães como das namoradas, refervia na mais apaixonada indignação.

Um penetrante observador coevo, L. B. Namier, mostrou ser quasi uma lei da historia que todos os países derrotados em guerra sofrem uma violenta crise de patriotismo doze ou quinze anos depois do desastre. Namier sugere que doze ou quinze anos constituem precisamente o espaço de tempo necessario para que as crianças que, sem terem participado da guerra, sofreram as consequencias e o amargor da derrota, cheguem á virilidade. Essa camada de crianças de 1918 tornou-se a força da Alemanha em 1933.

E surge o hitlerismo. Como produto da Alemanha em ação, Adolf Hitler é uma das mais incriveis figuras de toda a Historia. Deve ter espantado até os proprios professores e escritores que o evocaram. Podemos estuda-lo sob todos os angulos no Vol. 30112 da *Galeria de Retratos Historicos*, e teremos sempre diante de nós um homem absolutamente comum, vazio de dignidade, despido de qualidades finas. Podemos ouvir a sua voz a persuadir, a exortar a tentar raciocinar, nas abundantes fitas de aço em que se gravaram os seus discursos. Voz rouca, forçada, violenta e incoerente. Voz dum homem vulgar e limitado, sem cultura literaria, que grita, ameaça, bate com os punhos fechados, quebra a mobilia que tem em redor de si — para escapar á perplexidade e ao desespero. Homem perfeitamente simples e honesto no seu tipo — e talvez esteja aí o segredo da sua carreira. Hitler deu vasão ao que estava comprimido no seio de todos os alemães. Tornou-se a voz da Alemanha descontrolada.

Hitler denunciou os estrangeiros, os judeus, os cosmopolitas, os comunistas, os republicanos, os proprietarios, os financeiros, — sempre com a mesma rouca imparcialidade. Nada sabe melhor a um povo perplexamente infeliz do que a denuncia de bodes expiatorios. Não denuncia dos erros proprios, mas da traição. Sim os alemães tinham sido traidos. A' pergunta de Hans Fallada ("Homenzinho, e agora?") a resposta de Hitler foi "massacre dos judeus, expulsão dos ex-

trangeiros, armas e mais armas, ser Alemão, profundamente Alemão — aumentar — multiplicar-se".

Devemos ter em vista que Hitler nunca obteve a maioria absoluta da votação alemã. Mas o povo permitiu-lhe assaltar o poder, despedaçar a republica, abafar o debate publico e destruir todas as liberdades civis. Não teve animo para resistir-lhe. No cerebro cansado e torturado dos alemães não havia concepção de coisa mais alta do que o truculento nacionalismo de Hitler, sua brutal campanha contra imaginarias conspirações comunistas, contra os judeus, os especuladores, os liberais, as democracias. A senilidade de Hindenburg traiu a republica a ele confiada e trouxe a vitoria do aventureiro.

A façanha de Hitler empolgando a Alemanha e levando-a á reação foi modelada no precedente de Mussolini, ao qual intelectualmente ele era muito inferior. Tomou o que havia de peor no regime fascista e nunca revelou um esforço verdadeiramente construtivo. Sua ignorancia e fraqueza mental começam a revelar-se na adoção da cruz swastica como emblema do nazismo. Esse pequenino simbolo é de origem muito velha, já usado na ornamentação dos homens neoliticos; nada tem que ver com os chamados "nordicos", nem nenhuma relação com a cultura "ariana". Velhos escritores consideram-na o "simbolo" do sol, mas parece que o que realmente significou foi uma certa alegria. Mas a cruz swastica passou a ser uma ideia na cabeça dos nazistas, que a trataram com profunda reverencia e solenidade, estampando-a nas bandeiras, blusas, proclamações, onde coubesse. Arden Essenden, quando reapareceu na Europa durante o controle do ar, denominava-a a "marca dos idiotas" — e não ha duvida que a cruz swastica exerceu uma fatal atração em muitos tipos imaginativos de segunda ordem.

E, assim, por algum tempo, em meio ao tumulto de moços vestidos de camisas pardas, com a cruz swastica no peito, a Alemanha, justamente quando a sua cerebração pesada mas persistente e fiel podia ser de imenso valor para o mundo, afastou-se da republica humana. O verdadeiro espirito da Alemanha exilou-se na America, na Inglaterra, na Suiça, ocultamente, e a Alemanha não pôde colaborar na obra da unificação do mundo no seculo 20, do mesmo modo que não pôde cooperar para a europeização no mundo nos seculos 18 e 19.

Internamente, o Nacional Socialismo procurou construir destruindo, procurou restaurar o antigo prestigio cientifico e

industrial por meio da arrogancia, da intolerancia, da exortação furiosa, do ultraje e da compulsão. Foi uma triste tragedia essa fase de demencia dum grande povo. A historia da vida alemã nesse periodo não passa duma historia tumultuaria e infeliz, uma historia de lutas faciosas e entrechoques nas ruas, de demonstrações e contra-demonstrações, de chantages oficiais e de complicada tirania; e sobreveiu, por fim, uma guerra mal dirigida, que estragou o inato espirito de ordem dos povos teutonicos. Ocorreu um aumento progressivo de vicios secretos e deshonestidade furtiva — as primeiras flores da desesperança. O numero de pessoas mortas ou gravemente feridas em motins e conflitos civis na Alemanha, ou chacinadas em virtude de razões politicas, subiu, de 1932 a 1936, a mais de trinta mil.

§ 8. *Nota sobre o Odio e a Crueldade*

(*Esta seção fazia parte dum fasciculo destacado, mas pode caber aqui*).

Para que o estudante de historia compreenda as dificuldades da vida politica de cem anos atrás, e apreenda as diferenças essenciais entre o que se chamava educação naquele tempo e o que chamamos educação hoje, é necessario que alcance a extensão a que chegou o Odio nesse malfadado periodo. Já expusemos os fatos principais do choque entre os alemães e polacos — simples exemplo, de muito valor historico, das condições gerais do mundo. Poderiamos escrever cincoenta capitulos assim. Por toda parte as populações andavam atoladas no odio, com uma teimosia jamais observada no mundo.

Todos esses odios tinham a mesma causa. Diversos grupos humanos, cada qual com a sua estreita cultura propria e lingua ou dialeto diferente, viram-se, em virtude do aumento dos negocios no mundo, apertados uns contra os outros. Daí resultou uma especie de demencia social. Por falta duma ideia comum de unidade, a civilização cedeu diante dos instintos e dos impulsos espasmodicos.

Onde quer que houvesse populações misturadas, aí fervia o odio; e, com exceção da terra dos Bascos, do país de Gales, da Suecia e da Noruega, odio em dose suficiente para adquirir

grande importancia politica. Ao norte e ao sul da Boemia parecia estar o verdadeiro coração do odio. Os magiares odiavam os eslavos, os eslavos odiavam os italianos, os rumenos odiavam os russos. As diferençae religiosas e a maldade sacerdotal alimentavam o odio até dentro da solidariedade racial. Os eslavos catolicos odiavam os ortodoxos, e os gregos ortodoxos da Macedonia odiavam-se implacavelmente entre si. O odio extendia-se sobre todos os antigos dominios do sultão. E pela Persia e pela India. O Islam dividira-se, andava arrazado por dois velhos sistemas e odios. Os odios das massas eram aceitos até pelas elites mais inteligentes como uma especie de desespero. E era odio que desafiava e desnorteava a politica de todos os estadistas. Dava a impressão duma verdadeira fatalidade humana.

Parece-nos extraordinaria a rapida mitigação ou supressão desse odio no mundo. Nossos antepassados não consideravam tal sentimento como o que ele na realidade é: — uma doença mental curavel. Ignoravam que era possivel curar o odio, como ignoravam os meios de prevenir os resfriados que tanto os afligiam e tambem a mór parte dos fenomenos da velhice.

Mas causa espanto pensar na submissão com que os seres humanos permitiam que suas vidas fossem estragadas por coisas suscetiveis de controle — e isso até bem pouco tempo! Não era só o odio e a inveja que os nossos avós deixavam sem combate. Seus pobres nervos tambem viviam sem proteção contra mil aflições de origem artificial. Até o ano de 2010 os homens moravam em cidades dementadas pelo barulho; praticamente não havia nenhum dominio sobre os sons desagradaveis; e o berreiro luminoso dos anuncios só desapareceu nas decadas de miseria que precederam á Ditadura do Ar. A iluminação das aldeias e estradas é coisa dum seculo. Durante o inverno, nos climas do norte, o povo viveu até o seculo 20 entre a noite e uma penumbra a que chamavam dia, não vendo o sol ás vezes durante semanas.

E antes do seculo 20 (quem sabe ler nas entrelinhas percebe-o logo) a humanidade fedia. Basta estudarmos o plano dos esgotos das casas e cidades, o aparelhamento de lavagem, os guarda-roupas acanhados, a ausencia de adequadas organizações de lavanderias e "destrutores" de lixo, para compreendermos que só a força do costume livrava os homens do perpetuo nojo e da nausea. Não admira, pois, que além da má e

repugnante alimentação que tomavam eles tossissem, escarrassem, sofressem mil dores, se tornassem surdos, cegos e debeis e vivessem numa continua alternativa de cansaço e irritação.

Essas condições de vida foram mudando imperceptivelmente. Poucos homens de hoje imaginam o que era "ser uma creatura humana" a alguns centos de anos atrás. Só á força de imaginação podemos fazer ideia do mal que para o nariz, os ouvidos, os olhos e a alma das creaturas eram os aglomeramentos humanos. E necessariamente, inevitavelmente, por causa dos mal interpretados protestos do organismo, essas pobres creaturas se odiavam — mais ou menos ao acaso. Nas *Viagens de Gulliver*, de Swift (1726) temos o grito dum homem de excepcional inteligencia e sensibilidade que percebeu estar preso ao seculo 18 e não encontrava escapula nem opio adormentador. Mas as exalações dos esgotos duma cidade medieval eram nada comparativamente ao mau cheiro do odio na imprensa popular do seculo 20. Os jornais da epoca não passavam de impregnações de veneno. Cada manhã o homem comum ingeria uma dose nova de sugestões de suspeita e ressentimentos, e ainda deliciava a sua inveja com maldosas noticias e "perfidias".

O Odio — sabemo-lo hoje — é um estado morbido, infeccioso, mas evitavel, muito comum no cerebro dos mamiferos, particularmente dos que vivem em sociedade. Esse estado morbido determina a perda do controle da razão. A causa do odio reside em pequenas irritações do cortex cerebral, repetidas muito amiudadamente. O contagio pode ocorrer em qualquer periodo da vida, antes ou depois da maturidade; e os ataques agudos predispõem o paciente para as recidivas ou os estados cronicos.

Quando o odio chega a certo ponto torna-se incuravel. Com a maior ingenuidade o paciente procura pretextos para ofender e sente grande satisfação em agravar a molestia por meio de vinganças e represalias. Orgulha-se da doença. Vive desaprovando o proximo e rosnando contra a felicidade alheia. A educação de hoje mostra-se muito atenta em prevenir esse contagio tão facil, mas a imprensa daquela epoca *vivia* do odio que separava as facções. Somos hoje muito ciosos de limpeza e arejamento, tanto na vida fisica como na moral e mental. O contraste entre uma multidão de hoje e as multidões pintadas por Hoggarth ou Rafael não está apenas no

eugenismo dos tipos e no bem tratado do corpo e do vestuario modernos, mas nos rostos cheios de candida simpatia em vez dos rostos retorcidos, preocupados, inquietos, dos homens daqueles tempos. Só á luz dessa universal malaria é que a historia humana pode ser compreendida.

Pois bem: aquele grande povo alemão que ocupava o centro da Europa era incapaz de autoterapia, e deixava que a doença do odio o consumisse. Sofria dum "nobre ressentimento" — diziam eles. Ainda menos que qualquer outro povo, os alemães não alimentavam nenhuma ideia de cooperação mundial — ideia que ainda estava a procurar forma e instrumento. Somente odio, e odio mais profundo que aquele, filho do medo, peculiar aos habitantes da França. Nesses dois paises hostis a saudavel ideia cosmopolita não tinha entrada, porém menos ainda na Alemanha do que na França.

As flutuações do odio dos alemães durante a decada dos "trintas" vinham do proprio subconciente. Embora fossem um povo de espirito beligerante, seus armamentos ainda ficavam aquem dos dos vizinhos; os nazistas rosnavam e arreganhavam os dentes mais contra a Polonia do que contra a França, e quando a tensão se tornou muito forte aliviaram-se, lançando-se contra os comunistas, os pacifistas e os intelectuais e por fim aos bodes expiatorios do Ocidente — os judeus. Da data da subida de Hitler ao poder em diante, não só o saque e o massacre, como tambem o ultraje legalizado se tornou uma permanente ameaça á vida do judeu alemão.

Em seus estudos de psicologia politica Faber retraça o "mapa mundial do odio". As cores variam muito. Os povos de lingua inglesa (exceto a Irlanda, essa outrora "ilha da verde malicia", hoje transformada no mais delicioso recanto de turismo) e os povos de lingua hispanica mostravam menos odio que os povos da Europa continental. Estavam menos congestionados e viviam mais livres da interferencia extrangeira, com mais espaço em que mover-se — e a infecção nunca fôra muito virulenta. Por duas decadas a Espanha e a Sul America hispanica (depois do acordo peruviano) conservaram-se com mentalidade mais liberal e creadora do que qualquer outra região do globo. A contribuição da Espanha, dada por Unamuno, Ortega y Gasset e tantos outros, foi de grande importancia na construção do Estado Mundial Moderno.

A Russia, cumpre notar, nunca foi tão mentalmente construtiva como a Espanha. Não tinha a mesma riqueza de

pensamento e de escritores, nem excesso de energia mental que se canalizasse para a filosofia. A Russia extasiava-se, profetizava ou dogmatizava. Sua disciplina mental canalizava-se para o setor tecnico. Mas nunca foi um país maligno. E' verdade que á nova Russia fôra ensinado o odio — mas odio a um inimigo dissolvente, o Perfido Imperialismo. Havia nesse odio um lado caricatural. E quando o Perfido Imperialismo degenerou em Papão, teve a propriedade de absorver todo o odio existente na Russia. Salvo em breves acessos, não parece que o odio seja coisa do temperamento russo.

Pouca gente em 1940 se dava conta de que a maior perturbação politica do mundo, alem do mal estar monetario, era esta endemica molestia do odio, e ainda era menor o numero dos que ousavam pensar no remedio: a drastica limpeza e destruição das instituições e interesses anti-sociais. Enquanto isso, a molestia prosperava na Europa Central e a inflamação crescia.

Entre os muitos metodos de dar soltura ao odio estavam as demonstrações agressivas, os ataques a edificios representativos, como embaixadas e consulados, o conspurcamento de bandeiras, estatuas e outros simbolos (na India a matança de animais sagrados, vacas ou porcos, nos lugares santos), as disputas em cafés e restaurantes, os tumultos, os homicidios, o lançamento de petardos em assembleias, tribunais ou igrejas, e ainda o tiroteio de sentinelas nas fronteiras. Ao longo da costa do Adriatico havia uma forte disposição para insultar o amor dos italianos pela arquitetura.

Isto tinha origem recente. No Congresso de Versalhes a Italia perdeu um bom trecho da costa da Dalmacia, o qual, se não lhe cabia de direito, fora-lhe prometido em conchavo secreto para induzi-la a entrar na luta. Os patriotas italianos nunca perdoaram esse passe, como a Yugoslavia, que foi a beneficiada, nunca deixou de temer uma anexação. Houve muita propaganda sobre o caso. Um dos maiores argumentos da Italia era que a Republica de Veneza havia outrora dominado aqueles territorios, e como prova apresentava os edificios publicos da região, todos com insignias esculpidas pelos seus fundadores italicos, sobretudo o leão de Veneza. A fantasia do fascismo chegava até aí: onde quer que o leão de Veneza houvesse plantado as patas, ou as aguias romanas houvessem projetado a sua sombra, desde a Muralha de Adriano, na

Inglaterra, até a Mesopotamia, a Italia tinha o direito de dominar.

Esta pretenção, embora recebida com bom humor pelos ingleses, franceses, espanhois, turcos e outros povos emancipados, causou profundo ressentimento ás populações imediatamente ameaçadas, e chegou ao odio na região dalmatica. Para o jovem e excitavel eslavo aqueles leões esculpidos e aquelas aguias de pedra não tinham nenhum valor historico-artistico; eram como se fossem coisas modernas que os desafiavam. E o grande gosto consistia em mutila-los.

Já em 1932 houve a este respeito amargas recriminações entre Roma e Belgrado, e em 1935, e depois em 1937, novas perturbações surgiram. O caso já era só de mutilação das esculturas: pintavam-nas agora, e repintavam-nas irrisoriamente. E os ultrajes não se restringiam a esses animais heraldicos. Os retratos de Mussolini tambem apareciam ornados de grandes bigodes, formidaveis cavanhaques, narizes vermelhos e outras perfidias de igual quilate.

Eram comuns nas zonas inflamadas revanches desse tipo. Para nós hoje parecem-nos infantis e tolas — mas naquele tempo coisas assim levavam á tragedia.

O leitor deve representar-se, caso possa, como se desenvolvia um rapaz numa dessas terras do odio; a constante irritação das restrições, o amargo sarcasmo alimentado contra o opressor, e por fim o insulto e a conspiração. Deve figurar-se a excitação do revoltado que, de lata de tinta em punho, iludindo a policia, borrava o objeto odiado. Uma coisinha assim iria constituir a corôa de gloria de uma vida. E depois o alarma, o conflito, a fuga, os tiros, um ferido que cai, a palha da prisão, as penas corporais, a condenação — e a intensificação do espirito de resistencia. Nada mais em que pensar, senão no proximo ultraje, no proximo conflito. E quantas vezes o desfecho não era tragico — cadaveres na rua, homens encostados aos muros para o fusilamento... Essa, a vida de centenas de milhares de cerebros embebidos de odio — cerebros que vinham ao mundo como flores que se abrem num ambiente sanioso.

Uma *Historia Natural da Crueldade* foi recentemente publicada por Otto Jasper (2085), descendente daquele professor Jasper da Universidade de Heidelberg. A crueldade do seculo 20 está estudada nesta obra com muito pormenor, e

constitue leitura bastante penosa. Felizmente não é parte da educação geral de hoje o estudo dos negros processos mentais que fazem da imposição de horriveis dores o alivio de certas perturbações psiquicas, de outro modo absolutamente intoleraveis. O psicologista, entretanto, tem que conhecer esses fatos; não compreenderá nunca o intrincado do espirito humano sem toma-los em conta; e com a pratica supressão da crueldade em nossos tempos, a literatura da Guerra e da Crise mundial aparece-nos como grande mina de materia para estudos.

Os velhos psicologistas costumavam classificar a crueldade como forma da aberração sexual — sadismo, como diziam — mas hoje não pensamos assim. A crueldade transcende de muito o terreno sexual. Do mesmo modo que o odio, é considerada um complexo do medo combativo, a exaltação dum desafio vacilante que pode tornar-se infeciosa; um desenvolvimento natural do esforço contra a resistencia, quando o medo de fracasso passa dum certo limite. E' uma transformação da tentativa de submeter um ser vivo á nossa vontade.

Esta interpretação torna claro o motivo pelo qual o colapso da economia privada e do sistema politico, depois do periodo de generalizada incerteza, desanimo e miseria, foi seguido de uma onda de crueldade nunca vista. Em 1900 um viajante que viesse da lua poderia concluir que o homem, como o via na Europa ou nos Estados Unidos, era uma criatura bondosa, generosa, clemente. Se voltasse em 1940, descreve-lo-ia como um ser diabolicamente perverso — e no entanto estaria descrevendo a mesma creatura, apenas submetida a diferentes pressões.

Houve milhares e milhares de suicidios entre 1930 e 1940 — de homens e mulheres de muita sensibilidade para tolerar a horrivel baixeza e crueldade do mundo. Já nas estatisticas de 1980 raro aparece a menção de qualquer perversidade contra um ser humano ou animal. Não houve mudança de natureza; sim, apenas, mudança de condições. Milhões de pessoas que haviam matado, massacrado ou torturado os seus semelhantes ainda viviam nesse ano — e comportavam-se perfeitamente bem. Pela maior parte haviam esquecido as suas façanhas. A Esperança retornara á terra. Os anos de desespero e frenesi já pertenciam ao passado.

§ 9. *O Ultimo Ciclone da Guerra, 1940-1950*

A tendencia para a guerra tornou-se mais forte depois que desapareceu a possibilidade da intervenção americana e japonesa, e que a Inglaterra entrou a preocupar-se profundamente com as desordens da India e a Revolta Negra na Africa do Sul. As ultimas peias que seguravam os odios diluiam-se. Tudo se tornava simples.

E a guerra veio, afinal, em 1940. O incidente que provocou a explosão foi irrisorio. Um viajante comercial polaco, de origem judia, teve a má sorte de atrapalhar-se com a dentadura numa parada de trem em Dantzig. Parece que a dentadura escapou do lugar, e que por deferencia aos viajantes daquele carro ele voltou o rosto para a janela enquanto a arrumava. Era um homem de barba preta e nariz respeitavel, e evidentemente fez caretas. O genero de concerto que operava na boca exigia-as — mas o pobre homem nunca imaginou que suas caretas fossem desencadear a guerra, dos Pirineus ás regiões siberianas.

A causa da deslocação da dentadura fôra uma semente de laranja ou uma casquinha de noz.

Infelizmente, um jovem nazista, que estava na plataforma da estação, tomou aquelas caretas como um comentarios hostil á sua camisa parda. Esses moços eram duma sensibilidade doentia. O fogo da indignação patriotica fumegava-lhes perpetuo no coração. Ao ver a careta o nosso nazista chamou tres companheiros e dois policiais — porque, do mesmo modo que os fascistas italianos, os jovens herois nunca agiam isoladamente — e invadiram o trem. Houve aspera altercação, tornada mais aguda pelo fato do careteiro não saber alemão e estar ainda atrapalhado com a dentadura. Dois passageiros do carro vieram em seu socorro, e depois mais outros, e da vociferação passaram aos murros. Os nazistas, afinal, foram expulsos do trem.

O patriota pardo, na maior exacerbação de espirito, descabelado e incendiado de odio, não suportou tamanha ofensa; sacou do revolver e atirou o careteiro, matando-o. Outros revolveres entraram em ação, e a batalha só teve fim quando o maquinista pôs o trem em marcha. O caso complicou-se politicamente porque a ação da policia em Dantzig ainda esta-

va sendo discutida e os nazistas não tinham nenhuma autoridade legal numa plataforma de estação de Dantzig.

O incidente em si podia muito bem ser resolvido sem o rebentamento duma guerra na Europa. Havia a Liga das Nações e o Tribunal de Haia a serem invocados, apesar da mumificação em que jaziam; cada uma dessas instituições poderia decretar que o polaco tinha toda a culpa e transforma-lo em bode expiatorio. Isso, porém, exigiria uma certa boa vontade da parte das potencias envolvidas no incidente, e naquela epoca a vasante da boa vontade era tremenda.

Oito anos fazia que a Alemanha tramava a solução do caso do Corredor Polaco, e para isso conduzira em larga escala o seu rearmamento — o notorio e o secreto. A França e a Inglaterra acompanhavam os passos da Alemanha com viva preocupação, e os chefes militares de ambos os paises consideravam indispensavel o ataque á Alemanha antes que ela se fizesse muito forte. Varias vezes esse ataque esteve iminente, mas a crise não passou de violentas perturbações nas bolsas. Agora, porém, as ultimas razões para a espera haviam desaparecido. A tensão estava no apogeu e a Europa em condições de preparo belico para despedaçar-se a si propria.

Essa tensão era a inevitavel consequencia da "paz armada", e até certo ponto havia uma irresistivel logica no "atacar agora antes que ela fique muito forte". Semelhante logica explicava a entrada da Inglaterra na luta de 1914. Os ingleses mostraram-se ansiosos de atacar antes que a esquadra alemã, sempre a crescer, igualasse a britanica. Os alemães "queriam", e os ingleses acharam que "era melhor agora do que amanhã".

A historia repete-se. Os alemães "quiseram" novamente e a Polonia tornou-se o pretexto. Os ministerios da guerra apertaram o botão das campainhas. Os prelos de Paris, Londres e Nova York ainda gemiam sob os comentarios, sempre tendenciosos, sobre a morte do viajante polonês em Dantzig, e já as patrulhas aereas dos dois paises se chocavam ao longo da fronteira. A dentadura havia começado a incomodar o viajante lá pela uma hora da tarde de sexta-feira, 4 de janeiro de 1940. Ás tres horas de sabado Michael Koreniovsky, o az polaco, depois de viva luta aerea com tres antagonistas, caiu em chamas sobre o Langgasse de Dantzig, incendiando o Rathaus.

O primeiro raid dos polacos sobre Berlim e o irresistivel "vôo de demonstração" de 200 aviões franceses sobre a Bavaria e Prussia Ocidental, coincidiram. Como que tomados de sur-

presa diante dessa rapidez de movimentos, os alemães não revidaram. Os aviões inimigos voltaram ás suas bases sem molestamento. A luta na fronteira germano-polaca prosseguia.

As autoridades de Paris mostraram-se vacilantes entre a decepção e o alivio, á vista da não-resistencia do velho inimigo da França. Um esmagador ataque contra a Alemanha teria sido ação conclusiva, mas a França necessitava dos seus aparelhos em casa, para intimidação do descontentamento interno. Uma batalha aerea duvidosa — o que é sempre possivel no ar — poderia trazer desastrosas consequencias politicas.

Por sete anos, depois de reiniciado o armamentismo na Alemanha em 1933, os centros diplomaticos do mundo ficaram á espera do grande conflito, sem nada fazer para evita-lo. E agora Londres, Washington, Madrid e Genebra tomavam-se de histerica atividade. Era continua a corrida dos embaixadores e ministros. "Não ainda", dizia Genebra — embora o retardamento já durasse vinte anos.

"Localizar o conflito" era a frase mais repetida, não só entre os neutros como em Paris e Berlim. Essa "localização" significava isto: rompimento dos tratados entre a França e a Polonia — e os polacos que se arrumassem com a Alemanha e a Russia. Porque dum momento para outro a Russia, depois dum enigmatico silencio e da mobilização rapida do Exercito Vermelho, tornara-se de subito uma peça importante no jogo internacional.

E Paris encontrou logo excelentes razões para não precipitar a luta contra Berlim. O primeiro francês que morreu na guerra nova não fôra vitima dos alemães — caira nos Alpes Maritimos, atirado por uma patrulha italiana.

No domingo, 6 de janeiro, enquanto os aviões polacos lançavam bombas de gás sobre Berlim, os italianos faziam o mesmo sobre Belgrado. E sem tardança Roma expediu uma nota a todas as potencias, dando as suas razões para o golpe. Parece que entre sexta-feira e sabado houve uma forte recrudescencia de odio iugoeslavo. Os "agentes provocadores" do Fascismo haviam ido além das ordens recebidas para a manobra caricaturante. Sabado a Italia inteira abandonou a sua eterna preocupação com o orçamento ao ler a noticia de que os retratos de Mussolini haviam amanhecido com os olhos pintados de vermelho, e os leões venezianos transformados em macacos. Fascistas de descabelada eloquencia, muitas vezes em

lagrimas, vociferavam em todas as esquinas contra aqueles intoleraveis ultrajes e pediam guerra. A taça da iniquidade iugoeslava transbordara. Só anos mais tarde veio o mundo a saber que essa taça se enchera daquele modo afim de justificar a invasão fascista — e por obra e graça dos agentes provocadores.

Depois que os polacos e italianos cruzaram as suas fronteiras, os outros estados da Europa não procuraram nenhum insulto para justificar as ofensivas. A absurda colcha de retalhos entretecida em Versalhes desfez-se e, os inumeros odios desaçaimados meteram-se numa guerra de que ninguem podia prever o fim. Por dois anos a teoria da localização do conflito manteve a França e a Russia fora da cena. Havia sido encontrada uma "formula", pela qual a França não ajudaria os seus aliados, sob a condição da Russia não intervir contra eles. Entrementes, o comercio de munições seria feito com toda a "imparcialidade". Formula o que havia de futil e só possivel aos diplomatas daquele tempo, mas que conseguiu retardar de dois anos a luta na fronteira franco-alemã. Os continuos disparos italianos nas fronteiras com a França eram coisa dificil de explicar — e não foram explicados, sim postos de lado. Os esquadrões aereos franceses faziam vôos demonstrativos, com grande irritação dos vizinhos. Essas demonstrações tinham o merito de esfriar os vizinhos e acovardar os descontentes internos.

O entusiasmo pela "guerra localizada" de 1940 foi muito menor que o que as populações beligerantes demonstraram em 1914. Entusiasmo só havia entre os jovens fascistas e nazistas das classes altas e medias, do tipo escoteiro. Esses moços gritavam, reclamavam, pediam guerra — no meio duma atmosfera pesada de apreensões. Nenhuma nação "saltou sobre as armas". O soldado comum estava sempre desertando, "caindo fora", e a "mentalidade desertora" propagava-se tanto, sobretudo nos exercitos formados com gente camponesa, que era impossivel recorrer ao fuzilamento. Um batalhão de Posen entrou em batalha, perto de Lodz, com 39 oficiais de 57 soldados.

Desde o começo surgiu a preocupação da "economia". As ordens reclamavam o "uso restrito de munições". A guerra ia, evidentemente, ser uma luta de pobres.

A pugna, entretanto, era de nivel cientifico e mecanico muito mais alto que o da guerra japonesa contra a China. As

autoridades militares dispunham de boas estradas, automoveis, caminhões, vias ferreas, material rodante e eletrico, canhões de todos os tipos e grandes forças aereas. Atrás dos "fronts" as fabricas de gases e munições mantinham-se em atividade. Não houve batalhas de infantaria á moda arcaica, mas o conflito dos tecnicos era brilhante. A pronta separação da Prussia Oriental do corpo da Alemanha, por meio duma faixa do Gás da Morte, equivaleu a operação tecnica superior a todas as efetuadas no Ocidente. Estrategicamente, uma imbecilidade; mas tecnicamente, uma beleza.

A primeira ofensiva contra Berlim tambem foi planejada com equipamento moderno e o maximo de ciencia militar. Tratava-se de outro "Golpe no coração", e o alto comando polaco tinha tanta fé nesse golpe como os alemães de 1914 tinham fé no avanço sobre Paris. Infelizmente para os polacos, fôra-lhes mister recorrer a muitos "peritos" durante o preparo do golpe, e os entendimentos secretos andavam em tal emaranhamento que as linhas gerais do plano tornaram-se tão conhecidas em Berlim como em Varsovia. O derrame de gás sobre Berlim foi bem sucedido e devastador; já o avanço dos tanks e dos grandes canhões montados em "caterpillars" viu-se detido a sessenta milhas da capital alemã graças a um engenhoso sistema de barreira de gás — sobretudo Lewisite e Cruz Azul — linhas de minas e "poças de lamas" dum novo tipo, nas estradas e em campo aberto. Um raide de cavalaria ao norte, entre Berlim e o mar, chocou-se no arame farpado e nas barreiras de gás e metralhadoras; quarenta mil homens foram mortos, feridos ou aprisionados. Além disso, houve erros na manufatura das mascaras dos poloneses, e diversas brigadas cederam, convencidas de traição. O grosso do exercito polaco nunca se chocou com as tropas alemãs, e unicamente a superioridade em aviação impediu que fosse destroçado.

As forças polacas se reorganizaram de acordo com os planos estabelecidos para a hipotese de insucesso do primeiro avanço, e afundaram-se em trincheiras numa linha entre Stettin e as fronteiras da Boemia. E atrás das trincheiras deram inicio á sistematica redução da Silesia. Todas as noites ocorria uma batalha aerea tanto sobre Berlim como sobre Varsovia. Em regra ficavam indecisas. Os polacos tinham superioridade numerica, mas os alemães possuiam aparelhos mais eficientes e mais bem dirigidos. Os polacos, entretanto, dispu-

nham de maior numero de torpedos aereos — arma nova e terrivel, pois ia, dirigido de baixo, a um ponto determinado, até 200 milhas de distancia, soltava a bomba e voltava ao ponto de partida.

A Boemia, assim como a França, havia mobilizado, mas não se apressou a entrar na luta. Os exercitos checoeslovacos permaneceram de prontidão no quadrilatero montanhoso e ao longo da fronteira hungara, a aguardarem os lances da partida. A Austria, muito agitada, permanecia neutra.

Ao sul a guerra abriu-se com brilhantismo para os italianos, e por semanas se desenvolveu sem nenhuma ligação com a guerra polaca. Albania, Bulgaria e Hungria tambem declararam guerra á Yugoeslavia. Os aviões italianos "escureciam o ar" e poucas cidades da Croacia e da Servia escaparam ao bombardeio. Mas o avanço das tropas italianas pelas montanhas da Slavonia e Croacia não foi tão rapido como se esperava. Seis semanas se passaram antes que abrissem caminho para Zagreb.

A zona era dificil, imprestavel para o uso do gás ou das armas motorizadas; não havia nenhum centro vital onde um golpe decisivo fosse aconselhavel, e a população mostrava-se perita em luta montanhesa. Não afetava o moral desses rudes homens alpinos que as gentes das cidades fossem bombardeadas ou não. Igualmente não curavam de batalhas; não se expunham em massa; mas suas balas choviam continuamente sobre os acampamentos italianos. Muitos viviam em vai-e-vem dos campos para os "fronts". Munições obtinham-nas através da Rumania, a qual, com um numeroso Exercito Vermelho na fronteira da Bessarabia, permanecia ambigua, a acompanhar o jogo. Os hungaros atravessaram a fronteira da Yugoeslavia e ameaçaram Belgrado, mas depois voltaram o rosto para a Checoeslovaquia, ficando a aguardar os acontecimentos.

Uma curiosa pausa na luta sobreveio no fim do ano. Os freneticos esforços de Praga, Londres e Paris para a suspensão da luta foram temporariamente bem sucedidos. Os invasores da Alemanha e Yugoeslavia ficaram no territorio do inimigo; foram improvisadas zonas neutras e a guerra parou. Uma ultima tentativa foi feita em prol da paz, que durante algumas semanas pareceu possivel. Tanto a Alemanha como a Polonia divergiam quanto á continuação da luta, agora que o avanço polaco estava detido e a Italia esperava ficar na

posse da Dalmacia, sem os onus duma campanha mais longa. Era como se o espirito da civilização estivesse proximo a despertar e perguntasse: "Mas, afinal de contas, para que tudo isto"?

O Gabinete Inglês achou oportuna uma conferencia em Vevey para a revisão do Tratado de Versalhes — afinal! Os pacificos discursos de Duff-Cooper, Hore Belisha, Ellen Wilkinson e Randolph Churchill ecoaram pela Europa e foram secundados pelos de Benito Caruso e Corliss Lamont na America; o papa, o arcebispo de Cantuaria, as igrejas não conformistas, o presidente da Suiça e o veneravel presidente Benes engrossaram o côro. A França, que cada vez se tornava mais pacifica depois da agitação social de 1934-1935, encontrou voz em Louchère e Chavanne. Novamente nos vem á lembrança os esforços de Henry Ford e Wilson. Novamente a ideia da Paz Mundial brilhou na imaginação humana e desapareceu. Desta vez o côro foi mais cheio, mais preciso, mais unanime do que da primeira — mas não se revelou mais efetivo. A conferencia de Vevey, prolongou as treguas até junho de 1941 — e só. As autoridades militares, depois daquele descanso, tornaram-se impacientes. E com mutua perversidade destruidora, a guerra prosseguiu "antes que as colheitas se realizassem".

Vevey fracassou porque a ideia do Estado Moderno não tinha lá nenhum profeta. Resumiu-se na classica reunião de diplomatas nacionalistas, que, embora muito falassem em paz, tudo faziam, nos velhos moldes, para reavivar a luta. A fantasia do "equilibrio das potencias" perturbava a ideia de paz. Esse equilibrio era instavel, mudava dum ano para outro ou de dia a dia. O povo comum e os homens inteligentes que pensassem como quisessem — os "experts" precisavam ver a guerra desenvolvida até o fim. "Os alemães ainda não estão batidos", era o argumento dos vendedores de munições na imprensa francesa e escandinava. "Os italianos ainda estão com os pés na Yugoeslavia".

Os ingleses e americanos, esperançosos de ficar fora do conflito até o fim, andavam radiantes com a prosperidade das exportações. As bigornas de Tenyside ressoavam; as ações das empresas metalurgicas e quimicas subiam, e essas industrias, ao modo dum velho tigre sem dentes, levantavam-se para a unica coisa que ainda podiam fazer — matar

gente. A metalurgica não mais sonhava com a construção de navios, estradas de ferro, casas de estrutura metalica. Tudo isso morrera. Mas ainda podia fabricar grandes canhões e mais maquinas de matar. Não tinha olhos para ver longe. Os unicos paises realmente desejosos de paz eram a Checoeslovaquia e a Austria, entaladas entre os dois grupos combatentes e com inimigos de todos os lados. A humana vontade de paz, como se expressa em Vevey, era ainda uma força nebulosa e inefetiva,

A luta reviveu quasi que ao mesmo tempo na Ukrania Polaca, onde os camponeses se revoltaram e apareceram comandados por oficiais sovieticos, e na Alemanha, onde as linhas polacas foram investidas de surpresa. Os alemães trabalharam noite e dia durante as treguas para aumentar o preparo aereo; construiram aviões de maior rapidez e eficiencia, e por algumas semanas travaram no ceu combates como ainda não tinham sido vistos.

Gradualmente firmaram os alemães a sua superioridade. Lodz e Varsovia foram aterrorizadas e evacuadas pela população civil — e as linhas polacas foram rompidas de modo a restabelecer as comunicações com a Silesia. E a guerra espalhou-se. A Lituania, evidentemente encorajada pela Russia, ocupou a velha cidade de Vilna, e a Austria entrou como aliada da Alemanha e da Italia. A corrida para a guerra foi geral. A Hungria atacou a Checoeslovaquia sem declaração previa — "para restaurar as suas legitimas fronteiras". A Russia denunciou o tratado com a França e lançou o exercito Vermelho sobre Lemberg. Na Macedonia a vida virara um inferno, com as aldeias voltadas umas contra as outras. A Bulgaria entrou na Aliança "Sul Eslava" e assaltou a Albania; a Grecia apossou-se de Rodes, que estava na mãos da Italia.

E desse modo a França viu chegar ao fim a sua antiga politica de "segurança", de alianças e interalianças. Grande sorte lhe seria ficar em paz dentro do seu territorio imensamente fortificado e tirar partido da neutralidade, vendendo munições á moda dos ingleses e americanos — mas o seu sistema de alianças não o permitia. Depois duma derradeira e ambigua tentativa por parte de Londres, Washington e Genebra para impedir o desastre, a França declarou guerra á Europa Central em 1943.

Na aparencia a nova guerra assemelhava-se á de 1914. Parecia um esforço para destruir ou restaurar o tratado de Versalhes. Lembrava o antigo bloqueio da Alemanha e Austria. Mas a Italia estava agora em intima ligação com as potencias teutonicas; a Belgica, em grande depressão industrial, ficara fora da luta; a Inglaterra afastara-se; e a França, em vez de ser ajudada, tinha de ajudar os seus aliados, desde o Corredor Polaco até o Mar Negro e os Balkans — aqueles Balkans que o Quai d'Orsay tanto se esforçou por meter numa aliança anti-germanica.

A Russia, entretanto, era uma bem duvidosa aliada das Potencias Centrais; não agia de concerto com elas; estava apenas apoiando as novas republicas sovieticas da Polonia Oriental e Bessarabia — e lá se deteve o Exercito Vermelho. O antigo ardor pela Revolução Mundial já desaparecera da imaginação russa. O marxismo russificara-se tanto que temia meter-se com um excesso de aderentes ocidentais. Bastava para o Kremlin a consolidação dos soviets eslavos, de grande afinidade racial. O Japão, a China e continente americano permaneciam fora do tumulto, preocupados com as dificuldades sociais internas.

O observador superficial consideraria a situação da Europa como um reajustamento das soberanias politicas, mas a realidade era de ordem diferente. A França, a despeito das suas perturbações internas, ainda permanecia uma comunidade capitalista ao tipo do seculo 19, sob forma parlamentar democratica e finanças e industrias irresponsaveis. E a não ser em materia de sentimento patriotico, sua mocidade se achava mentalmente não-organizada. Os aliados da França eram estados camponeses, de governos monarquicos ou parlamentares, todos ao molde antigo. Já as Potencias Centrais seguiam o moderno modelo fascista, mais apertado na sua estrutura e dominado por uma organização de moços que se diziam a elite.

Afastado o fato essencial de que tais moços eram intensamente nacionalistas, esse controle da nação por uma elite autodisciplinada constituia um passo para a organização do Estado Moderno. Os varios fascismos estavam predestinados a destruir os seus estados e a desaparecerem, em consequencia da mentalidade superficial e da impotencia para despir a camisa nacionalista e coligarem-se; não ha, pois, continuidade direta entre eles e o nosso atual sistema educativo e adminis-

trativo. Mas nada encontramos que se assemelhasse a eles durante a Guerra Mundial, e são dignos de nota, como tambem o Partido Comunista Russo (a despeito da formula proletaria que encampou), pelo passo que deram rumo ao futuro. Em meio ao caos geral, essa organizada "devoção dos moços" sobre que o nosso Estado Moderno repousa foi nitidamente prevista nos estados da Europa Central. A ideia duma disciplinada participação pessoal no governo ia conquistando a nova geração.

Até que algo mais convincente aparecesse, o espirito de devoção iria cristalizar-se, embora desastradamente, em torno de personalidades teatrais como Mussolini, ou histericas como Hitler. Tinha de começar com base no patriotismo, por ser a unica forma de estado então aceita. Mas depois que essa primeira cristalização se dissolveu nos desastres da luta, a ideia continuou viva — a ideia da cooperação organizada em bandos e norteada para grandes fins. Isso marcaria o termo da irresponsabilidade dos moços em todos os paises fascistas.

A nova guerra não se assemelhava ás anteriores em nenhum ponto essencial. Já mostramos algumas diferenças entre a arte militar antiga e a que evoluiu de 1914. A luta caracterizava-se agora pelo extremo enclavinhamento dos estados beligerantes. No começo houve um "front" entre a Polonia e a Alemanha; mas depois de 1943 acabaram-se os "fronts", deixou de haver objetivos centrais — e nenhuma ideia mestra orientava a onda de destruição que rolava sobre a Europa.

Antes de se retirarem para Posen, os poloneses tentaram traçar uma faixa de Gás da Morte através do Brandenburg, mas, como o colapso sobreviesse subitamente, só puderam envenenar pequenas areas de pouca importancia estrategica. Depois de 1943 a guerra prevaleceu no ar, com uso crescente de gases, e raides de desembarque para a conquista de posições vantajosas; esses raides substituiram a invasão. Uma feroz luta naval atormentou o Mediterraneo, no intuito de impedir as ligações da França com o norte da Africa; mas o trafico francês no Atlantico nada sofreu.

Nunca houve um Trafalgar aereo — um Ecnomus aereo. A guerra de tres dimensões não permitia o uso de canais, estreitos, desfiladeiros e estradas, pelos quais uma força inferior podia dar batalhas decisivas. O "ar" não o permitia. A guerra tornou-se uma alternativa de raides e represalias, sem

que grandes operações decisivas fossem tentadas. Um forte ataque alemão a Posen viu-se detido pelos gases e pôças de lama, e a invasão francesa da Italia parou em Turin.

A unica possibilidade de vitoria estava na completa exhaustão do adversario, material e moral. Novamente as atormentadas populações eram induzidas a sofrer uma "guerra de atritos". "Quem aguenta meia hora mais que o outro, vence" — essa ideia circulava em todas as linguas da Europa. Os ataques de ordem social cresciam de perversidade á proporção que o impossivel das operações militares decisivas se ia acentuando. Searas e florestas incendiadas, diques destruidos, planicies inundadas, reservatorios de agua e gás arruinados. Observadores ficavam no alto, regirando, á espera dum agrupamento que valesse a pena bombardear. Cruel como a luta dos furões

Ainda havia, na Europa, apesar de toda uma decada de deslocação financeira e depressão industrial, grande quantidade de material mecanico; por toda parte as fabricas eram fortemente protegidas contra os ataques aereos, e habilmente camufladas. Alem disso, os principais beligerantes conservavam as fronteiras abertas para a importação, enquanto foi possivel arrancar ao país dinheiro para paga-las. As mercadorias cruzavam as fronteiras á noite; os navios cargueiros eram conduzidos por habeis pilotos aos portos de luzes apagadas. Todos os adultos fora das fileiras tinham de trabalhar em excavações de abrigo ou na faina de pôr os predios á prova de bombas. Muito desse trabalho era noturno. A pena para os recalcitrantes consistia na privação das rações.

Ha um quadro de Eglon Callet — "Segurança, afinal" — de que os leitores hão de ter visto reproduções. Sinistro!... Um bando de franceses emaciados, de cadeia aos pés, trabalham, sob o chicote, num tunel. No primeiro plano vê-se um caido, ao qual dão um estimulante; outro, perto, morre sem socorro.

Comparada á abundante literatura que nos chegou sobre a Guerra Mundial, temos pouca coisa da ultima, mas esse pouco é impressionante, sobretudo no relativo aos não-combatentes. Os grandes raides aereos deviam ter sido hediondos, muito peores que os de 1914. Começavam com um pesadelo: o ressoar das sereias e apitos dos ciclistas escoteiros — e nuvens de gente corriam de todos lados, sem sombra de orgulho

ou dignidade, em procura dos abrigos mais proximos — e tudo desfechava num imenso horror de sofrimentos fisicos.

Já demos algumas indicações da natureza dessas torturas. Na maioria dos casos a organização dos refugios e distribuição de mascaras falharam. Muitas vezes eram os depositos encontrados vazios, ou sem provisão suficiente; não passavam de "efeitos", de fachadas para "conservar o moral do povo" e prevenir panicos prematuros. Nenhum desses raides aparecia nos jornais ainda existentes. Até na America a publicação de noticias dessa ordem era acoimada de "manobras pacifistas contra o recrutamento".

Ha uma carta de Berlim, escrita depois de um raid, sem data e assinada "Sinclair", que os criticos mais competentes supõem ser do novelista Sinclair Lewis (1885-1990). Em certo ponto diz:

"Descemos o Unter den Linden e vimos cadaveres por todos os lados, de homens, mulheres e crianças, não espalhados, mas curiosamente amontoados, como se o ultimo esforço das vitimas fôra agarrarem-se entre si, no desespero. Esta tendencia para agarrar-se a alguem parece caracteristica da morte por meio de certos gases. Qualquer coisa deve ter acontecido no cerebro das vitimas. Todos os montes se assemelhavam, e todos os corpos indicavam vomitos de sangue. Creiro hediondo, embora toda aquela gente estivesse viva 24 horas antes. Corrompiam-se depressa os corpos. A arcaria do parque estava quasi intransponivel..."

Aqui temos boa amostra de como os pacificos habitantes das cidades podiam morrer ha um seculo e meio atrás.

As historias individuais da luta nessa derradeira guerra da humanidade não são mais abundantes que as dos não-combatentes. Não havia interesse em escrever, naquele horrivel tempo. Nada da grande proporção de homens com cultura literaria que vimos nos exercitos da Grande Guerra; a preocupação geral era fugir, desertar; o estado de animo tendia para a apatia, para a embriaguez, a rapina, o saque e crueldade fria — e dessas coisas os homens não deixam traços. O mundo inteiro mostrava-se mais insensivel do que trinta anos antes; e se sofria em maior escala, sofria com menos intensidade. Na Guerra Mundial muitos soldados alemães e ingleses traçavam diariamente as suas impressões. Isto revela um senso de personalidade e uma receptividade para tudo, que já não existiam nos homens da ultima guerra.

Nos *Documentos Historicos* encontramos o diario dum oficial japonês morto na retirada de Wuchang. Na falta de coisa equivalente de origem europeia, vamos cita-lo aqui como amostra do estado de espirito reinante. Esse japonês era um intelectual, um socialista ainda crente na Liga das Nações, e seu diario consistia, sobretudo, na critica cifrada ás determinações do comando superior. Mas do meio para o fim essas criticas cessam e as impressões se reduzem a notas nobre o que encontrava para comer e beber, e sobre a luta contra a influenza e a disenteria. Parece que comandava um pelotão, pois duas vezes observa como conseguiu alimenta-lo, e enfileira nomes de mortos e desaparecidos. Tambem lança algarismos que refletem a escassez de munições. Já estava quasi morto de fome quando caiu. A' proporção que se enfraquecia foi achando menos complicado o uso do inglês e do japonês, do que a cifra adotada no começo. A ultima pagina do diario traz um poema interrompido, que pode ser trasladado assim:

As amendoeiras florescem ao sol primaveril.
Fuji-Yama, graciosa creatura,
Ilha dos tesouros, terra das lindas coisas,
Poderei eu ver-te novamente?...

Talvez a morte o impedisse de completar a ingenua composição. Tanto ele como o seu destacamento haviam chegado ao fim, perto de Kai-feng.

Em nenhuma dessas lembranças da guerra nada ha que recorde o tom das de 1914 — de homens que saiam de casa e cidades agradaveis, para onde esperavam voltar — e viver felizes daí por diante. O estado d'alma era comumente de energia e ternura. Mas os homens desta ultima guerra já não sentiam assim. Vinham da miseria e sabiam que a miseria os esperava, se voltassem. A guerra não era uma expedição — era uma mudança definitiva. As memorias dos aviadores que promoveram tantas destruições aparecem prodigiosamente vazias. Eles anotavam os vôos, mas charramente. "Derrubei dois polacos", por exemplo; "barbeei de perto" — mas nenhum pensamento sobre os efeitos das bombas arremessadas contra criaturas vivas. Muitos desses homens sobreviveram, tornaram-se aviadores do Estado Moderno e serviram o Controle do Ar e Mar depois de 1965. Mas embo-

ra alguns escrevessem sobre suas experiencias, nenhum deixou documentos uteis ao esclarecimento da guerra. O historiador abandona essas datas, esses mapas e calculos e volta o pensamento para as esperanças, medos, terrores, curiosidades e agonias de milhões de homens que viveram naquela horrivel idade — duvidoso se deve lamentar ou agradecer a ausencia de reflexos dos sofrimentos padecidos.

Depois de 1945 os sinais de exaustão multiplicam-se. Tamanho desespero empolgara os homens, que até o instinto de defesa começou a falhar. Nossos avós deixavam-se ficar na cama e as bombas que caissem. Uma injeção de gás, entretanto, ainda causava panico — massas de povo atormentado, a vomitar sangue pelas ruas, a correr para os abrigos. A influenza, com a sua depressão mental, reaparece varias vezes depois de 1042 — e em 1945 surgiu o colera-morbus. Essas epidemias, embora parecessem graves na epoca, não passavam de meros precursores do grande "Raid dos Germens", que andava em preparação. Evidentemente os fados queriam tirar a prova da resistencia humana.

Livres dos raides aereos, os ingleses, e os povos do norte europeu, apesar de neutros, sofriam tão agudamente como se estivessem em guerra. Haviam derramado munições na Europa Central e recebido em troca uma abundante colheita de dividas desalentadoras. As exportações da Inglaterra cairam a um nivel irrisorio — da Inglaterra, a antiga pioneira do comercio internacional! Não pagando os credores as compras, não podia ela pagar a importação de viveres necessarios á sua excessiva população. A saude do povo inglês foi decaindo, em virtude do regime de continuas restrições. A habitação humana, nesse país de clima desagradavel, passara da congestão ao horror. A primeira epidemia de colera encontrou a Inglaterra nas unhas da fome e da desordem civil — desordem controlada pelo exercito mecanizado e pelos habitos de ordem e obediencia do povo. Nunca, desde a Peste Negra do seculo 15, as ilhas Britanicas sofreram um flagelo igual. Todos andavam na crença de que os tempos de peste eram coisas do passado, dessas que não voltam mais. E apesar do seu horror, essa peste foi apenas o pano de amostra do que deveria vir na decada seguinte.

Lenta, mas firmemente, o espirito de revolta ia se espalhando pelo continente europeu. A insubordinação, que tanto contribuira para deter a guerra em 1918, reapareceu sob novas

formas. Mas o fato da guerra ter deixado de ser um esforço da infantaria, motins como os que depois de 1917 perturbaram as ofensivas francesas, fizeram que a Russia se afastasse da guerra e determinaram o colapso da Alemanha, já não exerciam agora o mesmo efeito. Não havia mais aqueles grandes ajuntamentos de homens submetidos a uma exasperante disciplina e sucetiveis de se contaminarem com as "sugestões" subversivas. O poder se transferira para as forças especializadas — aviadores e tecnicos da guerra. Graças ao uso de pequenas bombas, metralhadoras e certos gases não-mortais, essas forças podiam "manobrar" as massas, dispersa-las e "tranquilizar" os distritos rebelados. As barricadas ao sistema do seculo 18 já eram impossiveis.

As proprias greves nas fabricas de munições não alcançavam os efeitos das de outrora, porque a eficiencia da produção dispensava o operario especializado — não havia operario indispensavel. Pela mesma razão a propaganda do comunismo, que dominava agora o pensamento de nove decimos dos camponeses e proletarios europeus, encontrava inesperados obstaculos em seu caminho. Impossivel repetir a revolução social russa, naquelas condições tão totalmente diversas. Os triunfos bolchevistas só se tornaram possiveis em virtude do atrazo da Russia e da ausencia duma classe tecnicamente educada. A inquietação e insubordinação do povo na Europa Central podiam produzir, e produziam, grandes movimentos de resistencia passiva e tambem revolucionarios, mas eram contrariadas por todo um sistema de aviadores, tecnicos, operarios de alta classe, que com a Russia haviam aprendido que especie de direção esperar do proletariado dirigido por politicos facciosos. Pensassem o que pensassem dos seus proprios governos, não era para o comunismo democratico que esses homens de mentalidade cientifica se voltavam.

Apesar disso, com a ajuda de organizadores russos, o protesto da humanidade contra a prolongação da guerra tomou a forma de levantes comunistas. No ano de 1947, em Marselha, St. Etienne, Paris, Barcelona, Milão, Napoles, Hamburgo, Lodz e Glasgow, ocorreram motins de tropas bastante fortes para permitirem a manutenção de soviets por periodos variantes de uma semana a meses. Os soviets de Hamburgo e Glasgow foram os mais bem organizados e duradouros, só entrando em colapso depois de terrivel sangueira. Por toda parte irrompiam movimentos de igual tipo. E a suspensão

da guerra pelos governos responsaveis foi sobretudo devida ao medo duma revolta social generalizada. Á medida que a organização material do sistema se ia desagregando e a conduta dos tecnicos se ia tornando incerta, a ameaça proletaria crescia de vulto e encarava com ferocidade o especulador de titulos, o vendedor de munições, o banqueiro, os governantes tradicionais.

Tres anos durou a Ultima Guerra. A Conferencia de Londres em 1947 fez o que pôde para reajustar a Europa nos moldes da de Versalhes, mas os politicos e diplomatas ainda não eram capazes da franqueza necessaria. Guardar as aparencias lhes parecia mais importante do que salvar a humanidade — e esses homens permitiram que as hostilidades recomeçassem em 1948.

Na primavera de 1949, entretanto, o presidente Benes realizou em Praga o que parecia impossivel: pôs termo á guerra. Conseguiu-o com uma frase de tres palavras: "Suspensão das hostilidades". Cada potencia ficaria na posse do territorio que ocupava e não haveria mais luta até á realização duma nova conferencia. A influenza, a colera e por ultimo a "febre maculada", bem como a progressiva fraqueza economica do mundo, impediram que essa conferencia se realizasse. E a suspensão Benes se tornou permanente — e dura até hoje.

§ 10. *O Raid dos Germens*

A mesma escassez de detalhes que resseca a historia da Ultima Guerra torna-se ainda mais aparente nos relatos da epidemia que impossibilitou a continuação da luta. Diarios, cartas e obras descritivas estavam naquele tempo fora de moda; havia mais coisas a fazer, e ninguem dispunha de excessos de energia mental empregaveis em literatura. Era como se os micro-organismos houvessem arrancado uma folha do livro dos Foreign Offices e achado otimo o ensejo para restaurar o perdido imperio dos germens.

O ataque começou sem declaração de guerra. A primeira linha de avanço era composta de influenzas e febres consumptoras, fortemente infecciosas e incontrolaveis num periodo de guerra. As energias dos beligerantes, já exgotadas

em consequencia da reduzida e má alimentação e do colapso dos serviços sanitarios, deram entrada livre ás infecções. Houve milhões de mortos e forte queda no tonus vital de grandes massas humanas. Esta baixa da vitalidade era muito mais importante do que a propria mortandade. A colera e a peste bubonica vieram em seguida — e cinco anos depois, quando o peor já parecia passado, sobreveio a febre maculada.

Esta doença misteriosa, até então só conhecida entre os macacos em cativeiro, parece ter sofrido alguma subita adaptação ao corpo humano; possivelmente algum transmissor abriu caminho á conquista da humanidade. Ou então as precedentes epidemias alteraram algum elemento defensivo do nosso sangue. Estamos ás escuras neste ponto, porque naquela epoca não havia biologistas ou doutores com tempo disponivel para fixar observações; e, ainda que o fizessem, não teriam onde publica-las.

A doença surgiu primeiramente nas vizinhanças do Jardim Zoologico de Londres, e espalhou-se com incrivel rapidez. A pele das vitimas perdia a cor, sobrevinha uma febre violenta, acompanhada de irritações cutaneas e perturbações mentais. A energia do corpo evaporava-se num colapso — e era a morte. A infecção se fazia por meio da agua e de particulas impalpaveis destacadas dos doentes. Meia humanidade mostrou-se passivel da nova doença — e hoje sabemos que nenhum dos organismos predispostos escapou á infecção e que quem a apanhou não resistiu, morreu.

A terrivel epidemia culminou entre maio de 1955 e novembro de 1956, epoca em que a Natureza entrou em cena com uma impiedosa, mas antiseptica, invernia — e o remanecente da humanidade salvou-se. Não se sabe de nenhuma cura, ou paliativo, da febre maculada. Derramou-se pelo mundo inteiro e desapareceu da mesma maneira misteriosa como surgiu. Ainda hoje constitue um enigma da patologia, sobretudo porque já não aparece nem entre os macacos; isso impede que os scientistas a estudem de acordo com os metodos atuais. A febre maculada alastrou-se, destruiu homens aos milhões e parece que suicidou-se — ou foi envenenada por algum anti-corpo por ela mesma gerado. Segundo Mackensen, o que houve não foi propriamente nenhuma febre maculada, sim um estado de vulnerabilidade que favoreceu a virulencia duma infecção qualquer. E isso veio em consequencia das desgraças

da guerra. Não passou a peste, portanto, duma imprevista colheita do que os homens plantaram.

A historia assemelha-se á memoria individual num ponto: a inclinação para esquecer as experiencias desagradaveis. Uma das tolices mais repetidas é a sobre a felicidade do povo que não tem historia. Bem ao contrario disso, só as epocas de prosperidade deixam material suficiente para a reconstrução historica. Sabemos da agradavel vida social dos seculos de abundancia no Egito; sabemos da grandeza da Assiria; da vida suntuosa de Ajanta; mas os dias de desastre militar só deixam atrás de si cinzas, e os anos de peste interrompem a historia. Conhecemos uma boa descrição da Praga de Londres (1665), escrita por Daniel Defoe (1659-1731), mas o leitor deve ser advertido de que a narração foi composta muitos anos após a calamidade, por um engenhoso autor que não foi testemunha de nada. Ha um quadro de Rafael sobre a Peste de Roma, que tambem não passa de reminiscencia. Todas as pestes da historia só foram retratadas depois. O que preocupa a historia são as subsequentes deslocações sociais e economicas. Nesta materia Clio sabe ser copiosa. O que se segue ás pestes interessa-a — mas o que é morto, que fique morto.

A florescente prosperidade do seculo 19 e começos do 20 deixou enorme massa de documentos provindos de pessoas que só por ouvir dizer sabiam das dolorosas calamidades da epoca. Temos romances, cartas, diarios, memorias, quadros, fotografias, etc., aos milhões. Mas dificilmente encontramos qualquer coisa, livro ou jornal, que lance luz sobre os anos de 1955 a 1956 — indubitavelmente os mais horriveis da historia. O que foi escrito nesse tempo acabou queimado — como infeccioso. Uma futura geração de Defoes e Stephen Cranes se incumbiria da restauração dessa epoca.

As descrições de Cable, Nath Dass, Bodesco e Martini parecem-nos bem justificaveis — e aconselhamo-las ao leitor. Contam de cidades e aldeias sem um só homem ou mulher com vida; de cadaveres insepultos, devorados por bandos de cães e gatos famintos; na India e na Africa os tigres e os leões varejavam as ruas desertas; e no Brasil os mortos de distritos inteiros foram comidos por cães selvagens, multiplicados assustadoramente. Os ratos enxamearam de tal maneira, e tão atrevidos, que atacavam até os imunes.

Um terror que nunca será esquecido foi a furia andeja das vitimas. Nada conseguia obrigar um atacado da febre maculada a permanecer no hospital ou em casa; nada conseguia impedi-los de penetrar na casa dos imunes. Milheiros desses moribundos errantes foram atirados pelo povo em panico, assim que se aproximavam. Essa horrivel necessidade de errar ás tontas horroriza-nos tanto como aquele ato de instintiva auto-proteção, ocorrido entre os naufragos do *Titanic*, em 1912: os naufragos já recolhidos aos escaleres davam com os remos nas mãos dos que se debatiam nas aguas e na ansia da morte procuravam agarrar-se ás embarcações. Sob a pressão de certas calamidades extremas, o homem deixa de ser um animal social. Os que escapavam á infecção da febre maculada tomavam-se duma especie de desesperada furia contra os doentes. Apenas alguns homens com treino medico ou militar parece terem enfrentado o desastre, e procurando manter um pouco de ordem. Muitos aproveitavam a crise para saquear. Em regra, as mulheres comportaram-se melhor que os homens — embora as que se juntaram aos saqueadores se revelassem terriveis.

O pesadelo veio e passou.

Em janeiro de 1957 os sobreviventes voltaram para as cidades vazias; entravam pelas ruas desertas, pelas casas em abandono, exploravam os quintais cheios de esqueletos ainda vestidos — e mal podiam crer que o flagelo da Natureza houvesse passado e a vida continuasse.

A febre maculada pôs termo á guerra dos gases e reduziu de 50% a população do globo.

§ 11. *A Europa em 1960*

Ainda os mais adiantados estudantes de historia têm que trabalhar de rijo para conhecer todas as variações do processo pelo qual a grande colcha de retalhos dos estados nacionalistas foram perdendo suas linhas mestras, suas culturas e tradições proprias, até cessarem de opor-se aos homens de boa vontade. Esse sistema de paises soberanos ainda estava de pé em 1933 — mas era um arcabouço vazio; em 1966 já se tinha ido. Desmoronara. Tudo se fundiu.

Para uma educação geral, o intrincado jogo das personalidades e fatos, nesse mundo em derrocada, pode ser dispen-

sado, como dispensamos os detalhes da Grande Guerra ou das varias campanhas de Napoleão; e como Gibbon, no *Declinio e Queda do Imperio Romano*, despreza mil anos da vida bizantina. Hoje esse tipo de historia se tornou rico veio de estudos biograficos, desses que vão substituindo o velho tipo de romances em que se deleitava a imaginação dos nossos avós. Para o nosso caso, porém, basta apenas a compreensão das forças maiores, operantes nessa emaranhada floresta de reações humanas.

A rapidez da marcha da humanidade cresce continuamente, e a principal diferença entre o declinio e queda do Sistema Romano e o declinio e queda do Sistema Capitalista no seculo 20, jaz na rapidez com que este passou. Outra diferença foi, por parte das massas, a compreensão do que se estava ocorrendo. Nos dois casos, o que substancialmente se deu foi um desastre monetario, devido ao expontaneo desenvolvimento do capitalismo sem nenhuma atenção ao bem-estar geral, e aos defeitos da adaptação politica e da educação, que deixaram todo o sistema entregue a si proprio, sem guias. Mas enquanto o declinio do Sistema Romano se processou a passo de cavalo, por uma estrada lisa, a queda do Sistema Capitalista ocorreu bruscamente, num clarão que abriu todos os cerebros. O paralelismo é, pois, irregular. Da desmoralização do Imperio Romano em consequencia das pestes do fim do seculo 2 até ao renascimento do comercio, da industria e das artes nos seculos 13 e 14, decorreram mais de mil estagnados anos; mas da invasão da Belgica em 1914 ao retorno da prosperidade sob a Ditadura do Ar depois de 2010, não se passou nem um seculo.

O processo mental foi muito mais rapido. Chegou ás conclusões ainda com os pés nas premissas. O primeiro colapso mundial alcançou gerações que pouco podiam aproveitar-se da experiencia das anteriores; já o segundo ocorreu dentro duma mesma geração. Moços contemporaneos dos bons tempos entre 1924 e 1928 ainda eram homens em pleno funcionamento mental em 1960. Muitos que eram crianças durante a Grande Crise da epoca de Hoover, tomaram parte ativa nos negocios do mundo ao tempo da primeira politica internacional — a Policia do Ar e do Mar. Podiam ver panoramicamente o quadro inteiro. Que romano do Imperio conseguia perceber o que se estava passando?

Não obstante, tanto num como noutro caso ocorreu uma igual obliteração de ideias, uma igual supressão de fronteiras, a mesma destruição de antigas tradições, o mesmo cancelamento de dividas e obrigações, o mesmo desaparecimento de organizações religiosas e educativas, o mesmo empobrecimento das classes favorecidas, o mesmo surto de ilegalidade e desilusão. Mas depois de cada bancarrota sobrevem uma reconstrução.

Vamos agora ver por alto o mundo em 1960, em suas grandes massas de população e nas forças que as moviam. Á luz dos acontecimentos que se seguirem podemos verificar que já existia uma forte convergencia de condições, lá pelo meio do seculo, embora poucos a percebessem. O rumo para onde essas forças se orientavam era o mesmo em toda parte, mas as diferenças geograficas, etnicas e tradicionais faziam-nas parecer o que não eram.

Já passamos em revista os acontecimentos da Éra do Predominio Europeu como sendo o ponto de partida dum crescimento irregular e não controlado, duma hipertrofia economica numa fase de atrofia cultural e politica. A onda de energia humana que sobreveio foi principalmente encaminhada para a reprodução da especie. De 1800 a 1914, diz Werner Sombart, a Europa subiu de 180 a 420 milhões de habitantes, a despeito da emigração para a America e outras partes. Tambem se encaminhou, essa energia humana, para a exageração da guerra e para o enriquecimento da vida individual. Mas como já notamos, as forças do conservantismo e da resistencia funcional, corporificadas no credor e nos sistemas legais vigentes, malbarataram aquela energia solta. Pela segunda vez no mundo a inadaptabilidade da organização financeira e proprietarial trouxe a estrangulação e o colapso.

A moeda e a organização do credito no periodo prospero do seculo 19 diferiam a muitos respeitos da moeda e da organização do credito entre os romanos; mas na essencia equiparavam-se. Sobreveio primeiramente uma larga expansão das fortunas particulares, e depois uma taxação destruidora. A historia repetiu-se. O sistema europeu, do mesmo modo que o romano, acabou por empobrecer-se em virtude do violento dispendio de sua onda de energia. Repetiu-se a mesma cegueira de desperdicio, mas com os mil canais novos que a ciencia oferecia. O sistema despendeu o que possuia e afun-

dou nas dividas. O apogeu das despesas foi atingido entre 1914 e 1950. Daí por diante a queda tornou-se catastrofica.

Mesmo considerada quanto ao seu poder destrutivo, a Nova Guerra foi uma falencia. O aparelhamento belico esfacelou-se ao ser posto em prova. Não conseguiu matar na proporção imaginada — e é porisso que alguem está lendo esta historia... O total das perdas em batalha na Ultima Guerra não chegou a um quarto das horrendas chacinas da Guerra Mundial — e no entanto foram empregados os mais mortiferos processos de matar ainda creados pelo genio humano. As lutas asiaticas haviam sido muito destruidoras porque os asiaticos estavam mais proximos do barbarismo; mesmo assim as perdas foram calculadas em menos de nove milhões. Destes, cerca de cinco milhões cabem á ultima ofensiva japonesa em 1938, ao empate na China Central e á desesperada luta com as forças do Kuomintang a oéste de Hankow.

Os calculos dos homens de guerra ficaram muito aquem do previsto. Esses homens não conseguiram elevar a arte da chacina á culminancia mecanica sonhada. A deslocação politica e social consequente a essas duas lutas — a europeia e a asiatica — foi proporcionalmente muito maior que a desordem de 1917-1919, mas a guerra figura como preludio dessa deslocação, não como causa. Essa Nova Guerra, que para os profetas deveria terminar com o massacre cientifico de toda a humanidade, degenerou na miseria dos fiascos politicos, em dividas insolvaveis, em emprestimos não subscritos, em maquinario reduzido a ferro velho, em insurreição, guerrilhas e banditismo, em fome universal e grandes pestes. A Guerra dos Gases e a Guerra Aerea desapareceram do campo da experiencia humana, vitimada pelo realismo dos panicos, da fome e da peste. O vencedor final do seculo 20 foi o microbio da febre maculada. As causas principais da queda da população, de dois bilhões em 1930 a pouco menos de metade em 1960, foram as molestias ou a fome, decorrentes ambas do colapso economico. Onde a guerra matou alguns milhões, a pestilencia matou centenas de milhões, na sua implacavel colheita durante dois anos sucessivos.

Como observa Imoff, não existe uma historia unica desse Periodo de Fome e Peste que se seguiu aos anos de guerra — existem dez milhões de historias. Os varios governos filhos do Tratado de Versalhes ainda tinham existen-

cia legal por esse tempo, mas com o colapso da moeda tornaram-se tão debeis e inuteis que cessaram de ter influencia na vida do homem comum. Alguns, como o francês e o inglês, limitaram as suas atividades á arrecadação de impostos e por fim chegaram á situação daqueles imperios que só cobravam tributos, anteriores ao periodo greco-romano. Ainda interferiam espasmodicamente nos negocios locais, mas em regra deixavam que corressem á revelia. Ignoravam, ou acomodavam-se a todas as resistencias ativas. O governo inglês, parece, ainda pagava em 1952 os juros dos emprestimos aos portadores de titulos que podia encontrar. Os documentos a respeito são obscuros, mas os pagamentos deviam ser feitos com moeda papel, sem valor aquisitivo. Outros governos, como o italiano e o espanhol, funcionavam como corpos administrativos dentro de pequenas areas. Roma, por exemplo, permaneceu no efetivo controle do triangulo formado por Genova, Florença e a costa do Mediterraneo; Barcelona e Madrid mantinham a ordem na maior parte da peninsula, exceto na sovietizada Riviera Espanhola, em Portugal e na Andaluzia.

O que sucedeu na America foi semelhante. A desagregação precipitou-se logo que a falencia das estradas de ferro fez parar os trens; a distancia entre os centros populosos tornou-se maior, o que acresceu a capacidade do povo para a autonomia local. Não decorrera ainda um seculo do começo do pioneirismo. As estradas de ferro nunca mais voltaram a funcionar depois da peste. A autoridade do governo federal americano ficou encurralada em Washington, do mesmo modo que a do Imperio Bizantino ficara encurralada em Bizancio; Washington já não passava duma simples capital historica, ao tempo em que o turismo reviveu, em 2000. A unidade da Alemanha não conseguiu sobreviver ás guerras polacas; rapidamente Berlim decaiu á situação dum agrupamento de aldeias no centro das ruinas causadas pelo bombardeamento aereo.

A bancarrota dos sistemas politicos operada dentro de poucos anos, a rapida decadencia dos transportes e comunicações, o crescendo da derrocada monetaria, a violenta degeneração das organizações militares, deixaram a manutenção da ordem social entregue ao localismo. Tanto na Europa como pelo mundo inteiro, as cidades, aldeias, burgos e distritos rurais viram-se obrigados a cuidar de si proprios. A peste

muito contribuiu para tanto. As autoridades municipais organizaram como puderam os serviços de defesa contra o morbus, ou entregaram-n'os a organizações de emergencia, que lá faziam o que podiam. Quando a peste desapareceu, essas cidades ficaram como naufragos numa ilha estranha; tinham de reconstruir tudo; e empregaram a velha autoridade para enfrentar as coisas da situação nova, e deram velhos nomes ás coisas novas... Aqui surgia um chefe energico que atribuia a si mesmo o titulo de Prefeito ou Duque; ali, um resoluto bando que se intitulava Conselho da Cidade, ou União Civica; acolá, a terminologia "adiantada" prevalecia, e tinhamos o "Soviet dos Trabalhadores" — sem que houvesse diferença nenhuma entre essa organização e o Conselho da Cidade. A unica diferença seria, talvez, a conciencia de estarem numa fase nova de vida social.

Neste periodo de deslocações ocorreram as mais variadas modificações politicas, com uma nitida contradição entre o controle real e o "legal". Na Alemanha, Polonia e norte da França a impressão prevalecente era a duma revolução social — e os soviets entraram em moda. Mas de carater diferente dos soviets russos. Encontravam-se distritos onde vagamente ainda se falava em Moscou, ao lado de distritos sob o controle dos antigos proprietarios e patrões, e ainda em contacto com o governo nacional, na capital. Os sistemas teoricamente antagonicos mantinham-se numa tregua instavel. Para Paris, Roma ouWestminster seguiam deputações a debater questões de taxas, muito semelhantes ás deputações dos chefes barbaros que iam a Roma ou Bizancio, no começo da Idade Media. Revoluções e conflitos locais tornaram-se frequentes, reduzidos a simples reajustamentos municipais.

Espalhados por essa Europa desarticulada viam-se os destroços do antigo militarismo, fragmentos de exercitos não pagos, que dispunham de armas já gastas e quasi nenhuma munição. Eram compostos de oficiais de profissão e soldados que se recusavam á baixa com receio de morrerem de fome. Em muitos casos esses destroços permaneciam ligados aos governos e faziam, ou tentavam fazer, requisições e mais coisas do velho sistema militar; em outros casos, degeneravam francamente em bandidos, embora com respeito ás aparencias e sob altos titulos — Guardas da Ordem Publica do Exercito de Emergencia, etc. Muitos fundiam-se com as policias locais

dos prefeitos ou Conselhos energicos. Pequenas guerras de conquista rebentaram na decada dos "sessentas". Velhos imperios e paises soberanos reapareceram, em duplicata ou triplicata, e desvaneceram-se de novo, ou mudaram para outra coisa. Depois de 1960 surgiram forças semi-militares arrecadadoras de taxas, mantenedoras da ordem e convencidas de serem nucleos do Estado Moderno. Ocupavam os velhos quarteis.

Na decada dos "quarentas" esses soldados tinham sido simples recrutas. Nos anos seguintes, os que se conservaram nas fileiras tornaram-se formidaveis bandidos de meia idade, em uniformes sujos ou no fio. Alguns dos seus comandantes haviam tomado conta dos aerodromos e fabricas de munições locais — mas de todos os lados era cada vez menor a simpatia pelos militares, de modo que não conseguiam obter tecnicos que movimentassem essas fabricas; tais forças degeneraram ao nivel da infantaria do seculo 19, e enchiam-se de satisfação quando lhes era dado aumentar o estoque belico aí duns tantos milheiros de cartuchos trabalhados grosseiramente.

Premido pelas circunstancias, o povo começou a fazer pelas suas proprias mãos coisas que outrora cabiam ao governo central. Mesmo durante a Grande Guerra varias Camaras de Comercio francesas supriram a deficiencia de moeda miuda com emissões locais. Existem em nossos museus milhares de especimens dessas moedas improvisadas, de niquel, chumbo, estanho e varias ligas, *jetons* da madeira, fichas e toneladas de "vales" de força liberatoria para alugueis e taxas municipais, mas sem valor alguns quilometros adiante. O gerente dum banco regional improvisava muitas vezes um sistema de credito local, de cooperação com elementos da terra. Tambem ainda havia oficinas impressoras em muitos centros de população e por alguns anos jornais regionais, alguns de grande originalidade, circularam mensal ou semanalmente, impressos em papeis grosseiros e variaveis. Era tudo quanto restava da imprensa europeia. As noticias de fora que tais folhas imprimiam não passavam de boatos. Já não existiam as grandes agencias telegraficas. O telegrafo cessara de funcionar.

Com exceção de alguns centros, a difusão de noticias pelo radio morreu completamente. A manufatura de receptores desorganizou-se. De 1930 a 1970 o "eter" voltou ao silencio. Ha na Serie de Documentos Historicos um interessante estudo

das vicissitudes dos correios, telegrafos e telefones, entre 1950 a 1980. Observamos curiosas sobrevivencias. Londres, Paris e Roma nunca perderam a comunicação telefonica, e em 1968 a noticia do grande desmoronamento de Londres foi telefonada a Madrid e de Madrid irradiada para Buenos Aires. Mas essa ressurreição já deve ser obra do novo Controle do Ar e Mar.

O desaparecimento dos radios, bem como duma enorme variedade de pequenas "comodidades", foi muito rapido, depois da bancarrota do comercio mundial. A fotografia, por exemplo, evaporou-se quasi que instantaneamente. A bicicleta fez-se rara, com os pneumaticos substituidos pelas rodas macissas, feitas de borracha velha. A luz eletrica tambem se sumiu, por falta de lampadas. Todo o material eletrico das cidades se deteriorou e foi abandonado; os bondes cairam em desuso ou passaram a ser puxados a burros.

A vida comum foi baixando de nivel a partir da Guerra Mundial. Ora caia aqui, ora ali. Nem na França ou Inglaterra a construção de casas emergiu da depressão trazida pela luta. Exceto em lugares como Berlim e Viena, onde o vigoroso impulso dado á construção urbana excedeu ás necessidades da população diminuida, as massas europeias acomodavam-se mais congesta e sujamente do que antes do conflito — embora não chegasse aos imundos extremos da China e India. A limpeza diminuiu a ponto de ser notada pelos jornais depois de 1933. Neles encontram-se constantes queixas sobre a sujeira das ruas, o mau estado das estradas — e saudosa rememoração do que costumava ser antes.

O mesmo com o vestuario. A industria da indumentaria foi decaindo por quasi quarenta anos. As multidões urbanas, a despeito da abundancia de uniformes, perderam o brilho antigo. Roupas com remendos tornaram-se cada vez mais comuns. A industria dos sapatos seguiu o mesmo caminho. A produção em massa, existente no começo da guerra, não pôde manter-se em virtude da má situação financeira sobrevinda. E como a grande industria havia eliminado a classe dos velhos sapateiros, nunca os homens se viram mais miseravelmente calçados. Na França e na Inglaterra voltou-se ao uso das sandalias — e das frieiras. Certa fabrica de calçados floresceu nalguma cidade da Boemia, que hoje não sabemos qual seja; isso fez que a Europa Central ficasse mais bem servida que o resto

do continente. A Espanha tambem não sofreu muito nesse ponto. A escassez de chapeus tornou-se extrema.

Exceto nas regiões em que a planta do tabaco era produzida, a falta do fumo se fez geral. Desapareceram as grandes fabricas de cigarros; e os viciados que puderam cairam no cachimbo. O chá virou raridade, e o uso do açucar decaiu muito. As doenças oriundas da má alimentação multiplicaram-se enormemente.

No periodo da Grande Guerra já a mór parte dos europeus havia travado conhecimento com os "sucedaneos". Os alemães familiarizaram-se com a palavra "ersatz"; e como fossem um povo de grande habilidade tecnica, mantiveram-se, no decurso dos anos tragicos, em nivel de conforto superior ao do resto do mundo. Criaram o couro e o algodão artificial, inventaram substitutos para o café, o chá, o fumo, bem como para a quinina, o opio e grande numero de outras substancias.

No extremo oposto ficaram os astutos irlandeses. Antes do retorno á prosperidade a miseria fisica dessa gente crescera enormemente. Ha quem duvide que a produção de tecidos na Irlanda fosse a um milhão de jardas no periodo de 1950 a 1960. "Eles viviam", diz um observador, "de soro de leite, batatas, whiskey e politicagem. Usavam roupas tecidas de palha, ás vezes pitorescamente coloridas e de que se orgulhavam; e aqueciam-se com a combustão da turfa, do estrume seco e das mutuas invectivas". Isto nos sôa a barbaresco; foi entretanto nessa epoca que surgiu graciosa a Igreja da Expiação, levantada no terreno do Real Colegio de Ciencias de Dublin, depois que esse estabelecimento foi suprimido pela Censura, em 1939, por "ensinar biologia dum modo inconveniente para a Santissima Trindade".

O estudante deve estar familiarizado com os documentos graficos desse periodo, nas *Cenas Historicas em Cem Volumes*, e provavelmente conhece alguns romances daquele tempo. As fotografias tornam-se menos abundantes entre 1950 e 1970. Ainda havia grande abundancia de camaras fotograficas, mas o suprimento de filmes escasseou a partir de 1955; tiveram os amadores de voltar ao primitivo processo das chapas de exposição lenta. Aparecem muito poucos daqueles instantaneos que tanto abundavam antigamente. Até o desenho se tornou raro.

Ha nessa coleção seis interessantes fotografias de cenas de Lyon, tomadas em 1959. Alguem, com certeza, descobriu um film em bom estado e utilizou-o. Uma delas mostra a grande praça de Bellecour durante um dia de feira. Naquela mesma praça fotografias anteriores mostravam uma grande estatua de bronze de Luiz 14, já desaparecida, talvez para aproveitamento do metal; grandes predios, outrora hoteis e hospitais, com janelas sem caixilhos, davam a impressão de coisas desventradas. Mas a cena tem movimento. Seria alguma feira mensal ou semanal. Bastante gado e cavalos á venda, carneiros e leitões. O povo ali reunido era pela maior parte composto de camponios, de chapeus de palha e roupas grosseiras, e mantas em que se envolviam. Roupas ainda da decada dos "trintas", velhas e remendadas. Vêem-se tres chapeus altos — certamente de magistrados ou autoridades municipais. No primeiro plano, um homem barbado conduz uma junta de bois atrelada a um carro; dentro vemos uma camponia gorda sentada entre uma cesta de patinhos e um bezerro. A mulher sorri para o fotografo — sem saber que aquele largo sorriso ela o estava endereçando á posteridade.

Outro instantaneo mostra um jogo de bolas de madeira numa estação abandonada. Evidentemente era dia de festa, com variadas diversões. Os trilhos já não figuram na linha, nivelada de acordo com as conveniencias do jogo, e os cavalinhos e mulas dos jogadores aparecem amarrados na plataforma, em longa fileira. As folhas de portas das varias repartições já não existem, mas subsistem os disticos *Chef de Gare, Salle d'Attent, Restaurant.* Em duas mesas, no meio da plataforma, são servidos refrescos.

Terceira fotografia mostra uma multidão contemplando as ruinas duma fieira de casas que desabaram, possivelmente no bairro de Fourviére. Dois homens, no classico vestuario alpino, mantêm a ordem. Sabemos que naquele tempo a municipalidade de Lyon dispunha de tres regimentos desses guardas. Os da fotografia aparecem de sandalias, com perneiras de faixa e o uniforme em bom estado.

Tres outras dessas fotografias revelam-nos a situação duma antiga fabrica de sedas. Ao tempo do colapso, Lyon ainda fabricava tecidos de seda natural, mas a cultura da lagarta parece ter desaparecido completamente do vale do Rodano — e a ruina do comercio devia ter matado a importação

de fios de fora. Como, porém, fosse a seda necessaria á manufatura de munições, provavelmente faziam-se esforços para manter algo do movimento. Essa fabrica parece ter trabalhado, em escala reduzida, até á implantação da comuna, em 1851; e foi então subitamente abandonada. O instantaneo mostra um monte de papeis velhos por entre os teares, e muitas latas de querozene vazias. Houve aparentemente tentativa de incendio. Um gato aninha-se entre as maquinas, indiferente ao fotografo. O maquinario tem todas as caracteristicas do complicadissimo maquinario do seculo 20. Uma janela deve ter sido aberta para a tomada da fotografia, que aparece toda borrada de manchas — assustadas mariposas que esvoaçaram e foram fotografadas fora de foco.

Estes documentos são valiosos por causa da autenticidade. Conhecemos tambem uma fotografia do Café Royal e do Grande Hotel de Estocolmo — deserto mas intacto. Lembram os antigos fotos dos Banhos de Caracalla, em Roma. E ainda outra dos remanescentes do Hotel Metropole, em Brighton, Inglaterra, antes do desabamento. Mas o resto das fotografias das *Cenas Historicas* entre 1955 e 1963 são arranjos. Só depois do renascimento do mundo a fotografia reapareceu.

Temos lá restaurações muito curiosas da cidade de Londres, mostrando as ruas vazias e os grandes armazens abandonados, depois da horrivel peste. Os corredores dos palacios do Strand transformados em enfermarias impressionam. Como tambem a grande luta entre os vaqueiros e plantadores de batata para a posse do Hyde Park e dos jardins de Kensington, na qual pereceram tresentos homens. As apavorantes reconstruções de vitimas da peste a flutuarem no Tamisa e a se acumularem no Pool, parecem-nos exageradas.

No goso da segurança atual o homem moderno procura fazer ideia das fases de ansiedade, incredulidade e relutante submissão por que milhões de europeus passaram, a partir do conforto anterior á Grande Guerra até essa fase de generalizada impotencia e miseria — os choques padecidos, os medos, os terrores, a raiva, o desespero do periodo de massacres. Os pobres talvez sofressem menos que os ricos. Ainda nos dias da Prosperidade Geral levavam eles uma vida de irritações e privações; embora na maioria se alimentassem

suficientemente, comiam mal e errado, e moravam peor ainda. Com o colapso do mundo, apenas passaram do mau para o pessimo. Os ricos, entretanto, e os remediados ruiram do bom ao pessimo, passaram de algo que ainda hoje poderiamos considerar boa vida para a mesma miseria geral das massas.

Classe que padeceu pelo mundo inteiro durante esse periodo foi a dos "aposentados" e dos que "possuiam meios e nenhuma responsabilidade" — uma classe que se expandira muito durante a Primeira Éra da Prosperidade Geral. Essa feliz gente espalhava-se pelo mundo, inteiramente alheia aos esforços dos que mantinham a ordem social e lhes garantiam a felicidade. Insensivelmente passaram a ocupar o posto da velha nobreza rural. O sistema dos negocios por meio de capital por ações permitia-lhes o goso de rendas sem nenhum trabalho ou aborrecimento. Em todas as cidades viam-se "bairros residenciais" em que os "capitalistas" viviam em meio de belos jardins, campos de golf, hipodromos, passeios, parques de diversões, clubes de campo, praias de banhos e otimos hoteis. O nivel dessa boa vida baixou um pouco durante a Guerra Mundial, mas reagiu nos anos posteriores. Por fim sobreveio o Crack das Bolsas — e lá se foi agua abaixo o agradavel viver dos irresponsaveis.

A chamada Fase de Economia não está bem denominada. Não houve tal economia, sim estrangulação e inação em consequencia do colapso das compras. Ninguem — salvo os especuladores na baixa — ficou rico ou relativamente mais rico. Com o acentuar-se da depressão o trafego decresceu, empresas faliram, paises e corporações suspenderam o serviço dos emprestimos — e a gente "que estava bem" se viu entalada entre a supressão das rendas e os apelos cada vez mais insistentes da caridade publica. Seus banqueiros e procuradores ora os informavam de que estes titulos estavam fracos, ora de que aqueles outros suspendiam os dividendos. A maré vassante continuava a submergir as melhores "ações", uma atrás da outra. Se as vendiam e guardavam o dinheiro, qualquer flutuação de cambio vinha destruir parte desse capital. "Tudo pode cair, mas as noites de insonia sobem", disse um jornal em 1933. A cabeça que não achava comodo no travesseiro do palacete rico, marcava compasso com a do "desempregado" lá na sua triste espelunca.

Temos o *Direito de Titus Cobbett*, que em 1958 foi de bicicleta de Roma a Bordeus, passando pela Riviera. Cobbett começara a vida como negociante de objetos de arte e funcionara alguns anos no British Inland Revenue como avaliador de moveis, quadros, etc. Sua viagem fôra uma excursão de recreio, mas ele se queixa da dificuldade de trocar dinheiro entre Genova e Bordeus. Parece que o haviam encarregado dalguma obscura missão diplomatica ou consular, embora não haja referencia a isto no diario.

As descrições que faz Cobbett dessa desolada região costeira ainda constituem leitura de interesse. Como fosse homem de boas relações e recursos, conhecera Monte Carlo na decada dos "vintes", e os mais lugares por onde passou já os percorrera em moço. Conta ele do abandono de centenas de lindos castelos, fechados ou entregues á guarda dum velho servidor, ou francamente saqueados pela gente do distrito; fala dos deliciosos jardins cuja conservação já era impossivel; dos hoteis em ruinas, das canalizações de agua rompidas, dos bangalôs ocupados por camponios. Qualquer coisa como devia ter acontecido na Campanha Romana e na zona residencial de Napoles durante o declinio de Roma — mas o declinio agora fôra muito mais rapido. As estradas, diz ele, variavam muito, sempre com letreiros e anuncios relembrativos dum trafego inexistente. Num predio arruinado em que pousou pôde ler isto nos azinhavrados trincos de latão:

H TEL S LEN DID
CU SINE RENOM
T T LE C INFOR M ERNE

Para onde se foram os hospedes e o hoteleiro? Onde andavam os donos ou inquilinos daquelas vilas? Onde, a brilhante clientela das estações de recreio? Muitos já haviam falecido, porque na maioria eram pessoas de meia idade ou velhas. Outros voltaram ás suas patrias, empobrecidos, roidos de reminiscencias, saudosos, caidos na universal pobreza.

Cobbett visitou as ruinarias do velho Casino de Monte Carlo e o edificio mais novo do Sports Club. O teto do Bar

Americano caira semanas antes. "Como é tudo tão pequeno! Na minha mocidade parecia tão grande..."

O famoso jardim em que os jogadores sem sorte costumavam suicidar-se estava coberto da florzinha de gelo.

Notava-se, entretanto, uma exceção naquela geral decadencia — e muito significativa. O trafego aereo continuava. De Roma a Marselha Cobbett pôde contar, precisamente, trinta aparelhos em vôo. "Creio que não vi tantos na minha primeira passagem por aqui, ha vinte e cinco anos", diz ele, e expande-se em considerações sobre a possivel revivescencia do comercio trazida pelas maquinas de voar. Em Nice e Marselha encontrou navios — "não simples barcos de pesca, mas navios de mil toneladas ou mais"; e em Nice viu-os em construção — talvez para tres mil toneladas. Não temos noticia de nenhuma construção naval entre 1947 e 1962. Antes de 1948 já havia cessado a construção de navios grandes, porque "não pagavam". De ano em ano o sistema de transporte do planeta em bancarrota fôra caindo em desuso. Hoje os nossos investigadores tentam levantar a cartografia dessa precipitada decadencia.

Cobbett tambem observa, com surpresa e esperança, um trecho de estrada de ferro entre o porto de Marselha e alguma pedreira no interior — operada com motor de oleo. Sua impressão era de que em parte nenhuma corriam trens. Logo que o trafego desceu a nivel já não permissor de custeio, tornou-se impossivel esse meio de transporte. Transformaram-se as vias ferreas em travancas da paisagem, com as linhas invadidas de ervas loucas. Cobbett menciona a beleza dos viadutos do Sul da França, e diz como correu de bicicleta pelo leito da via Paris-Lyon-Mediterraneo, de preferencia á estrada de rodagem. Os camponeses haviam usado os trilhos como mina de ferro — muito poucos restavam. E os dormentes foram reduzidos a lenha.

Em Fréjus encontrou um aerodromo, no qual teve uma curiosa conversa com um aviador hispano-americano, que servira no exercito polaco, depois no alemão e por fim no francês. Cobbett impressionou-se com o evidente surto do comercio, admirando-se de encontrar borracha, especiarias, mercurio e estanho entre os produtos vindos do Oriente pelo ar, em troca de relogios, bussolas, facas, agulhas, botões, vidro e mais coisas para lá remetidas. A maior parte do comercio

consistia em trocas, e mostrava-se tão lucrativo que não tardou a expandir-se vigorosamente.

Foi aí que o nosso viajante soube da combinação dos mercadores aereos — grupos compostos dos aviadores sobreviventes á guerra. Já haviam organizado uma união mundial e mantinham em boa ordem as linhas aereas e as luzes de assinalamento.

Cobbett estranha aquilo.

— "*Tivemos* de fazer assim, respondeu-lhe o aviador".

— "Costuma levar passageiros?"

— "Sim, quando podem pagar a passagem".

— "Mas isto é o retorno da civilização!" exclama Cobbett".

— "Não creia nisso. E' uma nova civilização que está surgindo".

As palavras do aviador começaram a abrir os olhos de Cobbett, a faze-lo compreender ideias que tomavam corpo em cerebros do tipo do seu.

— "O Imperio do Mundo, então?"

— "Isso é ideia velha. Os homens que dominam o ar dominam o mundo. Que temos nós com imperios e toda a velha farragem?"

Tal conversação muito impressionou o ciclista. Dali partiu ele para Bordeus, a remoer aquilo. Encontrou um curioso paralelismo entre essa Organização Mundial do Transporte e aquela Hansa de mercadores que tão importante papel civilizante exerceu no Baltico e norte da Europa depois do colapso do Imperio Romano. "Parece", refletiu Cobbett, "que nunca a historia deu a devida importancia ao transporte e comercio organisados".

Em Bordeus vende a bicicleta e adquire passagem de avião para Le Bourget (velho aerodromo perto das ruinas de Paris), e de lá vôa para Hendon. O aparelho aterrissou em Le Mans, para uma troca de mercadorias. Que alegria a sua, ao ver-se livre das estradas de terra!

Depois descreve o que viu do alto — a restauração das devastadas florestas da França, já em capoeira — com claros: as casinhas e culturas dos camponeses perto das velhas cidades. Começa a encarar de outra maneira aos aerodromos e aviadores, e vem a saber que o Transporte Mundial estava

renascendo e restaurando a metalurgia e a eletricidade. Demora os olhos na bela catedral de Le Mans, que tanto admirara nos tempos de estudante, e alegra-se de vê-la intacta. Tambem a catedral de Amiens encontrou bem conservada.

Esse diario termina melancolicamente. A desolação dos suburbios de Londres causa-lhe dolorosa tristeza. Lá morara em menino. Um trecho do Hyde Park, apesar dos protestos dos camponeses, fôra arrumado em campo de aviação — mas o centro da cidade estava sendo reconstruido sem plano, desagradavelmente. Irritam-no aqueles edificios pesados, com suas carapaças de defesa contra ataques aereos, amontoados no centro de Londres em virtude da deficiencia de transporte para os suburbios. Parecia um ninho de cogumelos "praguejados". "Quando aprenderão os ingleses a planejar?" pergunta ele; e depois, profeticamente, duvida que a margem norte do Tamisa, tão mal drenada e de terra tão pobre, possa suportar o peso dos horriveis mostrengos nos quais se encurralava a vida da cidade.

Dez anos depois esses receios se justificaram. O leito do Tamisa cedeu, e todo o Strand, a Fleet Street, Cornhill e a bela Catedral de S. Paulo afundaram. O leitor que já percorreu as *Cenas Historicas* — e qual não? — lembrar-se-á da velha ponte de Waterloo amarrotada pelo desastre, e do obelisco egipcio — a veneravel Agulha de Cleopatra, escalavrada por uma bomba area antes de cair e sumir-se sob as aguas do lago de Lambeth-Chelsea.

§ 12. *Liquidação da America*

Os capitulos precedentes dão um quadro geral do curso da historia no Velho Mundo durante meados do seculo 20. Mesmo na Europa certas regiões ficaram um tanto fora do grande drama, e seguiram linhas pessoais de desenvolvimento, menos tragicas que as das Grandes Potencias. A Espanha, por exemplo, a nova Espanha nascida em 1931, ficou-se no papel de observadora, sempre preocupada consigo mesma. Mais curioso ainda foi a não-participação dos povos da America na apaixonada violencia que destruiu a Europa. Claro que sofreram das crises economicas, politicas e sociais, mas dentro de certos limites. Depois da borrasca financeira da

decada dos "trintas", os choques refletidos do Velho Mundo afetavam-n'os cada vez menos. E resolveram a seu modo a crise do capitalismo privado.

Entretanto, o fato de comparticiparem do declinio e queda do ocidente leva-nos a um fato muito discutido outrora: *as causas imediatas do colapso mundial no seculo 20 foram, primeiro, o defeito do sistema monetario; depois, a desorganisação social em consequencia do aumento de produção; e, por fim, a grande peste.* Não foi a guerra a causa primordial. A vida comum de toda a gente é economica, não beligerante — e essa vida foi estrangulada pelo credor. Tivesse o mundo em 1900 se aglomerado num estado unico, mas conservando a economia de acumulação privada com a moeda em deflação, e o colapso sobreviria do mesmo modo. Permanecesse o mundo dividido em cem estados beligerantes, mas com um sistema monetario que coarctasse o credor e permitisse um desenvolvimento industrial sem limites, e as guerras continuariam até o exterminio da raça. O colapso monetario foi o principal fator da desorganização do mundo, do enfraquecimento, da fome. Sem ele o homem prosseguiria na sua carreira de massacres e asfixia. Em ultima analise, foi bom que na decada dos "trintas" o progresso desabasse sobre as finanças.

A inutilidade dos antigos movimentos pacifistas torna-se inteligivel unicamente quando apreendemos a imensa importancia de um sadio regime monetario. Já insistimos nisto, e de varios pontos de vista já elucidamos a conexão entre o credor e os antagonismos tradicionais; e nada nos esclarece tanto sobre o ponto como o paralelismo entre as experiencias do Velho Mundo e as da America.

Desde os dias em que se separaram das metropoles, os paises americanos seguiram caminhos pessoais, independentes do ritmo europeu. Independentes, mas não em absoluto, porque faziam parte do mesmo planeta. Através do seculo 19 a mentalidade americana, tanto do norte como do sul, saturou-se da ideia de *isolamento.* Ensinava-se nas escolas, pregava-se na imprensa e em todas as reuniões politicas de importancia que o Novo Mundo era realmente um mundo novo, um oasis nas antigas tiranias e tradições, a terra da paz, da liberdade, da oportunidade e da vida nova no mundo. Devia, portanto, a America evitar alianças com as nações da Europa, não encampar os inveterados odios que a dividiam,

ainda que fosse mister romper com a cultura europeia e trabalhar sozinha numa vida nova. Dos dias de Washington aos de Wilson, e a despeito da Guerra Civil Americana e de graves perturbações economicas, a mentalidade americana nunca abandonou a fé em si propria e a convicção de que o papel dos Estados Unidos era o de missionario e filantropo. A America admitia ter menos cultura, mas melhor.

Durante o seculo 19 tanto os Estados Unidos como a Europa expandiram-se enormemente, do ponto de vista economico e biologico. Ajudados por fortissima corrente imigratoria, os Estados Unidos elevaram a 80 milhões o numero de seus habitantes num seculo. Mas nesse periodo de tempo a Europa aumentou-se de 240 milhões. Os Estados Unidos alimentavam a ilusão de que haviam passado a Europa. Sua vida tinha, de fato, se expandido concorrentemente com a europeia, graças ás invenções e á importação de energia humana dos velhos centros europeus. E numa terra livre de tradições, a expansão se realizou sem guardar passo com o processo europeu. O americano vivia no mesmo sistema progressista, mas afastava-se mais e mais dos desenvolvimentos de alem mar.

E no decorrer desse seculo o aperfeiçoamento dos transportes "suprimiu as distancias", fazendo que pontos outrora remotos de meses ficassem a horas de viagem.

As alterações de intimidade e afastamento entre a Suropa e a America tornaram-se um dos aspectos salientes do seculo 19. Era como um erguer-se de dois montes lado a lado. Aproximavam-se, tocavam-se e chocavam-se, afastando-se de novo. Ou então, como duas maquinas complicadas, destinadas a se combinarem por fim num maquinismo mundial; as rodas tentam correr juntas, mas ao encostarem-se espirram faiscas e afastam-se de novo. Do fim do seculo em diante as forças unificadoras da vida tendiam a entrosar a Europa com a America. Mas em meados do seculo a impressão fôra de que essa entrosagem tinha falhado.

Já demos nesta historia grande destaque a Henry Ford, Woodrow Wilson e Franklin Roosevelt. Falamos do magnifico avanço da America relativamente á Europa e o subsequente recuo. O livro de Frank Simonds, *Can America stay at home?* estuda a questão do isolamento como era encarada no começo da Crise de 1930, a qual deu o primeiro golpe

mortal na extrema liberdade do Capitalismo Privado. Simonds mostra como as fases de aproximação e repulsão se sucederam, do governo imperialista de Roosevelt I (Teodoro Roosevelt, 1901-1909) em diante; como igualmente parecia impossivel á America conservar-se afastada dos negocios europeus ou imiscuir-se neles. Os americanos manifestam as suas virtuosas opiniões mas não querem apoia-las. Insistem em julgamentos morais, mas não assumem responsabilidades. Aos olhos da Europa, diz Simonds, "a preocupação dos americanos relativa á paz lembra um mixto da missão de S. João Batista e dos metodos de Poncio Pilatos". A explicação dessa atitude está na mistura de modernidade liberal e ingenua rudeza na inteligencia americana.

Desde os começos foram os Estados Unidos uma coisa nova na historia, muito nova, mais nova, dados os tempos, do que a republica sovietica de Lenine; mas que tambem desde os começos emperrava em seguir adiante com as novidades e falhava de desenvolver e intensificar suas ideias. Somente um seculo depois da independencia é que a America desenvolveu um corpo de escolas superiores e de homens cultos capazes de bem pensar; nesse intervalo deixou a educação das massas entregue a professores mal pagos ou mulheres repetidoras. Corporalmente desenvolveu-se de modo espantoso, e por mais de cem anos viveu de cerebros importados. A resultante foi essa crueza (no sentido de não cosido), esse senso de sua missão no mundo e a falta de sutileza e vigor na conduta. As predicas e arranjos de Wilson, tão tontos embora tão saturados da grande ideia do futuro mundial, foram, talvez, a mais alta expressão da mentalidade americana naquele tempo.

Mesmo no seculo 19 essa mentalidade não era ignorante, apenas imensamente ineducada. Mas se era tosca, era em compensação livre. Seu "revivalismo" religioso formava a contraparte da sua vacilação politica. Encontramos na historia da vida americana aspectos curiosos — reuniões ao ar livre e campanhas emocionais para arrependimento e conversão. Multidões reunidas á luz de archotes, a ouvirem rudes predicas e cantos misticos. Essas ondas de sentimento popular, esses ajuntamentos muitas vezes nas florestas, com seus hinos, exortações, gemidos de penitencia e fé exultante — exaltações e depressões da vida espiritual — reproduzem-se nos "booms", nas altas tremendas e nas tremendas depressões

da missão americana no mundo. Só o choque do desastre economico acordou o verdadeiro pensamento social e politico da America. A sua retirada do "imbroglio" europeu quando a crise chegou ao auge, foi marcada por uma nova e mais vigorosa determinação de apreender a essencia da vida social.

E tudo se reunia para estimular o pensamento enfocado na situação interna. A degringolada fôra a principio mais violenta na America do que na Europa. O edificio industrial, erguido a alturas vertiginosas, desabara mais pesadamente. Em 1928 os Estados Unidos ainda se consideravam o pais mais prospero do mundo; em 1933 pais nenhum do mundo abrigava maior numero de desempregados em mais desgraçada situação. Mas não houve nenhum esforço de revolta; não havia formula revolucionaria que unificasse esses homens. Revoltaram-se individualmente apenas — e surgiram as gangs. A sociedade permanecia de pé — mas ia se desagregando na desordem. A onda dos crimes, a pressão financeira, os freneticos esforços para economizar, o consequente colapso da educação do povo, o desaparecimento da confiança, da ordem e da intercomunicação — essa sequencia, que já traçamos em linhas gerais, manifestou-se mais acentuadamente nesse vasto país de tão curta historia do que em qualquer outro. Roosevelt II bateu-se heroicamente, mas havia chegado tarde.

Na America, bem como na Europa, a fase da fragmentação chegou, afinal. Não foi nenhum terremoto, ocorrido nesta ou naquela data, mas cada dia mostrava um sinal novo da dissolução em caminho. Do mesmo modo que no Velho Mundo, os governos se tornaram fantasmas insolventes, a fazerem esforços cada vez mais fracos para arrecadar impostos. E a autoridade de Washington foi esmorecendo, como a da Liga das Nações. Ocorreram lá os mesmos fenomenos, observados na Europa — municipalidades que se outorgam a si mesmas plena autonomia, governiculos provisionais, Uniões Civicas, Sociedades da Lei ou da Ordem, Associações Protetoras dos Operarios; até Soviets Proletarios surgiram (em Novo Mexico e Arizona) e foram se espalhando pelos outros estados. Nas Montanhas Azues e na costa do Pacifico pequenas republicas já viviam autonomas em 1945, produzidas por uma estranha mistura de Metodismo, "Tecnocracia" e Plano Douglas; o estado do Utah se tornara independente e

restaurara o mormonismo como religião oficial. Mas não houve nenhum esforço de secessão; a União Federal persistia *in nomine.*

Temos hoje a descrição da cidade de Washington, no ano de 1958, por um antigo diplomata inglês. Já em 1946 todos os embaixadores britanicos haviam sido substituidos por "consules consolidados". Esse diplomata conta a sua visita á Casa Branca, onde lanchou com o presidente Benito Caruso, o qual já havia terminado o tempo mas continuava no poder. O seu sucessor desaparecera misteriosamente durante a viagem para a capital. Houvera muita confusão no pleito, e dois presidentes em disputa do estado de Nova York, depois dum conflito na secção eleitoral de Yonkers, cortaram completamente as comunicações com New England.

O presidente recebeu o visitante com muita cordialidade e indagou da situação europeia, com perguntas bastante simpaticas e inteligentes. Falou cheio de esperanças sobre o futuro americano. A "Volta á Normalidade", disse ele, já luzia no horizonte. A navegação do Mississipi restaurava-se, permitindo o trafego do algodão para o norte, apesar da perturbação politica. Cento e cincoenta automoveis haviam sido exportados para a America do Sul só no ano de 1956, em vez dos 72 do ano anterior. O novo sistema de trocas ia correndo bem, e ele aguardava o proximo reerguimento comercial. O desastre do tempo de Hoover, admitia Caruso, durara muito mais tempo e descera a abismos muito fundos do que fôra previsto, e muito agoniara o povo; mas os americanos haviam enfrentado os maus tempos com a mesma firmeza dos seus avós peregrinos.

O lanche foi simples, mas copioso. Excelente carne de porco e verduras, que o presidente, com genuina franqueza democratica, declarou serem cultivadas por ele mesmo, com a ajuda do seu "secretario" negro, nos chiqueiros e jardins do palacio. Os deveres do secretariado pareciam mais os de uma dona de casa do que publicos. Nomeados sob pressão politica, muitos nem sabiam ler. A esposa de Mr. Caruso, uma agradavel senhora de origem irlandesa, pensou em abandonar Washington em vista das impontualidade da arrecadação das taxas, mas o presidente induziu-a a ficar, evidentemente para que o dissidio domestico não prejudicasse o credito da nação.

Por esse tempo só um terço dos estados americanos mandava representantes ao Congresso. Os demais achavam que, alem de muito dispendioso, era coisa inutil. Um congressista andrajoso ergueu-se, diz o diplomata, e recitou uma comprida lenga-lenga; não havia reporters visiveis, nem ninguem para ouvi-lo. Aparentemente, aquele homem estava "propondo" alguma medida; mas o visitante não percebeu nada claro.

No dia seguinte teve ensejo de jantar com o eloquente e venerando senador Borah, de Idaho (1865-1970), a quem encontrou excelentemente disposto e palrante. Durante todo o jantar o velho Borah discorreu tão bem que o inglês não pôde fazer as perguntas que trouxera preparadas. Tambem estava cheio de esperanças; admitia ter havido, durante a sua vida, uma forte queda no padrão do viver americano. Não negava as estatisticas. Em toneladas de hulha, em trafego ferroviario, na produção de automoveis e no mais, era possivel que a comparação com o passado fosse desfavoravel ao presente. "Mas o homem não vive só de pão", disse o Grande Velho. "Olhemos um pouco mais para o coração das coisas".

Parece que esse coração nunca se sentira melhor. A peste, como tudo que vem do Senhor, havia sido "salutar". O padrão da vida, dizia Borah, nunca se erguera tão alto — tendo-se em vista o nobre aspecto das coisas. Menos banheiros haveria certamente, mas muito mais pureza de espirito. Em sua mocidade assistira a uma grande expansão luxuriosa na America, mas isso hoje era coisa do passado. A America aproximava-se de novo da simplicidade colonial, da honestidade, da pureza.

E sem transição o velho parlamentar atacou a deshonestidade da Europa e a falsidade da diplomacia europeia, sobretudo a inglesa. Parecia estar repetindo trechos de velhos discursos, esquecido de que a antiga diplomacia inglesa já era passada. Talvez a palavra "attaché" ouvida no começo do encontro fizera o seu espirito pular para os velhos tempos. Mas Borah regressa logo á atualidade. Os Estados Unidos, disse, passaram por coisas muito peores, no começo da sua vida historica. Cento e cincoenta anos antes Washington fora incendiada por um exercito inglês. Nada assim ocorreu durante a depressão economica. Ainda no mais agudo da crise, ninguem pensou em incendiar Washington.

Mais tarde esse mesmo inglês visitou as universidades de Chicago, de Columbia, de Harvard e outros centros de ativi-

dade intelectual. Seus comentarios são finos e inteligentes, e referem-se ao exame das reações mentais que estavam produzindo uma conciencia americana no meio das ruinas de sua antiga flacidez.

Essas instituições procuravam, naturalmente, ajustar-se de modo vario ás novas condições. Mas não eram progressivas. Harvard fe-lo lembrar-se do que lera sobre as velhas instituições dos Lamas do Tibé. Não havia papel para a tomada de notas; o ensino era inteiramente oral e decorado Encontrou as bibliotecas bem guardadas contra as depredações; os livros mais importantes só eram lidos em gaiolas envidraçadas. As paginas eram movidas automaticamente, uma por dia. A importancia dos professores dependia do numero de alunos que os acompanhavam. Ora sentavam-se nas classes, ora sob arvores, e prelecionavam; ou então debatiam peripateticamente, andando. Variavam de prestigio — e tambem de aparencia fisica, porque aos alunos tambem cumpria produzir os alimentos necessarios aos mestres e a si proprios nos terrenos da universidade, e tecer o pano para as roupas, e fazer as sandalias ali mesmo nos laboratorios mecanicos. Produção literaria bem escassa. Os estudantes mais bem dotados escreviam versos no quadro negro; e quando o corpo docente os aprovava, copiavam-n'os pelas paredes do predio, ou no teto. O ambiente revia a mais arcaica simplicidade, com ausencia absoluta de pressa. O visitante foi recebido pelo Presidente Eliot, um velho alto e muito distinto, de toga, que herdara o posto dum antepassado. Bom fogo na sala, mantido com velas de sebo que dois estudantes continuamente espevitavam. O Presidente falou com muito encanto sobre a sopa, sobre o clarete de Maryland e sobre uma cornucopia de frutas e nozes. O encontro se prolongou até tarde.

— "Ha um Rei aqui? perguntou o inglês.

— "Não", suspirou o Presidente. "Nós denunciamos a Declaração da Independencia como inoperante, mas não pudemos localizar o legitimo Rei da Inglaterra — e a coisa ficou nisso. Mas a nossa atitude é de puro lealismo. Gostamos do velho lealismo".

As principais materias de estudo parece que eram a Cosmogonia de Ptolomeu, os poemas de Homero, as peças de Shakespeare (só as autenticas) e a teologia. O escasso tem-

po de folga dos alunos não dava ensejo á ginastica — e o futebol e o beisebol antigos foram abandonados. O Presidente falou desses jogos como as "ultimas inovações". Um funcionario parecia estar rachando lenha lá fora.

Estes aspectos de gracioso pedantismo idealistico são curiosos porque deixaram muito poucos traços de si. Dependiam muito da personalidade do Presidente. Depois da morte de Eliot, e dos duros invernos de 1981 a 1983, a antiga universidade foi abandonada e caiu em ruina.

As universidades de Chicago e de Columbia formavam violento contraste com a de Harvard. Revelavam a influencia da nova "escola de pensamento" de de Windt, com as tradições de Dewey, Harvey Robinson, Elmer Barnes, Raymond Fosdick, e o casal Beard. Embora a cidade de Nova York já estivesse abandonada em vista do perigo dos arranha-ceus desertos, notava-se muito movimento no rio Hudson e alguma atividade manufatureira. As grandes pontes de ferro ainda permitiam passagem a tropas de muares. Os operarios mecanicos dali e de Chicago mantinham-se em estreita ligação com o corpo docente das universidades, trabalhando com grande energia no que chamavam o "Problema Geral da Restauração".

"Eles não admitem", dizia Nicholson, "que a civilização esteja morta. Falam hoje exatamente como nos dias do Crack da Bolsa (Éra de Hoover). Jamais me cruzei com homens tão confiantes no futuro. Não vejo nada semelhante em minha terra. Certa noite ouvi um tremendo estrondo, acompanhado de abalo sismico. Uma montanha de cimento, chamada "Radio City", desabara de noite. Na luminosa manhã seguinte fui ao Panteon, onde numeroso ajuntamento contemplava a nuvem de pó ainda no ar, e ouvia os estrondos menores de outros desabamentos. Estavam de algum modo abatidos? Absolutamente não. "Um pouco mais de liquidação", diziam eles. "Tinhamos mesmo de acabar com essas velharias".

Nicholson dá uma bela noticia do curso universitario em Columbia e Chicago. Impressiona-se com o equipamento dos laboratorios cientificos e a relativa importancia dos trabalhos experimentais. "Senti-me em 1930", diz ele, "quando visitei o laboratorio Rockefeller de quimica". E impressionou-se ainda mais com os estudos de sociologia. "Estão a

produzir verdadeiros legistas, não mais aqueles velhos demandistas. Penso que as leis que aqui estudam constituem a coisa mais importante da cidade. Já não é o que meu pai conhecia como lei. E' a fisiologia e a patologia da sociedade, e a terapeutica dela decorrente. A conversa de homens como Hooper Hamilton e Rin Kay, por exemplo, equivalem a cursos de educação liberal. Não admitem nada do que se diz na Europa sobre o Crepusculo da Humanidade".

Foi esta, por assim dizer, a chave da sua observação. Mas temos de nos referir ainda á adoção do Inglês Basico para todos os usos. O inglês e espanhol estavam já a caminho de linguas universais de intercambio, como tinham sido no seculo 21. O ensino do francês caira muito, e o das linguas mortas, grego e latim, a julgar pelo silencio que havia a respeito, fôra completamente abandonado.

Nosso turista vôou de Chicago ao Aerodromo Ford, em Dearborn, viu as ruinas das principais fabricas e as reconstruções, e gastou alguns dias na Escola Tecnicologica e no ainda mal arranjado Museu da Vida Americana. Admirou-se de encontrar milhas e milhas quadradas de terras em cultivo em redor do aerodromo, vindo a saber que a velha ideia de Henry Ford, de alternar o trabalho das fabricas com o trabalho dos campos, ainda estava em uso. Havia fabricas de tecidos em Detroit. E a produção de automoveis era duns mil e tantos por ano; e a de aviões, de "alguns centos" (!). Tambem existia um pequeno mas bem organizado departamento de radio.

"Nós nos conservamos em contacto", disse o diretor. "Não interferimos nas ideias do povo, nem o povo nas nossas. Estamos pondo a marchar tudo que ainda existe em materia de correio... Sim, Canadá e Mexico, tambem. Ninguem nos incomoda com fronteiras. Quando a crise chegou ao peor, mantivemo-nos firmes, cultivamos nossas terras, fizemos experiencias".

Henry Ford, o "grande original" cuja aventura do Navio da Paz marcou o viradouro da nossa historia, já de ha muito havia desaparecido, mas o Diretor a que o viajante se refere talvez fosse o seu filho Edsel, a prosseguir nas ideas do pai.

Não era nenhuma basofia, aquele "mantivemo-nos firmes". O visitante, recem-chegado de um mundo em ruinas,

admira-se daquela "arrumação" de tudo. A Casa de Edison estava ainda no mesmo estado em que Henry Ford a deixou; e lá, ou no museu, Nicholson viu o primeiro fotografo e o primeiro telefone jamais construidos — e modelos dos primitivos aeroplanos e automoveis.

— "Tudo muito recente. No decurso da nossa vida e da dos nossos pais vimos o começo, o triunfo e a queda da maior civilização jamais aparecida no mundo. Exgotamos a historia da produção em massa, disse o viajante.

— "Absolutamente não", respondeu o Diretor. "Essa produção foi apenas começada".

Seguiu-se um largo debate que o viajante anotou em forma dialogada. O interesse que isso tem para o estudioso de historia jaz no fato de que no meio da catastrofe geral a vitalidade do transporte mecanico persistia e manifestava-se. Podemos colocar as palavras do Diretor de Dearborn ao lado das do aviador de Titus Cobbett. Ambos mostram a compreensão de que a ordem velha morrera. "Todo esse negocio de reis e congressos está morto como um carneiro morto", disse o Diretor. "E o negocio dos banqueiros, mais morto ainda".

— "E que virá em lugar do que morreu?" perguntou o visitante.

— "Aquilo!" foi a resposta do diretor, apontando para um ponto negro no ceu — um avião que se aproximava.

LIVRO TERCEIRO

Ressurreição do mundo: nascimento do Estado Moderno

§ 1. Elabora-se o Plano do Estado Moderno.

§ 2. Pensamento e Ação: o Novo Modelo de Revolução.

§ 3. A Tecnica Revolucionaria.

§ 4. Profetas, Pioneiros, Fanaticos e Assassinos.

§ 5. A Primeira Conferencia de Basra. 1965.

§ 6. Resistencia do Ar e Mar.

§ 7. Antagonismo Intelectual.

§ 8. Segunda Conferencia de Basra: 1978.

§ 9. "Tres Cursos de Ação".

§ 10. O Plano Vitalicio.

§ 11. Principia a Verdadeira Luta pelo Governo.

§ 1. *Elabora-se o Plano do Estado Moderno*

Nos precedentes capitulos contamos o surto, o deslocamento e o colapso da civilização baseada no capitalismo privado. E' uma historia de desastres, em que a miseria, o tormento e o fracasso de milhões de homens desaparecem diante da geral falta de fins. Vimos a tendencia para a unidade e a ordem aparecer e ser afastada, reaparecer e ser novamente derrotada. Mas apareceu pela terceira vez e venceu. O problema fôra, afinal, resolvido.

O mundo não pôde unificar-se antes de 1950 por uma razão muito simples: não havia um plano racional para essa unificação; e se mais tarde o conseguiu, foi devido a que, nesse tempo, o problema já estava bem formulado, as condições para a sua solução eram conhecidas e uma classe social diretamente interessada na solução já se havia formado. De vaga aspiração que era, o Estado Moderno tornou-se algo definido e realizavel.

Não foi nenhum grande impulso moral que desviou o genero humano da sua rodada para o caos. Sim, um renascimento intelectual. No fundo deu-se apenas isto: *a ciencia social e politica deteve a marcha do cataclisma.*

Trabalhadores obscuros, mas persistentes, foram pouco a pouco decifrando o enigma. Que fantastica desproporção entre o numero desses trabalhadores e a imensa realização! A psicologia associativa, ou dos grupos, foi ramo da biologia social que nunca havia interessado aos homens. Ninguem tinha a mais vaga ideia sobre a origem e modo de ação dos processos da estrutura social em que vivia. Todos aceitavam as mais arbitrarias e simplistas explicações da entrosagem social, esquecidos até das mudanças fundamentais ocorridas. Esperanças loucas e catastrofes tinham fatalmente de sobrevir.

Quem em 1925 interrogasse um europeu medio sobre os motivos da sua atividade politica ou conduta social, se mostraria, antes de mais nada, grosseiro; e, vencido esse passo, ouviria tolices a proposito da familia como nucleo de organização social — especie de expressão de irmãos e primos, ligados ao monarca, o Senhor de todo o sistema; ou então ouviria coisa bem diversa — a historia do Contrato Social de Rousseau, em que os homens haviam inicialmente combinado um modo de vida e ação conjunta.

Já nada diria esse homem de 1925 sobre os laços da religião, embora, se vivesse cincoenta anos antes, fosse a Vontade Divina o que tomaria como base de tudo. Suas ideias não trairiam nenhuma apreensão quanto á função do dinheiro na sociedade; mostrar-se-ia ele tão inconciente como um romano sobre a importancia dum sistema de moeda bem ajustado. Do dinheiro só poderia dizer que era a coisa de que a gente ganha e gasta, talvez ainda acrescentando que era "a raiz de todos os males". E referir-se-ia de novo á familia, quando o seu patriotismo fosse espicaçado, para justificar a rede de odios, terrores e consequente lealismo tradicional; e falaria em "mãe patria" ou "patria". Se fosse homem de algum oficio, poderia ter ou não ter ideias de organização de classe, ser unionista ou não; mas não haveria comparação entre a importancia disto e o seu patriotismo.

Incidentemente, esse homem revelaria sistemas de inveja, suspeita e desconfiança social, crescendo em varios pontos fracos ao modo dos fungos. Tudo estava mais ou menos temperado com o odio endemico reinante no mundo. E todas essas associações de ideias e sentimentos ele as acharia "naturais" — tão natural como a forma da sua orelha; não poderia, portanto, admitir que a educação dada pelas escolas tivesse algo que ver com coisas assim tão naturais.

E as instituições do mundo repousavam sobre milhões e milhões de cerebros equipados desse modo, mal informados ou viciadamente informados. Os homens dividiam-se em individualistas ou socialistas, sem a minima noção de como podiam ligar-se á sociedade; eram nacionalistas e patriotas sem que nenhum pudesse dizer o que fosse uma nação. Unicamente quando um país entrava em luta contra outro, e se sentia ameaçado de ruina, é que os homens inteligentes ve-

rificavam como eram sentimentais, insinceros e ignorantes quando respondiam a esta pergunta: "Que é que nos mantem unidos e assegura a cooperação?"

Esta ingenua superficialidade sobre a força socializante decorria logicamente do atrazo e falta de vigor do mundo intelectual. O homem comum, ocupado com a sua vidinha, nada sabia, nem podia pensar nos negocios coletivos, porque não existiam conhecimentos bem ordenados e assimilaveis que chegassem até ele e lhe estimulassem o pensamento. O corpo social, de alto a baixo, estava ainda mentalmente embrionario. Para conceber um completo sistema de reações sociais e firmar a necessidade do Estado Moderno em termos convincentes e praticos, era indispensavel que a ideia penetrasse não apenas o cerebro dos politicos e estadistas, como tambem o dos historiadores, fisiologistas e chamados economistas da epoca.

Em 1932 a ciencia da psicologia dos grupos estava no mesmo grau de desenvolvimento do das ciencias fisicas no tempo do *Seculo das Invenções*, da Marquesa de Worcester (1663). Estava ainda na fase de germem, em estado de ideia vaga. Tinha tanta força para crear uma nova ordem no mundo como as ciencias fisicas de 1663 para produzir um avião. O homem comum que procurasse orientação nos dias da Grande Crise (ver *Ideia em Caos e Sociedade em Colapso*, de Emil Desaguliers, 2017) via-se defrontado por uma especie de liquidação intelectual. Ficava a supor que em alguma parte havia alguem que sabia; por fim descobria que ninguem nem sequer se preocupava de saber. Uma duzia de eminentes autoridades estavam dando, com muito respeito reciproco, inumeraveis conselhos contraditorios. Assim procediam porque flutuavam no terreno das hipoteses, sem nenhum apoio nos fatos mestres da ecologia humana.

Não obstante, certos pontos primarios foram rapidamente analisados na epoca. A significação da moeda, por exemplo. Desguliers cita 180 nomes de homens, inclusive o colerico, mas interessante, Major C. H. Douglas, que se empenhavam em esclarecer a concepção da moeda metalica e concluiam que o unico dinheiro possivel num mundo progressivo seria o que mantivesse compasso com a crescente riqueza geral. Esses homens andavam metendo na cabeça de todos essa ideia fundamental.

E tambem propunham os mais variados metodos de realizar esta concepção. O "Plano Douglas" apelava para o credito social, mas era limitado pela estreita visão politica do digno major, o qual admitia a abolição dos banqueiros mas não a das fronteiras entre os paises. Na America um curioso movimento denominado "Tecnocracia" começou a chamar a atenção. Era na essencia um claro esforço da ciencia para dar á economia bases puramente fisicas. Mas foi explorado muito jornalisticamente, e apresentado a um publico de notavel receptividade como um plano de nova ordem social em que a vida economica era tratada como simples sistema de forças dirigidas por "experts". Os tecnocratas repudiavam o controle democratico — e isso naquele tempo tinha bastante significação. A Unidade de Energia era a base do novo dinheiro, de modo que cada usina eletrica se tornava uma casa da moeda, e cada cachoeira uma mina de ouro. Dinheiro e energia eram equivalentes. Outra importante escola, orientada por economistas como Irving Fischer e J. M. Keynes, propugnava a ideia dum preço-indice a controlar a emissão da moeda.

Foi uma fase de fermentação mental desarticulada. Os mais lucidos em materia monetaria traziam, como Douglas e Keynes, vendas nos olhos a respeito de fronteiras nacionais e imperiais; queriam crear um sistema politico fechado por meio de toda sorte de barreiras e restrições, afim de desenvolver só ali as suas ideias. Não atendiam á crescente instabilidade politica; preocupavam-se demais com a panaceia propria. E se os reformadores do dinheiro não eram cosmopolitas, os cosmopolitas irritavam-se contra os reformadores do dinheiro; é que não compreendiam a primacial importancia do dinheiro.

Uma terceira classe de inteligencias insistia na necessidade de grandes trabalhos publicos que corrigissem o paradoxo do aumento do desemprego em consequencia do aumento da produtividade — fenomeno que colhera o mundo de surpresa. O fenomeno era efeito do mau ajustamento, mas os pensadores desta escola não admitiam a importancia da retificação monetaria. E havia ainda outras correntes. Como diz Desaguliers em seu sumario, "a humanidade não podia abandonar o navio em que naufragava pela simples razão de não ter á vista nenhum barco de socorro".

Pouca gente poderia prever como essa moda de lançar ideias brilhantes, mas desconexas, estava perto do fim, e como a redução da ciencia social a formas aplicaveis iria progredir. A conjugação das descobertas e invenções para socorro da humanidade em perigo foi mais rapida e notavel do que o surto da energia eletrica no seculo 19.

O grande trabalho de Gustave de Windt, *Nucleação Socoal* (1942), surge como o primeiro estudo completo das leis que regem o *esprit de corps* dos grupos — gangs criminosas, operarios de fabrica, tripulações, regimentos, partidos politicos, igrejas, profissões, aristocracias, patriotismos, conciencias de classes, investigações organizadas e corporações construtivas. Foi ele o primeiro a correlacionar a crescente compreensão da psicologia individual com os novos metodos educativos e os novos conceitos de vida politica. A despeito do nome pouco atraente, sua obra tornou-se a espinha dorsal do esforço que deu forma aos tempos novos.

De Windt trabalhou sob a pressão de todos os embaraços, naquela epoca antepostos a um estudo desse tipo. Muitos dos seus trabalhos, como os de Marx e Lenine, foram produzidos no Museu Britanico, em Londres; mas em 1938 foi ele expulso da Inglaterra, durante uma crise de xenofobia; e não pôde voltar da Holanda para o seu "amado Bloomsbury" senão em 1941. Sofreu levemente a ação dos gases de guerra durante o nono raid polaco sobre Berlim, o que iria acelerar a sua morte em Bloomsbury — o etico bairro de Londres no qual concluiu a grande obra.

Muito se fez depois dele para corrigir e aperfeiçoar aquele corpo de generalizações. Mas seu nome figura hoje ao lado dos de Platão, Galileu, Newton, Darwin e Robert Owen — pois tambem passou a constituir um marco na ideologia humana. Esses homens são algo mais que homens; são pedras que marcam datas. Depois de 1950 as doutrinas e formulas de de Windt espalharam-se com grande rapidez, apesar da situação do mundo.

Poucos o lêem agora, como poucos lêem Platão ou Bacon, Darwin ou Marx; mas o que de Windt pensou está incorporado na estrutura do genero humano. Suas ideias são hoje lugares comuns, e seriam ao tempo em que apareceram puras fantasias hereticas se a darwinesca paciencia do seu genio as não fundamentasse ponto por ponto.

As mais importantes feições da doutrina eram, primeiro, a acentuação da artificialidade do lado social do homem. O homem nasce, mas o cidadão faz-se. Uma criança toma em si o que lhe é trazido. Aceita os exemplos, os usos, as tradições e as ideias ambientes. Todas as formas das suas reações sociais, e a maioria das suas interpretações emocionais, decorrem da educação.

— "Naturalmente!" dirá o leitor. Sim, hoje — depois de de Windt. Antes dele, não. Valores morais, inclinações e preconceitos, odios, etc., eram admitidos como vindos "por natureza". E, consequentemente, a geração crescida no ambiente desses valores encrostava-se de explanações sediças, mitologias, metaforas e incitamentos enganosos — e a mente mal formada refletia a mal formada ordem social. O papel de de Windt na historia é sobretudo o dum braço forte que varre o lixo obstrutor e o substitue por uma estrutura claramente definida. De Windt restaurou aquele conceito de Platão — que é possivel, embora dificil, começar de novo do começo, com o cerebro purificado. E havendo aplicado a si mesmo a receita, deu inicio á construção desses imperativos da vida nova com que hoje nos beneficiamos.

Antes de mais nada, tornou claramente inteligivel a todos que um sistema monetario era indispensavel á vida em sociedade, visto ser a moeda o unico instrumento pratico que tudo concilia e dá liberdade ás relações economicas. Mas o dinheiro não é uma coisa em si; é um meio para um fim, e sua manipulação deve ser julgada de acordo com a realização desse fim. O dinheiro nasceu como coisa permutavel, coisa em si, ouro, prata ou o que seja — e foram as dificuldades da sua passagem dessa primeira forma para outras, que deram lugar ás doenças do sistema economico, fatais ao velho imperio romano e mais tarde aos estados europeus soberanos. Um dinheiro completamente abstrato, tão abstrato e livre de associação com qualquer substancia material como o são o peso e a medida, tinha de ser creado para uso do genero humano. A humanidade não poderia salvar-se sem isso. A validade do dinheiro tem que ser mundial; o dinheiro tem que ser emitido sob qualquer forma para manter um invariavel indice de preços, e tem de ser protegido da melhor maneira contra qualquer forma de manipulação. De Windt demonstrou que não só a falsificação da moeda como qualquer forma de jogo ou especulação deviam ser con-

sideradas criminosas. Mostrou que a usura não se justificava. Desmascarou a velha complicação da produção onerar-se de dividas permanentes, feitas para sua montagem e experiencias. Fez o velho banco negociador de dinheiro sair de trás das empresas. Eliminou todos os seus pretextos para lucros. O banco tornava-se uma função publica. A distribuição do credito, uma atribuição vital do governo.

O novo sistema bancario do seculo 21 cresceu nas linhas por ele estabelecidas. Não passa hoje da nossa "escrita" — é a nossa contabilidade, uma parte da nossa organização estatistica, o "clearing-house" das obrigações, registro monetario das sobras da energia humana que os orgãos do Controle Mundial encaminham racionalmente. E' inteiramente publico e inteiramente gratuito — e parece incrivel que tenha sido uma fonte de especulação privada e de lucros secretos! Registramos hoje a receita e a despesa dum homem como registramos nascimentos e mortes. O dinheiro moderno é basicamente um cheque sacado contra o fundo comum.

Mas esse desideratum do dinheiro invariavel era apenas uma base quantitativa para o estabelecimento de relações vitais, ou, como diz de Windt, uma base para a "nucleação social". Logo que o dinheiro entrou em ordem, ninguem mais pensou nele, do mesmo modo que ninguem mais fala em ar e luz quanto se vê num recinto propriamente iluminado e arejado.

Por dois seculos antes de de Windt, a familia, que fôra a celula social desde o remoto periodo agricola, entrou a perder a força, dissolvendo-se em sistemas de relações mais amplos. Tambem foi perdendo a autonomia economica, mental e sentimental. No seculo 19 a dissolução da familia se processou muito rapidamente. A situação de domesticidade da mulher e o seu enclausuramento no lar, ás voltas com os filhos, modificou-se.

O fator instintivo na familia nunca fôra medido. Na realidade, o laço instintivo se dissolve antes que os filhos cheguem aos treze, quatorze anos. Daí por diante, o que os liga aos pais, e viceversa, já não é o instinto, mas a efeição, a tradição, o habito, a conveniencia — e estes fatores têm decaido. Por força das atrações fora de casa, a solidariedade da familia enfraqueceu-se, não só no Ocidente como tambem na India, China e Japão, á medida que esses paises se

foram ocidentalizando. E isto mais ainda na essencia, do que na aparencia. O lar ficou um ponto de reunião, o domicilio comum de pais e filhos, mas cessou de ser instrumento de tradição, de treino ou disciplina. E cessou de o ser pela simples razão de que essas funções eram agora mais enfaticamente desempenhadas por agencias exteriores. Os cidadãos geravam-se nos lares, mas *faziam-se* fora.

De Windt estabelece um vivo contraste entre a vida de familia da Europa Central do seculo 18, com o pai a ler a Biblia em reunião geral, a dirigir as rezas, a tudo fiscalizar, a reprovar e castigar filhos e filhas até dezesseis ou dezoito anos e ainda a controla-los no casamento, e a frouxa estrutura familiar do seculo 20.

Esta frouxidão já era geralmente admitida muito tempo antes de de Windt — mas foi ele quem frisou a necessidade de uma planejada "renucleação" do magma social saido dessa dissolução. A escola publica, as organizações industriais, a imprensa, etc., haviam ferido fundo a educação mental e moral dada em familia, sem fornecer indicação do que viria substitui-la. As forças demolidoras, por sua vez, não se tinham ainda convertido em "forças organicas"; consequencia: o homem foi descambando para aquele baixo egoismo que só procura satisfações pessoais.

As sugestões sentimentalistas e as ideologias não bastavam, dizia ele, para fazer dum ser humano uma boa unidade social. Impossivel contar com esses fatores. O caminho seria a organização da sociedade humana em escala mundial, ou a instituição do Estado Moderno; e para que o objetivo fosse alcançado, para que a sociedade humana não perecesse no desastre, o individuo, no mundo inteiro, tinha de ser educado, disciplinado e completamente equipado para esse fim. Nada sobreviria "por natureza". O lado social do homem havia que ser orientado, criado. "A sociedade é um produto da educação".

Para chegar á realização do Estado Moderno era preciso que centenas de milhões de creaturas se convencessem de que era aquele o caminho certo. O Estado Moderno não poderia vir como forma oca, deixando atrás de si toda a humanidade. Cada professor, cada escritor, cada orador, cada par de amigos que conversassem, constituiriam um nucleo potencial primario da ordem nova. Mas esses nucleos tinham

de ser organizados. Era preciso provocar-lhes a existencia e faze-los cooperar efetivamente.

Custa-nos a compreender que estes lugares comuns de hoje não o fossem no passado, e que ainda no tempo de de Windt multidões de homens bem intencionados vivessem tentando organizar "movimentos" para a reconstrução social no seio ignaro e miscelanico das turbas ineducadas de então. Era com extrema relutancia que os reformadores impacientes tiravam o pensamento dos golpes de estado e pronunciamentos das greves contra a guerra, etc., etc., para pô-lo nesta sistematica e indispensavel renucleação preliminar do mundo. A tarefa imediata parecia muito estreita e intensa para reformadores de objetivos tão altos e remotos. "Nada adianta perguntar ao povo o que ele quer", escreveu de Windt. Foi o erro da democracia. Para a salvação da sociedade, deveis pensar no que o povo deve querer. Em seguida, dizer-lhe e mostrar-lhe o meio de o conseguir".

E se a nucleação não pudesse ser feita por toda a parte, insistia de Windt, que se fizesse onde fosse possivel. "Formai nucleos. Sêde vós mesmos um nucleo". Desde os começos da vida é o nucleo que gera o nucleo. O Estado Moderno, reclamado pelo mundo inteiro, podia começar em qualquer parte.

Outro ponto que constituia novidade na epoca, era a insistencia de de Windt sobre a grande importancia da educação dos adolescentes e a negação do direito aos pais de conformarem os filhos como quisessem. A "renucleação" da sociedade tinha de ser completa. Os "nucleos" destinados a constituir futuras unidades de educação e disciplina do mundo novo, tinham de ser associações de treino moral e fisico. Suas atividades sociais e politicas seriam secundarias e subordinadas a esse treino corporal e moral. E de Windt achava que a desordem social daquele periodo era uma condição favoravel para as nucleações pioneiras. Considerava os laboratorios, as escolas tecnicas, as usinas, os hospitais, etc., como focos de agrupamento propicios para a nucleação. Insistia em que o impulso para a ordem social era instintivo. O esforço para uma nova ordem aparecia onde quer que uma velha ordem social estivesse em confusão.

De Windt exemplificava com os membros dos Sokols, com os Nazistas, os Fascistas, o Partido Comunista e o Kuo-

mintang da epoca; eram os primeiros olhares da nova organização em via de formar-se. Esses homens tinham o espirito duma classe de escol, embora se expandissem em lealismos e preconceitos do passado. "O povo não está dirigindo esses moços", dizia ele; "está tirando vantagens das necessidades instintivas desses moços. Procurai compreender o que eles, embora cegamente, estão a procurar".

Como S. Paulo, o fundador do Cristianismo, falava aos atenienses, assim dizia de Windt aos homens do mundo inteiro: "Esse desconhecido Deus que ignorantemente adorais, eu vo-lo apresento". Ele estava apresentando ao Mundo o ainda desconhecido Estado Moderno.

Os ensinamentos de de Windt eram na essencia uma teoria educativa que por extensão se tornava o Estado Moderno. Os dois aspectos não se separavam. "Uma sociedade é uma educação em ação", declarava ele. E com perfeita continuidade desenvolvia em todas as direções o seu plano da nova estrutura social — na industria, no controle, no empreendimento.

Tomando uma palavra de Ortega y Gasset, mas indo muito alem do pensador espanhol, dizia de Windt que a "plenitude" da vida só podia ser alcançada pela comunhão com o Estado Moderno. Qualquer outra forma de vida "equivaleria a desperdicio, descontentamento e magua". Torna-se impossivel a dignidade, a felicidade interior, a não ser que nos damos totalmente a um nobre objetivo. As velhas lealdades á bandeira, á nação, ás classes estavam já poidas e desacreditadas. Perderam a realidade. Não apelavam para tudo que ha dentro do homem, porque o homem já via claro nas limitações desses lealismos. Eram ideais que já não podiam manter a "feliz turgidez" da vida. Deixavam os homens em estado de "deflação, caidos num Eu sem esperanças". Se no passado viveram com certa plenitude dentro dos seus patriotismos e negocios era porque não conheciam nada melhor. Agora, porém, *conheciam* coisa melhor.

De Windt, finalmente, coloca-se em completa oposição a um dos mais ousados conceitos da Democracia Parlamentar, ainda de muita força no seu tempo: o conceito de "oposição". "Critique, mas não obstrua", dizia ele. Se um governo é fundamentalmente mau, derrubai-o, lançai-o fora, mas não admitais que o "vai-e-vem e o dê-e-tome" sejam me-

todos adotados nos negocios humanos. O governo com gangs parlamentares, que havia caido no ultimo degrau da inepcia, apodreceu com o perpetuo emendar e diluir medidas, com as exaustivas obstruções a projetos, com os conchavos negocistas e as concessões obtidas por meio da chantage. Contra cada corpo dirigente, contra cada partido no poder, erguia-se outro empenhado em falsear, retardar, torcer, impedir que os dirigentes fizessem o que queriam, na esperança de os levar a tamanha desmoralização que o povo os derrubasse e substituisse pelos oponentes. As oportunidades de lucro e acessos que em tal atmosfera tinha o politico sem escrupulos, eram infinitas.

Toda essa maranha havia que ser varrida. "A respeito da maioria dos negocios não pode haver duas opiniões antagonicas, igualmente respeitaveis", diz de Windt. "Absurdo pretender o contrario. Só ha *um meio certo* de fazer uma coisa — e errados ha inumeros. Ou um governo está procurando tomar o caminho certo ou é criminoso. A sabotagem precisa cessar. Tem sido um defeito social fundamental".

Sua analise da diferença entre Critica e Oposição é um desses debates classicos que pouca gente ainda lê. E é pena, porque constitue um belo modelo da prosa inglesa do seculo 20. O direito de critica e o dever de exerce-la são basicos para o moderno cidadão. De Windt observa como esse direito e esse dever foram desprezados pela estreita mentalidade do Fascismo Italiano e analisa a negligente irresponsabilidade da censura nos paises europeus. Em parte nenhuma havia censura para restringir as conspirações contra o pensamento promovidas pelas organizações religiosas, politicas ou comerciais. As advertencias de de Windt contra a supressão da liberdade de critica não eram tão imediatamente efetivas como o seu projeto revolucionario. Muita gente não percebia para onde ele caminhava. Na pratica o conflito da ordem com o espirito de oposição durante a Ditadura do Ar, iria, de quando em quando, determinar a supressão da critica honesta. A pratica demonstrava que a critica e a sugestão podem passar gradativamente a incitamento e propaganda subversiva.

O plano nitidamente revolucionario de de Windt era um verdadeiro tonico para os moços energicos do seculo 20. Vamos resumi-lo. Escusa expor os detalhes por ele estabelecidos para ligar os nucleos numa propaganda mundial, porque

gradativamente essa organização se desenvolveu no sistema educacional de hoje. Esta nossa historia, e todos os livros didaticos do mundo moderno, podiam ser dedicados a ele.

Em muitos pontos foi de Windt notavelmente profetico; em outros deixou de apreciar corretamente as reações humanas. A reconstrução do mundo, trabalho rude em excesso, devia atemoriza-lo. Não obstante, ele desenhou tão clara a estrutura do Estado Moderno, e tão convincentemente a explanou, que em breve milhares e depois milhões de homens a apreenderam e começaram a trabalhar para a sua realização. De Windt fez a Ideia Nova tão semelhante ao Destino, que ela se tornou o Destino.

Por alguns anos a marcha foi lenta. Muitos já conheciam a ideia, mas poucos se esforçavam por compreende-la. Um dizia: "Mas isso está certo!" e acrescentava: "Pena que seja impossivel". De Windt morreu antes que sua escola dominasse o mundo. Como Marx, não chegou a ver a seara vinda de suas sementes.

Em nossa apreciação da Liga das Nações vimos como essa tentativa se condenava de antemão, pelo fato de, em parte nenhuma, e em ninguem da epoca, haver o senso da necessidade duma nova ordem, nem de que ordem poderia ser essa. Os estadistas do tempo parecem-nos atacados de cegueira congenita para as coisas que hoje nos são claras como a luz do dia — e custa-nos crer que essa cegueira não fosse a de quem não quer ver. Não era. Eles realmente não podiam ver. Lemos os seus discursos nas sucessivas conferencias, até a ultima, a em que suas vozes se perdem no tumulto do desastre final — e vem-nos a vontade de gritar: "Idiotas! Não estava o Controle Mundial bem diante dos vossos narizes? E seria possivel, fora dele, esperar outra coisa senão desastre?"

A resposta é que nada estava diante dos seus narizes. Muito lentamente, muito laboriosamente, com muita repetição e leves variações, é que o Obvio iria tornar-se obvio a ponto de conquistar a mentalidade humana. A grande obra de de Windt não foi descobrir qualquer coisa nova, e sim tornar obvio ao Obvio — de modo que ninguem, genio ou tolo, pudesse honestamente escapar aos seus inexoraveis imperativos.

§ 2. *Pensamento e Ação: o Novo Modelo de Revolução*

Abate-nos o orgulho a verificação do fato de que nunca o mesmo homem, ou o mesmo tipo de homem, seja capaz de simultaneamente conceber e executar a mais simples das nossas operações sociais. O proprio cultivador da terra não pode construir os instrumentos que usa, nem selecionar as sementes que lhe dão a prosperidade. A historia de Robinson não passa do impossivel sonho do que um homem solitario, dispondo apenas duns destroços da civilização e no clima suave duma ilha deserta, poderia fazer em beneficio da segurança e do conforto proprios. A interdependencia dos homens ainda mais se agravou na complexa Idade da Maxima Insegurança.

Tinhamos primeiro os intelectuais, homens que viviam longe das responsabilidades, frequentemente destituidos de qualidades de mando e organização. Como de Windt, tudo planejavam e nada realizavam. Tais homens são indispensaveis no começo duma aventura humana porque fazem o diagnostico certo; revelam com clareza cada vez maior a pista a ser trilhada — mas só. Vem depois o homem de tipo executivo, capaz de concentração sobre a complexa ideia que o convenceu — e sem palavras entregar-se á ação. A estreiteza da imaginativa desse homem torna-se virtude, dada a tarefa que tem a realizar. Porque ninguem pode administrar adequadamente uma provincia, se está sempre errando além das suas fronteiras. O tipo inimaginativo é o indispensavel braço executor duma revolução e os beneficios duma revolução dependem da sanidade da ideologia sob que esse homem trabalha.

Em virtude desta necessidade de tipos revolucionarios que se completem, a historia não produziu equivalentes de figuras quasi miticas, como Solon, Moisés ou Confucio — quando teve começo a marcha para o Estado Moderno. De Windt foi menos um creador que um compilador, um concentrador, uma lente que reduz a foco uma profusão de raios dispersos.

A luz de compreensão que iluminou este ultimo lance revolucionario não veio dum cerebro unico. Veio de dez

mil cerebros ativos e devotados, a agirem e reagirem uns sobre os outros, sem ordem ou precedencia; tal qual o surto e desenvolvimento das ciencias fisicas e biologicas que o precederam, algo que sobrevem como um todo, que acontece menos numa conciencia de homem do que na conciencia universal.

Já consignamos os primeiros e remotos vagidos do Estado Moderno; vimos como as forças economicas universais para ele se encaminhavam no seculo 19. Vimo-lo em ação nos cerebros de Henry Ford e Wilson. Na *Nucleação Social* de de Windt a ideia se torna mais concreta, com a estrutura já á vista e todas as condições para a sua vitoria já dispostas de modo pratico. O Estado Moderno deixou de ser nuvem para fazer-se chuva. Chuva apenas planejada. Mas os homens energicos já podiam entregar-se á tarefa de faze-la cair.

Uma mudança de qualidade nos que lhe promoviam o advento patenteou-se antes do Ciclo de Guerra da decada dos "quarentas". Estava já a ideia bastante digerida para que homens de carater resoluto a assimilassem ás suas vidas. A ideia passava dos cerebros de tipo reflexivo para os de tipo dinamico. Os primeiros propagandistas haviam sido homens de meditação, mas sem dinamismo pratico: uma mistura de pacifistas com profundo horror á guerra e bastante inteligencia para ver que só a Paz Universal poria fim a essa psicose; certo numero de escritores, de cientistas "puros", de jovens sociologos e economistas, e de "intelectuais" das classes trabalhadoras. Mais tarde, no segundo tempo, já havia uma legião de engenheiros, arquitetos, mestres de obras, capatazes, gerentes, tecnicos de toda sorte, negociantes e capitães industria que "conversavam Estado Moderno" e gastavam cada vez mais tempo na propulsão da ideia.

Facilmente se explica a transição. A crescente desordem social alijava do trabalho inumeros homens do bom e vigoroso tipo pratico. Durante a Primeira Éra da Prosperidade, e durante a falsa restauração de após-guerra, tais homens ainda puderam encontrar na industria ocupação afinada com os seus temperamentos. E tornaram-se os organizadores das tremendas empresas de produção em massa; os exploradores da inexgotavel mina das invenções; abridores de novos campos de atividade em regiões até ali marasmadas. E levaram a pro-

dução a nivel muito mais alto que o do "poder consumidor" da sociedade humana. Enquanto essas empresas puderam funcionar, não lhes pareceu necessaria mudança nenhuma no sistema monetario do mundo. Aqui e ali alguns apontavam um defeito no regime bancario; Henry Ford, por exemplo, o nosso homem de espirito novo, teve dois serios embates contra os banqueiros durante a sua vida industrial; mas em regra o fenomeno da estrangulação financeira só lhes começou a dar na vista depois do Crack-Hoover (a Crise dos Trinta Anos).

Entraram eles, então, a pensar, a falar e escrever a respeito da ordem social com a mesma energia com que levaram suas industrias á vitoria. A vasta experiencia da Russia Sovietica espicaçava-lhes o ciume tecnico e despertava-lhes uma especie de invejosa impaciencia, quanto ás oportunidades e defeitos do plano. Os moços saidos dos numerosos cursos tecnicos de então, estimulados pelos livros e recordações da grandeza do passado proximo, compreenderam rapidamente que as luzes da oportunidade em seu caminho estavam se apagando dum modo exasperante e misterioso.

O movimento revolucionario do seculo 19 parecia-lhes um tedioso "não fazer" de trabalhadores bambos, ajudados ou instigados por criticos ao molde de Ruskin, artistas como William Morris, teatrologos como Bernard Shaw e mais gente in-pratica e in-convincente. Em seus espíritos essa revolução associava-se ao pastiche gotico, aos panejamentos verde-amarelos, ás cabeleiras, á anti-vivissecção e ao vegetarianismo. Não temos noticia de nenhum espírito científico ou tecnico de alta eminencia entre os revolucionários anteriores a 1900. Mas na terceira decada do seculo 20 dois terços dos trabalhadores científicos e dos homens de negocios estavam empenhados na revolução. Já não se tratava da insurreição de classe ou de "braços", mas da revolta dos competentes. Começaram a apalpar em redor em busca de ideias. As obras de de Windt forneceram-lhe exatamente o que queriam — e a marcha para o Estado Moderno entrou a processar-se com grande segurança.

Ocorrera uma revolução nas ideias revolucionarias. O proteico espírito de rebeldia cortou os cabelos, vestiu o macacão azul, traçou "lay outs" para si mesmo, criou um Modelo Novo e pôs-se a trabalhar com metodo e sistema.

§ 3. *A Tecnica Revolucionaria*

A existencia de grande numero de trabalhadores tecnicos e científicos nos paises do Ocidente já com a nítida compreensão do naufragio proximo, constitue a principal diferença entre os dois grandes Declínios e Quedas.

Não vemos no Declínio e Queda do Imperio Romano nada que corresponda ao que se deu entre nós. Havia em Roma grande numero de artesãos, mas destituidos de ciencia e atolados no tradicionalismo; e quasi sem contacto com estes artesãos, florescia um pequeno numero de filosofos contemplativos, cujas elocubrações foram afinal abafadas pela síntese do cristianismo. Dois mundos diferentes, o do artesão e o dos filosofos — e este a desprezar aquele. Nenhuma das duas classes teve a menor intuição das forças sociais que estavam minando a segurança do Imperio e iriam torna-lo a presa de aventureiros barbaros.

É duvidoso que em qualquer tempo a côrte imperial ou a administração romana tivesse uma clara ideia do declinio. Historiadores dos seculos 19 e 20, como Ogilvy e Freud assinalam em sua *Historia Romana* (revista por Pan Chow Liang em 2407), costumavam admitir alta inteligencia em imperadores como Julio Cesar, Augusto, Marco Aurelio e Domiciano. Representavam-n'os com planos quasi modernos. Mas não ha prova disso. Um elemento no velho mundo romano que poderia apreender as necessidades dos tempos, era a industria da construção, que se espalhara pelo Imperio. Conseguiu persistir vívida durante todo o tempo do Declinio e Queda, mas nada fez politicamente.

Nossos estudiosos ainda estão investigando quanto á preservação e continuação das artes e misteres dos construtores durante a Idade Media. Muita coisa vinda do passado se perdeu, mas houve uma real revivescencia. Os pedreiros livres da éra medieval, que construiram as esbeltas e tantas vezes lindas catedrais goticas, eram os continuadores duma tradição que realmente nunca se perdeu e vinha dos construtores das piramides. Mas tambem eles não tinham nenhuma intuição política. Ligavam-se por meio duma associação corporativa semelhante ás Uniões de Trabalho da Éra Capitalista, interferiam nos negocios locais para promover construções em que

trabalhassem, mas não ha sinal de que se hajam preocupado com a ordem e a estabilidade social do mundo como um todo. Seus horizontes ficavam abaixo desta ideia.

Os operarios especializados e os "executivos" do seculo 20 eram completamente de outro naipe, muito mais vivo. O treino de que dispunham não se baseava na tradição, era progressivo — e muito mais que o de qualquer outra classe. Estavam afeitos a constantes mudanças de objetivos, metodos e materiais; e deixaram de aceitar a vida política e financeira existente quando a viram embaraçante para as suas atividades. Simultaneamente com o surto na imprensa mundial (1932-33) da palavra "Tecnocracia", encontramos, por exemplo, o professor de engenharia Miles Walker, num meeting da British Association for the Advancement of Science, intrepidamente sugerindo o reajustamento da ordem social em bases da eficiencia engenheirística. Por toda parte, em meio ao crepusculo da ordem social, engenheiros, industriais e cientistas escreviam e prelecionavam sobre o tema. Estavam a invadir os dimínios da política. Já citamos o nome do professor Soddy como um dos primeiros cientistas que "deixaram de cuidar do seu negocio" para se meterem pela psicologia da industria e do comercio.

A principio esses tecnicos e negociantes falavam por alto. Não procuravam realizar; ainda admitiam que os políticos e financeiros fossem especialistas com perfeito conhecimento dos setores em que operavam, e, portanto, tão capazes de invenção e adaptação como eles. Em vista disso limitavam-se a clamar por ação imediata. Deixavam de perceber que as proprias condições sob as quais os banqueiros e políticos viviam incapacitava-os para uma fundamental mudança de metodos. Mas a seriação dos desastres sobrevindos mostrou que assim era, revelou a incapacidade desses homens. Forçoso se fazia, pois, que um novo tipo de dirigentes aparecesse, e novos metodos se desenvolvessem, alijadores dos velhos, já inoperantes. Numero cada vez maior de moços, abandonando todo o lealismo para com a velha administração publica, e com objetivos cada vez mais claros, puseram-se a organizar nucleos de acordo com o plano de de Windt — e a liga-los entre si.

O movimento espalhou-se com grande rapidez de fabrica em fabrica e de laboratorio em laboratorio — e pelo mundo

inteiro. Al Haran calculou que em 1960 sete oitavos dos aviadores do mundo eram "modernestadistas" e a maioria dos restantes pelo menos "simpaticos". A infecção extendia-se, larga e funda.

Onde não existia repressão, o movimento salvador evoluia ás claras. Mas houve repressão no começo. A ideia esbarrava em muitos antagonismos. O elemento militar sempre se mostrara inclinado a olhar de cima os cientistas e tecnicos. Revestidos de suas panoplias, os soldados estavam acostumados a ordenar a esses homens que operassem milagres, e eles operavam. A feição militarista era essa. E a conduta do cientista e do tecnico na Grande Guerra confirmou esse modo de ver. A Paz de Versalhes sobreveiu antes de qualquer séria desilusão. O cientista do seculo 19 era um tipo bastante lateral, e frequentemente se revelava, quando fora da sua especialidade, um pobre snob preso a todas as convenções.

"As ciencias", como Simon Azar notou, "chegam antes da Ciencia"; a visão científica das coisas foi um resultado final, não a causa primaria do conhecimento científico sistematizado. Foi uma descoberta, não um ponto de partida. A ciencia ensinava ao homem que a servia; e ao aluno, mais do que o professor sabia. Sempre houve nos arraiais da ciencia um grave conflito entre "realização" e "pesquiza" — conflito que nos seculos 19 e 20 muito se acentuou. Os homens mais velhos suspeitavam dos mais moços — desconfiavam de maior largueza de ideias e procuravam embaraça-los. Queriam vê-los a trabalhar com o tapa-olho dos especialistas. Depois da Grande Guerra, entretanto, o mundo das ciencias puras e aplicadas viu-se obrigado a pensar com mais amplitude, a "ver geral" — e a Grande Crise levou-os a pensar de rijo. Em virtude de maior aproximação com os negocios e a pratica da vida, os tecnicos mostravam-se mais adiantados que os cientistas puros — mais adiantados no aplicar os seus conhecimentos á organização social.

Mesmo durante a guerra nipo-chinesa ficou patente que os químicos, engenheiros e medicos podiam ter ideias diferentes das dos militares. Depois do fiasco da esterilização de Tokio, e ainda mais depois do fracasso da decima-segunda ofensiva de gases levada a efeito contra Wuchung, os militares niponicos começaram a admitir a possibildade de "sabotagem

de especialistas", e os inqueritos procedidos tiveram uma certa repercussão na Europa, sobre as relações entre os "cientistas militares" e os civis. Houve uma tentativa para distinguir entre tecnicos "leais" e tecnicos "subversivos". Quasi sempre o espírito inventivo estava com estes. Os "leais" sofriam de certa inferioridade. As autoridades militares viam-se num dilema, metidas entre homens que não *queriam fazer* e homens que não *podiam fazer*.

A campanha contra as ideias pacifistas e revolucionarias ganhou impulso durante a decada dos "trintas", e transformou-se em confusa perseguição na seguinte. Não deu resultados, pela sua incoerencia. As tentativas de "expurgar" os corpos docentes e os alunos das escolas tecnicas, e de reduzir á docilidade os professores, falhou, porque parecia não haver meios de distinguir o que era ciencia verdadeira do que era pensamento traidor. Equivalia a um esforço para destruir a liberdade dum lobo cerebral, deixando os outros intactos. Tinha de falhar.

§ 4. *Profetas, Pioneiros, Fanaticos e Assassinos*

A Historia, sobretudo a geral, inclina-se muito a ver massas e linhas mestras. Dizemos que "toda a Alemanha" se ressentiu de tal ou tal insulto, ou que as "esperanças do Oriente" faliram. Mas na realidade os fatos vivos da historia são mudanças de pensamento, de emoções e de reações no cerebro de centenas de milhões de vidas.

Já atrás falamos por alto do desenvolvimento de "conceitos de combinação", ou de ideologias que se dissolvem e cedem o lugar a outras, como nuvens que se formam, se fundem e desaparecem no ceu mental da humanidade. Tambem notamos o lento despertar da intuição dum possível Estado Mundial no cerebro dos homens no decurso de dois mil anos de lentissimo despertar. Mas a apresentação ficará incompleta se não voltarmos a nossa atenção para as experiencias individuais, para as tempestades mentais, para os atormentados granulos que deram forma á grande ideia.

Temos de rememorar a nossa ingenua meninice para, embora grosseiramente, concebermos o estado de espírito dos raros homens que meditaram sobre a confraternidade humana. Podemos tambem atentar na vida dum animal qualquer, cão ou cavalo, para bem apreendermos o limitado da vida humana nas primitivas civilizações. Muito pouco se diferenciava ela da vida dos animais. Havia o burgo, o rio, as plantações, os morros distantes, a igreja, amigos proximos e inimigos distantes — aí estava um completo e satisfatório todo. A responsabilidade de todas as coisas ia para as costas dos deuses; os animais tinham alma como nós, tão incompreensiveis como a nossa, e a escuridão era sempre mal assombrada. Incontaveis gerações de homens viveram, amaram, odiaram e morreram nessa moldura. Tudo se tornava mafiliar e explicavel por meio da personificação. A entrada na familia de um elemento de fóra tornava-o membro do grupo. A terra era a mãe; o sol, o glorioso pai sempre caminhando nos céus.

Constitue maravilhosa historia o estudo de como o espírito humano começou a duvidar, e observar e questionar, a entreabrir as cortinas da certeza hipotetica que tinha em redor de si. A duvida veio por uma impulsão exterior, não por um movimento interno.

A biblia hebraica, que o cristianismo nos preservou, é um precioso registro de almas inquietas em meio ás estreitas condições desses tempos anteriores á maquina, ás viagens ou á analise logica. A Bíblia nos diz como o homem saiu dum Eden de certezas e encontrou a perplexidade. Dá-nos relanços de estados mentais típicos de centenas de milhares de cerebros em luta. Os homens começaram a ver urzes e espinhos, os trabalhos e a insegurança da vida — e fizeram grandes esforços para calar o senso nascente de que nem tudo no mundo estava direito. Tiveram de dramatizar a historia, mas como meio de relacionar efeitos e causas só dispunham do truc de "personificação". Não podiam conceber uma ideia geral exceto imaginando-a como pessoa. Extranhos pensamentos os atormentavam. Pareciam exteriores a eles. Nem sequer ousavam dizer "Eu penso"; diziam "Eu ouvi uma voz" ou "A palavra do Senhor chegou até mim". Enormes esforços foram necessarios para passarem do pensamento dum Deus

tribal ao Deus Todo Poderoso. O monoteismo corresponde ao primeiro vagido do Estado Mundial no cerebro humano.

Que tremendo feito não foi, para o primeiro homem que o ousou, erguer a voz contra os velhos e contra o ídolo tribal, e dizer: "Não ha deuses, só ha Deus!" As reações dos ouvintes, todos ainda dentro da carapaça tradicional, seriam de desprezo, de divertido espanto, irritação, horror ou supersticioso medo. Vemos na historia de Maomé a sua luta contra os deuses de Meca — exemplo tardio do que inumeras vezes e em inumeros lugares sucedera antes: o homem "inspirado" pela sua nova ideia a desafiar o repouso mental envolvente.

Homens que viam a Luz e a proclamavam eram apenas uma especie do copioso genero de cerebros que trabalham de modo diferente do comum, ou com mais febril atividade. Outros eram excentricos, ou loucos varridos. Ambos diziam coisas incríveis.

O começo da historia-escrita do milenio antes de Cristo mostra uma tradição já longamente estabelecida para o tratamento dessas exceções perturbadoras. No quanto podemos devassar no fundo das idades, encontramos sempre o sossego dos grupos rompido por esses homens que viviam diferentemente dos outros, diziam coisas desconcertantes, incitavam o povo a agir de outra maneira, ameaçavam-no com a colera divina, profetizavam desgraças. A tendencia do grupo era para reverentemente afasta-los — e esquece-los. Mas para os desherdados da sorte, a gente inferior e infeliz, havia sempre interesse nas palavras e feitos desses discolos, porque eles irritavam e aterrorizavam as pessoas de cima, os que "estão bem". Esses discolos pareciam homens perversos, e muitos realmente o eram. Se se passavam além de certa conta, viam-se maltratados, lançados em prisões, espancados e mortos.

Os que do nosso ponto de vista de hoje mais nos atraem a atenção eram os que tinham algo a dizer, profundamente importante, embora impossível de provar, ou mal provado. Discípulos, ás vezes as multidões, impressionavam-se com aquele misterioso iluminismo. E quando tais videntes morriam, ficavam a indagar, "Que foi exatamente que ele disse? Que realmente queria significar?" As palavras de inspiração imediatamente se tornavam enigmas para os interpretes e tema para os pedantes. Eram parafraseadas, aplicadas, experimentadas de todas as formas possíveis e impossíveis.

Vemos hoje um traço comum em todos esses dementes, profetas, professores e perturbadores da paz mental dos grupos. A humanidade estava aprendendo a falar e usar linguas. Estava procurando pensar alguma coisa de si mesma, tentando dizer algo novo e mais ampliador de si mesma. E fazia-o de encontro a grandes resistencias. Essa aventura intelectual tinha contra si o instintivo medo ás coisas novas. Inumeros iluminados pereceram de modo horrível, flagelados, queimados, torturados até á morte. Um deles foi pregado a uma cruz, onde morreu de exgotamento algumas horas antes dos dois ladrões que o ladeavam; e deixou um feixe de tão lindas ideias para a conduta dos homens, tão incompreensivelmente místicas, tão fugidias, que se perpetuaram como estimulo moral e perplexidade intelectual de milhões de almas durante dois mil anos.

Inutilmente tentariamos hoje por-nos no estado mental desse profeta morto no suplício. Podemos medir o valor do que ele fez, sim; mas que pensaria ele estar fazendo? O segredo desses cerebros inquietos estão fechados para nós por todo o sempre.

Tais pertubadores eram menos comuns nas fases mais ativas e prosperas da vida humana; e apareciam em maior numero nos tempos de transição, e em especial quando ocorria alguma libertação de força social, ou quando tradições em conflito se chocavam. Muito proliferaram durante o instavel imperialismo romano. Por toda parte surgiam novos credos, porque os credos eram a unica forma sob a qual uma ideia nova podia passar de um cerebro a outro. De todos os lados a especie humana procurava dizer alguma coisa — descobrir a palavra magica que lhe resolvesse as perplexidades e a guiasse á paz.

Com o Renascimento e o começo da sistematização cientifica, o numero dos cerebros inquietos e perquiridores cresceu grandemente. O esforço do homem para dominar as condições da vida ia ser renovado em escala ampliadissima. Mas o perturbador do marasmo não era mais o profeta de olhar histerico; o novo perturbador não aparece dizendo que a palavra do Senhor ressoou dentro dele. Já o pensamento logico e abstrato crescera no cerebro humano, de modo a dispensar semelhantes personificações. Esses homens não denunciam os velhos deuses: analisam-n'os. E como os temos mais proximos de nós, é-nos possível imaginar o que pensavam, e

alcançar a extensão do heroismo e da tragedia desses pioneiros, desses rebeldes, desses criticos, desses revolucionarios que irrompiam contra o conformismo geral, contra a inercia do meio, de rumo a uma melhor compreensão da coisa humana.

Até hoje não foi feita a consolidação dos milhões de biografias e das toneladas e mais toneladas de outros documentos relativos á fermentação mental do mundo, do seculo 17 em diante. Se os velhos profetas estão muito longe do alcance da nossa compreensão, aos modernos podemos ver e sentir com clareza. Muitos estudos já foram feitos neste setor. Nos *Estudos sobre o Pensamento Protestante na Holanda, Renania, na Suiça e Inglaterra, do seculo 17 ao 19*, de Roger Cuddington, temos o largo panorama duma era em que a fermentação assumiu forma religiosa, devido sobretudo ao choque entre gentios e judeus. E nas *Primeiras Formas do Anarquismo e do Socialismo*, de Margrin, temos uma boa tentativa para apreender as ideias e a personalidade dos creadores da moderna crítica da propriedade. Com a ajuda de tais obras, e um pouco de sorte no oceano das biografias, podemos aproximar-nos dos processos mentais que na sua evolução crearam o mundo de hoje.

Cada uma destas historias pessoais, se fosse contada totalmente, teria de começar com uma criança que aceita o mundo, a casa paterna, os pais e o resto, como certezas e eternidades. Mas entre os que o Destino marcou para a função de "perturbadores", surge a suspeita de que o que lhes disseram não era verdade. E outra ainda mais séria: que o que deles exigiam não estava certo. E, afinal, a generalização: "As coisas podem ser melhores do que as temos". E desse modo o indivíduo infeccionado pela duvida afasta-se da trilha que todos seguem, repudia o aprisco dos conformados e vai agregar-se ao pequenino grupo dos perturbadores.

Começa a conversa-los, a anotar secretamente as opiniões que ouve. Propõe perguntas desajeitadas. Tenta breves comentarios e ironias. Poderiamos reunir centenas de milhares de casos de duvidadores deste tipo, que no seculo 18 começaram a arejar suas ideias nas pequenas oficinas da epoca, nas casas pobres, nas feiras, nas estalagens, ousando dizer alguma coisa mas nunca ousando dizer tudo e muitas vezes incapazes de sistematizar criticamente as vagas objeções que faziam.

Mas nas escuras bibliotecas desse tempo lobrigamos outros homens debruçados sobre livros, furtivamente tomando notas, enquanto os ecos da vida de lá fora chegam até ali. "O que ensinam ao povo não é verdadeiro; as coisas podem ser melhores do que são". Esses homens aventuram estranhas sugestões nas classes universitarias; apresentam teses impressionantemente heterodoxas.

A duvida infecciosa espalha-se. As autoridades constituidas farejam-na e lançam-se contra a heresia sediciosa, com a polé e o cavalete das torturas — para arrancar confissões. Quando lemos livros e panfletos dessa epoca, coisas que no meio da profusa produção apologetica apenas murmuram, tomamos a medida da cauta timidez dos tempos. Um homem podia pagar com o suor da tortura o quasi nada que dissesse num livro.

A principio punham em relevo não tanto a substancia como a forma das coisas. Nos seculos 16 encontramos grande acumulo de heresias, mas dificilmente a menor sugestão do Estado Moderno. Salvo algum erudito que se fizesse eco da *Republica* ou das *Leis* de Platão, até o seculo 17 não aparece sombra dessa ideia. O seculo 18 foi, comparado com o anterior, muito mais fecundo em pensamento revolucionario. Os homens começaram a chamar á barra da critica as ideias e as instituições fundamentais, como nunca fôra feito depois da vitoria do cristianismo. Essa inovação levava-os ao exilio; suas obras eram queimadas; estabeleciam-se censuras para o abafamento das ideias novas. Não obstante, as ideias novas se iam multiplicando. Os direitos da aristocracia e a divindade dos monarcas eram escalavrados sob uma chuva de setas interrogativas. E a forma republicana aparece como o primeiro embrião do socialismo.

No nosso esboço da Revolução Francesa e da perturbação revolucionaria do seculo 18 [*Não encontramos esta parte nos papeis de Raven. N. do E.*] tivemos de discriminar entre as forças economicas e sociais compelidoras do reajustamento politico, e a influencia das ideias novas. Verificamos quão pouco eram essas mudanças planejadas, e que pequena parte era nelas atribuida á intenção criadora ou ao processo mental. Apesar disso, a investigação critica se aperfeiçoava e se aproximava da ideia de planejamento. Não insistiremos na profunda mudança das ideias a respeito da propriedade privada, da liberdade financeira e monetaria que começou a

encontrar expressão nos movimentos socialistas e comunistas da epoca. Nossa preocupação aqui é frisar os bilhões de disputas que estavam alterando o pensamento coletivo; é evocar do passado o fantasma das vozes já mortas que prepararam o solo para a revolução — os poucos lucidos propagandistas de esquina, os oradores de meetings secretos, ao ar livre ou durante as horas de folga do trabalho; é relembrar o rumor de certos jornais que não eram jornais comuns; é relembrar os livros audaciosos que de todos os lados lutavam contra as ideias tradicionais e a instintiva inercia humana. Por toda parte o levedo do Estado Moderno agia — confusamente.

Como vimos, a nova concepção dum só estado mundial não apareceu de golpe na mente humana, já perfeito e efetivo. Não se esboçou nem linearmente senão nos dias de de Windt; antes desse tempo permanencera em estado de confusa fragmentação. Mas tinha de ser assim; tinha de começar como fragmentos que se vão ordenando num todo. Sempre houve entre os homens a disposição para aplicar as ideias novas, de formação ainda incompleta, por meio da violencia. Quanto mais sente o homem a sua insuficiencia, mais despotico se revela. Esta disposição de pôr em experiencia as novas ideias, foi a principal fonte de perturbação para a recrescente multidão dos inovadores. A autoridade constituida e os usos correntes não se chocam com as ideias em simples forma de ideias; só quando as ideias se tornam ativas e incitantes, quando procuram concretizar-se, é que o conflito sobrevem.

Assim, pelo mundo inteiro, no seculo 19, os homens tramavam contra a autoridade e ideavam ultrajes contra os usos. A luz do mundo futuro enchia-lhes o coração, mas frequentemente coada através dos veus da erronia ou contaminadas pelo odio endemico. Esses homens sonhavam de insurreições, de assaltos ao poder, de reinados do terror; e na pratica, com frequencia os seus esforços degeneravam em estupidos homicidios, ou gritaria inocua, passeatas pelas ruas, quebramento de vidraças, apedrejamento de palacios ou embaixadas, explosões de petardos durante cerimonias publicas.

Não houve antes da Revolução Francesa tanta violencia esporadica como passou a haver depois. Ocorreram uns tantos homicidios por fanatismo religioso ou racial, mas em regra o velho crime politico se associava a conspirações de carater puramente pessoal. Já os ultrajes "anarquistas" do seculi 19, conquanto grosseiros, constituiam uma forma de critica

social. Atrás da explosão dum soberano, aparece, vaga, exagerada e vesga, a esperança duma nova ordem de coisas.

Inseparavelmente ligadas a todas estas prematuras expressões do desejo de vida nova figuravam as atividades dos sistemas revolucionarios de maior extensão: prelos ocultos em porões, furtiva distribuição de boletins, reuniões secretas, a feroz disciplina das sociedades ilegais sempre apavoradas; o ir e vir dos emissarios — em regra homens de espirito estreito, mas com tudo a perder e nada a ganhar com tais atividades. Feito o desconto dos ressentimentos e amargores pessoais desses homens, temos de convir que eram apostolos de uma causa ideologica. Constituiam o indispensavel fermento para a vitoria das ideias.

Esse fermento revolucionario, em todos os seus aspectos, tinha o nome de Extrema Esquerda — e nunca aparecera no mundo coisa precisamente assim. Era composta de homens rompidos não somente com a ordem social do tempo, como ainda com as fés religiosas. Entre 1788 e 1965, centenas de milhares de homens, e milhares de mulheres, muito mais heroicos que os fanaticos do Islam, sem nenhuma esperança em vida futura ou em honra á sua memoria na terra— e sem nem sequer ideias nitidas sobre a Nova Ordem pela qual morriam — enfrentaram, de cabeça erguida, os pelotões de fusilamento ou o carrasco. Em milhares de casos, sofreram exilio, prisões, ostracismos, espancamentos, humilhações de toda sorte e a mais dura pobreza, por amor á vaga luzinha entrevista na ideia da libertação humana.

Nem sequer se beneficiavam com o consolo da unanimidade. Estavam todos convencidos de que sobreviria uma éra melhor para o mundo, mas não possuiam o conhecimento necessario, nem podiam informar-se em franca e livre discussão, sobre a exequibilidade de suas ideias. Formulavam-nas grosseiramente; enveredavam por uma senda e subitamente paravam; suspeitavam de todos os outros caminhos conducentes ao mesmo fim; disputavam entre si interminavelmente, amargamente, facinorosamente. Acabavam quasi todos envenenados pelo odio. Muitas vezes acontecia que dois homens, cada qual com meia razão, matavam-se mutuamente — quando o que havia a fazer era reunir as duas metades para formar uma razão inteira.

Da Silva denominou "revolucionarios da meia luz" a todos os que se exhauriram em esforços dessa ordem entre

1788 e 1948. Seus estudos sobre as ideias novas que empolgaram esses homens depois do estabelecimento dos soviets russos constituem um brilhante trabalho de elucidação e simplificação. E' a historia dum crepusculo que termina com a aurora. Nos começos do seculo 20 o homem da rua livremente discutia ideias, possibilidades, modos de ação que ninguem teria ousado sussurrar, ou talvez nem sequer pensar, dois seculos antes. Mas ignorava o nome dos pioneiros, fanaticos ou desesperados que com o seu martirio lhe conquistaram aquela liberdade.

A natureza do conflito começou a mudar. Em 1940 todos já o sentiam. Onde havia pioneiros encontravam-se agora investigadores e inspetores sistematicos; a humanidade ainda produzia tipos devotados ao sacrificio, mas a meia luz já se fizera luz plena, e analise e planos profundos como os de de Windt iam tornando a mutua compreensão e a cooperação possiveis — coisa absurda no seculo 19. Nesse tempo a revolução era coisa suspeita, proibida, negra, criminosa, desesperada e histerica. No seculo 20 tornou-se candida e simpatica. A diferença era essencialmente intelectual: depois dum longo periodo de tempestuosos debates, a ideia revolucionaria cristalizou-se em clareza — e o sol do Estado Moderno pôde levantar-se.

A Revolução ainda pedia martires, mas de martirio já diferente. Os revolucionarios de antes da Grande Guerra tinham vida furtiva, noturna, sempre num cenario de ruas desertas, porões, carceres, suspeitas e traições. Os revolucionarios do Estado Moderno operavam á plena luz do dia. Inverteram-se os papeis. A Reação, o Conservantismo é que passa a esconder-se e a conspirar, e assassina e infringe a legalidade. O propagandista do Estado Moderno torna-se cada vez menos semelhante a um revoltado de raça perseguida; lembra, sim, um missionario em terra de selvagens, mal armado ou inerme, aparentemente fraco, mas com o incalculavel prestigio de quem está com o dia de amanhã.

O obituario dos rebeldes mostra cada vez menos execuções e cada vez mais mortes violentas em conflitos publicos. A maioria dos que morreram pela ideia cairam vitimas das multidões ou em luta leal e franca. A ideia do Estado Moderno foi se tornando tão imperiosa que as batalhas deixaram de ser a favor ou contra; tornaram-se, antes, malentendidos de apostolos impacientes em excesso pela rapida aurora do

grande dia. Em muitos conflitos o historiador permanece indeciso sobre qual dos dois lados realmente se bateu pelo Estado Moderno.

As analises de de Windt fizeram ao mundo a imensa caridade de tornar a ideia nova compreensivel. Os homens de espirito creador, embora endurecidos contra a mentira e a felonia, mostravam-se cada vez menos desejosos de combater o adversario pueril ou o fanatico honesto com formulas bem intencionadas, mas tediosas. Diziam eles: "Contra certas incompreensões e obsessões, mandamos nossos homens", e lançavam-se á tarefa da conversão sem atender a riscos ou perdas. Exatamente como fez outrora o Fascismo contra a Mafia da Sicilia, que foi destruida, parte por anexação dos seus elementos, parte por conversão; ou como fez o Nazismo com o partido comunista. O Estado Moderno assimilou grande numero de instituições democraticas já sem função, fez todos os esforços para captar a imaginação dos seus aderentes e sempre que pôde mostrou a mais inescrupulosa intrepidez em apossar-se da sua direção. O movimento do Estado Moderno diferia dos velhos movimentos revolucionarios pela força assimiladora, consequencia da clareza dos objetivos acenados aos homens.

Essa diferença faz-nos recordar a que existe entre os velhos alquimistas e o moderno quimico; o primeiro, sempre perseguido por demonios, duendes, espiritos, obsessões cabalisticas, terrivelmente a sós consigo mesmo, tremulo de terror religioso, sempre com a inquisição á porta, perpetuamente decepcionado em suas experiencias de grandes coisas, mas cheio dum casual conhecimento de venenos e planos perversos; o segundo, com o cerebro esclarecido por seculos de analise e simplificação, reconfortado pela historia dos continuos triunfos da ciencia, estoicamente alheio á má interpretação do povo e por igual seguro de si e do universo.

§ 5. *A Primeira Conferencia de Basra*

A conferencia dos trabalhadores cientificos e tecnicos reunida em Basra, em 1965, é vista pelos historiadores como o momento cardeal no surto do Estado Moderno. Foi organizada por aquela União dos Transportes, que havia começado

como pequena associação de aviadores e armadores, formada com fins de auxilio mutuo e proteção reciproca. As ideias formuladas nessa conferencia foram por algum tempo ganhando força e clareza, e pela primeira vez apareceu um plano definido de recomposição do mundo. E como ao lado desse plano fôra estabelecida a forma de executa-lo, Basra marcou a transição do pensamento para a ação, nos negocios gerais do planeta.

A ideia de usar o transporte aereo como a força aglomerante e diretora duma nova sintese da civilização não era muito nova. Tinha surgido trinta anos atrás, pelo menos. O romance de Michael Arlen, *Mortalidade do Homem*, aparecido em 1933, constitue uma curiosa fantasia em que o mundo é dominado por um sindicato de transporte aereo. Perfeitamente legivel ainda hoje, mas revelador da limitada imaginativa daqueles tempos. A fé do autor na possibilidade das invenções é infinita; as velocidades aereas e as lutas no ceu aparecem no romance em escala que consideramos absurda; por outro lado a inflação da Bolsa na epoca em que se passa a historia é prefigurada como o seria no tempo do autor; os ditadores do ar especulam deshonestamente em titulos e por fim arrebentam-se financeiramente — e caem do ceu como bolides. Assemelham-se mais aos politicos e "homens misteriosos" do passado do que a senhores do Ar. Num mundo futuro de incriveis metais novos e de velocidades incriveis, as Bolsas se conservam como eram dantes! E existiam grandes potencias! E as mesmas politicas externas! Nada ilustra melhor a incapacidade daquela epoca em entrever as mudanças economicas e politicas que se processavam sob seus olhos. Por não sei que misteriosa razão, o progresso mental e moral do homem parecia-lhes impossivel.

Uma interessante publicação londrina da mesma epoca, *Essencial News*, foi recentemente reimpressa no *Student's Reprint Series*. Seu 4.º numero (4.2.1933) contem um sumario do pensamento contemporaneo a respeito do Controle Mundial do Ar. E dá um plano completo para o controle "Internacional" dos aviadores, traçado por um grupo de franceses, por sugestão de M. Henry Jouvenal. Propõe-se aí a creação da *Union Aéronautique Internationale* — uma companhia cosmopolita de transporte aereo. Ligada a essa companhia, e controlada pela pobre Liga das Nações, uma "Força Aerea para Mutua Assistencia" viria policiar os ceus. A proposta

era impraticavel e utopica no regime dos estados soberanos. Só trinta anos mais tarde, depois do suicidio das potencias soberanas da Europa, é que os tecnicos reunidos em Basra puderam reviver a ideia.

Essa primeira conferencia de Basra distinguia-se de todas as anteriores pela universalidade e pelos projetos de ação unificadora que foram votados — projetos que correspondiam ao lançamento do Estado Moderno. Compareceram á reunião consideraveis contigentes de americanos, chineses e japoneses, e representantes de todos os paises da Europa; os tecnicos russos mostraram-se unidos como nunca, e insubmissos aos representantes politicos que deviam controla-los. A Nova Zelandia tambem reapareceu no cenario mundial. E até a Islandia, que ficara sem nenhuma ligação com o mundo por cinco anos, mandou dois delegados, professores de psicologia. Quem comparasse a agenda dessa assembleia com a das anteriores perceberia imediatamente o enorme avanço da humanidade rumo ao corajoso pensamento tecnico-cientifico.

Congresso de moços; Amen Rhani avaliou em 33 anos a media das idades. Cinco ou seis mulheres figuravam na seção social e educativa. Coisa de muita significação foi o uso geral da *lingua franca* dos aviadores, o Inglês Basico. Os proprios ingleses ali presentes esforçavam-se por manter seus discursos dentro dos limites desse engenhoso idioma.

O assunto principal era ainda o Transporte. A reunião fôra promovida por um gremio de comercio, a União dos Transportes, mas já sob a inspiração do Estado Moderno, de modo que tecnicos de todas as especialidades, medicina, educação, agricultura, etc., afluiram numerosos. Houve muita discussão sobre a conserva das estradas mundiais e os problemas administrativos daí decorrentes. Nada nos dá melhor a sensação de "baldio" em que se achava o mundo inteiro, do que a ousadia com que esse Controle tomou conta de tudo e dirigiu suas atividades para novos campos. Foi decidido, por exemplo, que todos os aerodromos, marcos, luzes de sinais, ficassem sob a sua imediata administração. Ninguem falou em comprar. Apossamento puro e simples. Cada avião existente no mundo seria registrado, traria um numero, respeitaria a tabela geral das tarifas e pagaria uma taxa ao Controle. Os que a isso se opusessem recebiam o tratamento de piratas — não podiam usar os aerodromos e as estações de abasteci-

mento — eram expulsos do ar. E se preciso fosse, expulsos pela "policia aerea" em via de organização. As zonas que acolhessem tais recalcitrantes seriam boicotadas.

Todas essas propostas não passaram sem oposição. Mas houve muito pouco debate sobre o que, de acordo com os velhos pontos de vista, constituia uma ilegal usurpação de autoridade. Os delegados politicos da Russia chefiavam a resistencia, e mais alguma oposição que apareceu não vinha dos aviadores, nem engenheiros, quimicos, biologos e outros cientistas, sim de economistas e sociologos dos grupos menos avançados. A principal objeção era esta: "Que irão os governos dizer disto?" Os delegados ocidentais e chineses não se preocupavam com a intervenção politica. "Eles que se manifestem", diziam. A Russia e o Japão Sovieticos, entretanto, andavam por esse tempo mais politiqueiros do que o resto do mundo, ou pelo menos tinham na conferencia tantos politicos quantos cientistas e tecnicos. Um longo discurso foi pronunciado pelo comissario Valdimir Peskoff, prenhe de ameaças. Peskoff denunciou o projetado Controle Aereo como insidiosa tentativa para restaurar o velho capitalismo. A psicologia desse Controle, dizia ele, tinha fatalmente de ser capitalista, e portanto Moscou jamais consentiria na passagem dos aviões do Controle sobre o seu territorio, nem permitiria a exploração dos recursos naturais e minerais da Russia por uma organização de fora.

— "E como irá Moscou impedir isso"? perguntou Ivan Englehart, um russo aviador e construtor de aviões, levantando-se assim que Peskoff sentou-se. "E' então um nacionalismo desta especie o que a Terceira Internacional tem em mira"?

A resposta de Peskoff foi lançar-lhe na cara em lingua russa: "Lá em Moscou nos encontraremos".

— "Não esperará muito tempo", disse Englehart. "Sou um cidadão do mundo e voltarei á Russia no momento proprio e á minha moda".

— "Traição! Espere, que Moscou saberá disso.

— "Quando"?

— "Muito breve".

Englehart estava de pé a poucos passos de Peskoff. Sorriu com cepticismo, meneando a cabeça. E falou suavemente, como um homem que de longa data se vinha preparando para aquele desfecho.

— "Você voou até aqui, meu caro Peskoff, em aparelho da minha esquadrilha. Como espera voltar"?

Peskoff pôs-se de pé, mas percebendo o ambiente geral de antipatia á sua atitude, sentou-se de novo sem nada dizer.

Englehart manteve-se calado por uns instantes e depois continuou, muito calmo, escolhendo as palavras e assegurando a adesão dos tecnicos russos a todas as propostas sobre o Controle. "Esse fantasma proletariano esvaece como todos os imperios e reinos ao tipo antigo", disse ele aos delegados da politica russa. "Estamos aqui a dar forma á nova ordem mundial que já nasceu".

Esse incidente foi a nota de toque para os debates do dia.

O estabelecimento do Controle constituiu a espinha dorsal dos trabalhos da conferencia e por sua vez não passava da espinha dorsal dum plano abrangendo a futura organização da sociedade humana; a ele viriam articular-se todas as mais peças da estrutura ossea. A seção central dirigiria não só a rede aerea como todos os mais tipos de comunicações. Farois, luzes de navios, boias maritimas, canais e portos — tudo havia passado por uma decada de economia desorganizadora, por outra decada de destruição guerreira e finalmente por uma terceira decada de caos. Os serviços meteorologicos já não funcionavam. Impunha-se a restauração de tudo. O abandono definitivo das estradas de ferro nem mereceu debate. E a restauração das industrias essenciais foi resolvida como inevitavel consequencia do primeiro passo.

Quanto mais o leitor medita sobre a agenda, mais se impressiona com a modestia do titulo oficial da reunião: "Conferencia sobre as Comunicações Mercantis e Fatos Conexos". E' claro que os homens ali reunidos desejavam precipitar a tarefa da reorganização do mundo sem provocar a obstrução ou a interferencia das fracas e moribundas organizações politicas existentes. Mas a linguagem adotada na redação dos projetos era a mais intrepida. Um comité pericial havia preparado um excelente relatorio sobre os recursos naturais do planeta, inclusive os da já desconfiada Russia; e a conferencia, sem hesitar, entrou no estudo da retomada da produção suspensa, sem o menor respeito ás alegações de posse ou dominio deste ou daquele. Não foram discutidos esses direitos, foram ignorados. O Controle do Ar e Mar evi-

dentemente queria tomar posse não só dos portos abandonados, dos aerodromos, das minas de hulha, dos poços de petroleo. das usinas de força, como tambem de todos os nucleos de produção que ainda mostravam sinais de vida — e isso por bem ou por mal. A confiança que tinha o Controle na solidariedade laborista do mundo inteiro era absoluta. Uma solidariedade dessa ordem seria inconcebivel trinta anos antes, mas as preocupações financeiras já haviam desaparecido completamente do cerebro da nova geração de operarios. Todos só queriam que a "maquina rodasse". Preocupação de enriquecimento pessoal não existia, diante da generalizada ideia de que ou a classe operaria trabalhava unida e dominaria o mundo — ou zero.

E assim, com um modesto ar de necessidade logica, de antes estar sendo arrastada do que a arrastar, a Conferencia extendeu os seus planos muito além da simples organização dos transportes mundiais.

Que é que esse transporte iria transportar? Como seria alimentado — e pago? Em torno aos aero-portos viam-se os campos remergulhados numa agricultura tão primordial como a dos homens primitivos. O problema da exproprição das terras e da modernização das culturas foi retomado em Basra no ponto em que Lenine e Stalin o haviam deixado. A Conferencia não ignorava que num mesmo planeta, numa mesma epoca, era impossivel haver aviadores no ceu e rudimentares camponios na terra — pobres camponios escravizados ao trabalho ininterrupto e perpetuamente esmagados pelas dividas. Um ou outro tinha de desaparecer — e o objetivo principal da conferencia era dar a vitoria aos aviadores. O desaparecimento da velharia agricola, pois, não passava de mera consequencia do triunfo do ar. E não só da velharia agricola, como de todas as outras.

Quanto ás suas ideias sobre as relações entre os homens entre si e o mundo, eram os tecnicos de Basra o que o seculo 19 chamava socialistas. E tão fundamentalmente socialistas que nem sequer pronunciavam essa palavra. Com a maxima precisão sentiam que o Controle nascente era um polipo de ilimitada expansão, destinado a agir como dono e gestor de todos os aviões, burgos industriais, usinas, minas e culturas cabiveis dentro do Plano. Parecia-lhes tão absurdo que um novo Ford, ou um novo Rockefeller, pudesse ter uma fa-

brica ou mina só sua, como impossivel que alguem pudesse roubar-lhes o oceano e o ceu. Tudo existiria para o bem de todos — fabricas e terras.

Temos de recordar que aqueles homens eram do tipo dos que vencem salarios. Nasceram e cresceram no ambiente em que o dinheiro é coisa secundaria. Desde o começo da éra mecanica, os homens de ciencia, os peritos tecnicos, os inventores e descobridores, os diretores, organizadores e capatazes, tinham vivido sob o regime do salario. Poucos haviam enriquecido — eram as exceções. Antes da Grande Guerra esses homens aceitavam os tipos aquisitivos, os jogadores e especuladores, os poderosos ricos donos de tudo, como males necessarios. Agora, porém, consideravam-n'os um mal desnecessario e, sem o menor espirito de vindita ou animosidade, planejavam extingui-los de modo que nunca mais voltassem. A Conferencia de Basra considerava esse retorno tão impossivel como o dos Reis e das Divindades.

Mas os delegados tinham de considerar — e aqui os americanos se mostraram muito ativos — como a riqueza do mundo a ser restaurado seria distribuida entre os consumidores, e como a organização mundial se harmonizaria com a liberdade pessoal, sobretudo a artistica e literaria. O estudo da materia coube á Seção dos Salarios, Encargos e Suprimentos.

Parece ter havido o mais perfeito acordo em que o unico meio de combinar serviço com liberdade pessoal era o uso do dinheiro. Sem dinheiro ha necessariamente um arbitrio do consumo e ditadura contra o operario. Mas com o uso do dinheiro atendia-se ao direito do operario como operario e dos cidadãos como acionistas da comunidade, sobre os bens, prazeres, facilidades e liberdades da vida. O homem toma o seu dinheiro e compra isto ou aquilo, ou vai para aqui ou ali, ou faz como quer. Mas havia perigos nesta invenção; por duas vezes na historia o dinheiro fracassou e a ordem social nele baseada desintegrou-se. Mas da ultima vez, pensavam os tecnicos de Basra, a humanidade aprendera a sua lição, e um novo dinheiro tinha de ser creado — um dinheiro á prova de loucos, á prova de ladrões, á prova de todos os patifes financeiros. O estudo da materia coube á Seção dos Salarios.

O problema viu-se transportado para regiões nunca sonhadas. Nas decadas anteriores muito se debatera a questão do dinheiro. Os homens percebiam os seus perigos e entre-

garam-se ao estudo dos meios de prevenir o acumulo de enormes somas em poucas mãos, e as manipulações do credito, e o empobrecimento dos trabalhadores, e a estrangulação financeira das industrias — causas do naufragio da segunda civilização monetaria havida no mundo. Gradualmente cristalizou-se a convicção de que não poderia haver uma Teoria do Dinheiro que de fato não fosse uma teoria para a completa organização social.

A interdependencia da teoria monetaria com a teoria da propriedade e da estrutura social — tão pouco suspeitada outrora — estava afinal universalmente admitida. Entre os delegados havia um bom contingente de legistas moços, que limparam a ideia de propriedade de todo o pó acumulado pelos seculos. Já nos referimos á surpresa de Nicholson diante da nova escola de leis que fôra encontrar na America. Os produtos dessa escola eram todos "extremo-esquerdistas", como tambem os professores daquela Escola Economica que floresceu Londres até o ano do desmoronamento — 1968. Esses novos homens da lei, com bons alicerces cientificos na cabeça, divergiam em absoluto dos seus predecessores — daqueles obstinados, manhosos e terriveis pecadores, com tão grandes responsabilidades na estrangulação dos Estados Unidos e na frustração das belas esperanças dos pioneiros. Os novos legistas já não baseavam tudo na ideia de que a função da lei era proteger a propriedade privada, cobrar dividas e manter uma falsa aparencia de equidade entre os homens. Sabiam que justiça sem igualdade de condições e de oportunidades não passa de impostura, e já baseavam as suas ideias na concepção da lei como um sistema regulador da rede de relações entre a republica, ou a coisa publica, e os individuos e corporações a ela subordinados. Mostravam, portanto, o maior desprezo pelas reivindicações, contratos, regras e precedentes que tanto embaraçaram a expansão do bem estar humano. Dentre os varios tipos de cerebros vindos a Basra eram estes jovens legistas os mais notaveis, sendo digno de nota o intimo contacto que mantinham com os novos economistas e os novos psicologistas.

Foi sobretudo a eles que devemos a Declaração de Basra, isto é, a afirmação de que na comunidade moderna não ha propriedade individual, mas sim posse pessoal e dinheiro. Isto foi apresentado como coisa obvia, fora de qualquer discussão. Casas e terras tinham dali por diante de ser possuidas

por arrendamentos não muito longos, no maximo por uma vida. Todas as mais coisas tangiveis pertenciam inalienavelmente á republica do mundo; as creaturas humanas eram apenas acionistas dessa republica, usufrutuarias dos bens. E foram ainda esses jovens legistas que fizeram a maior parte do trabalho de desemaranhamento e simplificação de tudo, que reduziram o dinheiro á sua função atual, de cheque para pagamento de coisas consumiveis, serviços ou salarios. O mundo teria de renascer liberto da usura e da especulação monetaria.

Os sistemas monetarios do mundo andavam nesse tempo em tão completo caos que não podiam oferecer resistencia á entrada das novas ideias. Cada país tinha o seu sistema, muitas vezes arbitrario e primitivo — discos metalicos e notas. Mas o renascimento dos transportes começou a dar prestigio ao que era chamado "dolar-aereo". Não se tratava dum disco metalico, sim de vales-papel representando distancias, pesos, volumes e velocidade. Cada nota era valida para tantos quilos em tanto de volume, distancia e velocidade. O valor de um dolar-aereo fôra fixado como o equivalente dum metro cubico de qualquer coisa pesando dez quilos e viajando 200 quilometros com a velocidade de 100 quilometros por hora.

Isto já era uma unidade de energia, não mais uma unidade de materia, como nos velhos sistemas de outrora. E mostrava de modo definitivo que as velhas concepções estaticas da vida humana, tão estreitas, iam cedendo caminho ás ideias cineticas da vida em constante expansão. O dolar-aereo representava uma unidade de energia em termos de transporte, e a sua transformação no dolar-energia da nossa vida corrente já fôra estudada pelos peritos da Conferencia, embora o cambio só se tornasse corrente dez anos depois.

Constituia intenção do Controle tomar posse e explorar todos os recursos em energia do mundo, para que todas as creaturas neles tivessem a sua quota; e ainda que a ameaça de Peskoff viesse a materializar-se, e a Russia Sovietica, ou qualquer outro "grupo dono", conseguisse manter-se no dominio das riquezas existentes em seus territorios, o novo dolar funcionaria como um bom meio de permuta entre as administrações competidoras.

O planejamento duma nova politica economica, industrial e monetaria geral ainda não dá a medida plena do que foi a Primeira Conferencia de Basra. Os homens ali reuni-

dos tambem estudaram um vigoroso plano educacional, em que muito se distinguiram os representantes especializados em psicologia social. Plano que não só coordenava os colegios, as escolas tecnicas e universidades ainda existentes, como ainda restaurava as extintas e impunha a propaganda da ideia do Estado Moderno como o nucleo central da educação. A Seção de Treino e Publicidade foi incumbida de articular o projeto. Desse modo, para onde quer que a influencia do Controle do Ar e Mar se extendesse, consigo levaria a escola nova. Os professores congregados em Basra já viam diante de si, bem nitida, a nova ordem social em que vivemos hoje. Sabiam o que estavam fazendo. Voltaram para suas casas firmemente deliberados a se lançarem na terrivel aventura, mas animados, exaltados pelas grandes perspectivas entrevistas.

Quando a Conferencia se dissolveu, duas novas realidades apareceram no mundo, mas tão modestas que só muito lentamente a humanidade lhes compreendeu a significação. Uma foi o Conselho Central, tambem conhecido como Controle do Ar e Mar, aparelho que consolidava a União dos Transportes, ligando-a a todas as mais seções e com sede em Basra. Outra foi a policia do Ar e Mar, a principio uma modesta organização de 3000 aviões, alguns hidroplanos, um cento de navios-patrulhadores e uma força duns 25 mil homens. Bem pequena, se a cotejarmos com os imensos exercitos de outrora, mas naquele periodo excedia a qualquer outra força armada existente no mundo.

§ 6. *A Resistencia ao Controle do Ar e Mar*

Por dez anos o Controle do Ar e Mar pôde extender as suas atividades e influencia sem nenhum conflito serio. O atrito entre os delegados russos na Conferencia não foi por diante. A Russia estava, afinal, adquirindo sabedoria, e abandonando a resolução de subordinar o homem cientifico ao seu rival demagogico. Sofrera muito com os calculos errados e a convulsiva direção dos chefes de partido; e mecanicamente estava ainda tão mal equipada que a velha e já cansada ditadura se arreceou de nova divergencia com os seus aviadores e tecnicos associados. Devemos aqui notar que, a despeito da espionagem, o credo dos aviadores, engenheiros e cientistas

russos já se inclinava mais para o Estado Moderno do que para a Ditadura do Proletariado. E os dirigentes começavam a perceber a significação disso.

Desse modo o Controle do Ar e Mar, sustentado por uma multidão de nucleos do tipo ideado por de Windt, extendeu-se pelo mundo, como sucedera outrora ás celulas bolchevistas apoiadas por Moscou. A muita gente escapava a natureza revolucionaria do Controle, o que lhe permitiu rapido desenvolvimento. Mas como diz o proverbio estoniano, "só depois que a gente nasce é que as inquietações começam".

O ressurto da prosperidade humana nessa decada de 1965 a 1975 foi muito rapido — e operou-se em conjunto com a expansão dos transportes. Em 1970 a União mantinha serviços exigidores de 25 mil aviões permanentemente no ar; havia se apossado dos estaleiros do Tyne, em Belfast, de Hamburgo e outros portos, e neles construia dezenas de navios cargueiros; creava um novo sistema de estradas de rodagem, com aproveitamento do leito das antigas estradas de ferro; erguia usinas eletricas junto ás quedas d'agua, acabando assim com a exploração manual da hulha, e fomentava a extração do petroleo. Ao lado do Controle nascera um organismo subsidiario, o Controle do Suprimento, que estava a crescer mais que o pai. Era a seção que tinha a seu cargo a metalurgia, a borracha, o algodão, a lã e os produtos vegetais; e tambem a produção em massa de peças de vestuario, calçado, chapeus, material eletrico, maquinismos e grande variedade de produtos quimicos.

Articulado ao Controle dos Suprimentos funcionava o Controle dos Alimentos, que começou como simples organização abastecedora dos serviços de transportes; desenvolveu-se e estava a animar o comercio do mundo. Com todas as ramificações, esses tres serviços, ocupavam em 1970 dois milhões de homens, com os salarios pagos em dolares modernos — o dolar-energia valido para o pagamento do transporte, da casa e dos generos fornecidos pelos Controles.

As propriedades de todos esses Controles eram invertidas na Sociedade Estatal Moderna, composta a esse tempo de um quarto de milhão de "companheiros"; todos os seus membros possuiam um certo grau de eficiencia tecnica e recebiam salarios variantes até 200 por cento acima ou abaixo do padrão medio, conforme os serviços prestados. Cerca dum quarto dos outros empregados eram aprendizes ou aspirantes á situação

de "companheiros" — de modo que este grupo aumentava sempre. Os Companheiros dividiam-se conforme a especialidade tecnica; decidiam sobre as materias locais e tinham voto no Conselho da Sociedade, cuja sede foi fixada em Basra. A relação entre a Sociedade e o Controle lembrava a entre o Partido Comunista e o governo de Moscou, nos primeiros tempos dos soviets; atividades colaterais.

Foi a Sociedade Estatal que orientou as atividades educativas do Movimento Pró Estado Moderno. Onde quer que encontrasse nucleos ou empregados do Controle, organizava logo uma escola de novo tipo, muito atenta a desenvolver a mentalidade nova; tambem fundava escolas tecnicas onde havia fabricas — escolas dotadas de cursos de medicina, administração e psicologia de grupos. Aos poucos uma seção especial de Treino e Educação se desenvolveu, orientada pelo Controle do Ar e Mar, tornando-se mais tarde o Controle Educacional. Teremos ideia total do sistema se imaginarmos um enorme polvo, em que o Controle do Ar e Mar era a cabeça e os outros Controles eram os tentaculos. A administração central do polvo tinha séde em Basra. Novos serviços se foram creando. Em 1970 já os bureaus meteorologicos excediam a tudo quanto houvera antigamente.

Esta restauração das comunicações começou a produzir efeitos muito acima dos esperados. A vasante da vitalidade humana, depois de alcançar o fundo, estava a retroceder; por toda parte o mundo ressurgia; os homens mostravam-se ansiosos por fazer coisas; cidades e campos fervilhavam. Era a vitoria do Estado Moderno — e com a aproximação do triunfo as resistencias começaram a organizar-se.

Fôra comparativamente facil estabelecer num mundo derruido pela bancarrota o novo sistema de comunicações. Esse mundo já em excesso exhaurido pela guerra, pela fome e pela peste, e muito pauperizado, não suportaria o advento de extensas e agressivas organizações politicas. O problema era outro — era, juntamente com a multiplicação dos nucleos e das escolas novas, controlar e assimilar as populações que, já ressurgidas do abatimento, se mostravam cheias de impetos e desejos.

Vejamos qual era a situação em 1975. O Controle dos Transportes usurpara o monopolio do ar e do mar e tambem estava monopolizando o uso das novas estradas de rodagem.

Isto praticamente punha-lhe nas mãos o comercio dos generos basicos no mundo inteiro. E todo o saldo em produtos era invertido no fortalecimento do sistema. Em 1975 a Sociedade Estatal contava já com um milhão de companheiros, treinava dois milhões de candidatos, dava emprego a mais tres milhões e tinha em suas escolas de sete a oito milhões de alunos. Esses alunos não aprendiam apenas ciencias naturais e biologicas, mas tambem historia, de modo a terem sempre em mente o mundo como um todo. A lingua usada era a mais simples — o Inglês Basico. Em dez anos o Controle dos Transportes cresceu em escala maior que a de qualquer dos grandes trusts antigos. Creara uma sadia moeda mundial. Mas ainda estava longe de "possuir a terra". Os produtos que manipulava não excediam a um oitavo da produção geral. E em materia de produção propria só cuidava de metalurgia, combustiveis e maquinas. Ainda adquiria alimentos, madeira, borracha, oleos vegetais, etc. Centenas de milhões de creaturas estavam fora do sistema, ou adquiriam dele uns tantos artigos manufaturados em massa. Outras centenas de milhões de homens desenvolviam rapidamente, ou faziam renascer, uma produção colateral á do Controle.

As principais dificuldades que o movimento do Estado Moderno encontrou decorreram da rapidez dos triunfos iniciais. O sistema fizera brotar no globo um volume de prosperidade muito acima da sua imediata capacidade de assimilação. Propagandistas e professores, conselheiros tecnicos e bons gerentes, não se improvisam do dia para a noite. A escassez de elementos de confiança e capazes, perfeitamente integrados na ideia central, já fôra notada em 1970. Em 1972 ouviu-se falar em "exame de qualificações" e novas regras foram estabelecidas para a eliminação dos Companheiros ineptos. O estado maior dos controladores tinha de aumentar-se continuamente, e os elementos humanos necessarios para o aumento não surgiam com a urgencia reclamada pelos serviços.

"Queremos servir", disse em 1973, num discurso, Fedor Galland, que já se tornara um espirito de destaque no Conselho Mundial; "não nos deixemos cair em facciosidade: não nos dividamos em grupos. Nada de disputas; nada de inutilizar-nos uns aos outros. A obra ainda está em começo. Não esqueçamos a estrangulação da Russia por Stalin. Lembre-

mo-nos do que disse de Windt sobre o espirito de oposição. A luta pelo Estado Moderno está apenas começada".

Temos aqui sinal de que tensões já principiavam a surgir dentro da estrutura do novel Estado Moderno.

Mae se o movimento ainda não conseguira unanimidade interna, isso se compensava pelo fato de não haver fora nenhum organismo competidor que pudesse congregar os dissidentes. O velho sistema bancario internacional já se fôra, e a nova ordem emitia o seu dinheiro na mais completa liberdade financeira. Os antigos interesses armamentistas estavam mortos e enterrados. A velha imprensa nacionalista não deixara nem memoria — e parece-nos extraordinaria a rapidez com que foi eliminada essa forma de expressão do pensamento coletivo. Um exemplar de qualquer folha antiga tornara-se objeto raro, dos que se conservam em museus. O Conselho Central controlava o suprimento do papel, bem como os telegrafos, os serviços telefonicos e radiofonicos.

As resistencias e antagonismos que a nova ordem teria de enfrentar dentro e fora eram poderosos, mas divididos; nunca se coligaram, de modo que nunca puderam fazer grande mal. Muito lutou o movimento, embora jamais caisse em pura defensiva; e como dominava o comercio, o dinheiro e a maquina educativa cada vez mais forte, o tempo estava do seu lado. "Se não hoje, amanhã", dizia Arden Essenden. "Mas, melhor hoje", respondia Fedor Galland.

A rapidez com que o Controle do Transporte de 1965 se expandiu no polvo do Estado Moderno de 1975, põe em relevo outro grupo de dificuldades, alem da inicial, ou a falta de elementos humanos para atender ao crescimento do organismo. Esse grupo de dificuldades procedia da circunstancia de que tudo que vinha da ordem velha não tivera tempo de morrer — os velhos habitos, as velhas ideias, os velhos sistemas. Esse mundo caquetico, enfraquecido e cego em consequencia de seus proprios erros, vacilara e desabara na decadas dos "trintas" e "quarentas" e ficara em estado comatoso até que começasse a luzir o primeiro albor da vida nova. Mas no cerebro de todos os homens de mais de quarenta anos, e na maioria dos mais moços, a ordem velha ainda sobrevivia. O impeto da vitalidade humana na decada dos "setentas" não era apenas um renascimento, sim tambem uma restauração. As coisas velhas ressurgiam e procuravam seus lugares, ainda mal ocupados pelas coisas novas.

Vejamos que formas assumiu esta oposição e quais as mais fortes sobrevivencias do velho "sistema de negocios", ainda ativo em 1975. A principal tarefa do Controle consistia em fermentar o mundo com o levedo novo. Milhões e milhões de seres humanos tinham de ser permeados do espirito do Estado Moderno, arrancados da inercia cristalizada através de milhares de gerações. Morowitz calcula que em 1976 cerca de 60 % da humanidade vivia diretamente do cultivo do solo, e que na zona temperada dois terços dessa massa agricola só produziam para o consumo proprio, sem sobras para a permuta. E acha que isso veio como recidiva do estado dos negocios de 1910-1920. A emancipação do camponês se processara por mais de um seculo. A produção em larga escala, em virtude do emprego das maquinas, aumentara muito o rendimento per capita — e os braços substituidos pela maquina fluiam para a industria ou caiam no desemprego. Mas esse processo sofreu total reversão depois de 1940. A partir dessa epoca a corrida foi rumo aos campos, para uma vida bem miseravel, mas a unica possivel.

A abolição dessa massa de camponeses que se bastavam a si proprios fôra o objetivo da politica de Lenine e Stalin na Russia. O agricultor, com as crescentes facilidades novas, passara a produzir cereais em escala muito acima das suas necessidades, e a receber em troca dos excessos uma quantidade cada vez maior de artigos e amenidades. Milhões de agricultores estavam em 1910 lavrando a terra exclusivamente para o mercado; produziam algodão, canhamo, borracha e quanta coisa mais, e se viam tão dependentes das casas de negocio como qualquer creatura da cidade. O desabamento da ordem velha mudou tudo. Diz Morowitz que na Decada Faminta (1950-1960) toda gente "catava comida nos seus proprios remendos". O padrão de vida pelo mundo afora descambou no produzir para comer. Só depois dos estimulos do Controle do Transporte é que os cultivadores do solo começaram a recobrar a confiança e a coragem afim de produzir e criar para o mercado.

A ambição da Sociedade Estatal Moderna era assenhorear-se de todas as terras do planeta e cultiva-las diretamente, ou por meio de arrendatarios, ou grupo de arrendatarios por ela dirigidos. Mas no começo não dispunha de força, nem elementos humanos, em quantidade suficiente para tamanha empresa. O relativo insucesso dos dois Planos Quinquenais

da Russia pôs os novos dirigentes de sobreaviso contra os empreendimentos muito arrojados.

O Estado Moderno não significava "levar á boca mais do que pode mastigar". Seus principais missionarios eram os seus agentes comerciais, e abundavam mais que os professores e propagandistas — porque o tempo de treino era menor. Esses homens saiam a oferecer contratos e fazer propostas a todos os agricultores em atividade ou potenciais, plantadores de algodão ou borracha, operadores de minas. O Controle esforçava-se por assegurar a todas as fabricas sobreviventes a venda dos produtos e a fixidez dos preços; com o dominio que tinha nos transportes, nas emissões de dinheiro e na educação tecnica, ia extendendo os seus tentaculos revitalizadores para firmar a nova ordem nos escombros do mundo.

A principio não procurava saber quem era o dono das mercadorias levadas aos seus depositos; pagava e cumpria os contratos; não distinguia um homem de outro, enquanto eles se mantinham na linha reta. Seus nucleos e escolas ainda eram em 1975 centros de propaganda, quasi independentes das organizações de comercio, transporte e industria, que os sustentavam. Mas só no começo. O passo seguinte mostrou-se mais dificil.

O estudante de historia deve ter sempre em conta a importancia da duração da vida humana nos periodos de mudança social e politica. Entre 1935 e 1975 só medeavam 40 anos. Por toda parte as velhas ideias ainda dominavam o cerebro dos homens e eram transmitidas aos meninos. Velhos habitos de pensamento, velhos valores, velhas normas de conduta, postos de lado durante os anos de tragedia e terror, voltavam novamente, e com exigencias. Durante a Decada Faminta o plano do Estado Moderno conseguiu dominar a imaginação de, no maximo, algumas dezenas de milhares de cerebros, cuja educação cientifica ou tecnica os preparara para isso. Mesmo depois que a propaganda se intensificou, em seguida á Conferencia de Basra, o numero de adeptos ainda não passava de uns 200 mil.

A subsequente propaganda foi mais rapida, e já não deu adeptos com a mesma media de qualidade da anterior. A Sociedade desejava os serviços de todos que pudessem ser Companheiros, mas não queria uma torrente de adeptos mal preparados, rebotalhos humanos, aproveitadores cinicos. Ca-

da nova religião, ou igreja, ou movimento organizado, experimenta este conflito entre o desejo de expansão e o medo de enfraquecimento. Dum lado havia o exemplo das conversões em massa ao Cristianismo e ao Islam, que reduzira essas duas grandes fés a uma miscelanea de superstições, e de outro lado havia o exemplo recente da Russia, moral e intelectualmente esterilizada pela eterna espionagem, censura e "purgas" da G. P. U. O cerebro do polvo tinha de evitar, na implantação do Estado Moderno, esses dois extremos — a crua admissão de todo mundo e a suspeição á moda russa. Tinha de caminhar com firmeza e discreção — e, apesar disso, depressa. Se, ás vezes, ainda descobria num companheiro tendencias reacionarias, em compensação verificava que as ideias mestras, em virtude do sucesso material e da continuidade da propaganda, estavam se espalhando muito além do raio de ação dos nucleos e das escolas.

Desde o começo apareceram no setor economico sinais dum renascimento da prosperidade que, se a Sociedade dispusesse de mais recursos, poderia ser vivamente fomentado. Um dos seus objetivos era entrar em contacto direto com cada produtor. Hoje é assim. Mas logo que aumentava a procura dum produto, como algodão, suinos, borracha, trigo, arroz ou o que seja, um enxame de intermediarios se interpunha entre os cultivadores do algodão da America, ou a gente que estava a recolher borracha nas plantações abandonadas, ou os cultivadores de trigo e criadores de gado e coletava os produtos afim de vende-los aos agentes do Controle ou permuta-los contra os produtos industriais do Controle.

Essa gente, antigos negociantes da Ordem Velha, emergia dos pardieiros das cidades semi-arruinados, ou do funcionalismo municipal, ou de velhas propriedades agricolas, ou dos antros das gangs predatorias, ou dos pequenos comercios locais — tomada de viva ansia pela ressurreição dos negocios. Promoviam emprestimos aos camponeses, adiantavam materiais, davam-lhes conselhos astutos, ofereciam-se oficiosamente para intermediarios entre eles e os agentes do Controle.

Essa especie de intervenção não se limitava a individuos apenas. Em muitas partes do mundo, cidades do interior, distritos ou pequenos estados onde havia "Conselhos da Cidade", ou "Soviets de Trabalhadores", quando não era um Prefeito ou um Senhor que estava no mando, tomava corpo o desejo

de ressuscitar os negocios antigos, com as massas a trabalharem em proveito de uns poucos. Na America, em 1969, realizaram-se festas para "estimulo dos negocios locais" — festas da "Volta ao Trabalho".

Em 1975, da Manchuria á Colonia do Cabo e de Vancouver a Java, a velha situação dos negocios — camponeses endividados, ou trabalhando para pagar renda, pescadores, mineradores, operarios mecanicos, caçadores de peles, toda a imemorial vida economica da humanidade — renascia com impeto. A escravidão ás dividas voltava. Rendas. Por toda parte os homens criavam rendas. Por toda parte os saldos das colheitas eram interceptados á moda antiga. A propria escravidão reaparecia disfarçadamente.

Na ordem velha sempre houve a tendencia para utilizar o trabalho dos presos. Nada parecia mais justo e razoavel do que o aproveitamento do esforço dos "infratores da lei", e as autoridades multiplicavam as coisas consideradas ilegais para que aumentasse o numero de infratores e consequentemente o numero de escravos legais. Na idade "classica" — greco-romana — a maioria das minas era operada por esses infelizes, e as galeras movidas por "galerianos". Na Idade Media os armadores do Mediterraneo dependiam dos juizes, e se não apareciam "criminosos" em quantidade suficiente, era preciso inventa-los. Assim tambem, no começo do ultimo renascimento começaram a aparecer por toda parte chefetes locais e gangs politicas que incitavam o povo á produção de coisas vendaveis; e reapareceu o trabalho de presos nas duas Americas, na Africa, na Russia, na India Central, no Norte da China, no Japão, em Java e tantos outros pontos — e em muitos distritos não havia distinguir entre o modo pelo qual reuniam gente e o velho sistema do "kidnapping".

"A barateza das creaturas humanas", diz um relatorio do Controle de Suprimentos, de 1976, "está de novo impedindo a eficiente organização industrial. Fora do raio de ação das nossas fabricas e serviços existem grandes massas humanas a viver sob um padrão de vida tão baixo, tão degradado, que não podem ser atingidos pelas ideias novas, nem compreender os objetivos do Estado Moderno. Reaparecem os velhos sistemas de exploração do homem pelo homem; ressurgem as classes exploradoras — intermediarios, atacadistas, retalhistas, usurarios (que fazem emprestimos em

moeda local e recebem em moeda nossa), politicos, advogados, capitalistas e senhorios de todas as especies; a caracteristica de todos eles é sempre a mesma — lucro, nada de serviço social; e essa gente se opõe com energia á marcha da nossa organização. O ressurgimento dos velhos vicios se processa com rapidez tanto maior quanto mais o movimento pró-Estado Moderno se acentua".

O relatorio do Controle dos Transportes do mesmo ano tambem aponta outro tipo de perturbações, em que o ataque ao Estado Moderno era mais direto. "A questão das licenças de passagem se agrava; encontramos dificuldades cada vez maiores na expansão da nossa rede de estradas. O mundo — começamos a verificar isso — não é nosso; não podemos dispor dele como queremos. Por toda parte surgem reclamantes: corporações renascidas, autoridades locais ou simples individuos que se dão como proprietarios do solo e exigem compensações monetarias. Nalguns casos em que as autoridades locais eram de tipo a nos dar esperança de que acabassem assimiladas ao nosso sistema, conseguimos acordo, pelo qual elas se encarregavam da construção e conserva das estradas dentro dos seus distritos; mas na maioria das vezes a resistencia é muito mais aberta e arrogante. O estudo psicologico dessa resistencia revela no espirito dos obstrucionistas a esperança do suborno, quando não é caso de mera estupidez. Poucos percebem que o que fazem não passa de simples provocação do suborno. A obcessão da velha mentalidade proprietarial é patente. Admitem que tudo quanto ha pode ser apropriado e que quem se apropria duma coisa tem o direito de utiliza-la como entender — de impedir que os outros com ela se beneficiem, de destrui-la, de arrenda-la, de vende-la por preço por si mesmo arbitrado.

"Raramente esses obstrutores contam com o apoio unanime das comunidades em que vivem — sobretudo graças á propaganda do Estado Moderno e á geral difusão de ideias aparentadas com as nossas. Estamos levantando o censo desses homens. Variam muito. Ha os de mentalidade "demandista", com garras nos dedos; ha um longo rosario de associações, conselhos urbanos ou provinciais, que não passam de rebrotos dos governos soberanos da idade das guerras. Duas dinastias reais foram exumadas em paises de lingua alemã, e fala-se que outras andam a preparar-se para igual ressurreição. Em varias das nossas estradas, como a de Bordeus ao Mar Negro,

a antiga pretenção chinesa do "likin" reapareceu. Nossos caminhões foram detidos em Ventimiglia, onde o governo fascista de Roma estabeleceu uma "dogana"; a via está interceptada por uma barreira, com o imposto de passagem cobrado em nome do rei da Italia. Em algumas cidades francesas e italianas o velho "octroi", ou peagem, foi restaurado.

"Um comité juridico da Faculdade de Psicologia Social Moderna tomou a si o estudo desses embaraços á unificação do mundo, afim de nos permitir o preparo da reação. Estas tentativas para reviver a estrangulação proprietarial que deu cabo da ordem antiga são deveras irritantes e podem desenvolver-se de modo grave. Os velhos sistemas de propriedade e administração arruinaram-se completamente antes de 1960, e não temos intenção de deixa-los renascer. Negamos em absoluto qualquer pretenção de direitos sobre os valores novos que a nossa atividade restauradora criou".

§ 7. *O Antagonismo Intelectual ao Estado Moderno*

A historia antiga era toda dinastica. Não passava do rol dos reis-sacerdotes, dos reis comuns, das tribus e dos tributos. Com Herodoto nasce a historia politica. Mas só no seculo 18 é que o processo economico surge na historia, e só depois de Karl Marx a importancia desse processo foi reconhecida. Mais tarde ainda, o clima, as transformações biologicas e geograficas entraram para a trama do tapete historico. E só ha cem anos o homem compreendeu o valor da educação, das influencias culturais e sequencias psicologicas, na tessitura do drama humano.

O mais dificil para a nossa compreensão do passado é pôr-nos ao nivel do estado mental daqueles homens na aparencia tão iguais a nós. Tinham corpos modelados como os de hoje, bem nutridos e sadios; tinham cerebros tão capazes como os de agora e igualmente complicados. Só quando lhes comparamos a conduta com a nossa, e observamos como reagiam, é que nos sobrevem a duvida — porque positivamente parecem cerebros de outra especie de creaturas que não as de hoje.

Lemos com incredulidade narrativas sobre a queima dos hereticos, sobre a tortura dos reus para arrancar-lhes confissões, sobre massacres ultrajantes, sobre a violação e o estupro, sobre a caça, ou arte de atormentar os animais por esporte, sobre homens e mulheres que pagavam dinheiro para lançar bastonetes contra galos amarrados até mata-los, sobre a tortura dos touros nos circos delirantes — e a custo resistimos á ideia de considerar nossos avós como dementes. Se fossemos de subito lançados á Londres do rei Henrique VIII, apavorar-nos-iamos como se estivessemos num manicomio. E no entanto o cerebro daquela gente tinha a mesma conformação do nosso. O que havia era apenas isto: tais cerebros tinham habitos mentais construidos em ambiente muito diverso do nosso. Só essa, a diferença.

Os homens que lançaram o mundo na Grande Guerra, que permitiram ao Sistema Capitalista esfacelar-se desastrosamente a despeito de reiterados avisos, esses homens que quasi destruiram o genero humano — eram, entretanto, perfeitamente normais e sãos. Se o leitor recuasse apenas até 1933, ainda sentiria forte inquietação quanto ao que tais homens poderiam fazer, ou fariam, dali para diante. Mas se a eles se misturasse, espantar-se-ia de vê-los tão convencidos de estarem certos.

E suponhamos que o leitor tentasse adaptar-se ao pensamento da epoca. Que sucederia? Simplesmente isto: convencer-se de que nas coisas que era forçado a crêr ou fazer não havia mais objetivos remotos do que na ideologia reguladora dos atos de um imperador romano ou um escravo da Sumeria.

A dificuldade da compreensão dos estados mentais de outrora, e da comparação com os nossos, aumenta, em vez de diminuir, á medida que nos aproximamos do presente — porque as diferenças se tornam mais sutis e entrelaçadas aos valores que aceitamos. Nunca conservamos em mente a ideia de que a significação das coisas está de continuo mudando. Vivemos hoje tão saturados pelas nossas circunstancias, tão ricos da segurança, da abundancia e vitalidade do Estado Mundial, que nos é dificil compreender de que modo mentalidades relativamente recentes podiam refugar as nossas ideias. Ainda em meio do seculo 20, ideias hoje tidas como perfeitas e fora de discussão pareciam extravagantes, impossiveis e

mesmo criminosas, para homens de mentalidade perfeitamente sã.

Na primeira metade do seculo 20 a grande maioria das pessoas inteligentes e de cultura não tinha a menor fé na possibilidade dum reajustamento como o do Estado Moderno; odiavam essa ideologia, temiam-na, contrariavam-na — e é duvidoso que não fosse assim até cem anos mais tarde. O Estado Moderno foi construido por homens relativamente mediocres, mas violentamente conquistados pelas ideias novas. Como diz H. Levy em seu *Universo e Ciencia* (1932), a ciencia é mais uma "aventura social" do que um acumulo de triunfos individuais. Tanto a ideia cientifica como a ideia da comunidade humana não são produtos individuais, sim sociais. E o Estado Moderno prevaleceu porque a sua logica dominou não este ou aquele homem em particular, mas a inteligencia humana em geral.

Maxwell Brown deixou um exhaustivo estudo sobre a arte e a literatura na primeira metade do seculo 20. Salvo nos escritos de uns tantos sociologos, como J. A. Hodson, Harry E. Barnes, James Harvey Robinson, Mary Beard, R. B. Fosdick e mais uns jornalistas americanos e ingleses, bem como em fantasias alarmistas como o *Brave New World*, de Aldous Huxley, não vemos patente a intuição das imensas transformações revolucionarias que se estavam operando. Bernard Shaw, por exemplo, embora classificado como escritor revolucionario, nunca, exceto em seu absurdo *Back to Methuselah*, antecipou a idade futura. Suas obras formam um corrosivo comentario das coisas contemporaneas, terminando num pedido de falencia: *Too True to be Good*. Shaw revelava em alto grau a mentalidade oposicionista dos irlandeses.

Esta indiferença da literatura pelo impulso a favor do Estado Moderno acentua-se de 1920 a 1940. Como a reforma se tornasse urgente, e a guerra e a bancarrota já houvessem desabado sobre o mundo, a literatura e a arte recolheram-se aos seus grupinhos, e estes entregaram-se ás suas "boemias"; retorno á teoria da arte pela arte, volta ao estilo requintado, ao "raro", ao brilhantemente ou brutalmente obsceno.

A decadencia da literatura, dib Maxwell Brown, foi a inevitavel expressão da decadencia economica desse periodo. E Brown estabelece um luminoso paralelo entre os tipos de mentalidade estetica e os tipos de mentalidade cientifica. O

tipo esteta, diz ele, deixa-se levar pela aceitação do mundo como o encontra e reflete-o em suas obras. O operario da ciencia visa conhecimento cada vez maior, e mostra-se em absoluto indiferente á opinião do mundo sobre os resultados dos seus estudos. A vida estetica, portanto, é condicionada pelos tempos; mas a cientifica, condiciona os tempos.

Literatura e arte são por necessidade servas dos tempos, abjetas de servilismo ou pretenciosamente agressivas. Refletem estados d'alma, ou analisam possiveis estados d'alma da comunidade. Porque de nada vale escrever livros que ninguem leia, ou pintar quadros que ninguem compre. A psicologia desses tempos não se tinha ainda desenvolvido suficientemente para permitir a analise cientifica do trabalho de creação; e a critica existente, quando não era reflexo da inveja, não passava dum esforço para persuadir ou forçar o publico a adquirir livros ou quadros, ou a ouvir a musica dileta do critico. A critica era mais partidaria e propagandizante do que a propria politica. Na ultima parte do seculo 19 a generalizada confiança das classes prosperas refletia-se numa ampla e complacente literatura de perspestivas largas, e cada critico era, por assim dizer, um tio — um tio rico, sentado diante do fogo; mas a percepção do perigo, que veio perturbar os patronos das artes nos começos do seculo 20, pôs o mundo intelectual na defensiva — exceto nos setores da ciencia e das invenções. A perspectiva do progresso continuo deixou de ser popular. As leituras oferecidas ao povo revelavam hostilidade contra as coisas novas; realçavam os imaginarios lealismos antigos e as velhas virtudes.

Não é que os escritores do tempo desejassem o retorno ao passado. Queriam apenas que as coisas parassem — sim, queriam que as coisas parassem! A ideia subterranea era pela consolidação do que existia, antes que as perdas fossem maiores. Não havia objeções destacadas — a objeção era geral. Antipatia pela produção em massa; antipatia pela ciencia. A guerra — com armas modernas, está claro — sofria condenação, mas só por não adotar os moldes "cavalheirescos" do passado; surgiam propostas para "abolir" a aviação e fechar todos os laboratorios do mundo; afirmava-se que a higiene, sobretudo a sexual, "tirava o encanto da vida"; deplorava-se a decadencia das boas maneiras e o crepusculo do que chamavam Es-

tilo. Um escritor americano do seculo 19 lamentava em inglês arcaico:

> How life hath cheapeaned, and how blank
> The world is! like a fen
> Where long ago unstained sank
> The starrie gentlemen:
> Since Marston Moor and Newbury drank
> King Charles his gentlemen.

Era essa a nota dominante.

Maxwell Brown dá todo um volume de citações (*Literature Hangs Back*) extraidas de cerca de quatro mil livros e jornais.

Á proporção que o mundo emergia do desastre da Decada Faminta e da Peste, essa oposição mental reviveu em milhares de homens de letras que o calamitoso dos tempos silenciara. E reviveu porque era tudo quanto neles poderia reviver; e veio ao encontro dos inumeraveis ambiciosos que estavam a promover o retorno ao sistema antigo, "antes que fosse tarde demais"; esses homens interpunham-se entre a expansão do sistema novo e as massas inertes e desarticuladas. Não percebiam que o renascer da prosperidade era devido unicamente ao triunfo das ideias novas. Pouco lhes importava o retorno á prosperidade. O que queriam era tirar partido da "volta". Desde o começo o Controle do Transporte afigurou-se-lhes um formidavel competidor, energico em espirito e ainda mais nos metodos. Eles viam a concretização das ideias novas qual uma enorme, vulgar e impiedosa ameaça contra as doces perspectivas do amontoamento de lucros, contra o retorno do servilismo das creaturas de trabalho, contra a escravização operaria nas fabricas.

Manifestamente a Nova Ordem parecia resolvida a "incorporar" (odiosa palavra!) todos esses pretensos privilegiados, todos esses pretensos irresponsaveis. Olhava-os de cara fechada. Suas iniciativas em higiene e educação prenunciavam uma progressiva disciplina da vida de todos. A Nova Ordem propunha-se a roubar-lhes o delicioso fremito das aventuras do jogo e da especulação; a priva-los das vantagens que lhes dava a experteza e o tino para negocios. E ainda ameaçava-os de serviço social; estava sempre a pedir serviço e mais serviço — coisa insuportavelmente monotona. Essa gente queria ser

boa ou má, conforme lhe aprouvesse, e livremente saltar disto para aquilo. A "desalmada uniformidade" tornou-se o fantasma desses espiritos recalcitrantes.

Os trabalhadores tambem se ressentiam dos metodos do Estado Moderno quasi tanto como os patrões. Os homens sempre oferecem resistencia á educação e á disciplina — e havia uma caudal de insidias contra os nucleos e os Controles. Essa hostilidade proxima aumentava a hostilidade contra o que ainda tinha de vir. Se a liberdade dos negocios desaparecesse, quantas regras e regulamentos não viriam amarrar o trabalhador ao patrão unico — o patrão mundial? Exemplo: já estavam promovendo o controle das populações; facil depreender daí a odiosa invasão de todas as intimidades da vida. Hoje, pesos e moedas; amanhã, mulheres e paternidade!

Estas repugnancias amplamente difundidas, estes receios e antagonismos, eram realçados pelas dificuldades opostas para a obtenção do grau de Companheiros ou de posições de relevo nos Controles. Não eram para qualquer aqueles cargos. E os recusados tornavam-se justamente os mais ferozes inimigos. Em 1970, por toda parte do mundo onde existiam velhas classes privilegiadas, surgiram associações de combate á ideia nova. "Clubes da Liberdade" e "Associações do Comercio Livre"; "Ligas de Cidadãos" e "Camaras Protetoras do Comercio"; sociedades de "Retorno á Legalidade". E organizações religiosas e politicas com o mesmo fim. Apontavam-se as escolas do Estado Moderno como imorais, anti-patrioticas e anti-religiosas. Foi extraordinario o impeto com que os jogadores em cambio afuiram ás igrejas desertas e clamaram pela volta de Cristo.

Cada cidade ou aldeia encontrava sem esforço alguem interessado em reviver e defender os antigos privilegios — velhos advogados ou politicos. O mundo ouviu muita demonstração do direito das nações á liberdade e á soberania dentro de seus territorios. Cem diferentes bandeiras flutuaram, cada dia mais ostensivamente, á frente da sagrada ideia da liberdade. Aqueles mesmos homens que crearam as novas escravaturas na cultura do algodão ou da borracha, ou, como na Italia, transformaram em escravos os trabalhadores das fabricas, surgiam agora como os campeões da liberdade individual.

As massas inferiores mostravam muita diversidade de reações. A larga propaganda comunista dos anos de guerra e fome havia intensificado a natural hostilidade desses homens contra a "burguesia aproveitadora", não havendo, pois, grandes possibilidades de que agora viessem fazer causa comum com os "amigos da liberdade". Mas a Sociedade Estatal Moderna aprendera as lições da Russia, e não tinha nenhuma disposição para exacerbar a guerra de classes com o fim de colher proveitos. Sabia que apelar para os impetos revolucionarios da plebe equivalia a convidar os chefes demagogos, com o seu cortejo de espiões e asseclas, a entrarem para a camara do Conselho.

De Windt esclareceu muito bem este ponto. "A revolução creadora não pode cooperar com a revolução insurrecionaria". Nada de lisonja á ignorancia e á inferioridade, como se fossem bocas duma sabedoria instintiva; nada de recorrer á inveja e ao ciume, em vez de ao conhecimento e á habilidade. O Estado Moderno pretendia abolir o "trabalho de mouro", e isto significava a abolição de todas as classes que "mourejam" em disfarçada escravidão — proletariado, massas agricolas, servos; mas não tinha em mente suprimir do mundo os debeis mentais e os fisicamente limitados. E aceitou os riscos da tarefa, na certeza de que as forças da reação iriam organizar greves e resistencia em massas contra a sua regulamentação, contra a eficiencia funcional, contra a mecanização, os deslocamentos de população e tudo mais. Eram as inevitaveis dificuldades do empreendimento.

E assim se tornou o mundo um palco em que a Reação sob milhares de formas, e o Estado Moderno na sua forma una e integral, lutavam entre si para subjugar ou assimilar a maioria da humanidade, sempre tão passiva.

Estamos apenas delineando a situação como convem numa historia geral. Se, ao contrario disso, minudenciarmos a nossa observação, o liso dos mapas desaparece e surgem montanhas, vales, edificios, florestas, estradas; e se nos aproximamos ainda mais, surgem pedras, folhas e flores, areias, lixo. Assim tambem esta divisão geral dos blocos em luta desdobra-se, quando chegamos perto, em milhões de pequeninos conflitos e dramas individuais.

No conjunto, a mentalidade daquela epoca mostrava-se muito mais complexa e intrincada que a de hoje. O estu-

dante de historia não deve nunca perder isto de vista. O progresso intelectual da humanidade não passou dum desmaranhamento e duma simplificação, tendentes a um melhor dominio da natureza. As ultimas decadas da Éra do Desapontamento mostravam-se, em comparação com os tempos de hoje, ainda cheias de incertezas, inexatidões, motivação complexa, surpresas irracionais e amargas realizações tardias. Com dificuldade encontrava-se um operario manual que não fosse barro passivo nas mãos dos exploradores inteligentes e energicos. Com igual dificuldade se encontrava um reacionario que não revelasse eficiencia. E, do outro lado, era dificil encontrar um Companheiro, homem ou mulher, que não fosse sujeito a acessos de vaidade, que não fosse doutrinario, intolerante e vingativo quando se apresentava ensejo, ou que não se deixasse influenciar pelos valores esteticos e mentais da Ordem Velha.

A literatura da ultima parte do seculo 20 mostra-se enormemente preocupada com este generalizado choque de ideias e habitos mentais no espirito do povo. A mais corriqueira novela do tempo apresenta os seus tipos a agirem num ambiente de batalha entre o bem e o mal, num mundo de padrões indisputados; já as novelas posteriores, contemporaneas ao conflito social, revelam a terrivel confusão de duas especies do "bom" e duas especies do "mau", com inumeras distorções do carater inato. Foi uma éra penosa. A vida sempre se mostrou cheia de ambiguidades e ironias, mas nunca em tamanha escala como nesse tempo.

§ 8. *Segunda Conferencia de Basra*

A Segunda Conferencia de Basra, conquanto muitos dos delegados fossem os mesmos da primeira, revelou-se diferente em escala, escopo e espirito. Reunião de homens já mais idosos. A media das idades, que fora de 33 anos na primeira, conforme os calculos de Amen Rihani, subiu a quarenta e tres. Ondas de moços ainda entravam para a Sociedade Estatal, mas tambem entravam homens maduros, antigos radicais ou chefes revolucionarios do periodo das guerras. A experiencia da vida preparara-os para a resistencia irresponsavel; assumiam frequentemente atitudes men-

tais de obstrução ou insubordinação. Muitos não tinham nenhuma experiencia tecnica. Daí a disposição desses homens para infiltrar tendencias anarquicas nas escolas e na propaganda.

Alem disso, o grande plano do Estado Moderno perdera algo da primitiva frescura. Os "moços de 65" estavam já com dez anos de responsabilidade administrativa, e cientes de mil detalhes praticos. Tiveram de modificar em muitos pontos as generalizações de de Windt, e o imenso esplendor do projeto total já não lhes empanava os olhos. Tambem haviam perdido parte do *esprit de corps* profissional, como ainda o intimo contacto de uns com os outros, já impossivel depois da expansão do movimento. Muitos haviam desposado mulheres de tradições antigas e formado novos circulos de relações. Em vez de moços entusiastas, eram agora "homens do mundo". Essas mudanças patentearam-se nas primeiras sessões da assembleia.

Ocorre ainda que a atmosfera da primeira conferencia fôra puramente "estado-modernista". Com exceção dos representantes da Russia politica, não houvera nenhum antagonismo quanto aos propositos gerais; e em Basra toda gente ou era Companheiro da Sociedade Estatal ou Simpatizante. Agora, porém, a situação mudava; os nacionalismos revividos, a ressurreição da mentalidade negocista da Ordem Velha, tudo se mostrava conciente da enorme significação daquela conferencia; daí o afluxo de delegações, reporters, aventureiros de toda especie, em numero bastante superior ao dos Companheiros. Essa assistencia abarrotava os salões de espera dos edificios do Controle, invadia os escritorios e residencias, atulhava os grandes hoteis recentemente surgidos naquela paisagem de tamareiras e arrozais; e tanta gente era, que muitos tiveram de acomodar-se em tendas improvisadas e embarcações. Cascos de velhos navios de passageiros já fora de uso foram ajeitados como hoteis provisorios. Aquilo levava os observadores a recordar-se do periodo turistico da Primeira Éra de Prosperidade Geral — aquela chusma de não-convidados, a regatearem velhos tapetes de Bagdad com os mercadores arabes que tambem acorreram, atraidos pela reunião.

E a concorrencia teria sido ainda maior, se o Controle do Transporte não compreendesse a tempo as desvantagens

sociais e higienicas dos ajuntamentos excessivos — e não limitasse a venda de passagens.

Desses não-convidados os mais perigosos eram as delegações de observadores mandadas pelos governos soberanos agora renascentes. Em geral, semi-diplomatas, semi-peritos, com a declarada intenção de impedir as atividades dos Controles em suas patrias. Queriam legalizar e regulamentar os Controles, mas não podiam tomar parte na conferencia; eram apenas convidados de si proprios, que haviam notificado da sua vinda os organizadores da reunião. "Antes agora do que depois", refletiram esses organizadores — e aceitando-lhes a presença deram-lhes hospedagem. "Temos de enfrentar essa gente", escreveu Williams Kapek a Isabel Garden (*Cartas de Kapek a Isabel Garden*, nos Documentos Historicos).

Ao lado desses agentes dos "velhos governos" havia certo numero de representantes das varias associações de interesses já em franca oposição aos monopolios do Controle. E muitos advogados "vieux jeu", homens em vivo contraste com os jovens legistas saidos da nova escola americana. Kapek acentua a diferença dos dois tipos — um, todo pompa e insidias; outro, todo candura e ciencia.

"Esta conferencia é essencialmente uma reunião para debate de questões cientificas, mercantis e de transportes, como a realizada aqui mesmo em 1965" — era como dizia o boletim impresso, entregue a todos os visitantes com pretenções a representar qualquer coisa. "Só poderão tomar parte nos debates os Companheiros da Sociedade Estatal Moderna. Não são publicos, e os relatorios se destinam unicamente aos Companheiros. Mas seria falso negar que as decisões a serem tomadas poderão afetar profundamente a humanidade, e desde que, tambem no interesse da humanidade, vindes apresentar criticas, reclamações e propostas, tudo fará o Comité para facilitar encontros entre as partes. Infelizmente, as salas de reunião em Basra mal bastam para as necessidades da Conferencia, e o Comité pouco pode fazer para facilitar encontros com a enorme variedade de representantes aparecidos, e ainda menos cuidar dos seus prazeres durante o curso da assembleia. O comité lamenta não achar praticavel a proposta dos enviados de Bagdad, que se dão como representantes do governo do Irak, para policiar esta inesperada Feira Mundial com 300 soldados arabes, um esquadrão de camelos com 70 homens e seis metralhadoras.

Já fez remover essa força para confortaveis instalações na ilha de Ormuz, e a Policia do Ar e Mar, em uniforme facilmente reconhecivel, será a unica responsavel pela ordem desta antiga provincia de Bassora".

Seguiam-se informações de toda ordem, sobre hoteis, escritorios, hospitais, etc.

Impossivel imaginarmos o Comité agindo de outra forma, dada a imprevista avalanche representativa da Ordem Velha, mas as delegações e missões indignaram-se com aquela atitude. Eram de valores tão desiguais que não podiam acordar numa ação conjunta. Se o Controle e o Estado Moderno não passavam duma cooperativa mundial, nenhum dos dois podia entrar em relações diplomaticas com estados soberanos; e consequentemente as missões não podiam considerar-se diplomaticas. Os poderes que traziam eram extremamente mal definidos. A nitida recusa do Comité em conceder-lhes salas de reunião e mais comodidades afora o uso limitado do telefone, telegrafo e radio, embaraçou-as grandemente.

"Encontrei Sir Horacio Porteus, representante da Imperial Inglaterra", escreve Kapek, "muito ansioso de ouvir-me sobre pontos de etiqueta. Parece que tomamos conta da provincia de Bassora, no estado do Irak, e aprisionamos a policia local — aqueles 70 piolhentos camelos e o resto, como contei em minha ultima carta, e o Irak está sob o protetorado da Inglaterra. Sir Proteus queria apresentar um protesto — mas a *quem?* era o que ele me perguntava. Fiz cara amavel.

"O senhor está vendo", continuou o inglês, "esse Controle é coisa que não entendo. Se ao menos fosse um governo provisional..."

"Sugeri que se dirigisse á Policia do Ar e Mar.

— "Mas essa policia não é autonoma, recebe ordens. Quem dá essas ordens? Tudo tão irregular!..."

Ouve um corre-corre de visitas entre as delegações; houve "serias conversas" e muito papel rabiscado, relatorios, comunicações, protestos. Estava o tempo excessivamente calmoso, e os espaços atribuidos aos esportes e recreações tinham sido monopolizados pelos Companheiros mais energicos. Tudo dificil para os de fora; dificil refrescarem-se, dificil obterem

sossego e comodidades. Muitos resolveram a situação alcoolicamente — bebendo de rijo, mas a policia restringira a venda de alcool e afastava da provincia os seus ministradores. Por outro lado, o Controle do Transporte, gentilmente, improvisara um serviço maritimo de recreio para Bubiyan, zona fora da jurisdição da Policia do Ar — e sem demora por lá surgiu uma intensa cogumelagem de cafés, bars, restaurantes, casas de prazer, salas de musica e o mais — e a onda dos "não-convidados" refluiu para Bubiyan.

"Bubiyan está agradavelmente puxando-os de Basra", escreveu Kapek, "e corre tambem que Babilonia e Bagdad andam num verdadeiro "boom" de divertimentos — para homens e bestas. A velha instituição inglesa do "long week-end" floresce, e Babilonia torna-se cada vez mais babilonica".

Mesmo assim ficou em Basra gente bastante para dar trabalho ao Comité.

Entrementes, a assembleia ia funcionando a portas fechadas. Sentia-se que aquela salada de agentes, delegados e advogados de fora era a primeira sugestão dos confusos antagonismos levantados contra a Ordem Nova. A politica de expansão dos transportes apenas já havia durado muito; a pretensão de limitar a Conferencia unicamente a estudos desse assunto tinha de ser abandonada. Chegara o momento do Estado Moderno definir-se e enfrentar a onda de tradições e velharias que lhe viera bater ás portas.

"Antes de dispersar-nos", disse Arden Essenden, na presidencia da primeira sessão plenaria, "devemos admitir pelo menos algumas dessas missões, ouvi-las e dar-lhes a resposta conveniente. Mas cumpre primeiramente definir-nos a nós mesmos. Que somos nós hoje, afinal, e que pretendemos fazer? Um novo capitulo da historia humana está aberto. Chegou o momento de traçarmos o plano desse capitulo".

§ 9. *"Tres Cursos de Ação"*

Não havia ninguem do tipo de de Windt na Segunda Conferencia de Basra — nada de profetico nas deliberações. Não faltava, entretanto, o que se chama "leadership", ou chefia mental, e certo numero de interessantes personalida-

des — o politico Hooper Hamilton; o categorico William Ryan; o complicado Shi-lung-tang; o biologo africano M'bangoi; o socio-psicologista Rin Kay (talvez a mais fina inteligencia do grupo); Hohini L. Tagore; o mistico humanista Morowitz; e esse fanatico da ação que dirigia os trabalhos, Arden Essenden — deram ordem e rumo ás diferenças de opinião.

O nivel da inteligencia era bastante alto, o que tornava curiosissima a reunião. Uma assembleia com personalidade propria, resolvida a ser bem informada e a pesar considerações — e firme, sobretudo firme. A presença da mixordia de missões e comissões dos estados soberanos dramatizava a situação do mundo e impunha golpes prontos. "Sinto-me como um jurado de dantes", escreveu Kapek, "dos que eram fechados na sala do conselho até que déssem o veredito. E ninguem imagina como Basra ás vezes se torna quente e seca!"

De Windt e sua escola de discipulos tinham planejado a estrutura do mundo novo e apontado os elementos sociais constituintes, mas sugeriu muito pouco relativamente ao que fazer com as coisas da Ordem Velha. Já em 1965 havia entre os estados-modernistas uma clara visão da ordem social como a temos hoje; poucos, entretanto, anteviam a confusa obstinação da coisa velha e a sua capacidade de reação contra-revolucionaria. Isso iria tornar-se evidente em 1975.

Relatorios sobre a situação geral tinham sido cuidadosamente preparados; diziam respeito aos varios centros em que o espirito de oposição fôra organizado. Os antagonismos mais fortes provinham dos velhos governos e da velha legalidade, praticamente desaparecidos nas decadas de desolação mas já ressurgidos. Em 1965 um só governo se mostrara ativamente adverso ao Controle — o governo sovietico da Russia. Mas essa oposição decresceu. Os tecnicos das regiões sovietizadas andavam a alijar os politicos e já havia um movimento cooperativo articulado com o Controle, de modo que eram boas as perspectivas da assimilação russa. O fato dum homem ser comunista não constituia objeção para a sua entrada na Sociedade Estatal Moderna; muitos cientistas russos já eram Companheiros e não mais membros do Partido Comunista. Os relatorios discutiam, com muita esperança, a possibilidade de algo semelhante na America e no Extremo

Oriente. As estruturas politicas e legais existentes não apresentavam obstaculos invenciveis a essa assimilação. Muito regredira a fraude democratica na America, e isso começava a favorecer o surto construtivo da grande sintese de raças que a America é. Não obstante, cada vez mais se evidenciava o irreconciliavel antagonismo entre o sistema de estados independentes com propriedade privada e a ideologia do Estado Moderno.

Insistiam os relatorios no esforço do nacionalismo da Alemanha, França, Italia e Inglaterra para retomar a fabricação de aviões e material de guerra. Não constava nenhum acordo entre esses paises para a ação conjunta; mas tornava-se patente que a reorganização das suas forças aereas e a restauração dos seus antigos aerodromos constituiam uma resposta á ação cada vez mais extensa do Controle do Ar e Mar. Apesar da dificuldade que encontravam em reunir bons engenheiros, mecanicos e aviadores, a empresa prosseguia. Cada aluno das escolas tecnicas modernistas que falhava nos exames, ou era castigado por má conduta, corria a esses governos e colocava-se como perito. Os governos, além disso, estavam a restaurar as velhas escolas tecnicas e procurando subordinar as escolas e laboratorios do Controle aos seus planos de educação "nacional". Havia não só a disposição de erigir um aparelhamento educativo lado a lado ao do Controle, como ainda a de anexar as organizações, estradas, usinas, minas, areodromos, escolas, laboratorios, etc., bem como o pessoal do Controle, aos serviços desses estados soberanos. O novo governo da Baviera, o parlamento de Windsor e o governo de Roma tramavam a incorporação dos "serviços existentes em seus territorios ás suas estruturas nacionais". Teimavam em considerar o Controle como um perigosissimo trust internacional.

Estava explicada a onda de delegações e missões que afluira á Basra e suava ao sol, fora de portas, em "estado de ameaçadora expectação", como diz Kapek.

As delegações menores, representando grupos de proprietarios ou pequenos interesses locais, comungavam em muitos pontos com as delegações dos estados soberanos; queriam que o Comité restituisse as propriedades de que se apossara e revivera, ou que pagasse onerosos tributos. Variavam como

variam os animais dos jardins zoologicos — em tamanho e força, mas a alma era comum — obstrutora e litigiosa.

Pelos corredores do palacio da Conferencia discutiam-se esses antagonismos e o remedio a dar-lhes. "Ha tres tratamentos possiveis", disse Ryan brutalmente. "Negociar, suborna-los ou domina-los. Pendo para o ultimo".

— "Podemos tambem fundir esses tres tratamentos", sugeriu Hooper Hamilton.

O primeiro remedio, negociação dum *modus vivendi*, já estava em uso com a Russia, sendo dificil dizer quem de fato governava esse país, se o Partido Comunista ou o movimento pró-Estado Moderno. E o novo espirito americano era tão estado-modernista que os protestos de Washington e varios governadores estaduais foram recebidos com hilaridade. Aviões de Dearborn circularam sobre a capital americana, deixando cair parodias comicas das ordens presidenciais para a dissolução do Trust do Ar e dos Alimentos da America. Por todo esse continente profundamente realista os Controles se tinham expandido como um negocio particular, na mais completa ignorancia das formalidades politicas. Mas a situação na Europa parecia grave.

"Muitos desses governos soberanos não passam de espantalhos", disse William Ryan. "Não ha povo vivo atrás deles. Pelo menos, povo que valha alguma coisa. Considere-se bléfe o que estão fazendo — e não pensemos mais nisso".

Shi-lung-tang estudou o remedio "Suborno".

Na sua tão suave e amena exposição, o suborno, conjugado com a "Negociação" e o tacto, era o remedio mais efetivo. O astuto chinês pediu á assembleia que refletisse como era novo e ainda mal apreendido o sistema de ideias norteadoras da Ordem Nova. Ainda que o trabalho de propaganda e das escolas se generalizasse pelo mundo inteiro, era duvidoso que vinte por cento da humanidade recebesse bem tais ideias e que um decimo as entendesse. Entendesse a diferença que ha entre cerebros treinados para a ação construtiva e cerebros encarangados nas tradições da propriedade privada livre. Seria necessario o reeducamento de tres gerações para que o mundo mudasse de atitude. Ora, ou o movimento modernista senhoreava o poder imediatamente e mantinha-se á força até que a mudança de atitude se ope-

rasse, ou teria de contemporisar, fazer acordos e persuadir as massas hostis *dentro da mentalidade que tinham.*

"Essa gente nunca verá as coisas como as vemos", insistia ele, com muitos gestos estranhos e repetindo as palavras para melhor frisa-las. "Tem de viver e morrer *dentro de suas mentalidades.* Não é justo força-la. Só depois que a geração oponente desaparecer é que a mentalidade estado-modernista pode tornar-se a do maior numero. Os vicios mentais da gente velha são incuraveis. Parlamentemos, facilitemos-lhe o caminho. Isso poupará ao mundo lutas e o sofrimento de tres gerações".

Shi-lung-tang desdobrou todo o seu maquiavelico projeto. A ganancia e a cubiça eram o que caracterizava os oponentes. Incuravelmente vorazes, como os cães. Mas o homem sabe transformar o cão num amigo e auxiliar. O lealismo das massas para com a Ordem Velha vinha da ancestralidade tribal; são vorazes os homens porque no passado eram alcateias de caçadores. Mas não ha neles nenhuma hostilidade instintiva contra o Estado Moderno; só se chocam quando o Estado Moderno mexe com seus habitos tradicionais, e então rosnam e passam a teme-lo. Mas jamais poderão oferecer-nos uma frente perigosa. Poderão sempre ser lançados uns contra os outros — e desse modo neutralizados. A lição da aspera repressão russa contra a burguesia e classes profissionais no começo do Comunismo, constitue eterno aviso contra o uso da violencia para a transformação de mentalidades. Que o Estado Moderno caminhe mais maciamente e mais compreensivamente.

E entrou em pormenores. Com a Russia, a Espanha e a America, o suborno seria minimo. "A mentalidade dominante nesses paises favorece a assimilação progressiva das nossas ideias. Quanto aos outros, não vejo mal em lhes reconhecermos a soberania e os direitos de propriedade, e irmos subsidiando os seus dirigentes para que fechem os olhos á propaganda da Ideia Nova. Muito mais barato isso do que a guerra. E se eles quiserem alguma guerrinha, de vez em quando, lá entre si..."

A despeito do sorriso que iluminou o rosto do delegado amarelo, um sussurro desaprovador correu pela sala.

Rin Kay levantou-se e destruiu aquela argumentação. "Se fossemos uma sociedade de superhomens", disse ele, "po-

deriamos ousar uma corrupção dessas". Shi-lung-tang esquecera-se de que cada Companheiro da Sociedade Estatal tinha dois inimigos: o homem aquisitivo de fora e o homem aquisitivo de dentro. O ponto que escapava ao chinês era o fato de ser muito mais natural ceder diante das ideias da Ordem Antiga do que impregnar-se da moderna. "Estamos ainda muito cheios de velhas tendencias; as tendencias novas apenas começam a formar-se. A vida interior dum estado-modernista é um constante esforço para a simplicidade e para *servir* com simplicidade. E esse esforço se prolongará ainda por muito tempo. Não podemos voltar ao intrincado e á politica. A dificuldade que nos defronta é fazer exatamente o que temos a fazer, simplesmente, honestamente. Não podemos *querer* uma coisa e *fazer* outra". Ryan sustentou vigorosamente o seu ponto de vista e teve de duelar contra Hooper, que estava em desacordo. Mas o ambiente da assembleia se mostrou favoravel a Ryan.

M. L. Tagore, um economista botanico, trouxe ao debate ideias ineditas, ou, melhor, reviveu o pensamento mistico-liberal do seculo 19. Disse que era igualmente contra o suborno, contra o uso dos tratados insinceros e contra a violencia. Sentia-se bastante passadista para permanecer democrata e crente na sabedoria ingenita do homem comum. E tambem cria no supremo valor da verdade e da mansidão. Não devemos ultrajar o senso do direito no homem, ainda que isso implique no abandono dos nossos objetivos imediatos. Temos de persuadi-los. Que a Sociedade Estatal continue na sua organização cientifica do mundo, sim, está certo; e está certo que prosiga na extensão da propaganda. Mas que não recorra á violencia, nem sequer para resistir ao mal. Citou a vitoria missionaria do velho Budismo e do Cristianismo como prova da eficiencia do sistema. E concluiu com uma expansão de entusiasmo religioso que pôs a arder os socios-psicologistas, ansiosos por tomar a palavra.

Estes discursos foram os tres marcos ressalientes na abertura da assembleia. A grande maioria pugnava pela ação energica. A minoria vacilava sob a liderança de Hooper; notava que muitas nuanças não haviam aparecido nos discursos mais energicos; que o uso da força podia ser temperado com a habilidade; e que a clareza de propositos era compativel com uma generosa atitude de conciliação.

Em novos discursos procuraram os contendores debater essa concepção amistosa, um tanto ilusoria; muitos não eram habeis no falar e perderam-se em digressões; em regra tendiam para a ação energica. Os problemas russos e americanos foram largamente discutidos. A Russia estava agora representada só por tecnicos, dando a sensação de que a influencia repressora da Og-pu já não existia. Ivan Eglehart destacou-se de novo. Assegurou á assembleia que de Moscou não viriam embaraços para o mundo. "A Russia", disse ele, "está pronta para ser assimilada — e ansiosa por isso".

Arden Essenden falou por ultimo, e falou com entusiasmo e paixão, arrastando consigo todo o elemento moço. Venceu.

Algumas de suas frases tornaram-se "historicas". Disse: "O Estado Moderno não é coisa do Futuro. Está aqui. Existe — e sempre existiu desde o momento em que os homens admitiram um Deus no ceu, ou falaram, embora com timidez, na fraternidade humana. O homem que serve a um estado particular, ou empresa particular, sem atenção para com a republica humana, é um Traidor. Os homens do passado que isso fizeram foram Traidores; e os homens que isso toleraram tambem tinham na alma a traição. O mundo, isto é, o Grande Estado, esteve em toda a sua velha vida historica dividido em dezenas de anarquias e milhões de proprietarios e credores; e os socialistas e cosmopolitas — os verdadeiros depositarios do espirito da humanidade — foram sempre perseguidos como animais ferozes.

"Hoje, o mundo está em nossas mãos, depois da completa falencia desses salteadores que nem sequer conseguiram manter a sua propria ordem social, conservando-se em paz uns com os outros. O Poder abandonou-os. Nós, nós, nós temos o Poder em nossas mãos hoje! E se o não usarmos da maneira mais completa, seremos tambem traidores da Humanidade. Poderemos acaso tolerar, ainda que seja por breve prazo, o retorno do sistema antigo? Em nome do que? Por que? Se os cerebros desses oponentes se canalizam tortuosamente, muito bem, nós lhes daremos miolos novos. Havemos então de negociar com essa canalha que se acumula aí fora? Ide espiar a cara desses homens. Lede a insinceridade de seus olhos. Notai a agilidade furtiva das suas mãos. Pesai o que eles dizem e as propostas que fazem!"

Estas explosões parecem-nos hoje extremamente enfaticas, mas naquele momento arrastaram a assembleia, como o provam as decisões tomadas. A mais significante foi o aumento da Policia de Ar e Mar para um milhão de homens, com tremenda dotação para o equipamento. Tambem foi votada a extrema intensificação da propaganda e do regime escolar. E, mais: provisão para o alistamento de forças auxiliares, e creação dos serviços necessarios para a mantença de ordem. Essas forças auxiliares renunciariam a qualquer ligação extranha aos Controles que as organizassem. E os Controles foram reformados; surgiu um comité central, o Conselho Mundial, com funções de cerebro diretor do sistema. Foram abandonadas as ideias de tratados ou compromissos com as nações soberanas, e de qualquer aproximação diplomatica. Ao inves, o Conselho Mundial se declararia abertamente o governo unico e promoveria a reorganização administrativa do planeta.

Em consequencia de tais deliberações, foi redigida uma proclamação universal, que a imprensa e o radio espalharam pelo mundo inteiro. No momento de ser "entregue ao eter", o eter limpou-se de tudo mais para transmiti-la sosinha. O mundo já estava tão cheio de receptores de radio como na decada dos "trintas", de modo que instantaneamente o globo veio a saber da grande conquista. A maré de delegações dos estados soberanos que entupia Basra dissipou-se como espuma tonta. Pelo mundo inteiro, nos centros urbanos, multidões de trabalhadores ouviam aquilo de boca aberta. Tão fulminante foi o efeito, que os comentarios só vieram no dia seguinte.

Reproduzimos aqui essa proclamação — prosa muito singela, dada a tremenda significação do assunto. Supõe-se que foi redigida por Arden Essenden, auxiliado por Hamilton e outros.

"O Conselho Mundial, constituido pelo Controle do Ar e Mar e seus associados, declara:

"Que entre os anos de 1950 e 1965 o planeta se tornou baldio em consequencia da incapacidade dos seus dirigentes e proprietarios para conservar a paz, regular a produção e a distribuição, e conservar e guiar a vida comum dos homens;

"Que sobreveiu o caos; e

"Que se tornou imperiosamente necessario construir uma nova administração no meio das ruinas.

"O Controle do Ar e Mar construiu essa administração, que está agora chefiada pelo Conselho Central dos Negocios do Mundo, a entidade que vos envia esta comunicação.

"O Conselho é a unica entidade soberana existente no mundo. Deixa de existir qualquer outra em qualquer ponto da terra. Todas as soberanias e direitos de propriedade hostis ao bem geral da comunidade humana cessaram de existir durante o periodo da desordem e não podem ser revividos.

"O Conselho dispõe de vias aereas e maritimas, aerodromos, portos, docas, fabricas, culturas, minas, laboratorios, colegios e escolas, espalhados pelo mundo inteiro. Administra-os por meio de seus funcionarios e protege-os com a sua policia propria, já autorizada a defender essas organizações sempre que forem agredidas por quem quer que seja.

"Em cada centro de população existem nucleos do Estado Moderno, e agentes conduzindo a obra educativa planejada pelo Conselho e em contacto com a vida economica local, com as empresas locais, as autoridades locais e com os individuos ainda não filiados á nova organização. Esses orgãos e associações, até aqui semi-independentes, são convidados a se articularem em boa ordem com o novo Governo do Mundo.

"Estamos constituindo o Bureau de Transição, preposto a simplificar e modernizar as atividades mercantis, os serviços de educação e higiene, a produção, a distribuição e a preservação da ordem e segurança do nosso unico lar e jardim, nosso parque de recreio e fonte de todas as nossas riquezas — a Terra, a generosa mãe de todos nós.

"Sem precipitação ou injustiça — mas sem delongas, e com o devido respeito ao vosso bem estar e aos vossos sentimentos, o Bureau trabalhará na harmonização da vida de todos com a Comunidade Humana".

— "Usurpação! Usurpação!" gritou uma voz quando essas palavras foram postas a votos.

— "Decidistes pela força", murmurou Shi-lung-tang. "Eu fiz o que pude..."

— "Mas isto quer dizer guerra!" gritou Tagore.

— "Não!" protestou Arden. Não ha mais guerra. Isto não é Guerra — nem Revolução. Apenas o reconhecimento duma Revolução já operada e dum Governo já estabelecido".

§ 10. *O Plano Vitalicio*

Ainda hoje se debate se a declaração do Estado Socialista feita em Basra não foi prematura. Acham-na uns oportunissima; outros, que já devia ter sido feita na Conferencia de 1965. A discussão decorre dos conflitos que sobrevieram durante a Ditadura do Ar. De 1978 em diante o movimento estado-modernista perdeu algo da sua primitiva frescura, da sua nudez, daquele impeto aventureiro que tão rapidamente plantou o transporte em todos os recantos do mundo. "Engulimos o mundo", disse Arden Essenden, "temos agora de digeri-lo".

Não ocorreu nenhuma imediata repulsa contra a proclamação do Governo Mundial. Embora não sobreviesse de chofre, pois já de anos começara a entremostrar-se, e a impressionar os elementos hostis, não encontrou em parte nenhuma opinião preparada. Treze anos haviam trazido uma profunda mudança na Russia Sovietica e nas partes da China adeptas de Moscou. A pratica assimilação das Comunicações e Transportes dos Sovits foi tacitamente aceita. Os pormenores do amalgama eram tarefa dos comités que voavam entre Moscou e Basra. Pelo mundo inteiro, onde quer que houvesse um vestigio de governo ou de associação dirigente ainda não assimilado, surgia o debate sobre o modo de realizar a incorporação. Os nucleos estavam alerta para entrar em conferencia e plenamente informados das situações locais. A necessidade duma sistematica "renucleação" do mundo tornou-se evidente — e a seção de Treino e Propaganda começou a traçar as linhas gerais dum *modus vivendi* entre o novo e o velho.

Esse *modus vivendi* foi denominado Plano Vitalicio, ou, em memoria da antecipação russa em materia de planejamento, Plano Trintenal. Negocios que davam aos operarios certas garantias, que aceitaram certa dose de controle externo, tecnico e financeiro e que se mantinham eficientes, foram não só tolerados como protegidos. Mesmo que seus metodos fossem de subito suplantados por novas invenções, receberiam apoio até que se modernizassem, e seus produtos, já atrazados, seriam aceitos pelo Controle. Isto representava coisa muito mais humana que o velho sistema darwinico do

mais forte eliminar impiedosamente o momentaneamente mais fraco. E do mesmo modo, sempre que era possivel, os pequenos proprietarios agricolas, ou arrendatarios, não eram demitidos das posses; gosavam de apreçamento fixo dos produtos e ainda eram guiados em materia de melhoramentos; e desse modo os levariam até que aos poucos se fundissem na classe dos trabalhadores agricolas. Como Rupert Bordinesco acentuou (*Documentos Historicos*: *Breve Explanação*), "deu-se-lhes tempo de morrer". Era da essencia do Plano Vitalicio que a nova geração fosse educada de modo a adquirir a "mentalidade de serviço", em substituição á velha mentalidade de competição.

O Plano providenciava para que em 1980 não houvesse negociantes ou agricultores independentes abaixo de vinte anos; nenhum abaixo de trinta anos em 1990; e nenhum abaixo de quarenta em 2000. Isto não só dava tempo á Ordem Velha para morrer, como permitia á Ordem Nova aperfeiçoar-se na direção e no funcionamento do sistema. A lição das discordias e tragicas desproporções do primeiro Plano Quinquenal Russo — desproporções tão desastrosas e monstruosas como as hipertrofias e atrofias do desordenado "Sistema Capitalista", foi bem estudada e apreendida.

O Conselho Mundial não se preocupou com o fato de que a conservação pelo mundo afora e por tanto tempo, de dezenas de milhões de pequenos agricultores baixasse de muito a eficiencia da produção. "Esses homens não mudam mais, nunca se adaptarão a uma nova rotina de vida", escreveu Bordinesco. "Ajudai-os a trabalhar com um pouco mais de inteligencia. Livrai-nos dos espertalhões que outrora os parasitavam, os usurarios, os hipotecadores, os vendedores a prestações, os compressores religiosos ou seculares; quanto ao resto, deixai-os em paz".

A *Breve Explanação* tambem extraia uma moral do "Periodo de Fartura" (1920-1930) que precedeu ao colapso, tempo em que o mundo se encheu de mercadorias encostadas e gente sem emprego. Isso foi devido, dizia Bordinesco, ao sistema das empresas privadas se desenvolverem fora dum plano de conjunto previsor. "E' insensato dispensar um homem do seu emprego, embora desnecessario, antes de arranjar-lhe um novo serviço. Como é insensato produzir novas crianças sem a certeza de que encontrarão escolas e, futuramente,

trabalho. Temos de fazer que cada nova geração caiba dentro das oportunidades existentes. Os russos aprenderam isto por experiencia propria. Com os constantes progressos da produção, o numero dos atuais agricultores, mineiros, floresteiros, pescadores, etc., tem que cair. Tambem está destinada a cair a proporção dos operarios industriais — e nas industrias pesadas mais que nas outras. Haverá uma certa compensação na firme subida do padrão de vida e particularmente no que de Windt chamou "refatura do mundo" — novas cidades, novas estradas, renovação das habitações em toda parte. (Isto foi até certo ponto antecipado pelo plano francês da "*Outillage National*" e pelos alemães da decada dos "vintes" com a remodelação da moradia urbana — plano e remodelação estrangulados pelo fanatismo dos "equilibradores-de-orçamento"). Mas mesmo esta derivação de energias, da industria pesada e outras para a reconstrução residencial do mundo, não bastaria para dar vasão ás sobras de braços da comunidade humana. Aparecem neste ponto o que Bordinesco chamou "categorias que se alargam" — nas quais o consumo é maior que a produção. Havia tambem um numero recrescente de creaturas empenhadas nas tarefas da educação, da ciencia experimental, da criação artistica e no fazer a vida mais abundante e larga. A esta expansão não seria imposto nenhum limite.

"Nós, homens, temos um arrendamento deste planeta", diz a *Breve Explanação*, "por alguns milhões de anos. Se é tolice não procurarmos vida mais alta, maior tolice ainda é correr com frenesi. A historia dos dois ultimos seculos não passa duma advertencia contra o desemprego de homens e mulheres para os quais não havia lugar. Antes de ensinarmos, nós, professores, temos de aprender; antes de dirigirmos com inteligencia, temos de adquirir treino na arte de dirigir. Cumpre-nos sempre procurar fazer um pouco mais do que podemos, mas tambem cumpre não tentar o impossivel. Precisamos caminhar sem remoras injustificadas — mas sem pressa, sem dissipação, sem crueldade. Ninguem tema o advento de condições novas. Nenhum trabalhador honesto, homem ou mulher, tem nada a temer da instituição do Estado Moderno".

§ 11. *Principia a Verdadeira Luta pelo Governo*

Mas os dirigentes do Estado Moderno sabiam que para a instituição da Nova Ordem não bastavam proclamações e "Breves Explanações"; o aumento da Policia do Ar e Mar foi prova disso, e logo depois a reorganização dos nucleos — unico meio do Poder Central por-se em contacto com as situações locais. Em quasi todas as partes da terra os nucleos haviam creado massas de auxiliares e simpatizantes, com os seus particularismos regionais e fora das fileiras do Companheirismo. Os uniformes cáqui dos guardas de ruas e caminhos diferia pouco dos de hoje, e como num golpe de magica encheram o mundo, juntamente com o simbolo da organização — um disco alado; aviões, correios, telegrafos, cabinas telefonicas, sinais de estradas, veiculos de transporte, edificios publicos — por toda parte se via o disco de asas. Dado o perfeito acordo com a Russia, o novo brazão lá figurava par a par do martelo e da segadeira.

Não ocorreu a principio nenhum movimento hostil de gravidade. Por aqui vemos como fôra completo o desmoronamento dos estados patriotas do periodo das guerras. Já não havia jornais nesses paises, nem diplomatas, nem ministerios do exterior. Onde papel para a imprensa? Onde honorarios para a diplomacia? Assim podado de orgãos vocais, o velho nacionalismo silenciou. Havia, entretanto, protestos, totalmente inefetivos, das organizações locais surgidas expontaneamente; e havia tambem muita resistencia passiva. Era frequente a supressão clandestina dos discos alados, sem que nada resultasse de grave; a policia vinha e restabelecia-os de novo.

Esta fase de tacita aquiescencia, entretanto, foi temporaria; a oposição incubada ia se organizando — e com abundancia de elementos. A guarnição fascista de Roma, que se dava como o governo da Italia, foi das primeiras a surgir em campo. Dispunha essa guarnição de certo numero de aviadores dispensados pelo Controle, ou não aprovados nos exames; apoiados nisso, os Camisas Negras promoveram a ocupação da nova fabrica de aeroplanos construida na velha cidade de Turim, e tambem do pequeno aerodromo existente em Ostia. O disco alado foi substituido pelo fascio nacional, e

uma proclamação lançada, com a possivel difusão, apelando para o cadavel da Liga das Nações e revivendo uma mumificada expressão do presidente Wilson: "a auto-determinação dos povos". O Rei da Italia, depois de rigorosa busca foi encontrado a cultivar sua quinta no Piemonte; o palacio do Quirinal, de ha muito fechado, viu-se reaberto e varrido para novamente abrigar a realeza.

A nova Policia do Ar vinha impacientemente esperando uma provocação dessas. Estava equipada de um novo tipo de bomba de gás — dum gás de nome Pacifina, que tornava as vitimas isensiveis por 36 horas — e só. Recebeu ordens de ir aplicar o tratamento á "dogana" de Ventimiglia, á fabrica de aviões e ao aerodromo ocupados pelos Camisas Pretas.

Chegados a Ostia, os aeroplanos da Policia defrontaram uma situação complicada. Uma curiosa cerimonia se ia desenrolando no aerodromo. Tres novos aviões recem-chegados da fabrica de Turim estavam para ser benzidos pelo Papa Albano III.

A Igreja Catolica sempre se entregara ao prazer do benzimento de coisas — lojas, barcos, pontes, automoveis, bandeiras, canhões, navios de guerra, novos edificios, etc. Eram cerimonias que faziam reclame da Igreja, encantavam os fieis e não prejudicavam em coisa nenhuma as coisas benzidas. Mas naquele momento a cerimonia assumia um aspecto de franca hostilidade ao Conselho Mundial. O Papa já havia chegado; o Rei e o Duce reinantes achavam-se a postos. Filmes aereos tomados momentos antes da vinda dos aviadores policiais revelam o brilhantismo do espetaculo — as altas autoridades, os uniformes mirabolantes, as batinas discretas — tudo como outrora. Coroinhas de sotaina e lindas golas de renda, acolitos pendulando turibulos. O veneravel Santo Padre, num trono recoberto do palio, dominava a multidão, de cima duma plataforma tapetada de purpura. E formigando por ali, um enxame de tres mil Camisas Pretas, pelo menos.

A ação do representante do Conselho, Luigi Roselli, no comando da força policial aerea, foi indiscutivelmente precipitada.

O inquerito sobre o incidente provou que esse homem não escondia as suas tendencias anti-clericais. Fôra escolhido

para aquela missão justamente por ser italiano, e assim não irritar em excesso os sentimentos nacionalistas. (Curioso sinal dos tempos: o chefe que comandava as forças fascistas presentes á cerimonia era um seu irmão, Mario Roselli). As instruções dadas a Luigi foram para apossar-se do aerodromo com o minimo de violencia possivel, só usando a Pacifina em caso extremo. Mas a vista das batinas, das biretas, do palio e mais indumentaria secerdotal para ele odiosa, e os cantos caso extremo. Mas a vista das batidas, das hiretas, do palio liturgicos, e a atmosfera padresca que tudo envolvia, foi coisa muito forte para o seu anti-clericalismo meridional. A esquadrilha circulava sobre o campo, e a cerimonia prosseguia com dignidade, a despeito do ruido dos motores; isso porque ninguem lá embaixo admitiu a hipotese de alguem no mundo "gasar" o Papa.

— Vamos! ordenou Luigi Roselli, sem alcançar a extensão do ultraje.

As bombas de Pacifina cairam sobre a arena.

"Por um momento", escreveu em carta um dos aviadores da esquadrilha, "os canticos soaram ainda em voz mais alta. Ninguem abandonou o posto. Depois notei uma vacilação geral — joelhos que se dobravam. Era interessante observar a ação da Pacifina naquelas gentes. Lembrava um canteiro onde as flores murchassem de subito em redor de certos pontos. O velhote no trono de purpura não fez o menor movimento. Tinha as mãos postas e a cabeça baixa. Impossivel dizer o instante em que foi atingido. A guarda fascista em torno do Rei não se comportou com tanta dignidade. Pôs-se a gesticular, a berrar ameaçadoramente. Alguns puderam correr uns tantos metros, antes que o gás atuasse. Evidentemente, a ideia de todos era tratar-se duma asfixia mortifera. Ninguem sabia da Pacifina. Nem *nós* — até duas semanas atrás.

"Não havia mascaras em meu "passarinho", de modo que não fiz parte do grupo de aviadores que desceu para tomar posse dos aviões quasi-benzidos.

"A ultima visão que tive daquele aerodromo deu-me a ideia dum tapete oriental, pelado em muitos trechos, mas ainda intacto em outros. Perfeito jardim do sono. Espero que os não "gasados" hajam mostrado algum respeito pelo bolso dos adormecidos..."

Infelizmente o raid não foi tão sem sangue como esse missivista faz crer. Um jovem sacerdote, Odet Buonarotti, recebeu na cabeça uma das bombas (que eram de vidro), vindo a falecer incontinente. Teve mais tarde o premio do martirio — foi canonizado, e ficou na historia como o ultimo santo de hagiografia latina...

Neste ponto o manuscrito de Raven sofre uma interrupção abrupta.

LIVRO QUARTO

O Estado Moderno Militante

§ 1. Lapso no Texto.

§ 2. Interludio dramatico.

§ 3. A Insurreição Inutil.

§ 4. A Educação da Humanidade.

§ 5. Resumo do Texto: a Tirania do Segundo Conselho.

§ 6. Desapontamento Estetico: Caderno de Notas de Ariston Theotocopulos.

§ 7. A Declaração de Mégève.

§ 1. *Lapso no Texto*

Até aqui venho transcrevendo, com muito poucas modificações e nenhuma alteração, o texto do livro dos sonhos de Raven. Mas neste ponto sofre a historia uma solução de continuidade. O relato dos ultimos 60 ou 80 anos aparece em notas soltas, na horrivel estenografia que ele usava. E por fim, vem o ultimo capitulo — este em forma plena e definitiva.

Não posso dizer por que motivo Raven deixou uma parte tão importante da sua historia em tal estado de confusão — e ordenou do melhor modo justamente o capitulo final. Mas tenho minhas ideias sobre o que poderia ter-se passado na sua cabeça. Em primeiro lugar, o humano anseio de apreender o desfecho da grande revolução que se ia desdobrando naquelas notas levava-o naturalmente para a ultima parte, mais atrativa que as anteriores. Em segundo, a materia do meio apresentava-se muito mais intrincada. Como Raven me dissera, aquilo havia penetrado em seu cerebro com dificuldade, vencendo resistencias. Suas ideias gerais tinham-no preparado para as novas guerras, para o colapso subsequente, para um governo mundial com base no poder aereo, e tambem para o desfecho. Mas não o tinham preparado para as profundas e complexas lutas espirituais do seculo em que foi instituida a Nova Ordem. Naquilo Raven nunca pensara.

Mas fosse na realidade uma visão clarividente dum futuro compendio de historia, ou simples erupção do seu subconciente, nada afeta o fato de que aquele periodo não se harmonizava com sua indole. Um dos bons argumentos para admitirmos que essa Historia do Futuro saiu da subconciencia de Raven é a existencia de certas passagens em que ele parece discutir consigo mesmo.

Não creio que fosse por acaso que a narração se interrompeu exatamente no ponto da morte do Papa e do martirio de

Santo Odet, em Ostia. Acho que este incidente representou-se no espirito de Raven como um ponto de enorme significação na historia. Era algo que tinha de suceder e em que seu cerebro jamais pensara. O incidente vinha pôr termo a uma tregua de seculos em materia de ensino moral e á organização do que era compreendido como religião. Sobreviera a morte da primeira vitima dum novo conflito religioso. O Conselho Mundial demonstrava querer não só dirigir o planeta como tambem a vontade humana — e com surpresa Raven compreendeu que seria assim.

Um ano antes o Estado Mundial havia sido proclamado em Basra. Ficara assente que a Nova Ordem iria insistir numa educação especifica e que não toleraria concorrencia. Mas dizer uma coisa dessas não é compreender o que significa. Afirmações de igual ordem já haviam sido feitas outrora e passaram como as musicas passam. O novo governo não apreendeu a plenitude das suas proprias intenções antes que aquele ato de supremo sacrilegio o forçasse a isso. Havia dado um golpe no chefe do Catolicismo e causado a morte dum ministro dessa fé durante uma cerimonia. Havia se chocado com a mais vasta organização do mundo, a Igreja, e a intimara a sair do seu caminho. O Conselho Mundial percebeu que assim fôra. Podia recuar, transigir. Preferiu não ceder.

Dez dias depois guardas aereos desceram em Meca e fecharam os templos islamicos. Grande numero de praticas religiosas foram suprimidas na India; as casas-matadouros em que o kosper era insanitariamente preparado para os judeus ortodoxos foram trancadas no mundo inteiro. O Decreto de Uniformidade entrou em vigor. Só haveria no mundo, dali por diante, uma fé unica, expressão moral da comunidade-mundo.

Raven foi colhido de surpresa, bem como a humanidade de 1978, por esse inesperado desdobramento do monopolio dos transportes em governo universal, nova ordem universal e nova fé universal. Mas a experiencia da Russia Sovietica e a pratica supressão de todas as religiões que o Comunismo promovera, deviam ter preparado o espirito de Raven para a compreensão de que para cada nova ordem social cumpre haver uma nova educação — e que a alma duma educação é um credo religioso. Como quasi todos os espiritos livres

do seu tempo, Raven não seguia religião nenhuma e tolerava todas. Parecia-lhe razoavel que nessa materia os homens fossem livres de pensar como quisessem, contanto que o que pensassem não exercesse pressão sobre a nova politica do mundo. E' extraordinario como as mais contraditorias concepções da vida coexistem lado a lado em nosso mundo, sem atritos de importancia. Mas tal situação não seria aceita pelas gerações futuras. Iriam elas admitir que para uma creatura normal só existe um meio certo de ver as coisas, e uma só concepção certa das reações sociais — todas as mais seriam erradas e conduziriam a perturbações e má conduta.

O desdobrar-se da revolução mundial, no livro de sonhos de Raven era de molde a chocar o otimismo evasivo, e a desastrosa condescendecia dos nossos tempos. Para que o bem estar e a paz descessem sobre a terra, como um definitivo termo ás lutas entre paises, aos saques, á pobreza e ao amargo desapontamento universal, era imprescindivel a organização comum da especie humana e a reconstrução do individuo. A revolução formal já realizada era apenas o preludio da real revolução a fazer-se; a primeira daria apenas o quadro — o Governo Provisional — dentro de cujas linhas a grande obra renovadora iria operar-se.

Esse primeiro governo era naturalmente precario, com os seus milhões de aderentes mal assimilados; dominador da terra como se achava, teria de imobilizar-se ou destruir todos os sistemas de erros, mal interpretações, compensações e auto-consolações ainda sobreviventes no cerebro dos homens; tinha de lutar grandes batalhas contra a indolencia, a cubiça e o ciume, contra o medo em todas as almas, inclusive na dos seus proprios aderentes — e tinha de vencer. Ou isso ou passar. E tinha de o fazer num prazo estabelecido. Se não vencesse dentro desse tempo, seriam inevitaveis as dissenções — e mais um seculo de erros e inutilidades se somaria ao já tão longo martiriologio humano. O novo regime havia que mundificar a mentalidade da raça humana ou sair da cena. E se se afastasse, todas as probabilidades seriam para que o homem regredisse ao velho individualismo animalesco e se precipitasse no caos da extinção. Foram possiveis os desastres do passado sem um cataclisma geral, porque eram desastres locais e parciais — agora tudo mudara; o desastre da revolução seria o sossobro do mundo.

§ 2. *Interludio dramatico*

Já fiz ver como esta historia do ano 2006 é imparcial, comparada ás historias do nosso tempo. Politicos e estadistas por ela passam como reflexos de forças gerais; realezas rebrilham e somem-se furtivamente, como ratinhos em buracos de assoalho. De quando em quando atenta num vulto, Henry Ford, por exemplo, de Windt, Woodrow Wilson ou Winston Churchill, não os vendo como herois ou lideres, sim como tipos e testemunhas, através dos quais se manifestam em apogeu as tendencias sociais ou os sistemas de ideias.

Mas, de subito, nesse ponto, aparece qualquer coisa relembrando os velhos melodramas — isto porque uma dessas "personalidades da fase" assume tal importancia que parece dominar os negocios do mundo — como Cesar e Cleopatra, ou Mirabeau e Maria Antonieta. Suponho que algum elo se haja extraviado na historia de Raven — comentarios que ressaltariam o valor deste episodio para a compreensão do pensamento da Ditadura do Ar. Vou narra-lo como o apanhei.

O Controle do Ar e Mar e conexos haviam sido a obra dum grupo de moços inspirados pelas ideias de de Windt e movidos pelo quadro da crescente desordem do mundo. O primeiro Conselho Mundial, eleito em 1968, incluia, alem da maior parte dos lideres de 1965, agora já mais amadurecidos, alguns elementos novos, tambem maduros, e só dois elementos do grupo moço. Arden Essenden, graças á sua iniciativa e vigor, era não só o presidente como o chefe natural do Conselho. Apenas Ivan Englcharte podia equiparar-se-lhe em personalidade. Hav'a lá tipos mais finos e nobres, nenhum. porém, tão categorico e tão admirado pelo povo como Essenden.

Seu nome era mais conhecido que o dos colegas e seu retrato passou a circular intensamente quando reapareceram os jornais. Era metodo do novo governo não apôr a assinatura do presidente ou do secretario ás comunicações oficiais; esses documentos apenas d'ziam que este ou aquele Controle, ou o Conselho, sugeria, determinava, propunha ou havia decidido — e o selo de asas autenticava o documento. Mas começou a espalhar-se a opinião de que Essenden, o homem cujo discurso na ultima conferencia de Basra tudo resolvera, devia tambem apôr a sua assinatura lado a lado do selo. Seu

prestigio crescia constantemente — e Essenden não o ignorava. E talvez essa conciencia do apoio publico lhe afetasse a atitude diante dos demais companheiros.

Os historiadores interessados nos escritos de Raven deduzem de certas passagens estenografadas e de difícil decifração, que essa circunstancia influiu na natural impaciencia de Essenden. E comparam-no a outros ditadores. Crises ha nos negocios humanos de tanta premencia que muitas considerações têm de ser postas de lado afim de que só a energia da ação impere. Esses criticos dos nossos tempos estudam a soma de justificações existentes a favor de Mussolini, Stalin, Kemal, Hitler e varios outros ditadores do periodo da derrocada economica, e eu verifico que o julgamento da posteridade discorda muito do meu liberalismo anglo-saxonio. O juizo desses posteros acentua, ainda mais do que eu o faço, a ineficiencia e frouxidão do regime parlamentar.

Mas não extendem a Arden a mesma condescendencia usada com os ditadores mencionados. Arden representou o papel de "pulso forte" já muito tarde — meio seculo fora de epoca. O que se cumpria fazer havia sido formulado por de Windt e outros teoristas da escola. Essenden, dizem eles, não só precipitou uma decisão geral como induziu o Comité a agir muito cedo, e muito asperamente, contra as velhas tradições politicas e religiosas que, na sua opinião, pareciam atravessar-se diante do Estado Moderno. Revelou-se muito impaciente e impetuoso.

Logo depois da declaração de Basra houve altercações entre Essenden, William Ryan e Hooper Hamilton. Rin Ray interveio com grande firmeza nessas disputas — que Englehart açulava.

E' facil de compreender que o novo governo estava a agir num ambiente muito agitado de emoções. A incerteza quanto ao futuro era grande — e convidava ao aventuresco romantico. O Conselho via-se na posse do mundo — mas não em posse mansa. Ainda no ano 2000, dezenove vigesimos da população do globo escapavam á nova ordem. Se o mundo não estava em rebelião, estava, entretanto, amotinado, com muita gente de valor mental em campo adverso — homens de mentalidade antipatica ao reajustamento dos negocios humanos nas linhas do Estado Moderno.

Eram inevitaveis que as desharmonias entre as figuras centrais do Conselho, e tambem as ocorridas entre os Compa-

nheiros, ecoassem e fossem mal interpretadas fora do circulo dirigente. O mundo ainda tinha muita receptividade para com os herois e bandidos, sempre inclinado que fôra ao partidarismo cego e aos cegos assomos de suspeita. Começou a formar-se uma lenda sobre a antipatia de Essenden contra a "presunção" e a "miuda tirania" dos varios Controles. Admitia-se que Essenden era algo acima de tudo, e que alimentava a intenção de tomar o leme para dirigir o mundo com mais generosidade e espirito popular. Como diz a historia: "Um autocrata é sempre o imaginario refugio da multidão vitima da aristocracia impiedosa".

Que Arden Essenden haja conspirado para realizar esse sonho, não é ponto assente. Nada em suas palavras ou atos revela infidelidade para com a Republica do Mundo. Mas ele sentia — como sucedera a Stalin — que os homens não podiam passar sem ele.

E subitamente uma mulher entra no palco. Todos sabemos da ação do amor na caudal da historia, mas só ao chegar a esse ponto é que eu dei tento á pequenez da parte que a mulher tomou no drama começado com a Grande Guerra. Antes do desastre já elas estavam, em muitos paises, emancipadas e com direitos iguais aos dos homens. Depois de realizada essa reivindicação, entretanto, a mulher se some da cena durante todo o decurso das quatro decadas calamitosas.

E' verdade que apareceram mulheres de ação nos começos da revolução russa, mas nenhuma desempenhando papel decisivo. Seu lugar ainda era na cozinha, na casa, no hospital, no harem. Perderam a pequena significação politica de antigamente, depois que as rainhas sairam da moda, Havia no Estado Moderno boa quantidade de Companheiras, mas nenhuma em posição decisiva. Nenhuma ontrou para o Conselho. Executavam trabalhos vitalmente importantes, na educação, no secretariado, nos setores executivos — mas sempre trabalho auxiliar.

Subito, como dissemos, entra em cena a mulher. Aparecem duas — Elizabeth Horthy e Jean Essenden — e o curso dos destinos humanos sofre os efeitos do ciume e da paixão desordenada.

Elizabeth Horthy, a causadora da queda e execução de Arden Essenden, foi evidentemente uma mulhr de alta beleza e irrepreensivel conduta. Era pilota; gostava de aparecer no

seu uniforme aereo quando todas as mais se entrajavam a rigor. Sabia, diz a historia, o que lhe ficava bem. Alta, belamente construida — e de "queixo levantado", supomos; "testa larga", rosto "sereno". Foi o que depreendemos das citações extraidas das cartas que Essenden lhe escreveu. Cartas dum homem completamente ingenuo na arte do amor. Mas não conseguimos saber se era morena ou clara, nem de que cor tinha os olhos, nem como era a voz. Suas cartas de amor devem ter sido expressivas e extraordinariamente indiscretas. Quanto á sua distinção e "charme", não resta duvida. Bem do tipo que os homens chamam "radiante". "Como o sol"; "como a musica que vai ao coração" (Essenden). Fazia de cada homem um amigo — exceto a Hooper Hamilton, que manifestamente a repelia.

Esta jovem creatura, toda bravura e impetos romanescos, parece ter vindo a Basra na comitiva de William Ryan. E' possivel, mas improvavel, que fosse sua amante. Aparentemente Elizabeth só tinha interesse na tremenda obra da Revolução Mundial como um excelente pano de fundo para a sua excitante personalidade. Supomos que entre ela e Essenden o amor veio como o raio, mal se viram pela primeira vez. E talvez, mesmo, ela viesse a Basra na esperança disso. Teatralidade. Eram ambos teatrais. Elizabeth adorava o magnificente, sendo possivel que seu gosto pela grandeza fosse maior que o seu senso critico.

Parece que se deram um ao outro sem hesitação nenhuma e ás claras. O amor que os unia, — diz ele numa das cartas — era "dessa especie que se pavoneia como bandeira ao vento".

Existia, entretanto, um terceiro personagem na peça — a esposa de Essenden, mulher de grande energia e comando. Sua grande vaidade era "inspirar" Essenden. E para complicar o drama havia Ryan, ressentido com Essenden por ter-lhe "roubado" a "sua aviadora"; e havia ainda Hooper Hamilton, inexplicavelmente hostil. Deixamos ao leitor a imaginação dos pormenores do drama, que no fundo foi um drama vulgar, apenas ampliado de escala, já que se desdobrou no palco do mundo. O ponto culminante foi a acusação levada por Jean ao Conselho — de que seu marido estava enredado numa conspiração contra o Estado Mundial. Declarou haver interceptado cartas comprometedoras — embora não produzisse nenhuma. O historiador do ano 2106, passando em revista os pormenores do caso, declara que não exis-

tia prova nenhuma de qualquer associação de Elizabeth ou Essenden com o vasto movimento em marcha de reação monarquica e individualista. Mas no momento a acusação era plausivel. Em bilhetes ao amante Elizabeth tratava-o de "Meu Rei".

Jean, alem disso, repetia as mais absurdas conversas tidas com o esposo: alarde de futura gloria, ameaças aos companheiros, estranhas respostas ás advertencias que ela lhe fazia. Jean, pelo menos, era uma incorruptivel Republicana Moderna. Tempos depois, numa crise de remorso, retratou-se de tudo — mas já fora de tempo. O possivel é que tudo fosse verdade pelo meio — realidades refractadas pelo ciume.

Hamilton selou o destino de Essenden, na qualidade de presidente do Tribunal Especial constituido para o julgamento. "Ha algumas provas contra Essenden", disse ele, com os olhos no rosto palido da acusadora. "Mas pouco importa haja ou não haja conspirado. Seu verdadeiro crime é ter permitido que esta situação se desenvolvesse; que permitisse á sua atenção desviar-se do serviço da Republica para simples regalos pessoais — regalos pessoais e exibições. Pelo menos de egoismo é ele culpado. Sacrificou-se e sacrificou os interesses do mundo a um drama pessoal. A questão da culpabilidade especifica é materia sem importancia. A questão que temos diante de nós não é saber o que Essenden fez, mas o que vamos fazer de Essenden. E' preciso que a repressão comece, pois a guerra civil se aproxima. O momento não é para os Grandes Amorosos. Essenden tornou-se ambiguo. Não pode mais chefiar-nos — e que faremos dele? O que ha é isto, Essenden — você tornou-se *inconveniente*. Independentemente dessa questão de mulheres, *você está alijado*".

As notas citam estas palavras colhidas nos filmes gramofonicos do julgamento. Parece que os historiadores do ano 2106 podiam sentar-se á mesa e ouvir por meio desses filmes toda a seriação dos debates no tribunal, anotando os discursos e a inflexão das vozes.

Houve uma pausa. Essenden limpou a garganta. "Sim, sei que estou alijado".

O tribunal decidiu que não houvesse julgamento publico, nem condenação. Isso poderia precipitar a revolta. Um tabloide seria dado a Essenden para que o ingerisse em casa. Poderia "sentar-se ao sol da primavera, entre flores e lindas arvores" e ingeri-lo quando achasse proprio o momento.

O filme foi interrompido, parece, pelo grito de Jean, exigindo que a ultima hora de vida outorgada a Essenden não a passasse ele em companhia de Elizabeth.

Pelo futuro em fora esses filmes de aço preservarão as lancinantes entonações daqueles momentos tragicos. "Não, eu não posso suportar *isso!*" gritara Jean exhausta.

Elizabeth falou: "Não, não serás torturada por mais tempo. Não te desesperes, Jean. Tudo já acabou. Vou-me daqui. Saio do tribunal. Nunca pretendi fazer mal a Arden desta maneira. Como o poderia eu adivinhar? Para nós dois não ha mais necessidade nem sequer de nos dizermos adeus, nem de estarmos juntos um momento mais. Não poderás salvar-te nunca, Jean. Mas eu jamais pensei em ofender-te. Nem ele".

Estas são as suas palavras como a estenografia de Raven as fixou, mas nós nunca as ouviremos em sons. Ouviu-as entretanto um homem, cem anos depois de terem sido pronunciadas — ouviu-as com todas as entonações do sentimento humano. Estaria Elizabeth falando ou discursando? Nada podemos saber.

Não ha descrição dos ultimos momentos de Arden Essenden, o redator da proclamação do Estado Moderno. Possivelmente sentou-se ao sol, no jardim, e ingeriu o tabloide mortal. E havia de ter recordado, nessa hora ultima, a sua vida de lutas durante os anos da devastação, e a longa batalha em prol do Estado Moderno, tão encarniçadamente lutada. Ou, segundo todas as regras do romance, talvez houvesse pensado unicamente em Elizabeth. Ou então, exhausto, sentou-se apatetadamente ao sol e olhou para aquelas flores com o pensamento parado. E apagou-se. Essenden morreu em qualquer parte no norte da França; as notas não precisam o ponto exato.

Já essas notas são mais explicitas quanto ao destino de Elizabeth. Suicidou-se no mesmo dia. Não com tabloide. Ergueu-se a grande altura em seu avião e precipitou-se em declive. Foi como se estivesse procurando escapar ao planeta onde terminara o seu romance. "O aeroplano parou de subir; permaneceu imovel, um pontinho no ceu; depois começou a oscilar como folha morta. Estava muito alto para que fosse possivel vermos que o piloto se destacara dele e vinha caindo

ao lado. Simples farrapos de corpos foram encontrados em meio a um bosque de carvalhos perto de Chantilly.

Duas semanas depois Hooper Hamilton tambem sucumbiu ao "egotismo", por meio de forte dose de qualquer coisa, na sua casa de verão nas Ilhas Aaland.

E com isto o interludio novelesco chega ao fim. Muito elementar na sua crueza. Sem afinação com o que o precedeu e o que se lhe seguiu. Correram ainda outras "historias" a respeito dos homens do primeiro Conselho Mundial, que, com base nesta, abrem campo á nossa imaginação. Sem significação nenhuma. Amostras apenas da velha paixão humana.

Teria Elizabeth ao cair através das nuvens, rumo ao Nada, sentido que sua vida valera alguma coisa? A historia denominou-a "aquela ultima romantica".

§ 3. *A Insurreição Inutil*

As notas mostram que os historiadores de 2106 não estavam convencidos de nenhuma cumplicidade entre Elizabeth Horthy e os Nacionalistas Federados, já então em franca revolta. Se estivesse comprometida, não teria abandonado os conspiradores para dar-se á morte de maneira tão melodramatica. Voaria ao encontro deles na Alemanha, arrastada pela sede de vingança. Tudo leva a crer que tanto Essenden como Elizabeth viveram na maior lealdade, pelo menos nas intenções, para com o Estado Moderno.

Não obstante, a tragedia favoreceu a campanha dos rebeldes, com os nomes de ambos transfeitos em simbolos da reação: Essenden fôra o martir da ideia nacionalista dentro do proprio Conselho Mundial. E' curioso notar que a pobre Liga das Nações, já em estado de mumia, tornou-se de subito algo muito mais forte do que em vida; dela saiu a formula para o retorno do mundo ao velho sistema de estados soberanos. A declaração do principe Manfredo da Baviera colocou-a á frente de suas reivindicações. Esse lider falava dela como da Federação Mundial dos Povos Livres, e prometia Liberdade de Pensamento, Liberdade Religiosa, Liberdade de Industria e Comercio, Repulsa do Inglês Basico e da Influencia Estrangeira. Como amostra destas maravilhas, o principe promoveu um pequeno pogrom dos judeus ainda existentes em Frankfort.

Deste ponto em diante estarei dando uma fiel transcrição das notas.

Nada houve comparavel á verdadeira guerra, durante esse periodo de perturbação; nada que pudesse receber o nome de batalha. O Conselho Mundial tinha a suprema vantagem do monopolio de todas as vias de comunicação do mundo e, como os peritos belicos certamente informaram aos rebeldes, não ha guerra sem transportes. O principe Manfredo lançou vigorosas proclamações "ao mundo", antes de ingerir o seu tabloide; mas como o Inglês Basico fôra repudiado pela Reação, tinham de ser vertidas para idiomas locais; eram impressas em papel roubado, nos prelos secretos, e distribuidas manualmente. A obstrução dos serviços publicos de radio foi mais uma sabotagem do que uma revolta. O inicio da produção de material belico nas fabricas apossadas pelos rebeldes morreu acalmado com inhalações de Pacifina. Umas tantas deserções da Policia do Ar haviam abastecido o principe com uns tantos aviões — mas a vigilancia das patrulhas mundiais e a falta de aerodromos proprios varreram-os logo do ar.

Restava aos rebeldes a bomba, a proibida pistola, o punhal e a emboscada. Isso deu-lhes forças, fazendo da luta um terrivel e sinistro episodio da historia humana, com retorno á espionagem, aos raides punitivos, restrição das atividades privadas, violencia contra-violencia. Nas ruas desertas, nos escritorios, da administração e nas novas estradas, o "perigo patriota" constituia uma constante ameaça. E insensivelmente os rebeldes se fundiram nas organizações criminosas normais.

Foi esta mortifera campanha da "Guerra dos Amordaçados e Desarmados", como dizia o principe Manfredo, que endureceu o coração do Estado Moderno pelo espaço de cincoenta anos. A nova ordem tomou medidas de "prevenção"; passou a suspeitar de todos e a pôr toda gente em prova; o horrivel tipo do *agente provocador* reapareceu, e com muito serviço até o ano 2000. Continuou ativo por mais uma decada, e realmente só se evaporou do mundo depois da Declaração de Mégève, em 2059. E o governo que havia dado começo ás suas execuções com Arden Essenden e o principe Manfredo, percebeu logo que arma decisiva e facil era o tabloide. Cada condenado podia repetir a morte de Socrates,

rodear-se de amigos, acolher-se a um jardim ou justiçar-se a comodo em seu escritorio. Inutilmente o veterano Rin Kay protestou no Comité que o homem não tinha direito de tirar a vida aos seus semelhantes ou encarcera-los. "Massacrais a vós mesmos, quando matais a alguem", dissera ele.

Os rebeldes, entretanto, matavam com a maior persistencia e sem a polida mansidão do sistema tabloide. Punhal, tiro, espancamento de morte.

— "Para o terror, a morte deve ser terrivel", escreveu Kramer.

— "Para o homicidio, a morte deve ser inevitavel", disse Antoine Ayala.

Por fim o codigo penal deu conta do resto. Houve no ano de 2005, 5703 crimes politicos, e 1114 no ano de 2007. O ultimo ocorreu em 2034. Total: 120.000. Mas durante vinte e nove anos deram-se 47.066 execuções politicas! Rihani calcula que sete por cento dessas execuções recairam sobre gente anonima, apenas circunstancialmente comprometida, e sem que houvesse provas absolutas. A maioria das sentenças provieram das côrtes marciais. O futuro emendava com o passado.

§ 4. *A Educação da Humanidade*

E aqui as notas estenograficas de Raven se tornam de novo ilegiveis, confusas, quasi indecifraveis. Diziam respeito ao momento da historia em que a fé á força lutava com a fé livre. A mim me chocam estes fatos, e vai ser o mesmo com quem me lê. Percebo que das palavras do historiador emana a sensação do que só poderei chamar *inhumanidade*. Esses homens que aqui estamos historiando são diferentes dos de hoje em suas ideias fundamentais. A curta transição de cento e setenta anos está marcada duma sutil mudança no coração humano. Muito quereria eu saber se uma diferença destas não se evidenciaria se pusessemos uma mentalidade do seculo 18 em confronto com a nossa mentalidade atual. Não nos acharia ela extremamente cepticos a respeito de coisas sagradas? e em excesso francos a respeito de coisas biologicas? e errados em nossos sentimentos?

Torna-se comico reviver tipos do passado, como o Dr. Johnson ou Addison, e faze-los discutir ideias contemporaneas; mas comumente a comicidade vem do entrajar reações modernas em frases e vestuarios fora da moda. Sinto-me nessa situação ao analisar esse documento historico do ano 2106. Se nos fosse possivel ressuscitar o famoso Dr. Johnson ele nos impressionaria não só com um tedioso, inadaptavel e esquerdissimo gentleman, como ainda homem de mau cheiro e maus modos. Seus comentarios sobre a vida não passariam de ecos de antiquadas controversias; e vê-lo-iamos cheio de mal estar diante de nós — dos nossos valores diferentes, do nosso deshumano humanitarianismo e da nossa cruel racionalidade. Esse homem que se sentava com tanta firmeza sobre a velha massa das instituições consagradas, dos costumes considerados eternos, das interpretações definitivas, veria toda essa massa evaporar-se; e como um pobre martir na arena, ficaria sem saber onde pousar os olhos. Muito provavelmente o empurrariam contra Mr. G. H. Chesterton — para uma decepção ainda mais penosa. Porque Mr. Chesterton, que se julga o verdadeiro avatar do velho doutor, tambem pertence á nossa epoca tanto quanto o mais futurista de todos nós.

Sou um critico sempre hostil ás condições atuais, e essencialmente revolucionario; não obstante, ajeito-me com os que me envolvem porque apesar do meu canto ser de revolta está em compasso com a afinação geral. Mas percebo que se fosse transferido para o tempo infinitamente mais feliz que Raven descreve, sentir-me-ia em choque desagradavel com grandes e pequenas coisas. Não encontraria ninguem afinado comigo; não compreenderia anedotas que faziam morrer de rir a essa gente mais ampla e vigorosa, e o mecanismo da vida me pareceria confuso. Todas as coisas com que sonhei ou que previ, lá as encontraria eu — mas sob formas diversas e estranhas aos meus imaginarios moldes.

Uma das coisas que as notas de Raven me ensinaram foi que um espirito humano amadurecido suporta muito menos do que eu suponha a transplantação para um tempo e um clima novo. A mim, a historia da energica liderança de Arden Essenden e da sua desordenada paixão por Elizabeth Horthy aparece-me como tema de romance ao molde do *Comediantes Tragicos*, de Meredith; mas o historiador do ano 2106 só a vê como material para estudo do egoismo. Qualquer coisa em mim se revolta contra isto, do mesmo modo

que se revolta contra a admissão de que a Grande Guerra foi um puro desperdicio; seus heroismos e sacrificios, uma pura cegueira; e sua significação, nenhuma — afora as deslocações economicas que determinou.

E agora que chego ao ponto da aspera educação racional do homem empreendida pela Ditadura do Ar, materia que não seduziu nem a Raven, minha repugnancia se acentua. Sinto que se eu fosse daquele tempo estaria militando entre os rebeldes, contra os criadores da ordem nova. Mas, calhe ou não calhe ao meu temperamento, cumpre-me prosseguir na exposição dos acontecimentos.

Os homens que realizaram a grande revolução unificadora tinham praticamente a mentalidade de agora. Não passavam de nossos diretos continuadores morais e mentais. Neste mesmo momento em que o leitor lê esta pagina o desconhecido de Windt está nalgum recanto de Berlim ou Londres, elaborando a teoria nucleadora que tanta eficiencia mostraria no futuro; os editores já lhe examinaram o plano da obra e a rejeitaram; e dentro de dois ou tres anos alguma Senhora Essenden estará procurando nome para o ultimo filhinho — e escolherá o de Arden. Tudo assim perto de nós. Os homens do Conselho Mundial, portanto, viam os dois lados do mundo, e vacilavam sentimentalmente, atraidos pela ordem velha e pela nova. Mas a geração que produziu a Ditadura do Ar fôra desde o começo formada dentro das escolas modern'estadistas, e confirmada depois nos nucleos; ela se havia alimentado duma literatura nova, tinha horizontes novos, com uma ideologia determinada sobretudo pelos sociopsicologistas e "néo legista" da escola americana. Cerebros rijamente construtivos, para os quais as cambiantes pareceriam obscuridade ou fraqueza.

Claro, pois, que o primeiro Conselho, com as suas rivalidades e politicas, tinha de ser muito menos efetivo do que o categorico e rude Controle de Educação, o qual gradativamente enfeixou nas mãos a policia, a higiene, o aparelhamento escolar e a literatura. Enquanto o Conselho Mundial lutava e impunha a nova ordem, o Controle Educacional ia remodelando a mentalidade do mundo. Nos começos do seculo 21 as primeiras figuras da revolução passam a plano subalterno, ou desaparecem da cena — e uma camada de homens novos, mais simples de espirito e mais determinados, ocupa a frente.

Vou retomar a transcrição

"O mundo já é vario em si, independente da variedade artificial"; essa maxima do Controle de Educação criou os homens da Ditadura do Ar. E dela saiu uma variante: "Não convem aos interesses da raça humana tolerar a mentalidade defectiva ou aleijada". Aceito isso, esse corpo de professores resolveu seguir linhas novas, começando o trabalho educativo antes do nascimento do aluno, para prevenir o advento da má formação fisica e mental. Não havia sombra de duvida sobre este proposito do Controle. Todas as creautras humanas tinham de ser contaminadas pelo modernismo. O poder da Sociedade Estatal crescia sempre; no ano 2000 o numero de membros era de 5 milhões; em 2010 subia a treze. Cada aumento levava o Controle Educacional a imiscuir-se mais a fundo nos recessos da vida humana. Crescia o numero de homens e mulheres afeiçoados em seus moldes, e tambem do de professores e inspetores de confiança.

Ninguem podia negar os resultados fisicos imediatos. As *Cenas Historicas em Cem Volumes* testemunhavam, de 1990 para diante, não só a evolução da tecnica fotografica como a restauração da prosperidade fisica. Á medida que o observador volta aquelas paginas, sente que o homem se rehabilita corporalmente, e torna-se mais alerta. Já desaparecera aquele miseravel aspecto humano de outrora — pobres creaturas a se arrastarem descalças, de rostos aflitos ou mortos, gente mal ou erradamente nutrida; depois de 1990 o vestuario começa a surgir simples e agradavel; e depois de 2010, sobriamente belo.

E foi isto realizado num ambiente que o liberalismo do seculo 19 chamaria de "perseguição". O primitivo Conselho Mundial deixou entregues a si mesmas as grandes areas do mundo que "não davam aborrecimentos". O novo Conselho, porém, ou a chamada Ditadura do Ar, já não procedeu assim. A partir de 2006 iniciou um sistematico ataque ás "regiões largadas", como diziam. Começou a "assear" as barbarescas populações do Haiti, da Irlanda, da Africa Central e Ocidental, da Italia do sul, da Georgia americana e zonas vizinhas, da Georgia do Caucaso, da India — regiões onde o tradicionalismo supersticioso, as sociedades secretas, os cultos magicos e o

sacrificio humano se mostravam ainda muito vivedoiros. Foi uma verdadeira caçada a feiticeiros, curandeiros, padres, mestres religiosos e organizadores de sedições; eram multados ou exilados, e os pais punidos de impedirem a educação da prole nas escolas cosmopolitas.

Muitos criticos da Ditadura do Ar opinam ter sido isso uma inutil perseguição a fés e costumes já moribundos — e que melhor seria deixa-los morrer de morte natural. Mas a nova geração de dirigentes tomava as suas funções muito a serio.

Parece que nesse tempo a velha Igreja Catolica ainda vivotava como a ultima organização cristã; mas grandemente empobrecida e vitima de diversos cismas — consequencia da falta de comunicações durante as decadas negras. Havia um Papa em Dublin e outro em Roma — e ainda um Papa negro em Pernambuco. Do ponto de vista legal o Papa irlandês era o legitimo sucessor de S. Pedro. Fôra eleito pelo conclave dos cardeais; os fascistas, porém, objetaram contra a sua origem estrangeira, chamar-se O'Dowd e falar mal o italiano; e forçaram os cardeais a nova escolha. Parece que algumas organizações de gangsters na America se envolveram no caso; as informações são obscuras. Consequencia: divisão dos catolicos americanos entre o Papa de Dublin e o de Roma, depois de muita luta facinorosa, tumultos, pequenas guerras locais. "Abaixo o Papa Wop!" gritavam os irlandeses. (1) A cisão relembrava a que outrora dividira a Igreja em dois blocos, com um papa em Avinhão e outro em Roma.

A Irlanda tornara-se o ultimo baluarte do cristianismo, com o credo catolico oficializado de 1944 a 1980; tambem a lingua erse, apesar de contaminadissima pelo inglês, ficara lingua obrigatoria. O controle da natalidade fôra completamente banido, embora não detivesse o declinio da população. Em país nenhum a instituição dos nucleos modernistas encontrou maior resistencia do que lá. A Ditadura do Ar teve de abrir seria luta contra a tenacidade desse povo. O irlandês rebelou-se no mundo inteiro. Depois da febre maculada, a população da ilha nunca mais subiu acima de dois milhões, mas havia uma tradição irlandesa muito espalhada pelos povos

---

(1) *Wop*, nome deprimente que nos Estados Unidos o povo dá aos imigrantes vindos da Italia.

da mesma lingua. Alguns dos mais brilhantes e formidaveis antagonistas do Estado Moderno, como Paidrik Lynd, Arthur Fitzgerald, e Bernard O'Dwyer, por exemplo, vinham da Irlanda. Por coincidencia, entretanto, nenhum deles era catolico e Fitzgerald chegara a ser encarcerado pelo crime de blasfemia; mas o espirito de oposição persistia em suas naturezas mesmo depois de abandonadas as velhas crenças.

O leitor terá notado uma contradição no que foi dito. A Ditadura do Ar, ainda mal ajudada pela socio-psicologia nascente, abordara um dos mais debatidos e obscuros problemas da educação — a variabilidade da resistencia mental á direção, e os limites opostos pela natureza humana ao ideal cooperativo do mundo. De Windt, preocupado com os seus gigantescos planos, considerou o "espirito de oposição" apenas como um mal, um vicio a ser evitado, uma perturbação de funcionamento que tinha de ser reduzido ao minimo. A Ditadura do Ar operava com estas ideias. Ninguem lá dentro compreendia que o mundo pudesse unificar-se de outra maneira. E no entanto eram ideias erroneas, que tiveram de ser postas de lado.

Como todo bom professor sabe, a resistencia é um fator indispensavel no ensino. A mentalidade muito aceitativa não recebe impressões profundas — tudo superficial e passageiro. Do "bom aluno" sai o professor desleixado. A dificuldade, mas tambem a sanidade, do ensino cresce com a soma de resistencia do aluno. E a resistencia tambem traz consigo um certo elemento de colaboração; as coisas aprendidas se tornam uma resultante do choque, e incorporam em si elementos produzidos pela luta. E' mais facil esculpir queijo do que um bloco de madeira dura; a madeira mostra veios que têm que ser atendidos de maneira especial — mas no fim não se compara a escultura feita no jacarandá com a feita numa rodela de parmesão. Isto são lugares-comuns para a nossa pedagogia. Mas em defesa do Controle Educacional cumpre dizer que suas medidas de repressão de nenhum modo visavam as resistencias naturais, sim as resistencias artificiais criadas pelas éras anteriores á Revolução.

Durante o seculo 20 circularam muitas generalizações grosseiras sobre as chamadas "caracteristicas raciais". Divulgavam-se ideias arbitrarias sobre certas aglomerações humanas — os hispanicos, por exemplo, ou o "Ocidente", a "Russia",

os "Judeus"; tais generalizações eram sempre injustas, erroneas e extremamente nocivas. Hoje ninguem fala em raças; mas reconhecemos grupos de caracteristicas evidentemente transmitidas em bloco por genes associados, e os antropologos andam a trabalhar numa classificação realmente cientifica dos tipos humanos. Em poucos pontos as creaturas humanas divergem mais do que na recalcitrancia. A recalcitrancia varia com a idade e o sexo. Varia com a alimentação. Alguns tipos teimosos em criança tornam-se razoaveis depois de adultos. A epoca de recalcitrancia maxima está na adolescencia. Geralmente falando, a resistencia passiva e a teimosia crescem muito com a idade, mas não cresce a energia insurrecionaria. E em certas populações, como a irlandesa, notava-se um vigoroso surto da resistencia á medida que o homem crescia em maturidade. Tão forte que os levava ao nivel da obstinação absoluta.

Os defensores das "perseguições" da Ditadura do Ar sustentam que seus missionarios já estavam perfeitamente preparados com a finura e simpatia necessarias para afeiçoar nos moldes modernos todo e qualquer tipo de creatura humana. E, de fato, quando a resistencia era apenas pessoal, apenas dissidio entre o que ensina e o que aprende, esses mestres davam conta da empresa. Pelo menos enfrentavam-na de boa cara. Mas nos casos da resistencia em massa, com fins subversivos, o Controle Educacional tinha de agir de outra maneira — e justificava-se a supressão de livros, de reuniões, de ensinos adversos, de agitações. Estava o controle com o chicote na mão, e seria crime não usa-lo. "Nós não suprimimos a individualidade, não destruimos a liberdade; destruimos, sim, as obcessões, e afastamos as tentações. O mundo ainda está impregnado de doutrinas anti-sociais, de sugestões perigosas, e o dever do governo é desarraiga-las"; assim falava um memorandum produzido pelo Conselho Educacional em 2017.

Temos de adquirir uma comum visão da existencia, uma comum ideia do direito e do errado — pelo mundo inteiro e depressa, dizia esse memorandum. "O instinto natural não nos ajuda num labirinto de artificialidades. Temos de recorrer ao treino ou á disciplina. Quanto melhor treinarmos os homens, tanto menos necessidade haverá de opressão; quanto mais erradicarmos a falsa apresentação das coisas e as agitações, tanto mais livremente, e com mais segurança, viverão

os homens. A marcha do mundo é para uma intensa prosperidade, mas não podemos chegar á vida de abundancia e lazer para todos com a moral que ainda domina os homens. Temos de enrijar o homem; temos de treina-lo em seu proveito proprio".

Em 1955 a humanidade padecia, pela terra inteira, da desordem, da fome e da peste. As populações iam declinando, com todas as probabilidades de completa extinção. A mudança operada fôra, pois, rapidissima e sem precedentes. Em 2017 já temos prova de que os novos guias do mundo encaravam o proximo advento da Prosperidade Geral com puro terror.

NOTA DO EDITOR

Suponho conveniente dar aqui um resumo do estado politico do mundo entre 1965 e 2016. O autor desta Historia escrevia para os seus contemporaneos, e portanto faz referencias a coisas futuras, lugares-comuns para eles, mas novidades absolutas para nós. Felizmente as relações do Partido Comunista e dos partidos Fascistas com os seus respectivos governos nos fornecem um paralelo esclarecedor das relações entre os orgãos futuros e o governo.

Depois do caso da guerra (1940-50), das pestes subsequentes e da "fragmentação social" (1940-60), entre outras tentativas de reconstituição do mundo surgiu o conchavo dos aviadores sobreviventes e dos homens empregados nos aerodromos e equipamentos conexos. A organização que disso resultou foi a *União dos Transportes*, a qual, contrariamente ás previsões de de Windt, não percebeu no começo as suas imensas potencialidades.

A União promoveu varias conferencias de tecnicos, e por fim uma em 1965 da qual saiu o *Controle do Ar e Mar* e os orgãos subsidiarios — *Controle dos Suprimentos, Controle da Industria e Comercio e Controle da Educação e Propaganda.* Mais tarde vieram outros.

Na Segunda Conferencia de Basra, em 1965, o Controle do Ar e Mar transformou-se no *Conselho Mundial* — primeiro governo declaradamente universal. O Controle do Ar desapareceu; os outros, porém, ficaram, modificaram-se, confundiram-se, tornaram-se ministerios do governo unico.

Nenhuma modificação essencial ocorreu na estrutura politica de 1978 a 2059, mas houve grandes mudanças no espirito e nos metodos desse governo. Um novo tipo de administrador emergiu, mais duro, mais devotado e resolvido do que os homens ainda vacilantes das duas conferencias de Basra. Os mais moços vieram a constituir o que o historiador chama Segundo Conselho Mundial, em continuidade com o primeiro. Houve luta pelo poder, com execuções de primitivos conselheiros, sem que, entretanto, se mudasse o regime; o segundo Conselho tambem foi conhecido como a Ditadura do Ar, e mais tarde como a Tirania Puritana. Não se orientava por um estatuto constitucional á moda antiga, mas dentro de linhas gerais folgadas. Variavam os conselheiros sem que variasse o espirito da corporação — e assim durante quarenta anos ou mais. A media da idade dos seus componentes ia aumentando. Estava em 61 anos em 2045.

O segundo Conselho durou até a Conferencia de Mégève, na Saboia, em 2059, na qual o governo do mundo foi reconstituido nas linhas traçadas nos capitulos que se seguem.

Vejamos agora as relações desses corpos dirigentes com o movimento modernista.

Os desenvolvimentos ideologicos que inspiraram as mudanças foram da iniciativa dum grupo de escritores da escola de de Windt. Suas ideias corporificaram-se numa obra saida em 1942 — *Nucleação Social*, que ficou um marco na historia da humanidade. Foi livro laboriosamente arquitetado.

Do movimento modernista saíram os planos do Controle do Ar e Mar. Esse movimento nunca se erigiu em governo, nem teve parte na administração; propagava apenas a ideia. Era um impulso de propaganda e investigação — e de organização educacional. Seus membros ativos tinham o nome de Companheiros; os inativos atuavam esporadicamente, conforme as situações ; havia tambem uma classe de neofitos, ou aprendizes, mais numerosa ainda que a dos Companheiros. Por fim esse corpo se alargou até abranger toda a massa de adultos da humanidade, homens e mulheres.

Nunca se dividiu em corpos regionais. Seus membros eram recebidos da mesma maneira onde quer que se apresentassem. A nucleação regional assim se chamava apenas por conveniencias da propaganda, ensino e outros localismos. A verdadeira divisão do corpo era em *faculdades* por sua vez

subdivididas em seções e departamentos. Faculdades de estudos cientificos, de interpretação e educação, de saude, de ordem social, de comercio e industria — agricultura, mineração, etc. A's vezes davam-se desagregações de faculdades ou fusões, conforme se reorganizavam os Controles e para maior facilidade de contactos.

As faculdades e suas subdivisões possuiam conselhos eleitorais, mas nunca exerceram a direção geral do movimento, nos dias em que não passavam de meros nucleos de propaganda e inquerito; seus nucleos foram naturalmente se diferenciando em faculdades, cada qual no seu setor; o movimento, como um todo, não exigia um conselho de direção continua; as faculdades conferenciavam entre si e acordavam no que era mister.

Não havia inconveniencia em que um homem ou uma mulher pertencesse simultaneamente a duas ou mais faculdades, o que muito facilitava a fusão duma faculdade em outra. O Movimento Pró Estado Moderno era um franco ataque ás estruturas sociais existentes; um dissolvente, mais que um molde. Quem moldava eram os homens dos Controles.

As faculdades e suas seções desenvolveram-se de modo desigual, apagando-se algemas na maior insignificancia, outras evoluindo para altos rumos, com orgãos e aparelhamento proprios. Foi o caso do departamento de socio-psicologia da faculdade de ciencias, que anexou a si a Faculdade de Treino e Propaganda, dada a fusão dos objetivos. A esta faculdade de socio-psicologia foi entregue a direção legal do Controle Educativo.

Esse corpo de socio-psicologistas tornou-se o grande organismo critico e disciplinador lado a lado ao Conselho Mundial, e por fim o sobre-excedeu, como veremos adiante.

Deixou o mundo, então, ao que parece, de ser um só governo permanente. Ficou debaixo duma serie de Controles primarios, que se harmonizavam entre si por meio de conferencias — Controles de transporte, produtos naturais, manufaturas basicas, população, construção de casas, serviço sanitario social (policia e medicina), educação (estas duas fundidas no Controle da Conduta); e assim o mundo, que já vivera dividido entre as Grandes Potencias territoriais, acabou dividido entre Grandes Potencias funcionais.

Por ultimo um Bureau de Reconciliação e Cooperação parece que apareceu, com função de decidir sobre as necessi-

dades e metodos relativos ás conferencias entre os Controles. Uma especie de Supremo Tribunal.

Muitas das primitivas faculdades evoluiram para orgãos tecnicos dos Controles, com exceção do departamento de socio-psicologia da faculdade de ciencias, o qual, em 2106, se tornou, por assim dizer, a literatura, a filosofia e o pensamento geral do mundo. E por fim acabou no que no passado se chamava Opinião Publica — o consenso da imaginação universal. Não ha sombra de duvida de que em 2106 este governo da inteligencia bem ordenada se tornou um magnifico triunfo. Era a sublimação do que havia sido Rei, Presidente ou Governo Supremo sobre a terra.

§ 5. *Resumo do Texto: a Tirania do Segundo Conselho*

A Ditadura do Ar tambem era conhecida como a Tirania Puritana. Vejamos o que é isto.

"Puritana" é palavra mal empregada. Aparecida originalmente para significar certa meticulosidade de doutrina dos que "protestaram" contra a forma romana do cristianismo, passou a associar-se á vida severamente disciplinada, vida em que o horror á indolencia e á frouxidão moral constituiam a nota dominante. Produziu uma alta regra de conduta: "Nada poderei fazer de bom, e nada de bom será feito, se me não aprimorar na minha conduta". Se a Ditadura do Ar estava disciplinando o mundo com muita austeridade, fazia-o ainda mais a si propria.

O codigo dos primeiros construtores do Estado Moderno era muito simples. "Dizer a verdade; manter os mais altos padrões tecnicos, controlar o dinheiro, não guarda-lo, entregar-se com dedicação ao serviço do Estado Mundial. Isto, entretanto, os deixava livres de viverem á vontade. Comiam, bebiam, divertiam-se, amavam livremente, emulavam entre si na disputa do poder e de distinções, pouco incomodados com dissidios e ressentimentos. Nossa historia apanhou de relanço o drama de Essenden, que é apenas um episodio na complexa historia da vida privada daqueles homens. Aos poucos os pormenores dessa epoca vão sendo analisados por um grupo de investigadores. As vitimas estão mortas, não podem ouvir — mas os resultados são um tanto impiedosos.

Esses homens nos aparecem lamentavelmente humanos; pecavam levados pela sensualidade ou lisonja; desleixavam-se nas fases da fadiga. Atraidas pelo seu prestigio, as mulheres davam-lhes amor nos momentos de fraqueza. Em muitos casos as descaidas morais vinham da ilimitada devoção com que a principio se entregaram á grande obra. Trabalharam sem descanso e, subito, sentiram-se gastos, usados, já vazios de energia moral. Não souberam equilibrar a tarefa publica com os desejos. Acessos de mau genio se seguiam a fases de frouxa condescendencia. A Sociedade Estatal desconcertava-se; o mundo gritava escandalo. "Esses Companheiros", diziam os criticos, "não são melhores que os patifes do velho regime. Rin Kay, o sabio, consome-se de afeto por um amiguinho, e Ardasher, o da aviação, induz seus alunos a fazerem piruetas perigosissimas para regalo de certa moça. Morowitz está, sem o menor escrupulo, colecionando miniaturas persas, e Fedor Galland gasta metade do seu tempo na construção dum jardim na Babilonia".

A nova camada de moços, ainda meninos por ocasião da primeira conferencia de Basra, havia sido educada por professores que desempenhavam funções mais humildes, mas não tinham amiguinhos, nem miniaturas persas, nem jardins babilonicos a distrai-los. Esses mestres conheciam os defeitos dos dirigentes e tinham um agudo senso da superioridade propria. Com eles os alunos saturavam-se de entusiasmo creador, aprendiam a julgar e condenar as fraquezas dos chefes. Convenciam-se de que a grandeza do novo mundo estava ameaçada pela frouxidão dos seus proprios creadores. Essa rigida disciplina tornou-os singularmente alerta quanto á conduta pessoal, e muito mais capazes de atender racionalmente aos detalhes de suas vidas. Eram simples em materia de principios e rigorosos na pratica, com ideias modernas a respeito de regimes dieteticos e complacencias sensuais; a falta de idoneidade era para eles um crime.

Os *Quadros Historicos* patenteiam a diferença; os da velha geração aparecem descuidadamente vestidos ou em atitude chambona, quando não presunçosa, ao passo que os da nova, homens ou mulheres, surgem nos vestuarios simples já então em moda e em atitudes atleticas. A austeridade tornara-se-lhes uma segunda natureza. A devoção e o sacrificio pessoal eram levados ao extremo, a ponto de considerarem

improprio o retratarem-se e o deixarem que seus nomes aparecessem nas resoluções do Comité, depois que assumiram a direção do mundo. Foi preciso muito esforço por parte dos escavadores historicos para desenterrar o nome de alguns desses dirigentes — justamente dos homens que estabeleceram a Tirania Puritana e consolidaram o socialismo no mundo. Um dos espiritos propulsores era um certo H'su; e outro, Antoine Ayala.

Esses moços alijaram os velhos sem recorrerem a nenhum golpe de estado, apenas pela imposição da natural superioridade. A Grande Revolução já se fizera; o Estado Mundial estava já instituido. Cumpria consolida-lo — obra do trabalho minucioso que só os tipos naturalmente capazes, e energeticos, e rijamente treinados, podem realizar. Não foram elevados ao poder por nenhum sistema de votação, sim por impulsão expontanea das qualidades pessoais. Os tipos mais suaves ou sutis, que não podiam acompanhar a marcha, desciam para posições de menos autoridade. A influencia de certos professores ou grupos era grande. De tres escolas vinham mais dum terço dos membros do Conselho Mundial em 2017 — a Fundação Unamuno, em Coimbra, a Universidade de Columbia, em Nova York, e o Colegio Social de Tokio.

Durante quasi quarenta anos o novo Conselho trabalhou de rijo e manteve em rijo trabalho toda uma geração de homens e mulheres. Como Aldous Huxley (1894-2004), um dos mais brilhantes escritores reacionarios, antecipou, eles "assearam" o planeta.

Não resta nenhuma duvida sobre essa purificação do mundo realizada durante o governo de tais homens. Eles apuraram a disciplina da Sociedade Estatal, e apesar disso o numero de Companheiros cresceu até alcançar metade dos adultos do genero humano. Os habitos mentais da Sociedade e o seu modo de conduzir-se generalizaram-se pelo mundo inteiro. A Tirania, declara Vordin, alterou para sempre o rosto dos homens. Fechou as bocas, deu mais firmeza aos labios, equilibrou melhor a cabeça, suprimiu certo numero de rugas e cacoetes. Os retratos do tempo confirmam esta generalização. Sucessivamente entram a rarear certos detestaveis tipos de outrora e por fim desaparecem da cena. Os teimosos e velhacos envelheceram, deixaram-se ficar ao sol por algum tempo, amuados, e sumiram-se, levando consigo

muitos aspectos desagradavelmente sordidos da vida humana. A prostituição sexual tambem desapareceu, eliminando da atitude feminina o ar provocativo. O comerciante não achou mais o que comerciar, e acabou entrando para o serviço do Controle dos Suprimentos. Jogo, esportes, corridas de cavalo e coisas desse tipo sairam da moda; os baralhos de cartas foram para os museus. Cada uma dessas antigas praticas levava consigo, ao retirar-se, dezenas de tipos sociais — ou de "sistemas de reação", como diziam os modernos.

Ano a ano o mundo se tornava mais sadio, seguro e candido. A necessidade da astucia e da cauta dominação de si mesmo diminuiu enormemente. A humanidade, até ali tão introversa, foi se tornando extroversa. Crescia o interesse pelas coisas externas. As "caras amarradas", consequentes ao habito do eterno remoimento mental, desapareceram. "Todos devem saber ás claras", diziam os novos dirigentes. "Não ha mais perplexidades para o homem." As velhas religiões não podiam competir com o valor moral do novo culto; e nem os ressentimentos provocados pela perseguição que as privou da sua influencia nas escolas conseguiram faze-las sobreviver. Durante quasi quarenta anos o governo desses novos santos prosseguiu na obra de simplificação e amaciamento da vida.

O planeta torna-se campo de extraordinarias obras de engenharia, de expansão agricola e de mobilização das riquesas do subsolo. Novas maquinas aparecem e multiplicam-se, substituem as antigas e por sua vez são substituidas por outras ainda mais novas. A face da terra mudou — e começou a redistribuição das populações. Entretanto, tudo dissemelhava muito do mundo como o vemos hoje. Nenhuma fase da historia deixou de si quadros mais estranhos e antipaticos.

Já a indumentaria desse periodo não era desagradavel, porque era simples; os atores em cena pareciam, pelo menos, toleraveis; mas em compensação o puritanismo cientifico produziu a mais desagradavel das arquiteturas, os mais deselegantes blocos de casas, as mais monotonas florestas — interminaveis renques de troncos retos — e as maiores e mais hediondas represas e usinas de força, e fieiras de pilastras, e oleodutos, e tantas coisas mais, enfeiantes da paisagem. Em compensação, irrigaram o Saára e transformaram o norte africano na mais gentil terra do mundo. A produção de tudo avançava aos saltos, a despeito da severa restrição de ma-

quinismos redutores do trabalho; os puritanos temiam tanto para si como para os outros a superabundancia do lazer — a ociosidade. Achavam moralmente indispensavel conservarem-se a si proprios e ao mundo em perpetua ação. E *inventavam* trabalho para todos os Companheiros. Viraram a terra num formigueiro, limpo, bem ordenado, mas desnecessariamente "ocupado". Assim reagiam eles contra a frouxidão dos predecessores.

Vejamos o bem que adveio á humanidade desse estranho periodo de severa repressão. Apesar do tom sadista e masoquista assumido no fim, o bem sobrepujou o mal. "A obliteração dos arcaicos valores morais (a frase é de Antoine Ayala), e o estabelecimento dum rigoroso codigo de conduta, de serviço, de atividade creadora, de cooperação, de boas maneiras publicas e privadas, de invariavel respeito á verdade, foi uma realização definitiva, coisa para sempre. Movemo-nos hoje tão á vontade num mundo de abundancia e ordem que não podemos prefigurar o esforço que, ainda o ano 2000, era necessario para conduzir uma vida para nós tão facil. É-nos dificil imaginar as tentações de outrora — as tentações para mamparrear no trabalho, para vadiar, para não fazer nada, para "procurar sarna", ou "descobrir divertimento", ou sentir-se entediado e procurar "matar o tempo" — tão caracteristicas dos mal treinados, sub-vitalizados e "aereos" cidadãos do mundo anterior a 2000. Talvez mais dificil ainda concebermos como essas tentações estavam sutilmente difundidas nas massas humanas e como tornavam dura uma vida bem orientada. Para bem entende-lo, havemos que recorrer aos mestres de psicologia.

Os Novos Puritanos "desinfetaram" a velha literatura — coisa que hoje nos parece inocuidade. Aqueles romances antigos, e dramas, e poemas, afiguram-se-nos absurdos em excesso para que pudessem fazer mal a alguem. Fazem mal a alguem os dragões dum biombo chinês? Antes da perseguição, no entanto, um censor classificara essa literatura de "infecciosa". Apresentava-se ela como a "vida real". Sugeria moldes, modos de conduta. Aquela palhaçada de insolencias e agudezas, aquela falsa simpatia pelos inferiores, aquele maldizer dos superiores, que eram o humor de antigamente, parecem-nos coisa a um tempo enfatuada e perversa. Não podemos compreender, por exemplo, o gosto que nossos antepassados hauriam das cincadas e "ingenuidades" da gente sem educação.

E tambem se riam dos aleijados, tão abundantes naqueles tempos! Igualmente desagradavel para nós são os seus "romances", tão falsamente enfaticos, cheios de inuteis sacrificios e desesperos. "O romance", diz Paul Hennessey, "é na essencia a miseravel reação dos espiritos debeis contra proibições que não podem lealmente superar".

Os livros glorificadores da guerra ou estimuladores das hostilidades raciais parecem-nos de tal modo destituidos de base que nos custa a crer fossem lidos antigamente. Mas eram lidos, impressionavam os leitores e compeliam-n'os áquelas coisas monstruosas. Levaram legiões de homens á chacina, ao linchamento, á requintada tortura. Entrajavam os crimes mais estupidos com as cores mais heroicas. Mas só a ausencia das velhas tradições nos permite pensar deste modo. Foi preciso que a heroica Tirania Puritana "encostasse" por algum tempo a velha literatura e suprimisse os velhos sistemas de sugestão — credos e superstições — e encarcerasse ou segregasse homens e mulheres pelo crime de "incitamento ao odio", e eliminasse da vida dos moços a obcessão do sexo graças á introdução duma generalizada e franca higiene sexual, para que a mentalidade humana se asseasse definitivamente e permitisse a saudavel civilização de hoje. Não havia outro caminho para a Renascença.

José Koreniovsky escreveu que a Tirania Puritana foi o "banho frio que a humanidade tomou ao levantar-se": No seculo 21, diz ele, o homem estava com a "mente congelada" e "semi-acordado", predisposto, portanto, a recair no confuso pesadelo da Éra do Desapontamento. Podereis chamar a isso tirania, mas de fato foi uma libertação; essa tirania não tiranizou os homens, sim perseguiu e expulsou as obcessões. Os homens de hoje não podem calcular o valor de semelhante "desencrostamento", porque já estão todos desencrostados.

Ao lado dessa "desinfeção mental", temos de pôr a desinfeção fisica, tambem trabalho da Ditadura do Ar. Entre os anos de 2000 e 2040 todas as residencias do mundo foram demolidas e construidas de novo, ou remodeladas — e todas foram desinfetadas a fundo. A perda em "pitoresco" tornou-se imensa; sentimos arrepios ao pensar nas ruas da epoca, nas casas de campo em forma de caixas moveis, na nudez dos edificios publicos, nos interiores puritanos, com mobilias me-

talicas; ao pensar nas "racionalidades" que substituiram as cabanas, as bitocas, os cotages revestidos de hera, os velhos edificios de tijolo ou pedra, os mercados, as igrejas, as mesquitas, as fabricas e estações de estradas de ferro e mais abrigos em que os nossos rudes antepassados, tão mal feitos de corpo e de tão pequena estatura, se reuniam para os seus inumeros "negocios."

Tambem foi nesse periodo que as seguintes doenças, cujos nomes abundam na literatura do passado mas cuja natureza nem sequer podemos imaginar, visto que já não existem, desapareceram da vida humana: catarro, influenza, tosse comprida, doença do sono, colera, tifo, febre tifoide, peste bubonica, bexigas e tantos e tantos outros flagelos. (Em 2079 subsistia unicamente a febre amarela, cuja extirpação exigiu um esforço especial). A sifilis e mais doenças chamadas venereas desapareceram no decurso de duas gerações; eram males tão horriveis que a sua descrição se tornou impropria para o homem comum. Tambem as doenças das plantas foram eliminadas, como os interessados poderão ver na Historia Botanica.

Os psicologistas que estão a reescrever a historia humana defrontam-se ainda com muitas questões abertas relativas ao treino que aquele grupo de dirigentes deu ao mundo, de modo que a historia da formação e deterioração do Conselho ainda está incompleta. Admitem esses estudiosos que na essencia a Tirania foi uma libertação, mas igualmente admitem que essa libertação deixou insatisfeitas muitas ansias vitais do homem. As velhas tradições e as funestas obcessões tinham raizes nesses desejos — e a Tirania não se contentou de eliminar as tradições, negou a existencia de tais desejos. Ao arrancar as más ervas arrancava tambem a terra. E exaltava a atividade incessante como a coisa principal da vida.

O trabalho excessivo sempre foi a marca dos dirigentes no passado. "Nunca estou satisfeito", diz o Edito de Asoka (Asoka, D. R. Bhandarkhar, 1932, *Estudos Historicos Classicos*), com o esforço ou a expedição dos negocios. O bem estar de todo mundo é o dever que me cabe — e na raiz desse dever está o esforço e a expedição dos negocios". A grande maioria dos cesares e autocratas, de Si-Hwang a Hitler, mostra o mesmo ardor; Alexandre o Grande foi talvez a grande exceção — mas seu pai já realizara o trabalho que devia caber ao filho. Mussolini, o creador do Fascismo Italiano, trái, nas

suas *Conversas* com Ludwig (*Documentos Historicos*), uma semelhante disposição de tudo fazer por si mesmo, assumindo a responsabilidade.

Os principais elementos da Ditadura do Ar eram desse tipo. Continuavam a governar e a lutar mesmo depois de obtida a vitoria. Já haviam "asseado" o planeta e continuavam na tarefa. Depois dos primeiros triunfos manifestaram extrema relutancia em permitir a entrada de sangue novo no governo. Haviam subido graças á capacidade e á energia, e por impulso proprio. As tres virtudes dum dirigente, segundo Han H'su, eram pontualidade, precisão e persistencia. Mas havia tambem o axioma de Paidrick Lynd — "a indolencia é a mãi da organização." Os ditadores não possuiam essa abençoada indolencia. Quando se exgotou o estoque de trabalhos que a Revolução Mundial lhes transmitiu, viram-se defrontados pela ameaça duma nova revolução, justificada pela incapacidade desses homens para organizar a sua propria sucessão ou para inventar novos empreendimentos.

Esta nova revolução sobreveio como o mais sutil de todos os assaltos ao poder havidos no mundo — e o ultimo. A Ditadura podia suprimir a resistencia aberta; podia impor geral obediencia ás suas milhares de regras e injunções. Mas não podia suprimir os desenvolvimentos de psicologia geral, nem a critica ás suas atividades legislativas e administrativas.

O Departamento de Psicologia Geral crescera até tornar-se o centro pensante da Sociedade Estatal. Na fase preparatoria já se havia substituido aos varios cursos de "Artes" e Leis do velho regime. Era a modernização das "humanidades". Os fundadores do Estado Moderno haviam dado a esse Departamento uma ascendencia sobre o Controle Educacional e Legal quasi tão grande como a que observamos hoje. Já no começo era ele o responsavel teorico pela organização do Estado Moderno. Sempre as ideias de de Windt. Tornara-se o pensamento, como o Conselho Mundial se tornara a vontade do genero humano. E desde que a educação e o ajustamento legal do Estado Moderno ficavam sob o comando de um departamento investigativo sempre em marcha, claro que diferiam diametralmente do que o foram na ordem velha.

A Velha Educação existia para preservar as tradições e as instituições. As forças progressivas eram uma dissenção

que se gerava e operava fora da maquina educativa. Nos seculos 18, 19 e 20 a educação sempre se manteve muito atrás das ideias do dia, de modo que o professor não passava duma draga arrastadora de coisas. Mas a Nova Educação já não era isso, não era a conservadora da tradição, sim a critica dos vivissimos brotos do momento. O novo professor mostrava o caminho e a educação seguia na frente da sociedade. O mesmo com as Leis. Se um homem de 1900 ouvisse falar em revolução progressiva guiada por legistas e cientistas, certamente que se riria; mas hoje nós nos perguntamos: "De que outra maneira a continuidade duma revolução progressiva pode ser sustentada?"

Os insucessos da revolução alemã de 1918 e a dominação do país pelas puerilidades brutais e loucas do hitlerismo foram inteiramente devidos ao desrespeito deste fato: nenhuma revolução profunda é possivel sem uma reforma educacional preparatoria. Todas as revoluções não passaram de revoltas contra um certo sistema de educação e de leis estabelecidas.

O papel do Controle Educacional na preservação, correção e revivificação do progresso humano já se havia manifestado na troca dos primeiros elementos do Conselho Mundial pelos seus sucessores da Ditadura do Ar. Por sua vez esses homens encontravam inesperadas resistencias, vindas de ideia que não lhes eram familiares. Seus subordinados começaram a devolver as instruções recebidas — como "insuficientes e em desacordo com a psicologia dos trabalhadores" — e mais gente "atingida". Planos eram condenados pelos que os tinham de executar — como desnecessariamente trabalhosos e desnecessariamente inesteticos. Os obreiros tomavam nas mãos a obra e exigiam processos mais agradaveis ou de mais belos resultados. E quando o comité resolveu reclamar completa obediencia, entra em cena o Controle da Educação com um primoroso estudo sobre "a nocividade da obediencia cega".

Impossivel maior contraste do que o entre as velhas revoluções e este choque de ideias. As velhas revoluções foram sempre sentimentais, obras do desespero e do frenesi, com barricadas nas ruas e destruição de propriedades; o povo era atirado ás cegas e um novo regime tropeçava nas responsabilidades da ruina e derrubada do antecessor. Eram insurreições do descontentamento contra a ordem estabelecida. Já a Nova Revolução não passava da fria intimativa dum corpo

educacional endereçada a um corpo executivo. Não era insurreição; apenas intervenção colateral. A nova ordem erguia-se ao lado da existente, tomava as redeas em punho e instalava-se.

Já se passara o periodo militante e intolerante do Estado Moderno. As razões para a dureza do puritanismo se haviam evaporado com a vitoria — mas os ultimos a compreenderem o fenomeno eram justamente os velhos que no bureau do Conselho ainda não acreditavam na plenitude da vitoria.

§ 6. *Desapontamento Estetico: Caderno de Notas de Ariston Theotocopulos*

E' costume dos historiografos vivificar a narrativa com transcrições de escritores contemporaneos. Depois que a historia se libertou daquela obcessão dos governantes e suas politicas, o uso de memorias, diarios, novelas, peças de teatro, cartas, desenhos, fotografias, etc., cresceu muito. Até os róis das lavadeiras e os cadernos de assentos adquiriram a dignidade de peças historicas — e com valor maior que os atos dos parlamentos ou os memoranduns diplomaticos. No caso que nos ocupa, nada mais precioso para a compreensão do ambiente puritano do que os Cadernos de Notas, em cifra, do pintor Ariston Theotocopulos (1997-2026). Durante 37 anos anotou ele diariamente os fatos e ideias do dia, coisas curiosas e sobretudo suas reações pessoais; e ainda espalhou pelos cadernos inumeros desenhos ligeiros, caricaturas, etc. — tornando-os uma verdadeira preciosidade para os historiadores e psicologos.

Os primeiros volumes revelam a irritação do escritor contra tres coisas: as restrições dos vôos privados, a dificuldade em encontrar caminho para o seu genio e a generalizada ausencia de beleza e graça no mundo. Naquele tempo não havia aviões particulares, nem ninguem podia voar se não fosse Companheiro da Sociedade Estatal, e mesmo assim só de acordo com as regras estabelecidas. Theotocopulos tinha a alma anarquica; seu desejo de errar sobre as nuvens, de ir para onde lhe aprouvesse, sem a preocupação de qualquer "serviço", foi-se tornando obcessão. "Se me deixassem livre,

eu daria ao mundo alguma coisa", escreve ele. "Que adianta esses estereis Mestres Decoradores dizerem-me para fazer isto ou aquilo? Viria eu ao mundo para imitar ou repetir coisas já feitas?"

Em outro ponto anota: "Passaram alguns aviões a serviço não sei onde. Isso estragou-me o dia. Já não posso *pensar*".

Por fim sobrevem um grito de agonia. "O desenho de todos esses terraços está errado. Que vale botarem-se a fazer frisa de elefantes num muro que vai ser posto abaixo? E se faço obra boa, a parede ficará onde está. Quanto melhor eu faça, mais probabilidade haverá de que conservem a parede. Está errado, errado, errado."

Algumas paginas além, só isto: "*Elefantes!*"

Depois, uma serie de caricaturas desse animal que Li caracterizou como uma "aguda critica biologica". O pintor interessara-se muito por elefantes, mas cansara-se. Representava-os ás vezes translucidos, ás vezes completamente transparentes, revelando a miseria de suas vidas interiores. Havia uma pagina cheia só de olhos de elefantes, com expressão incrivelmente má.

Theotocopulos estava trabalhando na decoração dum sistema rodoviario que ia do cabo Finisterra á Caucasia, passando pelo norte da Italia e Mar Negro. Não era plano bem concebido, e estava a fazer-se com uma solidez de ornamentação demonstradora da incapacidade do Conselho em perceber que tudo muda no mundo. Sistema planejado para a vida eterna — e que, portanto, indicava coagulação mental.

Theotocopulos trabalhava na seção costeira, entre a velha cidade de Nice e o velho porto de Genova. Havia ali cortes brutais e viadutos enormes; acima e abaixo das rampas erguiam-se terraços de marmore, plantados de laranjeiras, limoeiros, vinha, rosas, oliveiras e ágaves. Esses terraços subiam, como dizia Theotocopulos, "incansavelmente" até ao nivel da velha Cornija, com a uniformidade só quebrada por alguns macissos de coniferas. As ruinas das vilas e jardins da Éra Capitalista, e de muitas cidades costeiras que Titus Cobbett visitara setenta anos antes, estavam sendo arrazadas: uns tantos blocos residenciais apareciam aqui e ali, e tambem pretenciosas escadarias, raramente usadas, porque continham elevadores internos — escadarias que levavam ás praias e

sitios de recreio beiramar. Os blocos residenciais e o mais, tudo atarracado e pesado, conforme o gosto da epoca, davam nos nervos de Theotocopulos, que os caricaturava em seu caderno, apondo-lhes nomes indecentes. Muito curiosa a fidelidade com que ele os reproduzia e o comico com que os deformava em caricatura. Representava-os agachados, como as construções do tempo das ultimas guerras.

"Parece que ainda tememos raides aereos", dizia ele; e falava dos "inquilinos dessas fortificações"... Ah, se eu apanhasse um aeroplano com boa carga de bombas! Talvez haja razão de impedirem que sujeitos do meu tipo voem, e vejam lá embaixo coisas dessas..."

Seu trabalho, infelizmente, conservava-o em intimo contacto com aquela pesadissima arquitetura. Outrora obtivera ele premios pelos seus magnificos estudos de figura humana e animais; Theotocopulos tinha um curioso senso do grotesco. Ver dentro dos corpos e caricaturar as atividades internas! Antes desse tempo a unica anatomia artistica ensinada era a externa. Theotocopulos foi mandado "decorar" um feio pano de muro perto de Alassio — decora-lo com uma frisa de elefantes. Devemos lembrar que nessa epoca havia um completo divorcio entre a estetica e a mecanica. "Primeiro faça-se a coisa", devia pensar a Ditadura; "depois, seja decorada." Parece incrivel: os engenheiros da Ditadura do Ar eram intimados a não levarem em conta a beleza em nada que faziam. E quando sobrevinha algo horrivel, chamavam-se os artistas para dourar a pilula. Nesse ponto, como em tantos outros, a sensibilidade artistica de Theotocopulos antecipou muitas ideias de hoje. "Os engenheiros devem ser artistas", escrevia ele, "e os artistas devem ser engenheiros — ou não se metam em arquitetura". O muro que ele decorou ainda existe, como lição aos estudantes de arte e monumento ao seu genio incomparavel.

"Dia feriado", escreve ele em certo ponto; "saí a remar e afastei-me de cinco milhas. As desproporções crescem á medida que nos afastamos dessas obras. Nunca vi coisa que se afeie tanto com a distancia. Esta costa aqui é assim. A estrada, muito larga e brutesca. Nunca haverá trafego que a encha. A população do globo não aumenta, nem circula como outrora. Cento e doze metros de largura! Que torrente de trafego esperarão do Finisterra? Até agora não apareceu nada. Nem

aparecerá. As lagartixas que tentam atravessar aquela superficie lisa, morrem no meio e ali ressecam. Minhocas tambem. Ha lá milhares de minhocas secas, que sairam da terra em busca de humidade. Não existe sombra por milhas e milhas. Os terraços são mal distribuidos e os muros que os sustentam parecem magerrimos. Não existe harmonização entre essas linhas retas e as linhas de movimento dos morros proximos. Esses morros *vivem!* E o maldito habito de construir casas acaçapadas como tartarugas? Construir é o contrario disso, é afastar-se do chão".

E, de subito, uma palavra em maiusculas aparece: "PROPORÇÃO!"

Depois de meditar com o lapis em punho, os pensamentos se fixam. "A indicação para a vida. Não simplesmente beleza. Não ha mal, mas sim *falta de proporção.* Dor? A dor nasce da desproporção entre as sensações. Deshonestidade? Crueldade? Falta de proporção entre o impulso e o comando..."

Muito interessante verificar nessas notas como ele aborda ideias hoje familiares a todo mundo. Theotocopulos preocupa-se com ideias de proporção e harmonia. Isso é hoje um lugar comum. Sintetizamos, por exemplo, a historia economica e politica do seculo 20 quasi que só como o drama do crescimento irregular da vida — hipertrofia economica concomitante á paralisia do ajustamento educacional, legal e politico. A primeira percepção dessas desharmonias manifestou-se no aparecimento de "planos" — varias tentativas muito cruas de equilibrio social, como o primeiro de todos — o Plano Quinquenal Russo. Depois de 1930 o mundo se encheu de planos, muitos deles assombrosamente ineptos e temerarios.

Das notas do nosso pintor depreendemos quão imperfeitamente a ideia do planejamento ainda estava compreendida, mesmo no seculo 21. Do mesmo modo que antigamente a obcessão da guerra norteava todos os espiritos, assim tambem na ordem nova surgiu a obcessão da unidade e da uniformidade, e uma extravagante concentração de esforços na eficiencia produtora. O interesse desses cadernos de notas está no fato de que não procedem de nenhum cientista, mas dum homem que, á parte o seu genio artistico, era de personalidade muito comum. Graças a eles ficamos sabendo como o povo

recebia as reformas, como a mentalidade geral se sentia perplexa, e indagava por que, depois da abolição da guerra, da restauração da ordem e da abundancia, da supressão dos temores e da realização das mais loucas esperanças das gerações passadas, todos ainda se sentiam tão longe da tranquilidade feliz.

"Cultivando dores", escreve Theotocopulos abruptamente. "Expressão do velho Lenine. Será então inevitavel uma certa falta de proporção?"

Depois deste jacto, o caderno de notas entra numa dissertação sobre "planos de amor", de nenhuma importancia para o nosso caso. Mas a ideia do "cultivo da dor" pairava subrepticiamente. Subito, aparecem paginas de desenhos: estranhos embriões de crianças, gatinhos e cachorrinhos, todos deformados por hipertrofias. "Será a falta de proporção inevitavel em todo crescimento? A Natureza parece dizer que sim, mas a Natureza sempre foi uma desajeitada planejadora. Começa a fazer uma perna, e se sai asa exclama, "Eureka! Eu *queria* mesmo fazer isto. Mas numa *obra desenhada?* Na engenharia, por exemplo?"

O espirito de Theotocopulos se volta para o trabalho da fundição, o desperdicio no desbaste os problemas que surgem no ajustamento das maquinas.

"A Natureza corrige as desproporções de crescimento por meio das endocrinas," reflete ele. "E quando uma casa está com o arcabouço armado e as paredes levantadas, nós dispensamos os pedreiros e chamamos carpinteiros e pintores. Assim agora. O regime do mundo está pedindo uma mudança. Novas glandulas endocrinas. Artistas novos."

Esta observação está datada de 7 de abril de 2027. E' uma das primeiras sugestões aparecidas quanto á "mudança de regime".

As preocupações de Theotocopulos com os aspectos fisicos e mentais do amor, a sua engenhosidade em religar processos fisiologicos ás mais altas emoções, não nos interessam aqui, por mais importantes que sejam na historia da analise estetica. Por um ano ou mais concentrou-se ele na grande "Frisa do Desejo", no Refeitorio da Biblioteca da Arte em Barcelona — e não mais pensou em politica. Vem a gostar dos arquitetos com quem está associado; aprova os desenvolvimentos de Barcelona e tem a mão livre. "Estes compa-

nheiros fazem como querem", observa. "Uma grande mudança; não mais aqueles malditos comités "sancionando" isto ou mandando que se "reconsiderasse" aquilo". Depois cai o nosso pintor sob a influencia daquela originalissima argentina, tambem grande artista, Juanita Mackail. Esboços de figura, anotação de poses e gestos. E adverte: "Esta creatura pensa". Mas não lhe menciona o nome, a principio. Depois aparece um "J", que começa a figurar no caderno com frequencia progressiva.

"Ha qualquer coisa que me amedronta numa mulher deveras inteligente. Foi Poe ou de Quincey — deve ser de Quincey — que sonhou duma mulher com seios que subitamente se abriam e viravam olhos? Horrivel! Sermos vistos assim".

Adiante, uma pagina rasgada — a unica, e o compulsador fica a imaginar o que é.

Volta abrupta á politica. Certo numero de notas começam com "J diz", ou, "Isto é ideia de J".

Logo adiante repete: "Esta creatura pensa. Pensarei eu? Só com os dedos. A linguagem é muito abstrata para mim. Ou é verdade, como ela diz, que eu sou mentalmente preguiçoso? *Mentalmente preguiçoso* depois de passar tres horas a conversar com ela!

"Parece que meus brilhantes pensamentinhos nada são diante do que os socio-psicologistas estão fazendo: Tenho muito que aprender. J pode ser mestra de qualquer".

O caderno de notas conserva até hoje, bem vivos, a graça e o vigor mental de Juanita Mackail. Era mulher que seria revolucionaria social no seculo 19, comissaria na primeira fase dos Soviets russos, ou rija trabalhadora do Estado Moderno em meados do seculo 20. Estava agora dando á politica todo o tempo deixado pela arte decorativa. Mesmo antes do encontro de Theotocopulos já revelara tendencias politicas, com percepção de que o mundo não estava indo direito — mas só se esclareceu quanto ao porque depois de sua ligação com o pintor. As notas, com toda a certeza, contam não só uma excepcional historia amorosa, como tambem o progresso dessa coisa inseparavel do amor: mutua educação. Theotocopulos foi o primeiro e unico amante de Juanita. No começo tratou-a como tratara as demais mulheres que lhe entraram na vida; mas á medida que a foi conhe-

cendo, sua devoção por ela cresceu gradativamente, até tornar-se maior que a devoção dela por ele.

O pintor estudava-a. Escreveu quantidades de notas a respeito. Sabemos como Juanita o impressionava. Já nada sabemos do reverso — do modo como ele a impressionava — mas é de supor que fosse pelo brilho do genio e pela caprichosa infantilidade. O genio de Theotocopulos dominou o de Juanita; vê-se dos trabalhos que ela deixou. Os primeiros eram os melhores. Duas vezes o pintor interroga-se: "Estarei embotando J? Seus desenhos perdem o carater. Ela anda a ver com meus olhos. O ultimo. Serei o culpado? *Era* coisa tão linda — antigamente..." E escreve: "Essa especialisação na maternidade é a peça mais mesquinha que a Natureza prega na mulher. Se uma não vai ser mãe, se não *pode* ser mãe, porque a natureza a impregna de maternidade? Por que J se interessa tanto em que eu seja mais livre em minha arte do que ela o é na sua? Não lhe pedi isso. Ou tê-lo-ia pedido inconcientemente? Não. Tudo não passa do seu vicio maternal. Eu sou o amante e filho muito amado, e o mundo é meu irmão, e cada dia seu trabalho peora e ela mais se preocupa com a politica e a socio-psicologia".

Deste ponto em diante a tendencia das notas se faz politica. Os primeiros volumes expressam os sentimentos dum homem solitario de grande poder creador, que se vê impotente num mundo organizado de maneira antipatica ao seu senso geral das coisas. O ultimo mostra essa mesma individualidade alargada, concebendo o mundo como material plastico, e inclinada a cooperar com as individualidades afins. Por ultimo já não é mais Theotocopulos que pensa — é a conciencia estetica da comunidade que acorda.

"A mudança de regime deve ser igual á do pinto que sai do ovo. A casca tem que ser bicada, quebrada. Sejamos justos. Ha proporção no tempo, tanto quanto no espaço. Se a casca é quebrada muito longe do dia propria, o mais que dará o ovo será uma omelete. Se é quebrado quasi no dia proprio, sai o pinto — mas morre".

O caderno 47 é quasi todo consagrado ao replanejamento da sua velha "antipatia", a costa da Liguria. Os desenhos desse volume surgem de tal modo sugestivos que parecem feitos do natural, e de coisas de hoje — o tratamento do pro-

montorio de Monaco, por exemplo, e a reforma dos terraços. Mas seus sonhos dos bosques de laranjeiras estão prejudicados, porque ele nada sabia das surpresas em arvores ornamentais que os novos botanicos andavam a produzir. O caderno 49 tambem é consagrado a planejamentos. "Planos para o Mundo", escreve ele na primeira pagina. "Contribuições". Ha ali algumas brilhantes antecipações e tambem incriveis fantasias. Ás vezes, como todos os profetas, ele se cansa de detalhes e pula para o burlesco.

Uma das notas mais longas fixa a muito viva discussão sobre a "individualidade" que teve com Juanita, provavelmente em Monserrat. Os pensamentos são "instantaneos", como ele diria, das ideias trocadas — e fazem o leitor meditativo, ante o quadro daqueles dois entes já evaporados ha sessenta anos, a debaterem pateticamente, em meio ás rochas ou sob os pinheiros de Monserrat, as ideias donde saiu a ultima revolução — ela muito atenta e critica, segurando os seus argumentos atacados pelas sugestões de Theotocopulos, como quem segura um papagaio nas alturas.

"O individuo pertence á especie; mas tambem a especie pertence ao individuo".

"O homem vive para o Estado afim de viver pelo Estado — e a despeito do Estado.

"A vida é um pendulo que oscila entre serviço e defesa. Resistir, obedecer, resistir, obedecer.

"Ordem, disciplina e saude nada valem se não preparam o mundo para a vida estetica.

"Somos estoicos para que possamos ser epicuristas.

"Exercicio e disciplina são a cozinha, não o manjar da vida.

"Aqui, como sempre — PROPORÇÃO. Mas como determinar a proporção, senão esteticamente?

"O amago da vida é o capricho.

Assim se pensava em 2046. Estaremos mais adiantados hoje?

§ 7. *A Declaração de Mégève*

Theotocopulos e sua Juanita compareceram á Conferencia de Mégève, a genitora do segundo Conselho Mundial. Ambos trabalharam na decoração da cidade provisoria, er-

guida para teatro da assembleia. Os cadernos do pintor contêm, ao lado de croquis de estruturas metalicas, retratos de varios membros do Conselho e notas impressionantes sobre aspectos da reunião. Ha tambem o esboço dum quadro que executou depois, e anda reproduzido em todos os livros de historia: Antoine Ayala, alto, de pé junto ao avião em que partiu para o retiro de Serra Nevada; magnifica a expressão com que olha para trás, pensativo e todo confiança; atrás dele o piloto espera-o pacientemente. "Bem, bem", parece dizer o resignatario. "Assim seja". O sol em ocaso brilha em seus olhos, que olham sem ver.

Muito conhecido tambem é o desenho de nove conselheiros a ouvirem atentos as declarações de Emil Danadieu, secretario da Faculdade de Educação.

Essa revolução foi a mais suave de todas, coisa mil anos distante da luta nas barricadas, das perseguições e fusilamentos á moda antiga. O Conselho não sofreu derrubada, mas apoteose. O espirito de creação afirmava-se contra o espirito de construção e conservação formal. Por uma decada ou mais os varios Controles vinham mostrando desatenção cada vez maior pelo Conselho Central; tratavam entre si e realizavam os seus imensos trabalhos sem a intervenção (que seria inhibitoria) do já antiquado conselho. Finalmente a Faculdade de Educação do Controle de Saude e Conduta provocou a assembleia. Essa Faculdade havia posto de lado as proibições da nudez no atletismo, imposta pelo Conselho trinta anos antes. A materia não tinha importancia, mas atraiu a atenção do Conselho; chegara o bom momento para uma definitiva afirmação da sua autoridade. *Havia ou não havia um Governo Supremo?* foi a questão proposta pela veneravel corporação. Muito provavelmente pareceria áqueles homens ser indispensavel que houvesse uma autoridade suprema, e a calma exposição de Emil Danadieu, negando o sim á pergunta, deve ter sido para os velhos conselheiros a revelação da marcha das ideias, a partir do dia em que tomaram posse do cargo.

Naquele tempo a necessidade da concentração da chefia prevaleceu sobre todas as outras considerações. Era a epoca da luta e destruição dos velhos sistemas de lealismos e fés que antagonizavam os homens e lhes consumiam as forças. O caos da produção e distribuição baseadas em lucros tinha de ser substituido por um bem ordenado sistema economico uni-

versal. Mas realizado que fôra esse empreendimento, cumpria cuidar da sua consolidação — e isso já não era obra para um governo militante. A tarefa do Conselho Mundial tinha chegado ao fim.

— "Mas quem vai então governar o mundo?" indagou Eric Gunnarsson, o mais moço e ambicioso membro do Conselho.

— "Não ha necessidade de governar o mundo", respondeu Danadieu. "Já tornamos a guerra impossivel; já nos libertamos das velhas tradições anti-sociais que lançavam os homens uns contra os outros; já tornamos impossivel a escravização do homem ao homem por meio da manutenção da pobreza. As faculdades de saude, educação e conduta manterão a harmonia na humanidade. Os controles executarão as suas tarefas. Que função ficaria para um governo supremo? Nenhuma, a não ser contemplar a obra, achar que está bem e abençoa-la".

— "Sim", disse Gunnarsson, "mas..."

O dialogo foi registrado nos filmes fonograficos da sessão — e com as duas palavras ditas por Gunnarsson, o jovem ambicioso que sonhara ser Presidente do Mundo, desaparece ele da cena.

Danadieu fez um resumo da historia dos governos; mostrou que no começo o homem só podia pensar por meio de personificações, e tinha de conceber um Deus tribal e um Rei, por impossibilidade de conceber qualquer forma de cooperação organizada; mostrou como os Reis permaneceram totalmente individuais e tribais, não vendo nenhum interesse além dos interesses do grupo, e como tiveram de ser controlados por conselhos ou assembleias legislativas, os quais por fim tambem se tornaram desnecessarios. Durante seculos esses corpos dirigentes mantiveram os homens na discordia, até que a especie humana se unificou e consolidou a unificação por meio dum sistema educativo universal.

A essencia dos debates foi concretizada na "Declaração de Mégève" com que a assembleia fechou as suas deliberações.

"O Estado Mundial vai ter o destino de todos os estados que ele assimilou; esse governo supremo, que reuniu em si todas as soberanias nacionais do mundo, desaparece agora do cenario humano. O longo e frequentemente cego e mal diri-

gido esforço do genero humano para firmar a paz e a segurança foi finalmente coroado de sucesso, graças a este grande Conselho que hoje se retira. E que se retira sob os aplausos de toda a humanidade e envolto na sua gratidão. Podemos agora, na serenidade e na segurança, examinar a propriedade que ele salvou da ruina — este planeta e suas possibilidades, bem como as nossas possibilidades ainda não desenvolvidas e a plenitude de vida que temos diante de nós. Este dia é o nascer do sol da emancipação humana. O martirologio da especie chegou ao fim. Dum extremo a outro da terra não existe uma só creatura que não tenha diante de si uma bela perspectiva de realização pessoal, de saude e liberdade. Já não existem escravos; nem pobres; ninguem condenado, desde o berço, a uma situação de inferioridade; ninguem sentenciado ao encarceramento por longos anos de vida; ninguem afligido na alma ou no corpo que não receba todos os auxilios da ciencia e todos os serviços de guardiães dedicados e capazes. Diante de nós temos o mundo para nele fazermos como quisermos, dentro das nossas forças e da nossa imaginação. A luta pela existencia material já não existe. Ganhamos a batalha. Tambem já não existe a necessidade de repressões e disciplinas. O esforço para a verdade — e para atender a essa irreprimivel necessidade de beleza que todos sentimos agora — já não se vê embaraçado pelos imperativos de outras lutas secundarias. Ninguem viverá, de hoje em diante, abaixo das suas possibilidades de vida plena.

"Temos de respeitar a raça e tambem de nos respeitar uns aos outros, o que já nos é facil graças á educação recebida. Temos que lealmente respeitar as convenções sobre a moeda e aceitar as responsabilidades publicas, de paz, saude e decencia: temos que ser leais a tudo isso. Sobre essas obrigações comuns a republica universal repousa. Temos que contribuir com a nossa quota de trabalho para a satisfação das necessidades do mundo. E quanto ao resto, *vivamos.* Nenhum sitio da terra, nenhum trabalho, nenhum prazer, exceto os que trazem mal aos outros, nos pode ser denegado. Graças a ti, Conselho heroico! Nossa gratidão será eterna e sem limites".

LIVRO QUINTO

O Estado Moderno no Controle da Vida

§ 1. A Manhã Universal.
§ 2. Afinação da Vida.
§ 3. Planejamento Geogonico.
§ 4. Mudanças no Controle da Conduta.
§ 5. Organização da Abundancia.
§ 6. Melhora a Media Humana.
§ 7. Lingua e Desenvolvimento Mental.
§ 8. Sublimação do Interesse.
§ 9. Nova Fase na Historia da Vida.

§ 1. *A Manhã Universal*

Com a Declaração de Mégève em 2059 a fase de iniciação do Estado Moderno chegou ao fim. Vamos recapitula-la sumariamente. O Estado Moderno, sob forma de ideia nebulosa, como simples aspiração e remota possibilidade, aparecera em 1918, quando, após o horror da guerra, emergiu a Liga das Nações. A ideia foi se definindo no decurso dos anos calamitosos posteriores á catastrofe. Firmou-se na Conferencia de Basra, em 1965, como a unica possibilidade de solução do problema humano — e por fim concretizou-se com a conquista do mundo.

A sistematizada consolidação desse triunfo começou depois da Segunda Conferencia de Basra, em 1978. O Conselho Mundial deu-se a tarefas que nunca foram sonhadas possiveis, nem pelo mais visionario dos sociologos. Equivaliam á completa reconstrução da mentalidade humana. Antes de tudo, as tradições do nacionalismo tinham de ser erradicadas para sempre; era preciso substituir os preconceitos raciais pela compreensão racial — trabalho imenso, ao qual se opunham imensos obstaculos. Depois, a instituição da lingua geral: uma das linguas existentes adaptada á assimilação de todos os homens. E, finalmente, o mais dificil — a redução dos credos e sistemas de cultura quasi-universais, Cristianismo, Budismo, Islamismo, Judaismo, etc., forças ainda ativas e hostis ao movimento do Estado Moderno. Enquanto essas culturas permanecessem vivas, haveria redutos onde se abrigarem as forças da reação empenhadas em aleijar, ou derrotar, a nova ordem do mundo.

Já vimos como esse objetivo foi alcançado, e como foi necessario colocar todo o treino moral e mental da raça em relação simples e direta com a nova organização. Depois do ano 2000 já não consta a abertura de nenhuma escola que

não fosse modernista. Nas zonas em que se manteve sacerdotal e intratavel, o Cristianismo foi suprimido; mas na maior parte do mundo ele se amoldou á modernidade. A dotação das Igrejas se havia evaporado durante as decadas de depressão economica; tambem não mais apareciam elementos educados para reabastecer as fileiras do sacerdocio; na maior parte os templos se esvaziaram, foram abandonados, e quando se operou a reconstrução predial do mundo foram demolidos por falta de beleza e interesse. Desapareceram como folhas mortas.

Com o Islam sucedeu o mesmo. E desapareceu mais depressa ainda porque não era sustentado por nenhuma rede escolar. O Islam dependia da lingua arabe. A decadencia desta lingua desintegrou-o, como a decadencia do latim foi o inicio da desintegração do Cristianismo Ocidental. Ficaram como recordação algumas dezenas de mesquitas, como do Cristianismo ficaram as catedrais e capelas construidas com beleza. E a memoria das duas religiões, com suas lendas e o mais, incorporou-se ao patrimonio estetico da humanidade.

O Judaismo sempre se caracterizara pela solidariedade e tenacidade dos seus adeptos. Puderam os judeus conservar-se á parte dos outros homens, sob regimes de alimentação e praticas proprias, isso em todos os recantos do mundo. Aquela perpetua rebeldia contra as solidariedades coletivas foi uma constante irritação para os estadistas. Ninguem podia dizer se um judeu era cidadão de tal ou tal país ou apenas judeu. Casavam-se e comerciavam entre si. Tinham normas de condutas tradicionais, só suas — e onde quer que se reunissem surgiam logo amargos ressentimentos.

Era de supor que um povo assim tão largamente disseminado adquirisse mentalidade cosmopolita e desse modo trabalhasse para o futuro; mas o isolamento da cultura judaica o impedia. Depois da Grande Guerra os judeus ortodoxos representaram bem pequeno papel na luta ainda nebulosa para a instituição dum estado universal; só se preocupavam com o sonho do Zionismo — a formação dum país independente na Palestina, sua terra de origem. Unicamente a psicanalise poderia destrinçar a razão de quererem situar-se num país assim, o que acentuava ainda mais a sua hostilidade á fusão com o resto do mundo. Resultante: uma generalizada e incuravel exasperação do mundo contra esse povo.

Outra coisa veio aumentar a impopularidade dos judeus no seculo 20. A causa da Grande Crise fôra manifestamente monetaria. Havia algo podre no regime do dinheiro e do credito. Os judeus sempre tiveram reputação de habilissimos manejadores da moeda, apesar disso nenhum concurso veio deles para a solução do problema monetario. Gentios eram todos os homens que na epoca se deram a tal estudo. Natural, pois, que fosse perguntado: "Onde estão os judeus?" e surgia a suspeita — e a suspeita degenerava em perseguição. Estavam eles especulando secretamente? O costume dos especuladores gentios sempre fôra desviar a opinião do mundo para aquela gente teimosa em viver á parte.

Entretanto, em menos de um seculo, entre 1940 e 2059, essa antiquada e obstinada cultura desapareceu. O judaismo, com o seu estado zionista, seu kosker, a Lei e o resto, foi completamente assimilado pela comunidade humana. Não houve supressão dos judeus. Durante as Decadas da Fome repetiram-se em muitos pontos do mundo os famosos pogroms do passado. Durante a Tirania Puritana não ocorreu perseguição nenhuma — mas duas ou tres gerações foram educadas fora do ambiente racial. Com isso a atenção dos judeus começou a desprender-se de Moisés, da Promessa a Abraão e da crença de que Deus havia creado o mundo só para eles, a "raça eleita"; foi-lhes ensinada a verdade sobre o judaismo. O mundo continuou cheio de homens e mulheres de origem semitica, mas que já não pertenciam a "Israel".

Esta vitoria, que os homens do seculo 19 julgariam impossivel, adveio de duas coisas. Primeira, que a revolução do Estado Moderno fôra primacialmente educativa e só secundariamente politica; preparara o terreno como jamais o fizera nenhuma revolução anterior. E, segunda, porque sobreviera sob novas e mais favoraveis condições. No seculo 19 a familia cessara de ser um efetivo nucleo de vida cultural e economica — e a exclusividade dos judeus se baseava na familia. Existe grande numero de livros de ficção escritos por judeus, para judeus, no seculo 20, os quais mostram como o afrouxamento da familia judaica, em choque com a crescente modernização, se fôra acentuando. A dissolução de Israel começou aí.

A tarefa de preparar o espirito das novas gerações, tanto entre os judeus como entre os gentios, fôra entregue a influencias externas, sobretudo aos jornais e ás escolas comuns; dei-

xou de ser uma atribuição da familia. E a partir de 1940 o treino fora de casa se intensificou. O movimento modernista, desde o começo, empolgou os professores, reformou em linhas novas a educação popular e impediu o surto de escolas antagonistas. Impossivel aos judeus, daí em diante, darem ao espirito e ao estomago cultura e alimento diversos dos comuns.

A completa solidariedade do mundo em 2059 e o desaparecimento das ultimas sombras de antagonismo e desconfiança entre os varios cultos, linguas e raças, testemunham o profundo acerto do que Falaise, um dos editores de de Windt, chamou "Concepção Mental da Historia". A Éra do Desapontamento foi sobretudo de luta para a realização de certas coisas possiveis, contra a resistencia duma caotica mentalidade geral. A Declaração de Mégève, alem de afirmação da vitoria e liberdade da raça, significou tambem demonstração de que a raça humana havia entrado em fase de lucidez.

A' medida que os sonhos separatistas, as fantasias raciais e os pesadelos do odio se apagavam, que é que se apresentava diante do cerebro humano ressurgido? Um pequeno planeta alumiado pelo sol, povoado duma flora e duma fauna muito abaixo das suas possibilidades, com o bojo abarrotado de recursos não sabidos; e no cerebro humano, ilimitadas possibilidades de desenvolvimento. Tudo quanto o homem havia feito não passava de gatafunhos de criança que ainda não aprendeu a escrever — ou dos instintivos movimentos do gatinho que ainda não abriu os olhos. Mas o homem estava finalmente com os olhos abertos.

O planeta, do qual pelo menos mentalmente se apossara, jazia quasi inexplorado; em muitos pontos a crosta se desfigurara em consequencia das guerras travadas para a sua posse. De todos os lados, em 2059, o cenario do globo entremostrava as cicatrizes da prolongada luta. Se a maior parte das divisões e barreiras da éra dos estados independentes havia desaparecido — castelos, fortalezas, fronteiras, linhas estrategicas — subsistiam, entretanto, muitas indicações de que o mundo ainda era governado e não estava bastante seguro do seu proprio comportamento. Indicações disso: o amplo sistema de aerodromos planejados de modo a impedir o livre vôo dos particulares, que fôra tolerando até o ano de 2040, e o traçado estrategico rodoviario, que não dei-

xava ponto nenhum do mundo fora do alcance da repressão. Visto do ar, ou num mapa, o mundo revelava-se ainda sob o "regime do governo". O aranhol rodoviario sugeria uma rede lançada sobre o corpo de uma fera perigosa.

Igualmente visivel era a qualidade das mais recentes conquistas no campo social e economico. Como se queixava Theotocopulos, o Segundo Conselho fizera mais que o necessario. Mostrara ciumes até das aguas terrestres. Os reservatorios e rios tinham, diz ele, um ar "fanfarrão". Embora os pequeninos campos de cultura, as minas imundas, os montes de lixo, as fabricas, o operariado, os cortiços e choças e todos os tristes produtos do Regime Industrial Capitalista já houvessem desaparecido da paisagem, o esforço da remodelação planejada ainda prosseguia. As florestas devastadas ou queimadas iam a caminho dum estrenuo reflorestamento. Estrenuo é o termo. "Plante-se" dissera o Conselho, e não pensemos mais nisso." Lá pelo fim da Éra do Desapontamento era exceção uma arvore fora dum verdadeiro alinhamento militar.

Por toda parte persistia ainda o medo de possiveis insubordinações; em tudo viam ameaças ocultas. O homem lutara desesperadamente e vencera, mas só agora achava tempo para atentar nas imediatas possibilidades do planeta.

A visão de alto, que os delegados de Mégève tiveram 47 anos atrás, não prenunciava ainda o maravilhoso jardim que é hoje o mundo. A aspera racionalização de tudo, aquele pavor á beleza estetica, que havia perseguido o Segundo Conselho, enfeiara a paisagem com tudo que fôra construido nela. Pontes e estradas pareciam, como escreveu Theotocopulos, "rinocerontes de carga". A tendencia para o atarracado, herança da epoca dos raides aereos, desaparecera, mas subsistira a tendencia de tudo construir muito pesada e solidamente — e em ponto muito grande; a impressão era, ás vezes, de certa grandiosidade, mas sentia-se um toque de estupidez militar naquele emassamento excessivo.

O enriquecimento da vegetação, que hoje é coisa generalizada pelo mundo inteiro, estava naquela epoca em fase experimental; em muitos pontos não existiam florestas e campos de cultura em escala maior do que um seculo antes. Se a devastação das matas durante as ultimas guerras foi compensada pelo plantio arregimentado, isso, entretanto, não elevou o nivel das comunidades proximas; o que fôra flo-

resta voltou a ser novamente floresta, o que era campo continuava campo, apenas melhorado com a diminuição das ervas indesejaveis.

Para os olhos de hoje esse mundo dos nossos pais, como o vemos através de fotografias e panoramas, tinha um desolado aspecto de caserna; o cultivo era laborioso e pobre.

Essa paisagem, entretanto, comparada á de dois seculos passados, dava sensação de prosperidade, espacejamento e ordem. Havia qualquer coisa de comovente na ternura do seculo 19 pelos cenarios naturais, mas a gente da epoca não poderia imaginar como os seus netos iriam amiserar-se das "belezas" então admiradas. E' verdade que os crepusculos e certas paisagens costeiras, como as de Escocia, eram os mesmos que temos hoje. Mas nossos avós suportavam viagens incomodas para ver quadros de neve ao sol ou o panorama das montanhas azues. Adoravam a agua, as florestas, os campos a se perderem de vista, a massa das aldeias vistas de longe. Tambem se deleitavam com os vêdos vivos, os campos de primaveras ou margaridas, os muros com trepadeiras e heras. De tal modo abundam as flores em sua literatura e pintura, que compreendemos como eram raras, e a quantos incomodos se submetiam para obte-las.

Pelo que pudemos reconstituir dos aspectos daquele tempo, a paisagem comum primava pela insipidez, quando não desolada ou dolorosamente feia. O continente americano era batido de neves ao norte, mal cuidado ao sul, todo ele um desalinho. Por felicidade, aquela gente de vida curta não podia comparar, nem tinha com que comparar — e as queixas contra a feiura da paisagem são raras. Mas da literatura do seculo 19 podemos deduzir que a maior parte do mundo não apresentava aspecto atraente. Escritores e poetas não ousavam admitir a feiura porque não esperavam, nem tinham energia para conceber, coisa melhor. Obedientes a uma elementar lei psicologica, *eles não viam.*

Mas sob o governo do segundo Conselho a critica das realizações do homem, bem como da sua natural insuficiencia, tendia avolumar-se. Não foram só o pesado das obras de engenharia, nos blocos residenciais e a bruteza de rodovias o que impressionou mal os delegados á conferencia de Mégève, na sua visão do alto. A maior parte da terra estava por ordenar-se. Lá de cima, durante o vôo, viam eles grandes areas de pantano ou mato enfezado, ermos pedre-

gosos, regiões de seca, entulhos aluviais, barroqueiras. Sim, todo um mundo a ajardinar-se.

"Agora, podemos cuidar de tudo isso", disseram. "E será realmente começar..."

§ 2. *Afinação do Planeta*

De longa data era sabido que a vegetação, da qual todas as outras formas de vida dependem, estava em intima função da humidade e da luz. Em 1900 e tantos um botanico da Inglaterra, Frederick Keeble (1870-1975), mostrou que havia paradas no desenvolvimento de certas plantinhas primarias pelo fato de que, enquanto todas as outras condições se apresentam favoraveis, o nitrogenio assimilavel era muito pouco para permitir-lhes o crescimento. Keeble aplicou a lição botanica á vida humana, insistindo que os homens estavam a viver num meio extremamente pobre de nitrogenio. E' com extrema relutancia que o mundo inorganico cede á vida esse elemento. A observação de Keeble lançou muita luz sobre a alegada bondade da natureza. Outros cientistas repetiram com outros elementos observações similares. Carlos Meton (1927-2014) compara a vida do nosso planeta a "um potro faminto preso num pasto resseco e que nunca pensou em procurar o alimento verde".

Esta fundamental pobreza da vida na terra pode ser retraçada através dos periodos geologicos. A vida tem sido sempre uma coisa apertada. Poucos periodos de exuberancia houve, como, por exemplo, o carbonifero, em que a vida irrompeu tão impetuosa; mas pela maior parte das eras a vida marasmou-se á tona dum planeta de ilimitadas riquezas minerais, por não dispor da chave do cofre dos tesouros. Nenhum cerebro humano jamais devassou a extensão desse acumulo de reservas. Só quando a Ciencia entrou a governar coletivamente, e a tudo esclarecer, é que se verificou a possibilidade de alargar a botanica para bem da vida que dela depende; e essa realização só foi tentada depois que as energias humanas deixaram de consumir-se na destruição da guerra. Hoje, milhares de cerebros empenham-se em provocar uma torrente de abundancia e riqueza de vida como nem sequer sonhada foi em todos os sonhos dos nossos avós.

O Segundo Conselho, no principio de sua atividade, não dispunha de bastantes conhecimentos da biologia aplicada, e não pôde antecipar-se ao que estamos fazendo hoje. Esse corpo dirigente limitou-se a expandir e harmonizar o estoque de invenções e processos herdados do seculo 19 e 20. A consequencia de maior vulto foi a supressão da distancia e do trabalho manual pesado, todo ele transferido para os ombros da maquina. O objetivo do Conselho era estabelecer, e firmar para sempre, a unidade humana, e tracejar um programa de trabalho que ocupasse todas as creaturas e lhes desse o poder aquisitivo necessario para absorver a crescente produção industrial. A principio preocupou-se em assegurar o mundo contra a reação capitalista e as mais — a religiosa, a patriotica, a romantica. Depois de completa vitoria nesse setor, e de consolida-la, o Conselho viu-se defrontado pelo tremendo problema do lazer. Em que ocupar as sobras de tempo da humanidade?

Uma boa aplicação seria, entre outras, promover a investigação cientifica e a exploração das camadas profundas do subsolo. E o Conselho destinou ao trabalho biologico alguma coisa como o terço dos recursos em mão, e parece não ter ocorrido a esses dirigentes do mundo, preocupados como andavam com a obliteração do espirito de separatismo e a remodelação da vida economica, que um tão tremendo inquerito biologico fatalmente não se confinaria á supressão das doenças dos animais e plantas, ou a aperfeiçoamentos agricolas. Era coisa fora do alcance de sua imaginação prever a enchente de descobertas que adviria — enchente que deixou longe a éra das descobertas e invenções mecanicas dos seculos 19 e 20. Esses nossos dirigentes atrazaram-se em biologia, como tambem se haviam atrazado em sensibilidade estetica.

Da terceira decada do seculo 21 em diante o conservantismo do Segundo Conselho passou a encostar grande numero de descobertas cientificas, evitando que tivessem aplicação pratica. O mundo estava unificado; sustentava a sua população com a maior facilidade; a saude dos homens subira a nivel inedito. Que mais fazer senão marcar passo? O mundo era como um adolescente ainda tratado como criança. Nem mesmo as novas possibilidades em materia de vegetação foram percebidas. As areas cultivadas poderiam, antes de 2050, encurtar-se á metade, mas o Conselho receou que o

deslocamento de população criasse tensões sociais e manteve inutilmente quatro ou cinco milhões de creaturas na lavoura, enquanto corriam os inqueritos sobre a "aplicação industrial do excesso das colheitas". Tambem restringiu os desenvolvimentos educacionais e o inovacionismo nas construções. O Conselho tornara o mundo seguro para a humanidade e queria manter-se nisso.

Em 2047 Lee Pabst publicou os seus famosos estudos sobre os efeitos nos cromosomas de certos gases derivados do antigo Gás da Morte. Essas substancias receberam o nome de Cinetogenios de Pabst. O efeito geral era produzir mutações de varios tipos. Davam surto a uma variabilidade de vida até então só causada, com relativa raridade, pelas radiações cosmicas. Em 2050 o mundo biologico foi surpreendido por algumas dezenas de plantas absolutamente novas, e tambem dois tipos ineditos de rodentes. A evolução artificial de novas creaturas ficou, pois, ao alcance das possibilidades humanas.

Ilimitados horizontes se abriam. O Conselho tomou-se de panico; viu o mundo, que tanto trabalho lhe dera para arrumar, entregue a um surto de vida nova jamais sonhada. O pesadelo das plantas e animais ineditos perturbou-lhe o sono, e o Conselho admitiu que até o tipo humano estava ameaçado de mudanças. Em consequencia, restringiu logo a experimentação e mandou suprimir as novidades de Pabst, só poupando as plantas de valor decorativo ou economico. Mas dentro do laboratorio Pabst ignorou essas proibições, e a Faculdade de Ciencias aumentou a dotação necessaria ás suas experiencias geneticas. E agora que o Supremo Conselho já não podia interferir, o Controle de Transporte e Distribuição Geral (recem saido do Controle de Conduta e Saude), tomou os estudos de Pabst e organizou a exploração do campo novo que esses estudos abriam. Um plano geral de "evolução dirigida" foi traçado — plano que, com modificações, ainda se acha em desenvolvimento.

Muitos dos "animais selvagens" dos nossos avós estão agora mantidos em campos especiais. Existem quinze Parques Maiores, com areas de 500 milhas quadradas, em que faunas de particular interesse se desenvolvem sem a minima interferencia humana, exceto a dos olhos dos aviadores que passam por cima. Esses animais assim mantidos "sentem o homem" muito menos que os seus predecessores, e consti-

tuem uma reserva de controle para uso das tentativas em genetica feitas com animais similares, cativos á moda de outrora. Um dos resultados mais curiosos foi a restauração que Dumoric fez, por meio de cruzas e cultivo de especimens atavicos, do extinto veado fulvo.

Outro benefico resultado da preocupação do Segundo Conselho com o problema do lazer, foi o obtido nas ciencias mineralogicas e meteorologicas. O Conselho não imaginou que a sistematica observação dos ventos e das chuvas pudesse vir a ter influencia no mundo. Realmente, a perspectiva de impedir que ao vento soprasse em pontos determinados não podia ser sonhada pelo Conselho. Nem tão pouco a possibilidade de controlar os vulcões e terremotos. Antes de 2000 o conhecimento do que o homem chamava "crosta da terra" e dos recursos do subsolo em minerais, era extremamente restrito. Os geologos só se baseavam em observações da superficie, em cortes de terra e perfurações industriais. Mas os grandes recursos tecnicos hoje amontoados permitem a sistematica exploração do subsolo até grandes profundidades. Os interessados encontrarão em qualquer geologia contemporanea a noticia das tremendas descobertas feitas com a perfuradora Shansi, o aparelho "adivinhador" de Watkins e Hull e a tecnica petrografica de Noguchi — recursos que vieram tornar o recheio do subsolo praticamente visivel até 25 milhas de fundo. Tambem verão nesses livros a descrição de dezenas de engenhosos processos de destacar das rochas profundas as substancias desejadas, fazendo-as emergir. Nada disto fôra sonhado um seculo atrás. Em vez de empregarem a energia subterranea para lançar á superficie o que era desejado, os nossos avós extraiam e *levantavam* até á superficie o carvão, por meio do horrivel sacrificio de multidões de homens suarentos e mal pagos.

Igualmente rapidos foram os progressos da meteorologia, depois que o Segundo Conselho se voltou para o assunto. A meteorologia pratica era coisa recente. A não serem os pequenos serviços que prestou o barometro de 1643 em diante, a previsão meteorologica só começou no seculo 19, e não foi conduzida sistematicamente senão depois de 1850. Pequeninas experiencias com a composição do ar começaram no seculo 20, e imediatamente se tornou possivel extrair-se dele o nitrogenio — mas em quantidades relativamente minimas. Pouco mais se tentou até a ultima guerra, quando

o uso local de substancias como o Gás da Morte foi feito em escala bastante grande para que influisse na composição da atmosfera das regiões envenenadas. Mais tarde extendeu-se o uso dos gases á extinção dos gafanhotos, rodentes e pestes insetiformes. Grande entusiasmo. Mas alguns acidentes ocorridos amedrontaram o Conselho — e ficou assente que não se mexeria com o ar até á conclusão dos estudos sobre o controle dos ventos. O condicionamento da atmosfera, portanto, como tantas outras coisas da ciencia, foi "encostado" até mais ver.

A Comissão replanejadora do mundo defrontou-se com tres grupos de possibilidades desafiadores do seu espirito de aventura. Uma nova flora de milhares de especies dormia nos laboratorios aguardando ordem de soltura — e era isso apenas um detalhe nas infinitas possibilidades de mutação animal e vegetal da nova biologia. Uma onda de minerais frescos estava pronta para emergir do seio da terra e vir refrescar a já exhausta mineralização da superficie. Tambem o condicionamento da atmosfera estava ao alcance da industria humana. A antiga obstrução dos proprietarios e governos soberanos desaparecera por completo. Nesse ponto o Segundo Conselho obtivera absoluta vitoria. Tudo estava preparado para uma campanha de alteração não só da superficie da terra como da propria substancia da vida.

A Comissão Replanejadora entregou-se ao trabalho com a serena energia dum corpo que não age sob a pressão da necessidade. "A vida está boa como a temos", começa o relatorio da Comissão, "mas faz parte da bondade da vida o dispormos de quantas novidades quisermos. Guardar as devidas proporções deve ser a nossa eterna preocupação. A desproporção no desenvolvimento de coisas novas foi a causa de muito sofrimento humano e de muito desapontamento durante os ultimos cinco seculos. Possuimos hoje uma serie de controles habilitados a impedir os crescimentos espasmodicos á moda antiga, sem plano nem equilibrio, capazes de lançar o mundo em desastres como os experimentados pelos nossos avós. Temos que examinar o terreno antes do pulo, e calcular todas as suas consequencias. No fim, todos verão como foi sabia a restrição que o Supremo Conselho impôs ao imediato uso das novas invenções, sobretudo as biologicas, suscetiveis de determinar inflações destruidoras, como as do seculo 20.

"O campo em que propomos se continuem as restrições é o da genetica aplicada; supomos que o sentimento geral da humanidade é contrario a tais experiencias no momento. Durante o governo do Segundo Conselho a eliminação sem dor dos defeituosos de toda sorte foi legalizada, bem como a esterilização de tipos portadores de má semente. E' o que a especie humana pode fazer em beneficio da sua hereditariedade, até que o nosso conhecimento da conduta se amplie e porventura aponte rumo novo. No momento estamos satisfeitos com a humanidade que temos, já não torturada pela cruel aglomeração, sub-alimentada, fisica e moralmente infeccionada de toda a sorte de venenos. A' rica mina de possibilidades latentes que é o cerebro humano, podemos explora-la, com muita felicidade, por meio do esforço artistico, da investigação cientifica, da vida livre e alegre — e isso ainda por varias gerações. A vida normal humana pode ser purificada e ampliada — e com isso propomos que nos contentemos. Mesmo neste planeta temos milhões de anos á nossa frente, antes que ocorra alguma modificação fundamental.

"Se da humanidade nos voltamos para outras formas de vida, torna-se manifesto que muitas atrações nos esperam. Podemos crear novas e maravilhosas florestas; podemos possuir novas plantas; podemos substituir a mediocre relva comum que nos vem do passado por outras de mais delicada contextura. Frutas e flores nunca sonhadas poderão encher o mundo. O reino dos insetos, de que a vida geral tanto depende, pode tornar-se um aliado do genero humano. A multidão da vida miuda, passaros e animaisinhos, pode ser influida até que chegue ao ponto de amizade pelo homem. A' medida que nossa mão ganha leveza, podemos, mais e mais, interferir com segurança no equilibrio da Vida. Agora que o homem está são, não ha mais perigos na abundancia de coisa nenhuma.

"Nosso planejamento das atividades humanas, como programa para as proximas gerações, não envolve nenhuma mudança fundamental para toda a humanidade. Será apenas essa afirmação da vida, que a raça, embora confusamente e sem sucesso, sempre procurou conseguir. No momento presente o controle da atmosfera parece-nos obra muito grande; mas supomos que já é possivel organizar um calendario com previsão do tempo para tres anos ou mais. As inumeras empresas prepostas a transformar o solo, a vegetação, a fauna,

ora numa zona, ora noutra, necessitarão dum completo remodelamento das minas, das pedreiras profundas e da rede dos transportes pesados. A construção de nada disto será coisa desagradavel ou penosa; poderá tornar-se até extremamente interessante. As construções da engenharia, antigamente tão pesadas e monstruosas, adquirem hoje a graça das panteras. Empresas industriais que outrora sujavam o ceu com a fumaça negra, e a terra com detritos e cinzas, mostram-se hoje com o asseio dos gatos bem educados. O planejamento do Segundo Conselho, aparentemente feito para um mundo em repouso, será em larga extensão alterado pelo que vamos realizar. E mais tarde essas nossas realizações darão lugar, por sua vez, a outros empreendimentos ainda mais intrepidos e de maior beleza".

Assim falava a parte introdutoria do que é conhecido como o Plano de Afinação de 2960. Vivemos hoje mais ou menos imersos em suas realizações. O homem trabalha sem servidão e gasta sem tedio as suas horas de lazer. Largamos a nossa tarefa quando nos apraz, e voamos, ou passeamos pelos arredores para observar o trabalho dos outros. O mundo cada vez mais se enche de interesses e deleites, desde as florestas amazonicas com suas preguiças, macacos e jacarés, até esse jardim do mundo que é o Himalaia. Podemos dar um passeio pelo ar em companhia dos observadores meteorologicos, ou condicionar nossos pulmões para um mergulho nas galerias de Atlantis. E lá veremos os grandes cefalopodes oceanicos vindos atrás da comida, ou podemos espiar a formação duma perola gigantesca.

Estamos já de tal modo acostumados á graça, beleza e variedade de tudo que nos rodeia, que só folheando os albuns de setenta anos atrás é que percebemos como eram vazias as primeiras decadas da unidade humana. Parece que nesse tempo o homem estava tão exhausto dos anos de massacres, doenças, desperdicio economico e geral futilidade, e tão aterrorizado á ideia do retorno ao regime das velhas confusões, conflitos e canibalismo economico, que não era capaz de mais nada, senão de ordem. Mas a coragem voltou — e a afinação segue o seu curso.

§ 3. *Planejamento geogonico*

Entre os projetos "encostados", de realização deixada ao futuro, está a serie de planos para a alteração dos contornos da terra. E' coisa que hoje ainda parece muito grande e perigosa para o nosso estado atual de sabedoria — mas será de realização inevitavel, em futuro imprevisivel.

Hoje, como durante todo o passado humano, ainda somos creaturas e suditos da geografia; os oceanos e as grandes montanhas condicionam as nossas vidas. Determinam os habitats, os quais por sua vez determinam os tipos humanos mais bem adaptados para viver nesta ou naquela região. Cada um de nós, claro ou moreno, gordo ou magro, negro ou amarelo, tem um lugar qualquer que lhe é o melhor para viver, trabalhar, repousar ou criar os filhos. Poderemos correr a terra toda, mas só em certo ponto estaremos em casa. Nenhum homem se sente igualmente bem em qualquer parte. Não existe o homem universal. Esse tipo só se tornaria possivel numa terra chata e uniforme. A forçosa variedade de tipos humanos é um fato que ninguem deseja destruir.

Mas o problema que os modernos geografos apresentam é se não será possivel uma classificação de habitats em *muito desejaveis, indesejaveis* e *completamente hostis;* e se uma certa modificação dos niveis do globo, juntamente com a restauração das florestas, a redistribuição das chuvas, a proteção contra ventos, etc., não determinaria o aumento dos habitats desejaveis. Uma pequena elevação dos Apeninos, por exemplo, cobri-los-ia de neves perpetuas e traria uma mudança de carater para toda a peninsula italiana. E o aumento de habitats desejaveis equivaleria a aumento de tipos humanos igualmente desejaveis.

Hontem coisas assim seriam acoimadas de "quimericas"; hoje são apenas impraticaveis em vista das forças vulcanicas que podem expluir. E, assim, o geogonista tem de consolar-se com o geneticista, e ficar, por enquanto, em sonhos. Sua vez chegará, talvez, daqui a mil anos ou mais. Temos, pois, muito tempo para pensar nisso.

§ 4. *Mudanças no Controle da Conduta*

Os ultimos 48 anos viram grandes modificações na conduta social do homem. Houve notavel incremento no preparo cientifico, na habilidade e qualidade dos professores do mundo inteiro; mas, á parte isso, o carater e o proposito da educação e da policia mudaram profundamente.

A educação como a entendemos hoje teve começo em meados do seculo 20. Apresentava bem fracas ligações com a educação da idade anterior, do mesmo modo que a educação do cristianismo mal se ligava á educação do mundo classico. Nos tres sistemas ensinava-se a ler, escrever e contar — mas para além dessa base já os objetivos se diferenciavam. A educação moderna começou como propaganda depois do tempo de de Windt — propaganda do Estado Moderno. Procurava estabelecer uma nova ideologia e um novo espirito, tendentes a levar o homem á devoção ao socialismo progressivo.

Isto parecia, e era, uma formidavel empresa, que tinha contra si colossais obstaculos da natureza humana comum. Tornava-se, entretanto, coisa indispensavel, afim de que a civilização não perecesse. A alternativa era isso ou a queda num caotico barbarismo animalesco, até a final extinção. O pensamento e as normas de conduta, portanto, tinham de ser moldados para atender ao grande objetivo — sem atenção a nenhum outro proposito. O Estado Moderno tornou-se o dever do homem. A propaganda evoluiu, necessariamente, para o treino em serviço publico e educação universal. A Sociedade Estatal Moderna compunha-se dum grupo de homens treinados, e jurados em impor o mesmo treino ao mundo todo. Constituir a Nova Humanidade, eis o sonho. E nesse ponto não havia transigencia possivel. Todos os membros eram militantes. Nenhum outro tipo de escola foi tolerado durante mais de meio seculo. Jamais o homem foi tão dirigido e disciplinado.

Os educacionistas desse periodo e do da Ditadura do Ar mostravam-se particularmente atentos no restringir o que chamavam "motivos aberrantes". Sobriedade no comer e no beber, severidade de exercicios, fuga á vadiação, e uma profunda desconfiança nos prazeres da arte e da excitação sexual,

caracterizaram os ideais desses puritanos. O seculo 19 fôra de consideravel frouxidão de conduta. Ocorreu uma verdadeira revolta contra a chamada "Moralidade Cristã", e surgiu a disposição de não somente tolerar, como ainda encorajar, a infração desse codigo moral. Mas muito deste "liberalismo" de conduta já desaparecera dos circulos revolucionarios lá pela segunda ou terceira decada do seculo 20. O movimento do Estado Moderno, á proporção que se desenvolvia, foi-se tornando hostil a qualquer forma de sensualismo. A tarefa que tinha diante de si não podia tolerar semelhante coisa. Era perda de tempo. Era perda de energia. Dava origem a muita intriga. Minava a lealdade comum. Nem mesmo o Cristianismo em seus tempos mais militantes combateu de tal modo a dissipação de energias através desses canais. O novo puritanismo sexual diferia do antigo pela tolerancia do controle da natalidade, pela dispensa do formalismo no casamento e por certa indulgencia quanto aos primeiros excessos da mocidade; mas insistia com grande vigor na decencia publica e na durabilidade e lealdade das ligações sexuais. Como resultado disso, tornou-se o mundo muito mais monogamo, mais decoroso e decentemente ocupado depois de 2000 do que jamais o fôra antes.

Muitos criticos de hoje mostram-se propensos a considerar excessivas as repressões dessa epoca. Mas estamos em fase diferente. O periodo militante já se encerrou. Alegam esses criticos que sob a aparente calma da superficie houve larga expansão oculta de vicios solitarios e distorções morais, e que a inegavel aspereza e obstinação do Segundo Conselho foi um resultado direto do seu puritanismo. E chegam a usar as palavras sadismo e masoquismo. Mas ha divergencias. Autoridades igualmente ponderosas negam que houvesse sido assim. O caso está em suspenso. Em nenhum problema psicologico andamos ainda tão mal informados como no relativo ao impulso sexual — suas expansões e restrições.

Nossos investigadores trabalham em literatura, biografias, diarios, pintura, relatorios policiais, etc., no esforço de apreender o ambiente moral dessas gerações idas. Parece haver uma especie de ritmo nesse setor. O contraste entre as condições de hoje e as de setenta anos atrás lembra o contraste da vida social inglesa em 1855 e 1925. A uma fase inglesa de extrema restrição e decoro sucedeu-se uma de notavel licença. Podemos retraçar as duas fases, pois estão muito

bem documentadas. Não ha dizer que a primeira fosse periodo de miseria e grande tensão nervosa. Houve, sim, uma geral ausencia de excitação, que permitiu á vida sexual defluir ordenadamente. O sexo não interferiu na politica, nem na direção dos negocios. Aparece nas novelas do tempo como animal domesticado, que sai da sala quando é preciso. Já a Inglaterra de 1920 extremou-se em sexualismo. Tudo se fazia para incitar os moços. Como a gravidade dos problemas politicos e economicos se acentuava e a situação de insegurança do mundo recrescia, as preocupações sexuais parecem ter fornecido um refugio ao cansaço cerebral daquele esforço. Os homens distraiam-se das premencias da situação folgando em torno ás aberrações da vida pessoal. Chegou a haver uma verdadeira propaganda de drogas e homossexualidade entre os moços. A literatura, sempre a refletir o momento, fixou esses aspectos. Publicou-se grande soma de obras solenemente pornograficas, fesceninas, sadisticas, em que todas as perversões eram abundantemente exploradas. O leitor de hoje, que se interessa pelo assunto, encontrará todo esse material de estudo á mão. E não o achará chocante, nem interessante, nem excitante. Apenas pretencioso e lamentavelmente nescio.

Não admira, pois, que os obreiros do Estado Moderno, em luta com problemas tremendos, criassem antipatia pelas preocupações esteticas e sexuais, já que lhes roubavam tantos auxiliares preciosos. O movimento modernista mostrou-se puritano desde o começo. E depois dos escandalos romanticos do Primeiro Conselho, muito mais ainda.

Foi para a desordem moral do seculo 20 que o Controle Educacional apontou, cem anos mais tarde, afim de justificar a sua proposta de moralização e repressão dos vicios. Não percebeu, porém, a profunda diferença das novas condições. Os refinamentos sexuais da Éra do Desapontamento não passavam da natural consequencia do proprio desapontamento. Por toda parte, diante dos tremendos perigos circundantes, ricos e pobres se viam desamparados, desocupados, ameaçados. A saude geral peorava. Narcoticos, alcool e o sexo vinham como a logica excitação para os nervos exhaustos. A mocidade, não encontrando emprego para os seus talentos ou musculos, mercadejava a propria carne. Sempre que num ponto se acumulam riquezas mal adquiridas, ou vegeta um governo desmoralizado, a prostituição e o parasitismo pros-

peram. Que mais havia a fazer, naquele mundo tão infeliz? Mas o mundo de 2040 não era o mesmo; voltara a saude, e com ela o interesse pelo trabalho construtor.

Não vamos pormenorizar, nesta rapida visão historica, o levantamento duma proibição em seguida a outra. Podemos hoje andar nus, amar como quisermos, comer, beber e divertir-nos em o nosso trabalho como nos aprouver, contanto que não prejudiquemos a terceiros. E nenhum mal advem disso. Quando a Tirania Puritana começou, os seus dirigentes agiram como se houvessem aprisionado um tigre, o qual destruiria toda a abundancia e segurança realizadas, se as proibições não fossem mantidas. Mas com muitas relutancias, e uma a uma, e depois de interminaveis disputas, as proibições foram sendo levantadas. E o tigre não apareceu. Gente bem alimentada não se dá á glutoneria, e gente propriamente interessada no que faz não é parasitada pelo sexo. Em vez dum tigre, apareceu um calmo, comodo e interessante gatinho.

A humanidade estava mudando. O surto da pornografia previsto por muitos, bem como da anormalidade e da superexcitação sexual, de modo nenhum sobreveiu. Quem estuda a literatura dos ultimos 50 anos e compara-a á do passado, vê que ha hoje muito mais amantes felizes e que nunca o amor fisico teve maior beleza. Ainda subsiste o ciume, é certo, mas raramente se mostra maligno, como o desejo raramente se mostra vicioso. Nisto, como em muitas outras coisas, o progresso se confunde com a simplificação. As almas que estudamos através da literatura do passado aparecem-nos grotescamente emaranhadas e atormentadas; o odio misturava-se-lhes aos desejos; acasalavam-se deshonestamente e "amavam-se" sem sinceridade.

Mas se houve esta liberação da rigida moral sexual do periodo militante, em outros setores nada afrouxou. A Nova Ordem não pode tolerar nenhuma infração no sistema de propriedade e moeda que nos liga a todos. A policia está sempre alerta contra o roubo e a fraude; e muitas praticas gananciosas que em 1920 seriam toleradas, ou mesmo admiradas, estão suprimidas para sempre. O jogo, os astuciosos engenhos e passes para atrair o dinheiro dos outros, recebe castigo tão pesado como a falsificação da moeda-cheque; e toda aquela trama viciosa da ordem antiga não ousa reapa-

recer sob disfarces. O dinheiro é um cheque para as nossas despesas pessoais e recreio. Não pode ser empregado para assegurar vantagens sobre outra pessoa, ainda que com o assentimento dessa pessoa. Isso é fundamental, porque o reverso acaba desfechando em puro canibalismo. Afora estas restrições, a liberdade cresce dia a dia.

Com uma saudavel educação do cerebro e do corpo, e uma rigorosa proteção da propriedade e do dinheiro contra os maus impulsos, verificou-se que era possivel dar a cada ser humano uma liberdade de movimento e conduta geral que pareceria absurda aos fundadores da nova ordem. Temos de reconhecer, entretanto, que foi graças á severidade desses homens no trabalho de limpeza da vida humana que chegamos a este altissimo estagio. Podemos hoje flanar em qualquer parte do mundo que nos atraia e praticamente fazer tudo quanto desejamos.

§ 5. *Organização da Abundancia*

A mesma dificuldade que o professor de historia encontra para dar aos alunos a sensação do como eram os sentimentos e motivos num mundo de morbidas infecções e habitos corporais in-higienicos, num ambiente geral de desconfiança e incerteza, encontra-a ele em mostrar o que era a vexação, a humilhação, a aflição causadas pela universal deficiencia das coisas mais comuns, indispensaveis á vida. Até o fim do seculo 20, todo mundo, salvo pequena maioria, vivia na penuria. Os proprios ricos tinham de atentar nas despesas, quando tomados de caprichos ou desejos. Correm hoje as coisas de maneira tão suave que ninguem dá um só pensamento ás necessidades imediatas. Casa, alimento e vestuario estão sempre á nossa disposição, onde quer que nos achemos. Tudo se ajusta com tanta facilidade que nem podemos imaginar como era a vida antigamente.

Um dos resultados da abundancia, que para nossos avós seria paradoxal, foi a supressão dos "embaraços". Quanto menos coisas havia no passado, mais era preciso ter e guardar. Os homens apropriavam-se de coisas e guardavam-nas em virtude da escassez geral. O lar antigo não equivalia apenas a um ponto de repouso; sim, tambem, a um deposito.

E no seculo 16 e 17 chegava a ser um deposito fortificado com barras de ferro, fechaduras e toda sorte de defesas contra os ladrões. O homem apropriava-se das coisas com esforço e tinha de defende-las. Os bem sucedidos, acabavam aprisionados e escravizados a essa acumulação de coisas. Toda gente andava a esconder objetos, e a conserva-los, mais que a usa-los. Medo da penuria. Se deles não necessitavam no momento, poderiam necessitar depois. Se um homem rico desejava mudar de ambiente, havia que ter sua casa de campo. Essas casas correspondiam a uma miniatura da economia social. A maior parte dos alimentos não só tinham de ser preparados nelas, como ainda produzidos em terrenos privados. E tudo impunha conservação, fiscalização, para prevenir desperdicio e furto; o dono da casa tinha de estar atento a todos os imprevistos. As roupas eram guardadas de "armarios" e defendida contra os ladrões. Ser rico naquele tempo representava um trabalho quasi tão penoso como ser pobre. E se o rico viajava, tinha de viajar em carro proprio, com pessoal seu, levando consigo grande quantidade de bagagem.

Nos dias relativamente abundantes do seculo 19 houve um pequeno alivio da carga, pelo menos para os abastados. Um certo cosmopolitismo do dinheiro e do credito, a multiplicação da burguesia, as sociedades por ações, as facilidades de transportes, foram permitindo que os ricos se libertassem um pouco mais da escravização fisica aos seus bens. Operou-se um movimento geral, que hoje achamos irracionalissimo e grotesco, para possuir sem ser incomodado pela posse. O ideal do rico não era mais ter coisas, sim dispor de poder aquisitivo. Casas, mobilia e o mais mudavam de mãos com recrescente rapidez.

Em vez da vida em palacetes, com as refeições tomadas em casa, essa gente morava em pequenos apartamentos e comia nos "restaurantes". Cessou o interesse pelas casas de campo proprias; já viajavam com mais variedade, graças a uma industria nova: hoteis e vilas de aluguel. Tambem viajavam com muito menos bagagem, comparativamente á de outrora. Como o comercio a retalho estivesse organizado nas linhas novas do Grande Negocio, a necessidade do acumulo caseiro de mil coisas cessara. Fora da casa tinham tudo á mão. Era só comprar. Os "grandes armazens" do se-

culo 20 notabilizaram-se pelas dimensões e variedade de artigos.

Nos dias de Shakespeare não existia a preocupação de roupas novas, mobilias novas, casas novas — tudo novo; já no seculo vinte a preocupação do novo mostrou-se a mesma de hoje. Havia ainda poucas facilidades de "scraping", mas a renovação constante das coisas compradas tornou-se moda. Se não fosse a catastrofe social devida á ignorancia, ao individualismo, ao nacionalismo e á deflação monetaria, que desabou sobre essa fase da civilização, muito provavelmente a organização distributiva do mundo ter-se-ia desenvolvido ao sistema das "cadeias de lojas", que começaram na America e adotamos hoje. E tambem continuaria aquela expansão de vida de hotel e casas de campo moveis, que prenunciavam o mundo de hoje.

Depois dos desastres e das tentativas de reerguimento de meados do seculo 20, foi aos moldes americanos da Primeira Éra da Abundancia que a direção da União dos Transportes recorreu. Já mostramos com que facilidade essa União se transformou no monopolio do comercio mundial, e como evoluiu para o Controle do Ar e Mar, e por fim para o governo do mundo unificado. O seu sistema de "vales" tornou-se o Novo Sistema Bancario; o seu Conselho de Comercio tornou-se o Controle Retalhista — e o seu Controle dos Suprimentos empolgou, afinal, todas as atividades produtoras do mundo. Desde o começo, e por instinto, esses novos poderes se baseavam na ideia da mobilidade. Não havia neles vestigios da mesquinha mentalidade economizadora dos tempos da escassez. Proviam acomodações amplas e variadas para todos á medida que a produção do planeta crescia.

Os grandes armazens distribuidores de outrora serviram de modelo aos nossos. Quando uma nova cidade surgia, ou uma velha se reconstruia, os arquitetos do Controle do Ar e Mar levantavam nela os seus grandes estabelecimentos — a principio apenas grandes, mais tarde finamente planejados. No começo esses armazens vendiam mercadorias de acordo com o velho sistema; depois, e gradualmente, passaram a organizar o sistema, hoje em uso, da troca de coisas velhas por novas; novos sapatos ou novas roupas eram entregues aos fregueses e os velhos sapatos e as velhas roupas iam para as usinas recuperadoras. Nada entre nós é mercadejado; nada remendado — e gradativamente este sistema eliminou

a velha industria da lavanderia. Aquele aspecto de sordidez, tão visivel nas fotografias das multidões de dantes, não o conhecemos mais — a gente de roupa surrada ou remendada. Novos metodos de medida e corte substituiram a fita metrica, as tesouras e maquinas de costura antigas. Nos tempos da Grande Depressão os homens usavam durante anos as mesmas roupas de baixo, tendo de lava-las semanalmente, passa-las, seca-las; e para o exterior, um complicado sistema de vestes de lã, com antiquados botões, cintas, fivelas, alfinetes, etc., roupas que tambem ficavam em uso anos. Eram feitas de fazendas escuras e absurdamente grotescas; a cor escura tinha em vista esconder a sujeira. E o vestuario da Idade Media ainda fôra mais imundo. Hoje, a duração media da nossa roupa, tão bela e simples com os seus comodos zips, é de mais ou menos uma semana; as internas usamo-las por tres dias apenas. Nada de guarda-roupas; nossos guarda-roupas são os grandes armazens. Se o tempo muda, neles vamos nos vestir dos trajes convenientes, mais leves ou mais pesados. Usamos menos roupas que os nossos avós, parte por gosarmos de mais saude, parte porque os corpos belos não procuram esconder-se, e parte porque no passado o homem se vestia de modo a enfrentar todas as mudanças de tempo. Usavam chapeus sempre que saiam de casa, meias entre os pés e os sapatos, botões nos punhos e no colarinho — e gravatas. Todo esse aparato era imposto á "dignidade humana" em virtude da escassez de coisas. Numa éra de escassez andar bem vestido é documento de riqueza. No seculo 19 os abastados traziam consigo correntes de relogio e luvas que não calçavam; o simples traze-las era sinal de prosperidade do dono.

O sistema de morar, durante o governo do Controle, retomou as coisas como estavam em 1930 — a casa de apartamentos. Nunca houve tentativa para a volta ao sistema da casa individual, antigamente tão em moda na Inglaterra. A maior preocupação do Controle era manter a higiene. As infecções espiavam de todos os cantos; quatro decadas de desordem haviam arruinado a habitação humana, transformando-a em ninhos de microbios. O Controle da Habitação reconstruiu as velhas cidades em forma de blocos prediais, limpos, espaçosos e convenientes — mas, aos nossos olhos de hoje, feios. Em geral, de dez a doze andares, solidos e honestamente construidos. Por toda parte, agua, luz, calor con-

dicionado e higiene. As pitorescas aldeias antigas foram substituidas no mundo todo pelo mesmo tipo de casas coletivas, só variando de acordo com as indicações climatericas. Evaporaram-se as imundas aldeias do velho sistema. Mesmo nos pontos em que ainda eram conduzidas pequenas culturas privadas, os camponeses moravam nesses blocos — e iam de bicicleta para o serviço. Cada bloco dispunha de créche, escola, armazens e salas de reunião.

Quando olhamos para trás, parece-nos que foi coisa rapida a substituição das velhas cabanas e cotages individuais, sem luz, sem agua, sem higiene, pelos blocos modernos; mas na realidade isso levou tempo — cincoenta anos; meia vida humana, portanto, e hoje está em andamento uma nova substituição — a dos pesados blocos da primeira fase por outros muito mais belos e ricos de comodidades.

Os *Quadros Historicos* nos mostram todo o processo. Vemos a desordem do crescimento predial dos começos do seculo 20, enormes casas de apartamento e hoteis que se erguiam acima das igrejas, mesquitas, pagodes e palacios publicos — e, perto, o viveiro dos cortiços. Sobrevindo a Crise, o crescimento predial parou. As fotografias de certo periodo em diante se enchem de ruinas, como as desenhadas por Albrecht Durer. Pelo meio aparecem abrigos contra raides de aviões, pilares de assinalamento, fortins anti-aereos. E a ruinaria progride até que sobrevem a Grande Peste.

Depois, quasi de subito, começa a onda dos enormes blocos, solidos e honestos — e as construções em ruina do passado vão desaparecendo. Nova éra começara. As cidades ressurgem maiores, mais agradaveis, mais variadas. Agrupam-se os blocos em torno aos grandes armazens, aos clubes e hoteis publicos, aos parques ajardinados — ou junto aos aerodromos. Os Clubes Publicos tornam-se proeminentes a partir do ano 2000, quer do ponto de vista arquitetonico, quer do social. Correspondem ao renascimento de duas ideias antigas — a concepção anglo-americana do clube e a dos banhos de Roma. Clubes com salões de ginastica e dansa, de conferencias, de cinema continuo; bibliotecas, salas de leitura, estudios, centros sociais ineditos, em afinação com a vida nova.

O seculo 21 ressuscitou uma experiencia tambem feita por Alexandre o Grande — que é mais facil tirar do nada uma grande cidade nova do que reconstruir uma velha. Quan-

to mais importante é uma cidade, mais dificil se torna a sua reconstrução, pela necessidade de interromper e transferir para outros quarteirões as atividades que se aglomeram no centro. Foi o caso de Nova York. Até bem pouco tempo ainda era a cidade mais antiquada do mundo e unica na sua triste feiura. Basta dizer que o derradeiro arranha-ceu construido, o Empire State Building, só foi demolido em 2106!

Não que estivesse Nova York fora dos tempos; bem ao contrario: poucas haveria mais vanguardeiras. Já fizemos uma citação de Nicholson sobre a sua revivescencia em 1960. Pouco depois foi nela instalado um ramo do Controle do Ar e Mar, equivalente ao de Basra. A rapida expansão das atividades do novo governo pedia novas acomodações — e os velhos macissos da Nova York Baixa foram adaptados para esse objetivo. Ficaram as coisas assim por uns tempos, até que surgiu a controversia entre os planejadores da reconstrução. A atividade do centro de Nova York muito dificulta a sua modernização.

Em meados do seculo 21 houve um surto de habitações individuais, sobretudo no campo ou nas praias, ou no cenario das montanhas. Mas as casas vieram sob forma nova. Nada que recordasse o antigo cotage ou a velha casa de campo.

A concepção de casas desmontaveis, construidas ás peças num centro industrial e transportadas para onde fossem erigir-se, já ocorrera a cerebros inovadores como o de Henry Ford, antes do Declinio e Queda da Prosperidade. Para grande numero de creaturas sobrevinha, de vez em quando, o desejo duma temporada ao ar livre, no campo, dentro de bela paisagem e mais novidades da vida extra urbana. Ali se sentiam felizes e contentes. Mas nos velhos dias muito pouca gente conseguia realizar esses sonhos. Só os ricos podiam adquirir terrenos e construir a casinha entressonhada. Quando morriam ou faliam, outras pessoas, sem tempo de tambem construir um ninho pessoal, os adquiriam. Mas raramente o gosto dos primeiros coincidia com o dos segundos e vinham as alterações deformadoras.

Com o crescimento do poder mecanico, entretanto, e a melhoria das estradas, e agua e luz por toda parte, tornou-se coisa ao alcance de todos a casinha de campo movel. Qualquer pessoa pode marcar um sitio, planejar o que ali queira e fazer a encomenda. Num mês está a casinha armada, ligada

á rede de agua e luz, exatamente como a desejou a fantasia do dono. Tão simples como encomendar um automovel ou avião.

E com igual facilidade uma casa é "liquidada". Não admitimos hoje a ideia de alguem ocupar uma casa que vagou, do mesmo modo que não admitimos a ideia de alguem usar roupas de defunto. A "liquidação", diz Michael Kemal, constitue a mais importante caracteristica da Ordem Nova. A Éra do Desapontamento tambem foi uma era de Liquidação de dividas, de soberanias, de patriotismos, de velhas classes, de velhos predios, velhas contas ou velhos agravos. Só no seculo passado o homem aprendeu a verdadeira lição da abundancia: — que mais importante do que conseguir coisas é desembaraçar-se delas. Somos universalmente ricos porque já não somos individualmente ricos.

Já nos referimos aos viajantes ricos do seculo 17 — ricos, porque naquele tempo só os senhores de recursos podiam viajar com liberdade — e vimos a enorme bagagem que tinham de levar. Compare-se isso com o que se dá hoje, a facilidade com que um homem comum se decide a uma excursão e parte para qualquer confim de terra. Num bureau de viagens obtem, sem a menor demora, as acomodações de que necessita, e parte com a roupa do corpo. Leva apenas uma carteira com a "escrita do dinheiro", os papeis de identificação e, querendo, um caderno de notas. Pode, como fazem muitos, vestir-se como lhe aprouver á imaginação, ou levar consigo o que quiser ler ou mostrar. Tudo mais de que irá necessitar durante a excursão, encontrará pelo caminho. Não leva "bagagem" porque sua bagagem está á sua disposição em todos os pontos do mundo. Quer isto dizer que resolvemos o problema da propriedade socializada, contra o qual falharam todos os esforços do seculo 20. Usamos e consumimos todas as coisas materiais, mas já libertados do incomodo de "possui-las" como proprietarios.

§ 6. *Melhora a Media Humana*

O montante e a qualidade da população humana mudaram muito nos dois ultimos seculos. Tal mudança sempre existiu; cada especie animal ou vegetal flutua continuamente em numero e qualidade de individuos; mas só nos ultimos tempos

essas mudanças passaram a ser examinadas sistematicamente. Os negadores do progresso no seculo 20 costumavam afirmar que a "natureza humana" era inalteravel; admitiam que os homens da Idade da Pedra pensavam e sentiam como os moços da epoca em piquenique numa caverna no campo, e que as ideias de Buda ou Confucio eram facilmente intercambiaveis com as de Rousseau, Karl Marx ou de Windt. Isso revelava apenas ignorancia sobre todos os fatos essenciais do presente e de outrora. Só depois do seculo 21 é que as primitivas reações biologicas do homem entraram em discussão e foram levadas em conta.

No ano de 1800 a população total do mundo orçava em menos de 900 milhões, e a media da idade humana estava em 22 anos. Um seculo depois a população dobrava, e a media de idade subia de dez anos. Em 1935 a população mundial chegou ao apogeu, com 2 milhões de creaturas, vivendo em media 40 anos. Em cem anos as facilidades de comunicação e de reação fisica desenvolveram-se extraordinariamente. Mas os estadistas, educadores e legisladores do tempo, não se mostravam, como já vimos, ao par das diferenças ocorridas — não as percebiam. Continuavam a pensar e agir de acordo com os estados precedentes. Parolavam com base nas condições precedentes, como se nada houvesse mudado. Um recuo de ajustamento se tornou inevitavel. Já vimos em linhas gerais a debacle começada com as matanças de 1914-18 e culminadas com a peste de 1957. Em trinta anos a população do globo caiu de metade, e a media da vida desceu a mais ou menos 23 anos, indices regressivos verdadeiramente impressionantes.

Vieram afinal o Controle e os dois Conselhos dirigentes, e com eles a restauração higienica e o planejamento cientifico. O aumento da população foi restringido por um seculo, mas a media da idade humana subiu a 62 anos e continua a subir. A população total foi a 1 bilhão e meio em 2060 e alcançou 2 bilhões em 2085. Está agora evidenciado que ainda cabe muita gente na terra, hipotese que já não nos causa a menor apreensão.

Estamos hoje com 2 bilhões e meio de creaturas no globo; e poderemos chegar a 4 milhões sem nenhum prejuizo para o nosso bem-estar. Diminue cada vez mais o perigo de que o enxame humano pareça por obra dos panicos, dos desequilibrios

de aglomeração, das divergencias de mentalidade, etc. As melhores autoridades acham que o numero de 4 bilhões constitue um bom "optimum" para a terra, e que não levará muito tempo para que a vida media esteja prolongada até o nivel dos 90 anos. Entretanto, a questão de prolongar a media da vida humana de 30 ou 40 anos a mais que os "sessenta mais dez" da velha Biblia ainda está aberta. E' possivel que haja um limite na vida ativa do cerebro, e que no futuro a morte natural, para a maior parte das criaturas, sobrevenha em redor de cem anos, ou pouco mais; e morte tão suave como o ir cochilar na cama, depois dum agradavel dia de trabalho.

Estas alterações biologicas quantitativas acarretam as mais profundas diferenças qualitativas. Antes da Idade Media os homens falavam de seus antepassados como homens mais fortes e de vida mais longa; entretanto supomos que era justamente o contrario. Essas gerações passadas seriam como peixes de agua doce vivendo em aguas rasas e facilmente secaveis, comparados com outros da mesma especie vivendo nas aguas profundas, abundantes e bem arejadas, dum grande lago. Os peixes da lagoa, sempre "encalhados" pelas circunstancias, debater-se-iam aflitamente e morreriam cedo. Já os do lago, embora da mesma especie, teriam vida tão outra que nem davam a ideia de serem da mesma especie.

Considere-se a vida dum homem no tempo de Shakespeare. Se não morria logo, envelhecia precocemente. Os quarenta anos já lhe eram um fim. Toda sorte de doenças o cercava, de todos os lados. A mocidade tinha vida muito curta. A beleza e a frescura das mulheres murchavam ainda mais rapidamente e porisso atiravam-se elas tão cedo ao amor e á aventura. O mundo andava cheio de Julietas e Romeus, já no apice das paixões antes dos vinte anos — idade que hoje ainda é escolar. A literatura dos tempos reflete tais precocidades; o amor precipitado, o ciume, as vinganças e mais coisas desse naipe constituiam o enredo de todos os romances, dramas e poemas. Isso — e a furia de alcançar riquezas. Eldorados, pesquiza de tesouros ocultos, assaltos. Uma vida inteira estragava-se com uma semana de loucura — e nunca mais recaia nos trilhos. Muito interessante notar a representação da vida como a literatura do tempo de Isabel a fixou, e verificar como eram curtos os seus momentos de interesse.

A mudança biologica ocorrida entre 1830 e 1940 reflete-se na arte desse espaço de tempo. O romance, que a princi-

pio se caracterizara por um alegre impeto de animal novo, que ri, que incita, que caricatureja, vai-se tornando analitico, ponderado, cheio de propositos. A vida já não termina com os primeiros arrancos. Diminue a proporção das novelas relativamente aos outros livros. Torna-se cada vez mais clara a conciencia dos grandes processos economicos e sociais em curso. Quando a literatura reviveu no fim do seculo 20, já estava adulta; exprimia a mentalidade de escritores e leitores já amadurecidos e atentos, num mundo saido do incoerente e do acidental para uma vida nova, estudada, planejada. Os dramas do primeiro amor, á Julieta e Romeu, cedem o lugar a coisas mais largas, ao jogo das mentalidades ou caracteres.

E esta diminuição da avidez e da pressa, da conduta egoistica e impetuosa da mocidade, é processo ainda em marcha. Cresce continuamente o indice de deliberação, de serenidade ponderada. Antigamente, os anos de 30 a 60 eram uma especie de deposito da cacaria do viver dos "vintes"; hoje, constituem a parte principal da vida, os anos do trabalho fecundo, os anos da nossa auto-realização, dos quais os "vintes" não passaram de brilhante prefacio. Tempo houve em que o homem, ou a mulher, de mais de 40 anos era uma coisa passada, uma especie de sobrevivencia; deixavam-se arrastar, no mundo enxameante de mocidade irriquieta, com o vigor dos seus organismos já extinto; os que "caminhavam para os cincoenta" faziam-no a passos tardos, cheios de apreensões. Hoje chegamos a essas idades com o corpo alerta e perfeito; a vivacidade dos anos verdes nos acompanha. Aquele festim da mocidade, em que até os velhos macaqueavam os moços, terminou com a debacle de após-guerra. Sobreveio então a luta, a principio inconciente, depois declarada, entre a mocidade e a maturidade mental.

Nos maus anos depois da Grande Guerra e pelo decurso de duas gerações houve uma infeliz recaida no predominio da mocidade. Os velhos e maduros não tinham conseguido evitar o colapso, desmoralizaram-se e havia uma especie de justiça poetica na impetuosa soltura dos moços. Toda a peninsula italiana foi flagelada pela violencia dos jovens "camisas pretas"; a Russia caiu nas mãos duma meninada grande; a Irlanda foi devastada pelo patriotismo de buço; e finalmente a Alemanha, depois de coser durante dez anos as humilhações

da derrota, sofreu o dominio da louca infantilidade dos nazistas. O patriotismo da Jovem India não ficou atrás, e a pouca idade dos rebeldes executados pelos ingleses é coisa que hoje nos acende a indignação. Por toda parte andava a mocidade ignorante com terriveis armas em punho, presunçosa, convencida, exaltada, cega ás consequencias de seus atos. Quebrar coisas sempre foi uma disposição infantil — mas o construir pede ponderação que só a idade madura traz. O Liberalismo e o governo dos homens de idade vinham de sofrer um periodo de amesquinhamento á força de desastres. Parecia já não haver bom senso no mundo — e a mocidade pulou em cena; mascarada, em carros requisitados com violencia, entregou-se a raides diurnos e noturnos, a expedições punitivas, a mil atos de crueldade — ameaçando de destruição todas as conquistas do progresso humano.

Parece-nos interessante retraçar o gradativo amadurecimento dos moços naquele transitorio periodo de desordem. Ha alentadas obras em que o Fascismo de 1920, o Fascismo de 1930, o Fascismo de 1940, e tambem o Comunismo dessas mesmas decadas são estudados e comparados entre si. Atrás daquele reacionarismo patriotico, daquela impaciencia e violencia da mocidade solta, vemos ocultar-se o pendor para a disciplina e o planejamento cientifico. Milhões de moços que começam nazistas, comunistas ou nacionalistas intrataveis e cegos, tornaram-se moderno estadistas na maturidade. Transformaram-se, portanto, em instrumentos para a realização dos planos e visões dos proprios homens que eles haviam perseguido, maltratado e chacinado na fase crua das suas atividades juvenis.

Hoje, porém, a mocidade está definitivamente "em forma", e quando falamos do homem significamos na realidade um ser bem diferente do bipede do seculo 19. Trata-se dum ser corporalmente mais sadio e apto, e quasi totalmente livre de doenças, com mentalidade clara, limpa e educada em grau que nem nas utopias dos sonhadores era julgado possivel. O homem de hoje está sempre acima dos cincoenta, em vez de estar sempre abaixo dos trinta. Mostra-se menos gregario em seus instintos, e menos sugestionavel, porque já se libertou da "mentalidade de ninhada" — e muito mais sociavel e altruista em sua ideologia e seus habitos mentais. De mil modos é um animal diferente — maior e mais forte, de espi-

rito mais claro, mais dominador de si mesmo e muito mais ligado aos seus irmãos de especie.

Este fenomeno está bem patente por toda parte, sobretudo em regiões como Bengala e China Central. Nelas vemos os filhos das infelizes, enxameantes, degeneradas, sub-nutridas, sub-educadas e sub-vivedoiras populações de outrora transformados em creaturas equiparaveis aos mais belos exemplares humanos da atualidade. E isto não requereu a ação de nenhuma Eugenia Positiva; foi apenas o resultado da aplicação do Obvio á saude, á educação e á organização economica, dentro do curto espaço de pouco mais de um seculo. Tais populações haviam sido horrorosamente martirizadas pela pestilencia na Éra da Desordem, e duramente disciplinadas pela Tirania. Hoje pairam no mesmo nivel do que ha de mais fino e belo na humanidade.

§ 7. *Lingua e Desenvolvimento Mental*

(Imprimo esta seção exatamente como Raven a escreveu. Como o leitor verá, está em inglês comum do seculo 20. Mas como fazia parte duma historia geral escrita no seculo 22, claro que não poderia ter sido redigida no inglês de hoje. Raven insiste num refinamento e alargamento da lingua como coisa já acontecida, mas esse refinamento não está patente no texto, o qual, sem duvida, foi transladado para a prosa de hoje. O verdadeiro original não poderia acomodar-se com o inglês como o temos).

Uma das realizações do seculo 21 foi a difusão do Inglês Basico como a lingua universal, sendo notavel a rapidez com que se propagou. O inglês que falamos e escrevemos hoje já é lingua muito diferente da de Shakespeare, Addison, Bunyan ou Shaw; já se desembaraçou de feições arcaicas, como, por exemplo, o modo subjuntivo; a silabação simplificou-se, a pronuncia foi padronizada, houve adoção de muitas locuções extrangeiras e a naturalização de numerosos vocabulos de fora. Nenhum deliberado esforço foi feito para estabelecer o inglês como "lingua franca". Possuia é verdade, reais vantagens sobre as linguas competidoras, o espanhol, o russo, o francês, o alemão, o italiano. Mais simples, mais sutil, mais flexivel e já o idioma de maior expansão. Não

obstante, foi o uso do Inglês Basico que determinou a vitoria final.

O Inglês Basico era invenção dum engenhoso erudito de Cambridge, (Inglaterra), C. K. Ogden (1889-1990), o qual devotou sua longa e operosa vida á simplificação da expressão geral, sobretudo no inglês. Bastante curioso notar que Ogden foi coevo de James Joyce (1882-1955), o qual tambem se entregou á tarefa de desentranhar uma nova especie de inglês. Mas enquanto Ogden mirava a simplificação cientifica, Joyce perdia-se num emaranhamento estetico que o foi tornando incompreensivel. Não obstante, Joyce acrescentou á lingua cerca de vinte cinco palavras que ainda estão em uso. Depois de longas e minuciosas experiencias em sentido contrario, Ogden apareceu com um inglês de 850 palavras e umas poucas regras de construção, e com isso habilitou os extrangeiros a praticamente expressarem qualquer ideia com simplicidade e clareza. Em poucas semanas um estrangeiro inteligente podia falar e escrever compreensivamente em Inglês Basico. Quanto aos ingleses, o dificil era faze-los restringir-se ao quadro dessa simplificação, problema resolvido, afinal, pelo metodo de Rudolph Boyle (1910-1959).

A conveniencia da nova lingua se fez tão clara que ela se espalhou como incendio em campo, depois da primeira Conferencia de Basra, tornando-se a lingua oficial do Controle do Ar e Mar. No ano de 2020 já era dificil encontrar alguem no mundo que não falasse e compreendesse o Inglês Basico.

Foi da fonetica do Inglês Basico, tomada como ponto de partida, que se desenvolveu a lingua que falamos hoje, principalmente pelo retorno gradual dos verbos e modismos da lingua mãe e pela assimilação de frases e termos estrangeiros. Falamos actualmente uma lingua de quasi dois milhões de vocabulos, uma lingua sintetica em suma, com raizes, palavras e peculiaridade de todas as linguas do mundo. W. Wang mostrou, num ensaio recente, que ainda ocorrem especializações de vocabulario. O vocabulario de algumas dezenas de escritores de origem italiana, escolhidos ao acaso, mostra uma acentuada preferencia por palavras vindas do latim; já no vocabulario de vinte escritores da Asia a tendencia é para vocabulos chineses e americanos. Não obstante, todos se compreendem mutuamente.

Existem poucas redundancias no novo inglês de hoje e amanhã, e uma crescente disposição para fixar a definição dos

sinonimos, e o que era outrora classificado de "raro" ou "obsoleto". O Bureau Dicionarizante faz a critica e autoriza as adições desejaveis. A precisão e finura da expressão de hoje torna-se patente quando a comparamos á de qualquer escritor classico do seculo 19. O inglês desse seculo ainda nos é perfeitamente compreensivel, mas em sua pobreza e ocasionais inepcias nos dá a impressão de fronteiriço com o inglês arcaico ou gotico.

Quanto mais perfeita a terminologia, mais ganha a mente do homem. Já não resta duvida que um cerebro do seculo 20, comparado com um de hoje, embora não se mostre intrinsecamente inferior, era muito menos polido e bem ajustado. Era cerebro prejudicado por maus habitos mentais, por um tumulto de associações defeituosas e complexos embaraçantes; maquina excelente mas mantida em estado de sujeira e desleixo. O cerebro moderno é maquina muito mais bem tratada e lubrificada. Não possue maior eficiencia, mas usa com mais amplitude a inteira escala de valores da nossa lingua contemporanea. O homem comum de hoje está habilitado a achar os filosofos e "pensadores" dos dois ultimos seculos profundamente vagos, atravancados e tediosos. Não que os considere obscuros, mas a luz de seu pensamento ha que ser extraida dum verdadeiro emaranhamento de expressão.

No seculo 19 aparecera um interessante grupo de investigadores, chefiados por uma certa Lady Welby (1837-1912), tida pelos contemporaneos como ininteligivel. Essa dama correspondeu-se copiosamente com quanta gente pôde, batendo com insistencia numa só tecla — que a lingua necessitava tornar-se mais expressiva e exata — ou fazer-se a "Ciencia dos Significos". C. K. Ogden e I. A. Richards (1893-1977) tomaram-na a serio, e publicaram em 1923 um livro, *A Significação da Significação*, que foi das primeiras tentativas para melhorar o mecanismo da lingua. Foi donde saiu, qual sub-produto, o Inglês Basico. A nova ciencia não tinha quem a custeasse; atraia poucos adeptos — e perdeu-se durante as decadas de desastres. Vemo-la reaparecer sómente nos começos do seculo 21.

Por essa epoca Carl Ratan se fez o centro dum grupo de estudiosos empenhados em tornar a lingua inglesa a mais compreensiva e na verdade universal. Esse trabalho expandiu-se, dando origem ao Bureau da Lingua como o temos hoje.

A obra deste bureau equivale á dos peritos monetarios que ha seculo e meio reduziram a moeda a uma coisa exata. Do mesmo modo que a civilização recuou de seculos em virtude dos defeitos do nexo-dinheiro, assim tambem o progresso inteletual se vê embaraçado pela imprecisão e incorreção do nexo-lingua.

Na obra intitulada *Poda Linguistica*, atualmente em fatura, temos uma compilação que promete tornar-se a verdadeira historia da filosofia e do conhecimento. A ideia partiu da Seção Dicionaristica do Bureau da Lingua e começou como simples lista das palavras obsoletas, ou em via disso, já muito afastadas da sua significação inicial; o estudo das razões dessas mudanças levou a uma exhaustiva analise do primitivo pensamento humano. Uma serie de palavras, como, por exemplo, *alma*, *espirito*, *materia*, *força*, *essencia*, vinham do remoto magma ariano ou semita, e só recentemente os estudos de Yuan Shan e outros mostraram que o processo de pensamento dos chineses e negros era diferente. Tradução duma lingua para outra, salvo no que é concreto, equivale a um afrouxamento desnaturador, mas quando se trata de verter as ideologias asiaticas e africanas para as formas de hoje, a desnaturação chega á violencia. Esse choque pode dar origem a extensas inovações em nossa nomenclatura filosofica e tecnica. Estamos usando uma lingua provisoria. Nossos bisnetos deixarão de empregar muitas palavras e modos de expressão de hoje, do mesmo modo que nós não mais recorreremos a trens de ferro, navios de rodas ou telegrafos de agulha.

Este reajustamento do processo associativo cerebral em marcha prenuncia uma inconcebivel dilatação da capacidade mental humana. Abrem-se-nos campos até aqui considerados inaccessiveis. Tempo houve, remotissimo, em que a capacidade do homem para fazer um desenho ou enfiar uma agulha era igual á da vaca; só depois que no decurso da evolução o dedo polegar ficou em posição oposta aos outros quatro, é que o homem pôde utilizar-se da mão como o maravilhoso instrumento que ela é — e entrou a progredir. Os mesmos progressos são de prever para depois que a lingua — a nossa mão cerebral — for levada a um novo nivel de eficiencia.

De par com a maior alerteza do cerebro individual surge o Cerebro Coletivo, a Enciclopedia, o Sistema de Conhecimentos Fundamentais que acumula, classifica, conserva em

ordem e põe ao nosso alcance tudo que é conhecido. A organização enciclopedista, com séde em Barcelona e dispondo de 17 milhões de colaboradores ativos, constitue a Memoria da Humanidade. Sob forma de milhões de investigadores, verificadores e correspondentes os seus tentaculos se espalham pelo mundo, a fim de que a educação se mantenha em vivo contacto com o avanço mental. E é aparelhamento que cresce de modo continuo, porque ainda está na infancia.

Ou na adolescencia. Justamente porque o cerebro humano está avultando é que, pela primeira vez, ele compreende que é moço.

§ 8. *Sublimação do Interesse*

Não somente é o homem de hoje uma creatura mais grave e velha que o seu antepassado de tres seculos atrás, como ainda se emprega em atividades diferentes. As preocupações do homem afastaram-se muito das necessidades primarias da vida.

Tres seculos atrás, mais de 90% da população humana vivia imersa ou na produção de coisas indispensaveis á vida ou na luta para arranca-las aos que as produziam. Os produtores diretos, camponeses e operarios, empreiteiros, gerentes ou distribuidores, representavam mais de 80% da população do globo; o resto era composto dos milhões de intermediarios, usurarios, pretendentes, senhorios, rendeiros, solicitadores, parasitas, chantagistas e ladrões, considerados indispensaveis ao funcionamento da maquina economica. As forças da lei, ordem e educação, excluidas as temporarias conscrições para fins militares, absorviam de 5 a 6% do restante; E uma pequena minoria, abaixo de 5% da população toda, formava o batalhão dos artistas, cientistas, politicos e filosofos — ou seja a alma do corpo social.

Os sistemas de interesses da maioria das creaturas estavam portanto restritos quasi que totalmente ao trabalho produtor e á luta pela posse das coisas produzidas. As creaturas tinham necessidade de pensar continuamente no trabalho que executavam para si ou para beneficio pessoal de outrem. Tinham de pensar na conservação dos seus empregos ou em consegui-los novos — e isto, nos tempos amargos de Hoover, tornou-se a mortal obcessão de toda gente. Tinham de gastar

cuidadosamente o ganhado, ou guarda-lo ainda mais cuidadosamente, porque a pirataria os rondava, procurando por todos os meios obter qualquer coisa em troca de zero. Muitas vezes, sob a pressão daquela estreiteza de vida, surgia a esperança da sorte, e os homens jogavam com o furor dos desesperados — mas para a maioria o jogo só acarretava novos desapontamentos. Acrescente-se a esta massa de aborrecimentos um pouco de amor, uma boa dose de odio, o constante esforço para sobrenadar com dignidade, para conseguir segurança — e tereis a vida de 99% de creaturas humanas daquela epoca. Ninguem escapava ao apertado circulo dos interesses pessoais mais urgentes — circulo pouco mais amplo que o dum animal qualquer.

O Estado Moderno destruiu esse circulo constritor. Somos ainda seres com cerebros iguais aos dos nossos avós, mas *já os não usamos com os mesmos fins.* Assegurando a abundancia geral e controlando o aumento de população, a Nova Ordem afastou de cada individuo todas as preocupações da luta pela produção do alimento e pela conquista de coisas. Os varios Controles tomam sobre si essas preocupações. Ninguem mais se aborrece a respeito de comida, bebida, casa, vestuario, saude e liberdade pessoal. A expressão *preciso fazer* não significa hoje o que significava outrora, porque ha quem se encarregue de fazer o de que precisamos, e de nos guiar e ensinar o caminho. E quando fazemos o que precisamos fazer, temos a certeza do resultado; já não ha ninguem no mundo para nos enganar e roubar. Somos ainda creaturas competitivas, e talvez mais do que no passado; o ciume ainda impera; o romance das nossa afeições pessoais raramente tem enredo simples; mas o interesse que tomamos pelo nosso trabalho é um interesse de coração, não mais compulsorio, como antigamente; e a competição de hoje se opera em torno de miras altas — a perfeição do trabalho, a apreciação dos outros e a nossa auto-aprovação. Metade pelo menos da energia do homem normal já se libertou das suas primitivas e inexoraveis preocupações.

Esta larga obliteração dos motivos primarios manifesta-se de modo impressionante nas estatisticas do que costumava ser "Crime e Castigo" — no numero de delitos, insubordinações e ultrajes perpetrados contra a ordem social e as consequentes punições. As estatisticas dos anos de decadencia não

são faceis de obter, mas temo-las dum periodo prospero como foram os anos entre 1890 e 1930. A Inglaterra constituia então a comunidade mais sadia e ordeira do mundo e no entanto os dados estatisticos do crime nos parecem apavorantes. O roubo, a fraude de toda sorte, a falsificação, o assalto, os envenenamentos e outras formas de crime ocorriam diariamente. Parecia um estado de coisas inevitavel. O suicidio em consequencia da má situação financeira era frequentissimo. Todos esses crimes e miserias decorriam da desordem do dinheiro e dos vicios do regime da propriedade — e desapareceram completamente do cenario humano. O relatorio do Controle da Conduta para 2104 (o de 2105 ainda não saiu) menciona 715 casos de furto para o mundo inteiro, na maioria de objetos de arte pessoal, pequenas joias, bordados, animaisinhos de estimação, crianças e — num caso — o bulbo duma nova variedade de lirio. E é duvidoso que além desses haja outros furtos escapos á estatistica.

Os algarismos já não são os mesmos no setor das ofensas pessoais. Diminuiram, sim, mas em escala muito menor. Enquanto os delitos contra a propriedade cairam a um decimo milionesimo dos numeros de antigamente, as ofensas pessoais mostram indices cem vezes menores. Muitas creaturas de hoje ainda se inclinam para a desordem sexual antiga. As meninas bonitas ainda não estão livres da cubiça indesejavel, da perseguição e até de ataques. O ciume ainda continua a perigosa paixão que sempre foi, sobretudo abaixo da idade dos 40 anos. O Controle da Conduta menciona 520 mil delitos destes tipos, de variado grau de malignidade, inclusive 67 homicidios. Tambem menciona 2192 suicidios. Estes algarismos revelam pequena melhoria sobre a decada precedente.

Outra classe de delitos que não encontra um exato correspondente nas estatisticas de outrora são os atos de "malignidade", destruição, assalto, etc., devidos á inveja ou colera. Esta especie de delito varia desde o odio negro e a irreprimivel colera dos egoismos sem controle, até a critica ferina dos defeitos alheios. Quatro homicidios e algumas centenas de agressões e atos depredatorios nesta categoria de delito mostram que o mundo ainda não é um Eden para todos os tipos de creaturas. Os ofensores ou são arrastados por impulso interno ou pela provocação. Mas quando verificamos que o total dos delitos do ultimo ano de que temos estatisticas, incluindo ainda os mais leves, não sobe a mais de tres quartos

de milhão numa massa humana de 2 bilhões e meio de creaturas, temos que admitir progresso e depositar esperanças no aperfeiçoamento da raça. A imaginação do homem de hoje não se volta constantemente para o mal. O mal é ocasional, cumprindo aos socios-psicologistas reduzir as ocasiões e provocações que o geram.

A riqueza mental resultante da liberação do cerebro e da organização da abundancia materal tinha de ser orientada para novos canais. Aquele magro meio por cento, ou menos, de espiritos creadores do velho regime, o punhado de homens que jogavam com ideias novas, os excentricos que colecionavam "raridades" ou cuidavam de invenções, desenvolveram-se num corpo de larga envergadura, entregue ao estudo, á experiencia, á verificação, á classificação — e esse corpo caminha para vir a ser a maior parte da população do mundo.

Sabemos hoje o que a gente de tres seculos passados nunca suspeitou: que o cerebro humano libertado da fome, do medo, da inquietação e outras tensões elementares, revela-se de grande poder creador e inclinado á bondade. Quasi todos os homens hoje incumbidos de conduzir os serviços da comunidade, mostram-se naturalmente dedicados porque sentem prazer na obra; orgulham-se de ver a maquina em perfeito funcionamento e a prestar os maximos beneficios á comunidade. Sentem satisfação de fazer para os outros o que os outros não poderiam fazer tão adequadamente. Os barbeiros, sapateiros, chapeleiros, costureiros, alfaiates, etc., que hoje trabalham nos grandes armazens, são de tipo muito diferente dos obsequiosos "inferiores" que outrora permitiam aos nossos avós "apresentarem-se bem" na sociedade. O interesse que os anima está em servir aos outros, não em ganhar dinheiro de um freguês. A velha literatura exala desprezo pelos barbeiros, mascates, alfaiates e o resto. Se o homem comum desprezava o mascate, este por sua vez pisava-lhe no pé. A impressão é que o velho barbeiro se limitava a tosar os homens, nem sempre bem, e o velho alfaiate não fazia mais do que cortar. Mas se esses velhos artifices ressuscitassem, não reconheceriam os colegas modernos no barbeiro-dentista, o perito gentil que cuida dos nossos pêlos, inspeciona-nos os dentes, examina-nos a boca e a epiderme, atende ao que ha a atender e nos solta refrescados, melhorados e advertidos de qualquer mal incipiente. E comumente o amigo alfaiate

ou costureiro aparece no momento, examina-nos tambem e dá as suas sugestões quanto a exercicios e habitos.

O velho aparelhamento da distribuição comercial perdeu a rigidez de fronteiras que o separava dos profissionais consultivos. Mantem-se em contacto com os "tutores do desenvolvimento", substitutos dos mestres-escolas, das enfermeiras, das governantes, dos guardiães e o mais dos velhos tempos; e tambem com os "conselheiros gerais", substitutos dos antigos advogados da familia, ministros religiosos, confessores, procuradores. Estas profissões tutelares são exercidas por homens em numero duas ou tres vezes maior que o total dos advogados, educacionistas e medicos do seculo 19. E confluem para um nivel superior — o dos professores especialistas, amoldadores das mentalidades individuais e da coletiva. E essa classe ainda conflue, numa gradação insensivel, para a esfera do trabalho tecnico, da arte, da literatura e da investigação cientifica.

Os que produzem e elaboram coisas — agricultores, engenheiros, quimicos, diretores de transporte e industrias — tambem executam esses trabalhos pelo prazer que sentem em executa-los. Gostam da tarefa. Deleitam-se com o material que têm em mãos, e com as dificuldades que têm a resolver — e ha neles a conciencia da significação social do trabalho. A despeito do crescente rendimento humano per capita e da crescente variedade e perfeição das coisas que usamos, a proporção numerica desses homens não aumenta. Porque o que aumenta é a eficiencia no fazer. Os dois anos e meio de serviço publico obrigatorio que fazem parte integrante da nossa educação de hoje, suprem a quantidade ainda inevitavel de trabalho dessa ordem.

Esta libertação da energia humana, no passado consumida nos trabalhos grosseiros, mostra-se progressiva. Será cada vez maior. E a energia economizada encaminha-se para a creação de coisas novas, advindas em consequencia das experiencias novas. Ha uma constante sublimação do interesse. O homem se revela mais curioso, mais excitado, mais atrevido e habil, e de ano em ano mais agradavelmente ocupado. Quanto mais conhecermos das possibilidades do mundo e de nós mesmos, mais ricos ficaremos. A velha madrasta Terra, tão aspera para o homem do passado, aparece-nos hoje transfeita em inexaurivel fonte de bençãos. E a maior

descoberta que o homem fez foi a de si proprio. Leonardo da Vinci, com a sua imensa amplitude de visão, seu ardor creativo, sua curiosidade sem limites, sua operosidade incessante, foi o precursor do homem comum de hoje.

§ 9. *Nova Fase na Historia da Vida*

Do ponto de vista da ecologia, o Estado Moderno marca uma éra na historia biologica. Houve uma adaptação da especie a condições novas que de outro modo a teriam destruido. Os imensos desastres dos seculos 19 e 20 levaram a humanidade á beira do precipicio.

O infinito esforço de milhões de cerebros torturados, a devoção e persistencia de inumeraveis creaturas hoje esquecidas, deram forma clara ao que no começo não passava dum vago sonho de ordem e segurança — e a especie ameaçada escapou ao abismo. Conseguiu vencer todos os obstaculos e atingir um nivel de segurança, certeza de si propria e compreensão jamais alcançado por nenhuma outra forma de vida.

Graças á educação e á disciplina social, o homem comum adquire hoje caracteristicas sem as quais a continuação da sua existencia seria impossivel. Com o processo natural da seleção acelerado eugenicamente, essas caracteristicas adquiridas serão no futuro incorporadas á sua natureza — e sua energia educacional se liberará para novas adaptações. De geração em geração o homem se tornará uma especie nova, cada vez mais diferente do inutil, tragico, patetico, fantastico, absurdo, cruel e tantas vezes horrivel ser que se denominou a si mesmo, com irrisoria arrogancia, *Homo sapiens.*

As diferenças entre o homem do futuro e o do passado vão ser complexissimas, mas podemos desde agora acentuar as fundamentais. Já fizemos ver como se dilatou o ciclo medio da vida humana, com a mocidade prolongada até aos oitenta anos; mas isso é apenas o começo da serie de modificações fisicas possiveis, e os ideais esteticos do passado provavelmente exercerão influencia no determinar os rumos dessas mudanças. E os desenvolvimentos fisicos, entretanto, por muito importantes que sejam, pouco valem perto das mudanças do homem no moral — mudanças já bem visiveis. Algumas considerações sobre este ponto servirão de fecho a esta breve visão historica.

Na essencia, o progresso moral constitue um reajustamento do individuo ás altas necessidades da especie. Quando remontamos ao passado remoto, vemos o homem primitivo imerso num individualismo por assim dizer fundamental. Exceto onde a vida sexual e o instinto de defesa da prole intervinham, o velho sub-homem cuidava de si, apenas. Não tinha companheiros na caça, nem aliados na defesa. Um animal tão solitario como o tigre. Mas desse estagio passou para o da sociabilidade, por meio da retenção, na idade adulta, de umas tantas caracteristicas ainda instaveis. O mesmo sucede aos leões de hoje. Esses felinos mostram-se mais amigos uns dos outros e dos filhotes do que ha milhares de anos atrás. O homem passou pelo estagio de sociabilidade que vemos nos leões de hoje, e pelo que notamos nos lobos.

Mas não parou aí. Tudo favorecia a formação de comunidades cada vez mais amplas e de progressiva interdependencia. E o homem tornou-se um animal agricola, um animal economico — e as comunidades puderam reunir dezenas de milhares de individuos, conservados juntos para fins comuns. Surgiu a lingua e a religião como elementos ligadores. A historia da humanidade, como a expomos aos estudantes dos nossos dias, é a historia de dois movimentos progressivos — nas comunicações e na interdependencia. Insensivelmente o lado material da liberdade do individuo foi evoluindo para uma inevitavel cooperação com a comunidade.

Cumpre dar enfase á palavra material. A sujeição fisica e a socialização do animal homem sobrepujou de muito a sua sujeição moral. A historia da humanidade é tambem a historia da educação e da compulsão. E' o registro do dá e toma. Quasi que até os nossos dias o homem por dentro permaneceu o velho selvagem que só cuidava de si, de sua vida sexual e dos filhos durante os primeiros anos da infancia. Mostrava disposição para associar-se com fins de agressão e defesa — mas só com muita relutancia se associava para fins de beneficio comum. Nesses casos, negociava a liberdade que tinha de ceder em troca das vantagens coletivas, e tinha de ser persuadido, ou a contragosto convencido á custa de amargas desilusões.

A historia da humanidade tem sido sobretudo uma sucessão de religiões, sentimentos e reconstrução de sentimentos objetivada á tarefa de vencer a natural rebeldia do homem

á subordinação e ao altruismo. E sempre que pôde, o individuo reagiu, tentou voltar atrás. Seu egotismo instintivamente batalhava para obter o maximo e dar o minimo.

E assim ainda hoje. Mas essa luta do egoismo humano é agora muito mais inteligente e esclarecida; o homem percebe o que é impossivel, de modo que o longo entrevero entre o individualismo e a sociedade chegou a um acordo racional. Aprendemos no tempo proprio a domesticar o Ego e a treina-lo para objetivos mais altos que os que ele vê dentro de si.

O que ocorreu na conciencia humana durante os tres ultimos seculos foi uma sublimação da individualidade. E isso passou a ser a quintessencia da historia. Uma grande parte da vida comum do homem, dedicada á caça ao pão, á caça á moradia, á caça á segurança, escapou ao individualismo e socializou-se para sempre. E o egoismo humano teve de dar o seu assentimento á força. Teve de abandonar o regime da propriedade privada, com todo o cortejo de especulações com mira em lucros. E o homem cessou completamente de agadanhar, de "lutar pela vida" com unhas e dentes, de esbulhar, sempre imerso no desesperado esforço de apanhar coisas. E tambem foi privado de armas — esses meios de fortalecer a combatividade instintiva; e privado tambem da liberdade de exerce-la. Hoje, nem mais as crianças lutam entre si. A brandura vai se tornando uma segunda natureza.

Esta parte da vida e dos interesses dos homens foi totalmente socializada, contra as suas instintivas disposições naturais. Nesses setores a humanidade vai se tornando um organismo colonial, como os polipeiros, embora o que nos liga não sejam filamentos carnais, sim uma rede de fios invisiveis, infinitamente mais elasticos e subtis. Nos ultimos capitulos desta historia examinamos com muita atenção, dada a sua importancia, o individualismo essencial observado no processo da Grande Guerra, e vimos com que dificuldade, e depois de quantas torturas, a nossa raça atingiu o nivel em que está. A fase atual corresponde á vitoria do poder creador em ação no animo duma pequena maioria inteligente defrontada pelo caos universal — e que se aproveitou dessa circunstancia para instituir a Ordem Nova. Essa energica minoria deu á raça uma abundancia e um poder jamais sonhados em todas as utopias. Mas o nosso Estado Moderno nem absorveu, nem destruiu a individualidade humana. Havendo

aceito as necessarias restrições, essa individualidade está mais que nunca na posse de si mesma, livre para todos os empreendimentos que visam a vida mais alta.

Privada, ou, melhor, aliviada, das velhas preocupações instintivas do agadanhar e conservar, desiludida a respeito de precedencia, de ostentação e outras vaidades barbarescas, e continuamente crescendo em sabedoria e ciencia, a individualidade humana procura estudar-se a si propria. Deixou de ser algo autosuficiente, em eterna guerra entre si; tornou-se uma parte responsavel da especie. Tornou-se uma experiencia que sente, conhece, age e reage.

A humanidade forma agora um organismo uno de quasi dois e meio bilhões de creaturas, e a individualidade de cada uma dessas creaturas corresponde a um tentaculo emitido para experimentar e aprender, para saborear a vida em toda a plenitude e contribuir com a sua experiencia pessoal para o acervo comum da Experiencia Humana. Ha pouquissimas analogias disto no passado. Nosso senso das diferenças individuais entre os homens torna mais aguda a nossa compreensão do organismo total. Trabalhamos, pensamos, exploramos, disputamos, corremos riscos e sofremos, porque não ha fim para as dificeis e arriscadas aventuras que os homens e as mulheres podem tentar; e cada vez mais nos convencemos de que não é o nosso pequenino Eu, mas o Homem Imortal que realiza essas coisas por nosso intermedio.

A' proporção que a hereditariedade for consolidando essas adaptações sociais, e a confluencia das vontades se for sobrepondo á motivação individual e perdendo o artificialismo, a historia da vida entrará em nova fase — a fase da conciencia e da vontade comuns. Estamos ainda hoje a galgar as rampas dessa transição. E quando o topo for atingido, que panorama de vida grandiosa se não abrirá para o Homem! Olhos nenhuns ainda podem ver, nem nenhum ouvido pode ouvir, nem imaginação nenhuma pode entressonhar a grande aurora... Porque, por enquanto, ainda temos diante de nós um vidro escuro...

Neste ponto termina o manuscrito de Raven — e um pouco abruptamente. Mas é na realidade o fim; a palavra "Finis" fecha a historia. E eu só acrescentarei duas palavras

de comentario. Disse no começo que era um livro de sonhos. Mas será um livro de sonhos ou, como Raven supunha, é a visão da forma das coisas que nos esperam? E ha ainda uma terceira hipotese... Como sonho, este livro mostra-se muito coerente; como visão, incrivel. Quem sabe se Raven, obcecado pela urgencia duma minuciosa analise do desenvolvimento do mundo, não traçou apenas o planejamento do futuro como ele desejava que fosse? Nesse caso não temos aqui um sonho, nem uma visão sibilina — sim uma teoria para a Revolução Mundial. A tese é que a historia continuará a ser um rosario de desastres cada vez maiores até que a fé no mundo modernizado, socialista, cosmopolita e creador, conquiste a imaginação humana. Quando os governos atuais, as ideias correntes sobre a vida, as religiões decadentes e as velhas formas politicas de hoje se desprestigiarem completamente, á força de bancarrotas e catastrofes, então, e só então, a Nova Ordem será possivel. E para isso faz-se mister, antes de mais nada, o trabalho duma comunhão de homens e mulheres religiosamente devotados a delinear, estabelecer e impor á raça um novo sistema de equilibrio de vida.

★ *Êste livro foi composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais", à rua Conde de Sarzedas, 38 — São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em dezembro de 1939.*

26632

BIBLIOTECA DO ESPIRITO MODERNO

FILOSOFIA * CIENCIA * HISTORIA

1.ª Série *2.ª Série* *3.ª Série*

O NOSSO TEMPO, marcado pelo singular tumulto mental que lhe acentua o carater de transição e mudança, é por isso mesmo um dos mais assinalados periodos de reconstrução intelectual e moral da historia. Apesar da falta de perspectiva em que nos achamos para julgar das suas grandes realizações cientificas, literarias e artisticas, algumas das obras modernas vêm obtendo do publico consagrações que importam na imortalidade. A inaudita difusão cultural do mundo de hoje permite desses milagres que os antigos não conheciam.

A BIBLIOTECA DO ESPIRITO MODERNO visa coordenar para o leitor brasileiro, dentre as obras consagradas pela aceitação publica, aquelas que mais diretamente buscam condensar, esclarecer e popularizar a herança cultural da especie, tornando-a realmente e sem perda de nenhum dos finos e raros valores que sempre a caraterizaram quando não passava de legado atribuido a privilegiados eruditos, a herança comum e por todos partilhada. Alem disso, incluirá a biblioteca documentos biograficos que nos familiarizem com os grandes homens e as grandes mulheres que souberam fazer de suas vidas um espetaculo de beleza ou de altura e, por esse modo, contribuiram para tornar a vida mais significativa e a civilização humana mais digna.

A COMPANHIA EDITORA NACIONAL, tomando a si a grande responsabilidade de editar a BIBLIOTECA DO ESPIRITO MODERNO, foi buscar, para orienta-la e dirigi-la, o grande educador brasileiro ANISIO TEIXEIRA, espirito dos mais ilustres da nossa epoca e tão justamente talhado para assumir a direção de uma biblioteca de tamanha finalidade.

Biblioteca de civilização e cultura, os leitores terão em seus volumes o mais rico documentario com que se poderá tentar compreender e acompanhar o longo esforço do pensamento humano para embelezar, enriquecer e dirigir a vida.

*

EDIÇÕES DA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

BIBLIOTECA DO ESPIRITO MODERNO

Sob a direção de ANISIO TEIXEIRA

FILOSOFIA:

1 — WILL DURANT: *Historia da Filosofia* — A Vida e as Ideias dos Grandes Filosofos — Edição ilustrada — Tradução de Godofredo Rangel e Monteiro Lobato.

2 — WILL DURANT: *Filosofia da Vida* — Tradução de Monteiro Lobato.

3 — WILL DURANT: *Os Grandes Pensadores* — Com um Prefacio do autor, especial para a Edição Brasileira. — Tradução de Monteiro Lobato.

4 — J. H. ROBINSON: *A Formação da Mentalidade* — Aplicação da Inteligencia na Reforma Social — Tradução de Monteiro Lobato.

NO PRELO:

BERTRAND RUSSELL: *A Formação do Homem* — Tradução de Monteiro Lobato.

A. N. WHITEHEAD: *A Ciencia e o Mundo Moderno* — Tradução de Anisio Teixeira.

CIENCIA:

1 — ALBERTO EINSTEIN E LEOPOLD INFELD: *A Evolução da Fisica* — Edição ilustrada — Tradução de Monteiro Lobato — Revista por Nelson S. Teixeira.

2 — ALFRED ADLER: *A Ciencia da Natureza Humana* — Tradução de Godofredo Rangel e Anisio Teixeira.

NO PRELO:

CHARLES KEY: *As Grandes Expedições Cientificas no Seculo XX* — Tradução de Gastão Cruls. — Edição ilustrada.

H. G. WELLS: *A Construção do Mundo* (O Trabalho, a Riqueza e a Felicidade da Humanidade) — Tradução de Anisio Teixeira.

JAMES JEANS: *O Universo Misterioso* — Tradução de J. de Sampaio Ferraz.

DOROTHY DAVIDSON: *Os Primeiros Homens* — Tradução de Bastos D'Avila.

GROOVE WILSON: *Os Grandes Homens da Ciencia* — Trad. de Edgard Süssekind de Mendonça.

JULIAN HUXLEY: *Ensaios de Ciencia Popular* — Tradução de Otavio Domingues.

HISTORIA:

1 — EVA CURIE: *Madame Curie* — Tradução de Monteiro Lobato.

2 — CHARLES SEIGNOBOS: *Historia Sincera da França* — Traduçao revista por Anisio Teixeira.

3 — ANDRÉ MAUROIS: *A Vida de Disraeli* — Tradução de Godofredo Rangel.

4 — H. G. WELLS: *Historia Universal* (em 3 tomos) — 1.º Tomo: *Dos Começos da Vida na Terra até o Fim do Imperio de Alexandre o Grande* — Edição ilustr. — Trad. de Anisio Teixeira.

4-A — H. G. WELLS: *Historia Universal* (em 3 tomos) — 2.º Tomo: *Da Ascenção e Queda do Imperio Romano até o Nascimento da Civilização Ocidental.* — Edição ilustrada — Tradução de Anisio Teixeira.

4-B — H. G. WELLS: *Historia Universal* (em 3 tomos) — 3.º Tomo: *A Era das Grandes Potencias* — Ed. ilustrada — Trad. de Anisio Teixeira.

5 — H. G. WELL: *Historia do Futuro.* — Tradução de Monteiro Lobato.

NO PRELO:

LORD MACAULAY: *Ensaios Historicos* — Em 2 tomos. Trad. de Antonio Ruas.

BOOKER WASHINGTON: *Memorias de um Grande Negro* (Autobiografia).

WINWOOD READE: *O Martirio do Homem* — Tradução de Milton da Silva Rodrigues.

WILL DURANT: *Historia da Grecia Antiga* — Tradução de Monteiro Lobato.

HENDRICK WILLEN VAN LOON: *Historia da Biblia* — Tradução de Monteiro Lobato.

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Sede — RUA DOS GUSMÕES, 118/140 — SÃO PAULO

Filiais: RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO-ALEGRE

Impresso na Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais" São Paulo